

MARIA DO ROSÁRIO CERÁVOLO LAGUNA

Grandes Propostas e Pequenas Mudanças em Sala de Aula:

Educação continuada - Universidade x Ensino Fundamental e Médio
em busca de um novo caminhar.

UNESP

Marília

2001



Maria do Rosário Cerávolo Laguna



**Grandes Propostas e Pequenas Mudanças em
Sala de Aula:**

**Educação continuada – Universidade x Ensino Fundamental e Médio
em busca de um novo caminhar.**

Marília
2001

Maria do Rosário Cerávolo Laguna



**Grandes Propostas e Pequenas Mudanças em
Sala de Aula:**

**Educação continuada – Universidade x Ensino Fundamental e Médio
em busca de um novo caminhar.**

Dissertação apresentada à UNESP.Campus
de Marília para a obtenção do título de
Mestre em Educação. Orientadora: Prof.^a
Dr.^a Thereza Marini

1410001194



Marília
2001

Maria do Rosário Cerávolo Laguna

Grandes Propostas e Pequenas Mudanças em Sala de Aula:
Educação continuada – Universidade x Rede de Ensino Fundamental e
Médio
buscando um novo caminhar.

Comissão Julgadora

Dissertação para obtenção do Título de Mestre

Presidente e Orientador:.....
2º. examinador:.....
3º. examinador.....
4º. examinador.....

Marília ,de março de 2001



Dados Curriculares:

Maria do Rosário Ceravolo Laguna

Filiação Jacomino Leonardo Ceravolo
Hélia Coutinho Ceravolo

Naturalidade Presidente Prudente – S.Paulo

1963/1966 Curso de Graduação – Pedagogia
UNESP – Presidente Prudente

1969/1970 Ciclo de Formação em Administração Pública – 1688 h
FUNDAP – Fundação para o desenvolvimento da Administração
Governo do Estado de São Paulo

1982 Especialização em Didática
Faculdade de Filosofia Ciências e Artes D.Bosco
Monte Aprazível

1997/2000 Curso de Pós Graduação em Educação
UNESP de Marília

1997/2001 Professora Assistente do Instituto de Ciências Humanas e
do Instituto de Saúde da UNIP- Universidade Paulista
São José do Rio Preto

Dedico este trabalho,

Aos meus pais,

Ao Laguna, companheiro de todas as horas,

Aos nossos filhos:

*Maria Flávia e Marcos Alberto, que escolheram ser professores, Valentim
Filho, Maria Theresa e Thiago.*

*Ao nosso neto João Pedro, nascido em primeiro de fevereiro deste ano e que
nos faz vislumbrar que ainda há muito por fazer para que as crianças vivam
em um mundo melhor.*

A todos que se dedicam à Educação.

Agradecimentos:

À Deus, mestre dos mestres

À Professora Thereza Marini, pela orientação e pelos ricos colóquios, nesse reencontro, após 30 anos ...

À Professora Helena Faria de Barros que já nos idos de 60 (no Curso Normal) despertava nossos sonhos por uma Educação Básica Pública de qualidade.

Ao Odemar Stobbe - Zizo (in memoriam) e aos amigos Carlota e Gentil de Faria pelo apoio e incentivo.

Às Professoras Maria Dalva da Silva Pagotto e Yoshie Ferrari Leite pela contribuição para aperfeiçoamento deste trabalho

À Prof.^a Maria Silvia M. Chiaravalloti e à Marília Balbino pela colaboração na pesquisa de campo.

À Professora Cândida Gonçalves Dias Moreno pela revisão do texto.

A todos que contribuíram para que este trabalho se realizasse.



SUMÁRIO

Lista de Abreviaturas 0 2

Resumo 0 9

1. Apresentação - Trabalho: Pesquisa e Educação Continuada 1 0

2. Introdução 2 0

3. Revisão Bibliográfica e Documental

3.1 Valorização do Magistério e educação continuada:
presença nos textos legais e oficiais 2 4

3.2 Reflexões sobre a Educação Continuada de Docentes 3 3

3.3 A questão da teoria e da prática na educação continuada de docentes 4 4

3.4 UNESP e Rede Pública de CP e RM - principais atividades
desenvolvidas nos últimos 30 e 40 5 0

4. Os caminhos da Pesquisa

4.1 Considerações sobre o Método 5 4
4.2 Problema e Objetivos da Pesquisa 5 5

4.3 Análise 5 6
4.4 Resultados das entrevistas 5 7

4.5 Organização, Análise e Discussão 5 8
5. Concluindo, colocando pressão

5.1 6 0
5.2 6 1

Referências Bibliográficas

Índice 6 2

"A educação é, portanto, um processo social do qual não é possível ter uma compreensão bastante nítida se não procurarmos observá-lo na multiplicidade e diversidade dessas forças e instituições que concorrem ao desenvolvimento da sociedade. Só por abstração é que podemos isolá-lo do sistema de relações e instituições sociais e, ainda quando a educação adquire uma forma mais definida ou estruturada (escola e sistemas escolares) não é possível compreender o sistema pedagógico, senão colocando-o em seu lugar, no conjunto do sistema social em que se organizou e a que serve". Fernando de Azevedo

SUMÁRIO

Lista de Abreviaturas -----	0 8
Resumo -----	0 9
1. Apresentação – Trajetória Pessoal e Educação Continuada -----	1 0
2. Introdução -----	2 0
3. <u>Revisão Bibliográfica e Documental</u>	
3.1. Valorização do magistério e educação continuada	
- presente nos textos legais e oficiais -----	2 4
3.2. Reflexões sobre a Educação Continuada de Docentes -----	3 3
3.3. A questão da teoria e da prática na educação continuada de docentes -----	4 4
3.4. UNESP x Rede Pública de EF e EM – principais atividades	
Desenvolvidas nas décadas de 80 e 90 -----	5 0
4. <u>Os caminhos da Pesquisa</u>	
4.1. Considerações sobre a Metodologia de Pesquisa -----	6 3
4.2. Problema e Objetivos da Pesquisa -----	6 5
4.3. Amostra -----	6 6
4.4. Roteiros das entrevistas semi-estruturadas -----	7 2
4.5. Organização, Análise e Discussão dos dados -----	7 6
5. <u>Concluindo...colocando pressupostos</u> -----	1 0 5
Referências Bibliográficas -----	1 1 6
Anexos -----	1 1 8

SUMÁRIO

Resumo	0 9
1. Apresentação – Trajetória Pessoal e Educação Continuada	1 0
2. Introdução	2 0
3. <u>Revisão Bibliográfica e Documental</u>	
3.1. Valorização do magistério e educação continuada	
- presente nos textos legais e oficiais	2 4
3.2. Reflexões sobre a Educação Continuada de Docentes	3 3
3.3. A questão da teoria e da prática na educação continuada de docentes ----	4 4
3.4. UNESP x Rede Pública de EF e EM – principais atividades	
Desenvolvidas nas décadas de 80 e 90	5 0
4. <u>Os caminhos da Pesquisa</u>	
4.1. Considerações sobre a Metodologia de Pesquisa	6 3
4.2. Problema e Objetivos da Pesquisa	6 5
4.3. Amostra	6 6
4.4. Roteiros das entrevistas semi-estruturadas	7 2
4.5. Organização, Análise e Discussão dos dados	7 7
5. <u>Concluindo...colocando pressupostos</u>	1 0 5
Referências Bibliográficas	1 1 6
Anexos	1 1 8

Resumo:

Esta dissertação tem como objetivo o estudo dos programas de Educação Continuada de Professores do Ensino Fundamental e Médio desenvolvidos pela Universidade e de seu impacto no cotidiano do professor em sala de aula e no trabalho coletivo da Escola. A análise foi realizada, a partir de uma pesquisa qualitativa, onde foram registradas as falas dos sujeitos. Apesar da importância das ações ter sido destacada por todos os entrevistados constatou-se a necessidade de alterações na sistemática de estruturação e desenvolvimento dos programas. A autora conclui o trabalho com pressupostos para mudanças nas políticas de desenvolvimento de professores.

1. Políticas Públicas 2. Educação Continuada 3. realidade escolar

1. Apresentação

Trajetória pessoal e educação continuada

“O processo identitário (do educador) passa ...pela capacidade de exercermos com autonomia a nossa actividade, pelo sentimento de que controlamos o nosso trabalho. A maneira como cada um de nós ensina está directamente dependente daquilo que somos como pessoa quando exercemos o ensino...É impossível separar o eu profissional do eu pessoal.”.....NÓVOA (1995)

Fazendo uma retrospectiva de vida, vejo que a maior parte dela passei dentro de uma escola, ora como aluna, ora como professora, ora como representante dos órgãos do sistema público de educação. Muitas de minhas reflexões, estudos e ações estiveram voltadas para os problemas da Escola, como instituição.

A qualidade do ensino sempre foi uma preocupação. Esta qualidade, que de início estava mais voltada para o trabalho pedagógico, passou a ser procurada também em uma escola que fosse menos seletiva, mais solidária, onde não houvesse discriminação ou exclusão e onde todos pudessem ter acesso ao saber acumulado pela humanidade e que se tornassem capazes de atuar conscientemente na sociedade.

A escola hoje ainda tem muito a caminhar para concretizar estes princípios... ou sonhos do nosso pensar e que estão presentes

em nossa Constituição e documentos legais, estabelecendo diretrizes para o trabalho educativo em nossas escolas.

O **aprender a conhecer** - acesso ao conhecimento; o **aprender a fazer** - incluindo os procedimentos e o trabalho; o **aprender a ser** - aspecto afetivo e o **aprender a conviver** – a solidariedade, tão necessária: os pilares da Educação indicados pela UNESCO para o século XXI, vieram ampliar os fins e objetivos propostos para a Educação para este milênio.

Os princípios estão estabelecidos, porém, faz-se necessária, a elaboração de projetos, programas e cursos que considerem e proponham alterações qualitativas para a escola com reflexos positivos para o trabalho em sala de aula.

Iniciei minha carreira em um Grupo Escolar e, enquanto cursava Pedagogia, exercia a função de substituta efetiva. Colaborava nos relatórios da merenda escolar, substituía os professores em suas ausências, auxiliava no preparo de material didático e na organização das atividades que ocorriam fora da sala de aula, na época chamadas de extracurriculares.

Minhas reflexões sobre o ensino, iniciadas no Curso Normal, se ampliaram acompanhando o trabalho das professoras que lá atuavam. Os critérios de avaliação do trabalho docente nem sempre eram muito coerentes com as idéias pedagógicas que estudávamos. Havia docentes que conseguiam desenvolver um trabalho aprovado pela comunidade escolar, por manter a disciplina da classe e por conseguir transmitir os conhecimentos apesar de muita memorização, pressão, medo e autoritarismo. Ao mesmo tempo, as ações de outros



docentes eram questionadas por a maioria de seus alunos não apresentar um bom rendimento, considerando-se o desempenho médio dos que freqüentavam a escola. Muitos desses professores tinham um bom relacionamento com o grupo de alunos e permitiam a participação de todos, o que era interpretado por alguns como falta do domínio da classe.

Naquele momento, na escola ainda não se questionava o autoritarismo e os diferentes níveis sociais e de aprendizagem dos alunos e, aos classificados como melhores professores, eram atribuídas as classes selecionadas e consideradas melhores.

Apesar de iniciante no magistério do antigo primário, já tinha algumas idéias formadas sobre educação e ensino, que nem sempre eram as idéias dominantes no magistério da época, mas, quando assumi minha primeira classe, acabei consultando e em alguns momentos até seguindo o diário das professoras tradicionais consideradas eficientes. Esta parecia ser uma prática institucionalizada. Os docentes iniciantes, saindo dos cursos de formação com idéias novas, quando chegavam à escola, procuravam determinados professores que pareciam ter segurança e “saber fazer” o ensino e assumiam as práticas tradicionais vividas por eles. Estas ações já demonstravam, na época, o distanciamento entre a teoria estudada nos cursos de formação do magistério e o cotidiano da escola primária.

No curso de Pedagogia, em contato com as teorias, pude descobrir minha vocação e interesse pela educação e pelo ensino em particular. Analisar com os mestres as idéias de filósofos, pedagogos, psicólogos e sociólogos, em



especial as teses de Piaget sobre a formação do pensamento lógico, através de suas fases, explicadas pela teoria da equilibração, creio ter sido momento de muita riqueza para a fundamentação e formação do espírito crítico e criador de todo aquele grupo de jovens educadores do qual eu, felizmente, fazia parte.

Da bibliografia então utilizada, foram significativos os estudos de John Dewey, Edouard Claparede, Lourenço Filho, Anísio Teixeira, René Hubert, Paul Monroe, Luzuriaga, Larroyo, Frederick Eby, Kant, Arthur T. Jersild, Paul Mussen, Roger Cousinet, Forachi, Jean Piaget, Kilpatric, Nicholas Hans, Hans Aebli, Pierre Furter, Maria José Werebe e muitos e muitos outros, das áreas de Psicologia, Sociologia, Didática, Prática de Ensino e História da Educação, que nos deram uma sólida formação teórica além de transmitirem a idéia da transitoriedade do conhecimento frente ao desenvolvimento científico e às mudanças sociais que ocorrem exigindo uma “educação permanente”.

Daquela época, lembro-me de ter registrado muitas vezes, nas conclusões dos nossos debates, que a problemática da escola e da educação estava centrada na má formação do professor.

Os professores indicados como responsáveis pelo fracasso da escola eram visto como conservadores, despreparados e resistentes às mudanças propostas, mas, na realidade, reflito hoje, não aprofundávamos muito sobre as causas dessas resistências.

Terminado o curso de Pedagogia, iniciei minha carreira trabalhando como Professor III no Curso de Formação de Professores. Procurei, apesar da minha pouca experiência, passar para os futuros professores os conceitos, as idéias



e os ideais construídos durante minha passagem pela Universidade.

Inicialmente, com o grupo de docentes do qual eu fazia parte, fizemos um projeto integrado para as séries iniciais do Curso de Formação do Magistério e, em muitas de minhas aulas, aplicava técnicas de dinâmica de grupo, inspirada nos princípios da Escola Nova e nas idéias da Escola Renovada de Lauro de Oliveira Lima¹ e de educadores respeitáveis da época. Acreditava que os métodos ativos propostos pela Escola Nova facilitavam a construção do conhecimento e que a participação dos alunos em classe, individualmente ou no grupo, tinha um papel relevante na construção da democracia, pois preparava o homem para a participação na sociedade.

Mais tarde, pude analisar estes conceitos sobre outros pontos de vista e entender por que foram considerados como sendo da abordagem Liberal da Pedagogia e por que não poderíamos classificar como progressistas os ideais da escola nova que não partiam de uma análise crítica das realidades sociais e não consideravam as finalidades sócio - políticas da educação, em especial num país como o nosso, com evidentes contrastes e contradições no plano sócio-econômico e político. Fui também revendo o conceito de democracia na escola que, por si só, não garante a construção da sociedade democrática.

Na construção deste novo paradigma foram de fundamental importância os estudos posteriores realizados, que me permitiram uma reflexão,

¹ Lauro de O. Lima esteve conosco ministrando um curso de Dinâmica de Grupo na linha piagetiana...Analisando recentemente em LIMA, G.C.N.L. (1972) o item Dinâmica de Grupo pudemos refletir sobre os nossos fundamentos, na época, para utilização de técnicas de trabalho em grupo: "Piaget, na Psicologia da Inteligência diz, como vimos, que a permuta intelectual entre indivíduos é comparável a uma imensa partida de xadrez, que se desenrola sem interrupção e de tal forma que cada ação realizada sobre um ponto gera uma série de ações equivalentes ou complementares da parte de seus companheiros

com bases teóricas, sobre minha prática, meus conceitos, idéias e valores.

Exerci várias funções ligadas ao Magistério: Professora de nível I(antigo primário), Diretora de Escola; Supervisora de Ensino; Assistente Técnica da Divisão Regional de Ensino; Delegada de Ensino Substituta da Rede Estadual de Ensino e, durante um ano, Assessora de Secretário Municipal de Educação. Cada função exercida constituiu momentos de reflexão sobre a prática exigindo novos fundamentos teóricos.

Nesse processo de crescimento, pude ir passando da idéia da escola salvadora para a idéia da escola reprodutora e daí, ir evoluindo para a visão da educação como processo mediador da prática social onde a escola só pode ser vista inserida numa sociedade concreta e historicamente situada.

Nesse caminhar, muitas foram as situações difíceis vividas. A busca da coerência entre as posições teóricas aceitas e as ações no cotidiano resultaram, muitas vezes, não só em conflitos pessoais, mas também em desentendimentos nas equipes de trabalho onde, refletindo a sociedade, encontramos, em constante luta as forças conservadoras e progressistas.

No processo de crescimento e desenvolvimento profissional, foram muitos e significativos os momentos de reflexão teórica. Cursos e seminários oferecidos pelos órgãos da Administração Pública, –CENP², FDE³, FUNDAP⁴, que contaram com a participação das Universidades Públicas, contribuíram para o crescimento dos participantes, na medida em que os

² CENP- Coordenadora de Estudos e Normas Pedagógicas da Sec. Ed. do Est. São Paulo

³ FDE – Fundação para o Desenvolvimento da Educação – Sec. Ed. Est. São Paulo

⁴ FUNDAP- Fundação para o Desenvolvimento da Administração Pública do Est. São Paulo.

encaminhavam a uma maior autonomia, em busca do exercício de uma “práxis” comprometida com os objetivos da educação fundamental ou profissional, sem a mera reprodução do discurso oficial e dos manuais de ensino.

Procurando enfocar a dimensão social da realidade educacional, davam oportunidade para a revisão e ampliação dos conceitos dos problemas educacionais do país, das políticas e dos interesses envolvidos, mesmo por que, por muito tempo (até o início dos anos 80) a realidade e privilégios envolvidos nos programas de governo serem assuntos proibidos para a rede pública⁵.

Nesse contexto, as Universidades, com suas ações têm trazido muitas contribuições para a rede pública por se caracterizar como local privilegiado para estudo e pesquisa. As Políticas Educação Continuada para docentes, dos Ensinos Fundamental e Médio, não podem deixar de considerar a parceria com o Ensino Superior.

Outro aspecto que pude comprovar, durante minha trajetória pessoal na Educação, foi a questão das diferentes identidades das escolas.

A experiência de trabalho em diversas unidades escolares demonstraram que cada uma delas constitui uma realidade, tem identidade, especificidade e dinâmica própria. Encontrava-se instituições escolares e equipes que, através de suas ações, demonstravam ter clara qual a função da escola e seus objetivos, outras que estavam distantes ou ainda aparentavam desconhecer-los.

⁵ No início dos anos 80, em um treinamento para supervisores da rede, no qual eu estava presente, um texto de Guiomar N. de Mello, onde esta fazia críticas às políticas de Educação no Brasil foi recolhido após leitura porque os coordenadores do curso achavam que poderiam ter problemas se o texto fosse divulgado.

Esta diversidade foi comprovada nas visitas às escolas isoladas rurais quando era comum encontrarmos duas escolas, no mesmo município, vinculadas à mesma Delegacia de Ensino, com dinâmicas de trabalho muito diferentes. Para essas situações vários questionamentos eram levantados: Seria a professora? O grupo de alunos? As relações entre eles?

Nas escolas urbanas, maiores e mais complexas, esses fatos também ocorriam, porém, o que mais nos chamava a atenção era que, além das diferenças existentes, encontrávamos também professores que atuando em mais de uma escola agiam diferentemente em cada unidade. Esses fatos demonstram que as características diferentes das instituições sociais quanto aos aspectos estruturais, aos recursos humanos e materiais, tipo de gestão e dinâmica das relações que nela ocorrem, podem alterar as práticas docentes.

Horton & Horton⁶ destacam que os grupos são de fundamental importância para as pessoas e que uma pessoa tem tantos “eus” quantos forem os grupos dos quais participa.

Oliveira (1997)⁷ considera como características de um grupo social: a) a pluralidade de indivíduos formando o coletivo com consciência grupal ou sentimento de “nós”; b) a interação social que ocorre; c) a ordem interna, isto é, como se estrutura e organiza; d) o objetivo comum e e) a continuidade de ações

⁶ HORTON,P,HORTON,R.Grupos e Associações.In.*Antropologia*: Coletânea para fins didáticos.. 123-130.

⁷ OLIVEIRA,P.S. *Introdução à Sociologia*. São Paulo: Ática, 1997.

características que não podem ser desconsideradas no trabalho com professores que fazem parte de uma equipe escolar.

Analisando outros aspectos da instituição como as relações de poder, o tipo de liderança exercida pelo diretor e seus assessores, as normas registradas em cada regimento escolar e as ações resultantes das relações informais, constatamos os valores sociais existentes no grupo e as diferenças entre as unidades escolares evidenciando a existência de subculturas escolares.

Madalena Freire (1993) descreve como um grupo de educadores se forma a partir de tantas diferenças:

“O grupo se constrói no espaço heterogêneo das diferenças entre cada participante:- da timidez de um, do afobamento de outro; da serenidade de um; da explosão de outro;... da mudez de um; da tagarelice de outro;... da lividez de um, do encarnado do rosto do outro... Um grupo se constrói enfrentando o medo que o diferente, o novo provoca, educando o risco de ousar... um grupo se constrói construindo o vínculo com a autoridade e entre os iguais...um grupo se constrói na cumplicidade do riso, da raiva, do choro, do medo, do ódio, da felicidade e do prazer.”

A partir destas considerações e de muitas outras evidências, as políticas públicas de educação continuada devem partir da consideração da identidade de cada realidade institucional. Fullan e Hargreaves (1992) apud Dias-da Silva (1998)⁸ apontam para esta direção ao afirmar que, para entender o

⁸ DIAS-DA-SILVA, M.H.G.F. O professor e seu desenvolvimento profissional: superando a concepção do algoz incompetente. In. *O professor e o Ensino: Novos Olhares. Caderno Cedes* Campinas: Unicamp, 1998. V.44.



desenvolvimento dos professores, é preciso reconhecer pelo menos quatro aspectos básicos: a) os objetivos e as intenções e o papel que o professor se coloca; b) o professor como pessoa, seus valores e características individuais; c) o contexto real em que o professor trabalha; d) a cultura escolar presente no cotidiano do professor e seus colegas. Estes aspectos não podem ser desconsiderados pelos que passaram ou estão passando pela escola e especialmente por quem programa atividades para os professores.

Pretendi, nesta apresentação, destacar pontos que considero fundamentais no desenvolvimento profissional do professor: os estudos teóricos e a reflexão sobre a prática docente, a importância da Universidade neste processo e a necessidade de que políticas para este fim tenham como ponto de partida a escola, local onde, no cotidiano, se desenvolve o processo ensino aprendizagem.

O fato de constatar, nesta trajetória de mais de 30 anos, o distanciamento que permanece entre os sonhos de uma escola pública de qualidade para todos e a realidade do cotidiano dessa escola, mesmo tendo conhecimento das dificuldades existentes para que os órgãos do sistema de educação implantem mudanças significativas nas escolas, fico motivada a desenvolver este estudo sobre as políticas públicas de Educação no Estado de São Paulo, em especial sobre a educação continuada de docentes da rede pública de ensino fundamental e médio, em parceria com a Universidade Pública.



2. Introdução

Neste trabalho pretendemos analisar os projetos de educação continuada desenvolvidos pela Universidade para os docentes da rede pública estadual e seu reflexo no cotidiano da escola, local onde se concretiza o processo ensino – aprendizagem e razão de ser de toda estrutura burocrática da Educação.

O problema de pesquisa investigado nesta dissertação foi o seguinte: *Qual o impacto dos programas de Educação Continuada, desenvolvidos pela Universidade Estadual Paulista - UNESP de São José do Rio Preto, no trabalho do Professor em sala de aula e para o trabalho coletivo da escola de Ensino Fundamental e Médio da rede pública?*

O trabalho foi desenvolvido no município de São José do Rio Preto, com a contribuição de docentes da UNESP - Universidade Estadual Paulista, campus de São José do Rio Preto que atuam ou atuaram em programas de desenvolvimento de docentes da rede pública e com professores de unidades da rede estadual de ensino que participaram de cursos na Universidade sendo que foram ouvidos também os Diretores e Coordenadores das escolas onde estes docentes atuam.

Muitos são os estudos feitos por órgãos oficiais, pelas Universidades e, por teóricos da Educação, sobre a educação continuada de docentes. O presente trabalho, no entanto, se justifica, pois existem ainda nesta área muitos aspectos para analisar, especialmente na região de São José do Rio Preto, objeto de nosso estudo.

Da problemática existente destacamos os aspectos abaixo:

- a) São de comprovada importância as contribuições que a Universidade – mais especificamente a UNESP¹, Campus de São José do Rio Preto, tem dado à rede pública, nos programas de Educação Continuada de Professores e no processo de reflexão sobre a prática.
- b) De acordo com informações da Delegacia de Ensino, a continuidade do PEC² não prevê um convênio com a universidade.
- c) Não há uma política pública de Educação Continuada (Universidade x Rede Pública) discutida e estruturada com a participação dos envolvidos.
- d) Verifica-se um descompasso entre os princípios do PEC (97/98) e as propostas levadas à Universidade. Este distanciamento pode ter refletido na avaliação feita pelas DEs ³onde a UNESP de São José do Rio Preto foi classificada abaixo da média.(quadro do relatório CENP⁴ em anexo.).

O estudo desenvolvido neste trabalho ficou delimitado a programas de educação continuada desenvolvidos pela Universidade Estadual

¹ UNESP - Universidade Estadual Paulista

² PEC_Programa de Educação Continuada de docentes da rede pública promovidos em convênio com as Universidades.

³ DES – Delegacias de Ensino – hoje Diretorias Regionais de Ensino da Secretaria Estadual de Educação.

⁴ CENP - Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas da Secretaria Estadual de Educação.

Paulista – Campus de São José do Rio Preto em convênio com a Secretaria Estadual de Educação, nas últimas décadas.

Partindo do problema de pesquisa foram estabelecidos os seguintes objetivos: a) fazer um estudo sobre os programas de educação continuada desenvolvidos em convênio, envolvendo a Universidade e a rede pública de Ensino Fundamental e Médio no município de São José do Rio Preto, nos anos 80 e 90; b) analisar, através das falas dos participantes dos programas, a importância das ações de programas de Educação Continuada para o trabalho individual do professor e para o trabalho coletivo da escola; c) estabelecer pressupostos para elaboração de propostas de ações para programas em políticas públicas de desenvolvimento de docentes.

A revisão bibliográfica e documental foi iniciada com a análise dos documentos legais que fazem referência à educação continuada constituindo o primeiro capítulo: Valorização do Magistério e Educação Continuada nos documentos legais.

A seguir, foram registradas reflexões sobre a Educação Continuada seguidas da análise de aspectos da relação teoria x prática nas ações do professor. A revisão bibliográfica e documental foi encerrada com uma breve descrição dos Programas de Educação Continuada desenvolvidos pela Universidade – Campus de São José do Rio Preto, para os docentes da rede pública nas últimas décadas. O referencial teórico analisado indica a existência de um descompasso Universidade x Rede Pública e a necessidade de uma reorientação nas políticas públicas desenvolvidas para e com os professores.



A pesquisa centrada na análise da realidade do município de São José do Rio Preto pretendeu, a partir do problema proposto, verificar se as ações da Universidade estão trazendo contribuições significativas para o trabalho do professor em sala de aula, ou se há necessidade de um redirecionamento, ou seja, de um novo caminhar no desenvolvimento profissional do professor.

Descrita em capítulo próprio, a pesquisa de campo foi realizada utilizando-se a metodologia qualitativa. A coleta de dados foi feita através do registro das falas, em entrevistas semi-estruturadas dos docentes da Universidade e da equipe da escola de Ensino Fundamental e Médio, representada pelo Diretor, pelo Coordenador e por quatro professores que participaram dos programas.

No desenvolvimento do trabalho contou-se com a colaboração de representantes das equipes de três escolas estaduais de São José do Rio Preto e de cinco docentes da Universidade que participaram de programas Universidade x Rede Pública de Ensino Fundamental e Médio. A caracterização dos sujeitos está registrada nos caminhos da pesquisa, no item sobre a amostra. Os textos completos das entrevistas transcritas encontram-se nos anexos.

A dissertação é encerrada com a análise dos dados e com o encaminhamento das conclusões. Com base nos dados foram esboçados, no final no trabalho, pressupostos para um programa de educação continuada de professores centrado no trabalho de cada escola e desenvolvido em parceria com a Universidade.



3. Revisão Bibliográfica e Documental

3.1. Valorização do Magistério e a Educação Continuada presentes nos textos legais e oficiais

"Num momento em que as ciências humanas se renovam pela busca da construção de campos interdisciplinares, direito e educação podem travar fecundo diálogo em vista de uma democratização do ensino" (CURY, 1996)¹

As questões administrativas e as questões pedagógicas da escola não podem estar separadas. O administrativo tem que dar suporte ao trabalho pedagógico porque o processo pedagógico é a razão de ser do administrativo.

Este estudo foi incluído neste trabalho, para que se possa verificar se há fundamento legal para as questões pedagógicas que estão sendo analisadas.

Considera-se, também, justificativa para a inclusão deste estudo:

- A maioria dos órgãos do Sistema Público de Ensino, inclusive a escola, apesar das falas progressistas, dá uma ênfase maior para as questões administrativas. As determinações legais podem e devem desencadear ações pedagógicas importantes dependendo do encaminhamento das mesmas.

¹ CURY, Carlos Roberto Jamil . In. FÁVERO, O.(org.) *A educação nas Constituintes Brasileiras* .Campinas, SP: Autores Associados,1996.

- Muitas propostas educacionais significativas não avançaram porque não havia amparo legal para desencadeamento das ações necessárias para a concretização das mesmas.
- Os textos legais resultantes de reflexões, debates e lutas de grupos de educadores qualificados, apontam para um novo pensar sobre o desenvolvimento dos docentes.
- Vive-se um momento novo na Educação Brasileira: a Lei que estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional determina ações que, se concretizadas, poderão gerar avanços qualitativos no Ensino Público.
- Foram incluídos nos textos legais, conceitos que os educadores não desconhecem, porém, neste momento, estão sendo discutidos, com maior destaque e novo enfoque.
- a valorização do magistério, a qualidade do ensino e o desenvolvimento profissional do educador são tratados como diretamente relacionados. Muitas foram as lutas do magistério por valorização. Esta inclui, não somente um salário justo, mas também melhores condições de trabalho e possibilidade de crescimento e realização profissional.

Estas questões são destacadas, porém sem se perder de vista que, apesar de constarem na legislação, não podemos ser ingênuos e achar que, a

simples inclusão destes temas no texto constitucional e textos legais, possa garantir grandes mudanças nas ações concretas do poder público

O artigo 206 da Constituição Federal estabelece no inciso V:

“valorização dos profissionais do ensino, garantidos na forma da lei, planos de carreira para o magistério público, com piso salarial profissional e ingresso exclusivamente por concurso público de provas e títulos, assegurado regime jurídico único para todas as instituições mantidas pela União.”

Também é matéria constitucional (artigo 214) a obrigatoriedade da elaboração do Plano Nacional Educação visando à articulação e ao desenvolvimento do ensino em seus diversos níveis e a integração das ações do poder público conduzindo à erradicação do analfabetismo, universalização do atendimento escolar, *melhoria da qualidade do ensino*, formação para o trabalho e promoção humanística, científica e tecnológica do país.

Estes dois princípios *valorização do magistério e qualidade de ensino* vão ser encontrados, vinculados e interdependentes, nas propostas do Plano Nacional de Ensino, MEC, 1997, com um destaque para a importância do magistério:

“...qualidade de ensino, indispensável para assegurar à população brasileira o acesso pleno à cidadania e uma inserção nas atividades produtivas que permita a constante elevação do nível de vida constitui um compromisso para a nação”. “Esse compromisso, entretanto, não poderá ser cumprido sem a valorização do magistério...”

A Lei 9 394 de 20 de dezembro de 1996, que regulamentou os princípios constitucionais e estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional, inclui em seu no artigo 13, sobre as incumbências dos docentes: *“ministrar os dias letivos e horas-aula estabelecidas, além de **participar integralmente dos períodos dedicados ao planejamento, à avaliação e ao desenvolvimento profissional**”*, destacando a importância do processo de crescimento e aperfeiçoamento do magistério.

Há ainda na citada lei, um título específico sobre os Profissionais da Educação registrando como um dos fundamentos da formação destes profissionais: *“a **associação entre teorias e práticas, inclusive mediante a capacitação em serviço.**”*

Na Lei 5692/71 (LDB anterior) havia também um capítulo sobre Professores e Especialistas, que determinava aos sistemas de ensino que estimulassem o aperfeiçoamento e atualização constante dos seus professores e especialistas de educação, sem sugerir, porém, ações concretas para esse fim.

Avançou, no entanto, a Lei 9394/97, porque vincula a qualidade do ensino à valorização do docente e ao seu aperfeiçoamento profissional, determinando a criação de espaços de tempo remunerados para este fim e inclusão dos períodos de estudo à carga de trabalho do professor. Demo (1997) destaca este avanço afirmando:

“Uma lei não se destina a estabelecer novos paradigmas acadêmicos e científicos, mas refletindo a realidade histórica, deve incluir o ritmo dos tempos. Neste particular, a LDB favorece grandes avanços, porque seguindo também progressos

notáveis nas teorias e práticas da aprendizagem trata o professor como eixo da qualidade da educação.”

Nas ações de desenvolvimento do magistério a serem propostas, à vista da LDB, as universidades foram contempladas como espaços para esse fim, uma vez estabelecido na nova lei que os **institutos superiores** mantenham programas de *educação continuada* para os educadores dos diversos níveis.

No Plano Nacional de Educação, MEC – 1997, foram registradas metas relativas a estas políticas de desenvolvimento profissional:

“Promover, nas instituições públicas de nível superior, a oferta, na sede ou fora dela, de cursos de extensão e aperfeiçoamento destinados à formação permanente do pessoal do magistério”.

Há mesmo um momento diferenciado, pois os textos legais, além de fundamentarem as políticas públicas de educação continuada, determinam que os Sistemas as promovam.

São conhecidas as dificuldades do trabalho do professor: extensas jornadas de trabalho dentro e fora do magistério, perda da condição de sujeitos de seu trabalho, baixos salários, (em algumas regiões do país, irrisórios), no entanto, não se pode negar este novo momento.

Convivendo com um distanciamento muito grande entre o que determina a lei maior e as metas e ações regulamentadas, há de se buscar propostas que concretizem mudanças significativas no trabalho do professor.



O momento é de discussão de propostas que garantam as determinações da lei: a) que os institutos superiores promovam programas de educação continuada para educadores de diversos níveis e b) aperfeiçoamento profissional continuado do magistério, incluindo períodos determinados para esse fim.

Com a publicação da Lei n.º 9394/96- nova LDB várias políticas públicas surgiram direcionadas para a sua implantação Estaremos analisando as direcionadas para o tema de nossa dissertação, isto é, as voltadas para a Educação Continuada desenvolvidas com a Universidade Pública.

Estas políticas estão registradas nos Planos Anuais de Trabalho da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, a partir de 1997.

No PTA- Plano Anual de Trabalho da Secretaria Estadual de Educação do Estado de São Paulo de 1997 – a Educação Continuada surge com o seguinte objetivo: *requalificar os educadores para poderem repensar sua prática pedagógica e replanejarem suas atividades para o aprimoramento do trabalho que vem sendo desenvolvido. Foram previstas duas instâncias para as ações de educação continuada, sendo uma em nível central para Delegados de Ensino, Supervisores, Assistentes Técnicos das Oficinas Pedagógicas, Diretores de Escola e Professores Coordenadores. A segunda em nível descentralizado: ações voltadas para o conjunto de professores das Unidades escolares, segundo as necessidades locais e mais específicas, ações estas planejadas e executadas*

pelas Delegacias de Ensino e Oficinas Pedagógicas, em parceria com a universidades e outras instituições formadoras. ”“.

Neste PTA-1997, também foi destacada a necessidade de qualificação dos docentes para melhorar seu desempenho, em consonância com o novo modelo pedagógico e a garantia de recursos para viabilização das propostas pedagógicas das escolas.

No PTA 1998 , no item da capacitação técnico-pedagógica há registrado... “a Secretaria de Estado da Educação planejou e programou recursos para viabilizar as ações de capacitação, dando condições para que todos os profissionais, docentes e especialistas, envolvidos no processo ensino aprendizagem, maximizem o seu desempenho, buscando a melhoria do ensino.” Está registrado que a implementação do Programa de Educação Continuada abrangeria ações realizadas por instituições que atuam na formação e aperfeiçoamento de docentes ou pelas Delegacias de Ensino “sempre com base na demanda local , elaborada pela Delegacias juntamente com as escolas”. Como objetivo geral foi destacado: *“promover o desenvolvimento profissional dos educadores da rede estadual de ensino fundamental, implementando um novo modelo de escola”*. Os objetivo específicos declarados foram estes:

- assegurar condições para realizar uma profunda reflexão;
- estimular cada escola a identificar suas necessidades de capacitação;
- capacitar docentes e especialistas que atuam no ensino fundamental;
- garantir o contínuo aperfeiçoamento aos docentes e especialistas.
- Minimizar os índices de evasão e repetência.

No PTA de 1999, no item da Capacitação Técnico-Pedagógica, ficou estabelecido que as ações de educação continuada deverão prosseguir com base na demanda local, elaborada pelas Delegacias juntamente com as escolas. O objetivo geral continua o mesmo de 1998, e os específicos não foram alterados na essência sendo praticamente os mesmos.

A informação dada pelo supervisor, que coordenou o PEC em nível de 1ª Delegacia de São José do Rio Preto, é que, com o estabelecimento da responsabilidade da Delegacia como responsável pela execução do PEC, exclui-se a Universidade, pelo menos nos moldes em que foram conveniadas nos anos de 1997 e 1998.²

Confirmando esta fala os docentes da Universidade confirmam ter acabado o programa.

Concluindo podemos reafirmar que os textos legais avançaram por estabelecer que a qualidade do ensino está vinculada à valorização do magistério, e por relacionarem a valorização do profissional da educação à formação e ao desenvolvimento profissional, pontos que já vinham sendo levantados em estudos feitos e que ainda não eram concretizados por falta de políticas voltadas para este objetivo, ou por falta de condições para o desenvolvimento das propostas.

Os espaços para o aperfeiçoamento docente estão criados e institucionalizados nos textos legais. O grande desafio para os Sistemas de Ensino

² Como as Delegacias de Ensino têm autonomia e verba para execução dos programas, poderão ser desenvolvidas ações com a participação da Universidade, porém não com os moldes do PEC como já foi dito.

e a Universidade como parceira, é a estruturação de programas e/ou projetos que atinjam todos os docentes, não somente individualmente, mas que tragam modificações significativas para cada comunidade escolar.



3.2. Reflexões sobre a Educação Continuada de Docentes

Não há como desvincular o processo de educação continuada e/ou a educação permanente da dinâmica do contexto social, político e econômico de hoje e dos avanços tecnológicos e científicos, assim como, não há mais como definir um momento em que a Educação de um profissional possa ser considerada concluída. Se esta afirmação é verdadeira para os profissionais de outras áreas, não há como desconsiderá-la para os profissionais da educação, partícipes do processo de construção das gerações futuras.

A educação continuada teria como objetivo o acesso do professor às pesquisas que estão sendo desenvolvidas relacionadas com o processo ensino aprendizagem, estudos sobre as crianças e adolescentes e sobre o desenvolvimento das ciências, especialmente os relacionados com as disciplinas que leciona. Os progressos tecnológicos resultaram na necessidade dos docentes aprenderem não somente a lidar com as ferramentas da informática mas também a selecionar as informações, fazendo uma leitura crítica das mesmas. É lógico que esta leitura crítica é feita a partir dos fundamentos filosóficos e sociológicos que resultam nos valores individuais e sociais. Contemplados todos estes aspectos, haveria ainda para análise, estudos relacionados com o trabalho coletivo que se concretiza na escola. O coletivo e o cotidiano da escola devem ser o ponto inicial deste processo de reflexão.

No capítulo anterior foi analisado como os textos legais em vigor têm destacado a formação e aperfeiçoamento dos docentes. Esta preocupação na

área educacional aparece como consequência dos avanços e mudanças culturais, científicas, tecnológicas e sociais que, no processo de globalização, estão ocorrendo cada vez mais rapidamente, e vêm exigir novas posturas do profissional da educação. Encontra-se também como justificativa para esses programas, a correlação feita, por muitos estudiosos da educação entre a má qualidade de ensino e a má formação de professores

A conceituação, organização e desenvolvimento da formação e do aperfeiçoamento do professor vêm, portanto, como todo fato social, refletir o momento histórico vivido pela sociedade brasileira e, conseqüentemente pela Educação.

Retomando historicamente os programas desenvolvidos no Estado de São Paulo a partir dos anos 70¹, encontra-se, em 1974, a Secretaria da Educação iniciando os treinamentos para implantação dos guias curriculares promovidos pelo Centro de Recursos Humanos e Pesquisas Educacionais. Estes guias foram construídos em nível central por grupos de professores convidados.

Época de declarado fechamento democrático, com o domínio da visão sistêmica e do tecnicismo na educação, a ênfase maior era dada ao estabelecimento de objetivos instrucionais e nas técnicas de planejamento. Apesar desse período ter tido um significado em termos de incorporação da práticas de planejamento nas escolas, a excessiva valorização da racionalidade técnica resultou na realização, pelo professor, de tarefas automatizadas,

desvinculadas de uma reflexão crítica de educação e da sociedade.

Em 1976, foi reorganizada a Secretaria da Educação hierarquizando-se as funções na Secretaria, criando-se novos órgãos, gerências de projetos e cargos também nas instâncias inferiores, resultando na burocratização, na divisão de tarefas e criação de grupos de estudo centralizados em busca da eficiência e eficácia técnica, resultando também no início do processo de afastamento do docente da função de sujeito do processo ensino - aprendizagem.

Na década de 80 e início de 90, com a abertura gradual do processo democrático, houve um avanço teórico nas discussões sobre a dimensão política da prática pedagógica, autonomia da escola e participação democrática, permanecendo ainda, contraditoriamente, os conceitos e as formas de desenvolvimento de docentes organizados de forma linear; como se o processo de ensino não fosse dinâmico e que pudesse existir um produto final ideal esperado e alcançado ideal por todos. Foram estruturados cursos de atualização, de reciclagem, de aperfeiçoamento e de capacitação, embasados na importância dada à incorporação de práticas renovadas, às modificações nas propostas de ação, e no domínio de idéias definidas autoritariamente pelos burocratas que pretendiam solucionar os problemas da escola, desvinculados da dinâmica do cotidiano da mesma e das relações sociais que nela ocorrem.

Treinado, atualizado, reciclado, aperfeiçoado ou capacitado, nem

¹ Antes havia cursos de expansão cultural, coordenados pelos SEROPs – Serviço de Orientação Pedagógica das Delegacias do Ensino Básico da Secretaria da Educação - dirigidos aos docentes do antigo primário e os SERAPs que concebiam programas para o Ensino Secundário. Em 1969 houve um seminário de Educação



sempre o docente tinha consciência dos processos aos quais foi submetido.

Antônio Nóvoa (1995) analisou este processo:

“Os anos 60 foram um período onde os professores foram ignorados, parecendo não terem existência própria enquanto fator determinante da dinâmica educativa; nos anos 70 os professores foram esmagados, sob o peso da acusação de contribuírem para a reprodução das desigualdades sociais; os anos 80 multiplicaram as instâncias de controle dos professores, em paralelo com o desenvolvimento de práticas institucionais de avaliação”.

A burocratização do ensino iniciada nos anos 70 que pode ter resultado na divisão social do trabalho escolar, onde o grupo de “iluminados” pensava o que os professores deviam executar, não difere muito da realidade que ainda encontramos hoje em muitas escolas da rede pública e nas representações de muitos especialistas em educação. Como resultado deste processo, encontramos professores agindo de forma alienada, introduzindo em seu trabalho novas práticas ou técnicas sem conhecer as teorias que as fundamentam ou tornando-se resistentes às mudanças que a realidade exige por acreditarem que os que projetam os cursos ou as atividades de formação em serviço desconhecem a realidade da sala de aula, ou ainda, simplesmente, passam a cumprir as determinações superiores sem fazer uma análise crítica das políticas e interesses que as direcionam, reflexo da falta de compromisso político.

Não podemos porém estabelecer que esta problemática advém somente dos problemas das relações internas da escola. A alienação do professor também pode resultar das relações de trabalho características de nossa

Renovada coordenado por este grupo em São José do Rio Preto com a participação de docentes da UNESP de Presidente Prudente.



sociedade. A formação do professor, suas condições de vida, a desvalorização do trabalho docente, podem fazê-lo perder de vista o sentido de seu trabalho e seu significado político e social.

Menga Ludke (1995) chama atenção para o fato de haver similaridade entre os problemas que ocorrem no Canadá e outros países do ocidente, apontados por educadores estrangeiros, e os problemas ocorridos no Brasil em relação à desmotivação dos professores e ao desinteresse dos alunos em relação ao que as escolas oferecem apontando para a existência de falhas estruturais na formação do professor.

O relatório para a UNESCO sobre a educação para o século XXI - em seu Capítulo 7- Os professores em busca de novas perspectivas, aponta para a importância dos professores não só para preparar os jovens para o futuro, mas para estarem participando da construção consciente desse futuro. Para tanto, propõe o texto, deverá ser pensada uma educação que possibilite a contribuição com o desenvolvimento, a compreensão, o domínio da globalização e favorecimento da coesão social.(DELORS.J, 1999).

Apesar dos avanços tecnológicos, os professores continuam tendo um papel fundamental na formação de atitudes em relação ao estudo, curiosidade, rigor intelectual e criação de mecanismos para o acompanhamento da educação formal e permanente. Importante também será o papel do professor na construção de valores como a solidariedade, a tolerância e respeito ao pluralismo de idéias. Alerta o documento citado para medidas de melhoria na formação e nas condições de trabalho do professor: “... Estes (os professores) só poderão

responder ao que deles se espera se possuírem os conhecimentos e as competências, as qualidades pessoais, as possibilidades profissionais e a motivação requeridas". Recomenda ainda que o professor seja considerado pela sociedade "o mestre" e que possa ter os recursos necessários e a autoridade para realizar seu trabalho.

Nóvoa (1995) afirma que a partir de 1984, quando Ada Abranham utilizou em uma importante reunião internacional o título – *o professor é uma pessoa* - houve um desencadeamento de obras e estudos voltados para a vida de professores, carreiras e os percursos profissionais além do desenvolvimento profissional e as biografias ou autobiografias. Estas análises foram muito importantes por colocar os professores no centro dos debates educacionais e da problemática da pesquisa educacional. A apreciação das práticas de ensino foram sendo complementadas por publicações sobre a vida e a pessoa do professor como profissional.

Ouvindo os professores iniciantes, uma das queixas muito comuns é a de que há uma distância muito grande entre os estudos teóricos feitos nos cursos de formação e a prática cotidiana. Esta queixa acompanha-os no caminhar pela carreira., pois os docentes com mais experiência e anos de trabalho, têm dito também que a programação dos cursos de aperfeiçoamento, estruturados pelos órgãos administrativos e pedagógicos do sistema está muito distante de sua realidade de trabalho.

Andaló (1996) em seu livro "Fala Professor", registrou depoimentos confirmando esse distanciamento. Vamos rever algumas falas

registradas pela autora:

Laura- “Agora é como a gente ...eu digo, lá a gente vê tudo bonito, mas a gente às vezes vai colocar aquilo lá, não é a realidade, sabe como é? ... por isso que eu digo : a teoria é linda, mas na pratica é completamente diferente !”

Olga- “...tu chega recebe um monte de conteúdo, é Piaget para cá, é Piaget para lá ...ai tu chega na sua escola, a realidade é muito diferente, né? Ela é tão diferente que te desestimula a aplicar aquela coisarada toda que tu aprendeste, entende?”

Olga continuando “... Não funciona! Não funciona mesmo! Ai tu vê que Piaget tá longe de tudo aquilo...”

O distanciamento, resultante da desvinculação entre a teoria e a prática docente, e a inadequação entre a formação dos docentes, sua educação continuada e as exigências de seu trabalho cotidiano, são questões colocadas hoje aos especialistas que elaboram os programas de desenvolvimento em serviço.

Este distanciamento não significa que os programas devam desvalorizar os aspectos teóricos do conhecimento mas sim, neste processo que é dialético, de reflexão na prática e sobre a prática, valorizar o saber do profissional da educação, como analisou Gamboa (1996)² :

“Diferentemente das abordagens anteriores, a concepção dialética concebe a relação entre a teoria e prática não como um ajuste de uma com a outra, ou uma diminuição de suas diferenças, adequando a teoria a pratica e vice-versa, mas como um conflito ou tensão entre elas.”

²GAMBOA,S.S.A contribuição da pesquisa para a formação docente.In.REALI.AM.M.R.MIZUKAMI.M.G.N.(org.) *Formação de Professores: Tendências Atuais*.São Carlos: Editora UFSCar, 1996.



A educação continuada deveria, portanto, estar articulada com a atividade desenvolvida pelos professores em sala de aula, na escola real em torno dos problemas emergentes, considerando-se os encaminhamentos que têm sido feitos por estes, através da reflexão crítica.

É importante que, na elaboração de programas para professores esteja presente a análise da questão profissional do magistério: como é formado, como se adquirem os valores e o conhecimento relacionado com seu trabalho. Pesquisas demonstram que o desenvolvimento profissional é construído com o conhecimento adquirido no processo de formação escolar, na evolução da carreira, com seu percurso e percalços, relacionados com a história de vida do docente e seus valores, interesses e ideais.

Não há como separar o eu pessoal do eu profissional. O professor que discrimina as crianças de camada popular, que considera a clientela de periferia inadequada afirmando que a escola seria boa se a clientela fosse outra, não construiu este preconceito na escola, apesar de que o curso de formação poderia ter trabalhado o questionamento destes valores, suas ações refletem sua formação pessoal ética, moral e política.

Novóia (1995) analisou a identidade do professor afirmando que a mesma *"...não é um dado adquirido, ...não é um produto...é um lugar de lutas e conflitos, é um espaço de construção de maneiras de ser e estar na profissão."*

Para o autor citado, no processo de construção da identidade do educador, cada um vai se apropriando de sua história pessoal e profissional, onde é impossível separar o eu profissional do eu pessoal, reconstruindo sua identidade



e acomodando as inovações para assimilar mudanças. Quando analisa a ação e o saber dos professores, refere-se a dois efeitos, que também temos encontrado em nossa trajetória: o efeito de rigidez que torna os docentes resistentes às mudanças, com dificuldade de deixar certas práticas que deram certo em determinados momentos de sua vida e a sensibilidade ao efeito de moda, assimilando técnicas e métodos que constituem *“a pior maneira de enfrentar os debates educativos”* levando a alterações superficiais desvinculadas de mudanças em profundidade, fato que vem sendo agravado pela facilidade hoje de circulação de idéias

Comissão Internacional de Educação para o século XXI – UNESCO, já citada neste estudo, considera a necessidade educacional de atualização e enriquecimento dos conhecimentos: DELORS(1999) *“É, antes, necessário estar à altura de aproveitar e explorar, do começo ao fim da vida, todas as ocasiões de atualizar, aprofundar e enriquecer ...(os) primeiros conhecimentos, e de se adaptar a um mundo em mudança.”* Porém há de se cuidar para que as mudanças nas práticas docentes estejam fundamentadas para que não ocorra a problemática apontada por Nóvoa.

Considerando as aprendizagens fundamentais para todo ser humano propostas no documento da UNESCO verifica-se que os sistemas de formação e de aperfeiçoamento de professores tem enfatizado ora o conhecimento, *o conhecer*, ora as práticas, *o fazer*, quando os outros aspectos, *o ser e o conviver* deveriam ser igualmente considerados, como recomenda a Comissão: *“...a fim de que a Educação apareça como uma experiência global a*

levar a cabo durante toda a vida, no plano cognitivo como no prático, para o indivíduo enquanto pessoa e membro da sociedade”

Os especialistas, baseados em teorias sócio – interacionistas, propõem aos professores mudanças em suas ações em sala de aula, trabalham com conceito de aluno como sujeito da construção do conhecimento. Valorizam o diálogo e a participação, destacam a importância dos conhecimentos prévios e da consideração do currículo oculto do aluno. Estes conceitos, no entanto, não são levados em conta nas ações de aperfeiçoamento dos docentes. Repetem na atuação com os docentes o que questionam no trabalho destes em sala de aula. A incoerência deste processo se repete na relação professor- aluno como registra Pagotto (1988) apud Dias-da- Silva(1998)³ *“os professores explicitavam claramente sua resistência ao modelo tradicional e vertical a que foram submetidos, e, entretanto, apenas conseguiam concretizar em suas aulas esta mesma abordagem pedagógica com seus alunos”*. Dias-da-Silva (1998) afirma que os profissionais demonstram o desejo de mudança porém desconhecem alternativas de trabalho para concretiza-las.

Há portanto, uma distância grande entre a formação dos professores e a sua realidade de trabalho, existindo também um distanciamento grande entre a formação recebida pelos chamados especialistas de educação na universidade, especialmente nos cursos de Pedagogia, e a realidade encontrada nos grupos de professores que estão coordenando ou supervisionado.

Muitos dos cursos de aperfeiçoamento estão em desacordo

³ DIAS-DA-SILVA. O professor e seu desenvolvimento profissional: Superando a concepção do aluno incompetente. In. O professor e o Ensino: novos olhares. *Cadernos Cedes n. 44*. Campinas: UNICAMP, 1998.



com os mais básicos e simples princípios pedagógicos: grupos muito grandes, o docente que coordena o processo desconhece as dificuldades e saberes do grupo, convênios onde muitas vezes é imposto ao docente que trabalhe o que a direção do órgão estabelece como prioridade o que nem sempre reflete as necessidades dos docentes e da clientela da escola pública.

Diante de tantas questões a considerar, o processo de educação continuada nos parece quase uma utopia e um grande desafio estruturá-la, levando em conta tantos aspectos: as características pessoais do professor, sua identidade profissional, seus valores, a formação desenvolvida nos cursos de magistério e nas licenciaturas, a escola onde trabalha, o grupo com quem atua e as relações sociais aí construídas, assim como a dinâmica da sociedade em que vive com suas contradições e tensões.

Neste processo complexo, entendemos ser muito difícil que venham as soluções para os problemas da educação brasileira e para a educação continuada, de reformadores educacionais distantes da realidade escolar e que ignorem, ou que não levem em conta que a escola é reflexo de uma realidade maior: a social.



3.3. A questão da teoria e da prática na educação continuada os docentes...

"... mas talvez porque a prática pedagógica seja uma tensão..., sobretudo porque a prática é história e a história é a fugacidade, a passagem, o percurso, a transição e o conflito. A dificuldade maior das teorias da aprendizagem... é assumir a historicidade do aprender é o fato que uma história jamais é, um desenvolvimento linear, mas sim uma dialética". MEIRIEU, 1998.¹

Reconhecida a importância dos programas de educação continuada propostos como resposta às reais necessidades da escola e do professor, pretende-se neste capítulo fazer a análise da relação dialética teoria – prática no processo de construção do conhecimento e desenvolvimento profissional do professor.

Moysés e Collares (1996)² chamam a atenção para este aspecto afirmando haver um abismo que comprova a existência de duas dimensões a que vivemos e a do conhecimento científico.

Andaló (1995) propõe... *"Devolver aos docentes seu lugar de sujeitos sociais e compartilhar com eles o papel de agentes da própria mudança. Seria criada a possibilidade de uma reflexão mais crítica, que levaria a uma consciência menos fragmentária e parcial que poderia dar início a um processo de superação da distância*

¹ MEIRIEU, P. *Aprender...Sim, mas como?* 7 ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

² MOISÉS.M.A. & COLLARES, C.A.S. O Buraco Negro entre o Conhecimento Científico e o Mundo Real: um objeto essencial de pesquisa. In. REALI.A.M.M.R. & MIZUKAMI.M.G.N. (org.) *Formação de Professores: Tendência atuais*. São Carlos: EDU

existente entre os que planejam e os que executam, exigindo um esforço permanente em combater a cisão entre a teoria e a prática”.

Necessário se torna diminuir a distância ou ainda evitar a cisão denunciada por Andaló de forma que o conteúdo teórico não seja desconsiderado e possa ser visto pelos professores como construções resultantes da reflexão sobre a prática.

Santos (1986)³ afirma que os professores com uma sólida formação teórica têm melhores condições de fazer escolhas, analisar e criticar projetos educacionais. Complementando sua idéia: *“Neste projeto de Educação torna-se fundamental que o professor seja um intelectual crítico capaz de apreender o caráter contraditório da prática pedagógica, articulando um discurso marcado pela linguagem crítica e pela possibilidade”*.

O investimento somente no conhecimento prático em detrimento do saber teórico poderá resultar no desenvolvimento de profissionais que não vão além do senso comum na solução dos problemas que surgem em seu trabalho cotidiano. Os dois aspectos, portanto, são igualmente significativos e devem ser considerados, não só no planejamento e trabalho em sala de aula mas também nos programas de educação continuada.

A relação teoria – prática passa a ser analisada não de forma linear, mas sim com uma nova abordagem: a dialética onde não podem ser vistas

³ SANTOS, L.L. C.P. Problemas alternativos no campo da formação de professores. *Revista Brasileira de estudos Pedagógicos*. n.72, Brasília, set/dez. 1986.



separadamente, mas como uma unidade com sua historicidade, conflitos e tensões, como afirma Gamboa (1996)⁴

“... não é possível conceber a teoria separada da prática, a relação inaugura a existência de uma teoria, não pode existir uma teoria solta. Ela existe como teoria de uma prática. A prática existe logicamente como prática de uma determinada teoria...”

Aceita esta afirmação surge a necessidade de revisão das políticas de educação continuada alcançando novos significados para a teoria e criando novas estratégias para a prática.

Mazzeu (1999)⁵ em sua perspectiva histórico - social coloca três eixos básicos desse processo: “o domínio dos conteúdos escolares e das formas de ensiná-los; o estudo da concepção dialética e a formação de uma nova atitude ético - política”.

Fusari (1988) registra como compromissos de um programa de educação do Educador:

- a) “Ampliar a consciência do profissional da educação em relação aos limites e possibilidades da prática educativa escolar (autonomia relativa da educação escolar);
- b) instrumentalizar o educador para a prática educativa escolar mais competente, o que implica, necessariamente, assumir a dimensão política inerente a este trabalho;

⁴ GAMBOA, S.S. A contribuição da Pesquisa na Formação Docente. In REALI, A.M.M.R. & MIZUKAMI, M.G.N. *Formação de Professores: Tendências Atuais*. São Carlos: EDUFSCar. 1996

- c) estimular uma atitude de profissionalismo no cidadão educador”.

Como conteúdo destes programas, propõe Fusari a análise das unidades (conteúdos) fundamentos da educação, fundamentos pedagógicos e fundamentos científicos através de cursos, encontros, seminários, cooperação técnica direta com a escola e cooperação indireta, teleeducação, reuniões técnicas, rotina da escola, etc. Destaca também o autor o registro das formas de acompanhamento do trabalho, cronograma, clientela à qual se destina e o orçamento. Colocando a sala de aula como ponto de partida, registra que “um dos grandes desafios das equipes que atuam em nível de sistema de ensino – as Secretarias da Educação, os órgãos de capacitação de recursos humanos e o próprio MEC – é a identificação das reais necessidades de treinamento dos educadores que estão na rede- nas escolas –nas salas de aula.”.

Propõe ainda Fusari que *“uma boa formação teórica da equipe central, aliada a uma ação concreta, são fatores fundamentais no processo de identificação das necessidades de treinamento manifestadas pelos educadores da rede” e coloca a necessidade de a equipe ter competências para “constatar, caracterizar, e propor formas de superação de problemas”.*

A experiência vem demonstrando ser esta proposta de viabilidade no mínimo discutível. Como os órgãos centrais do sistema de ensino poderiam conhecer as reais necessidades de mais de 6500⁶ escolas da rede? Estudos recentes sobre a dinâmica do cotidiano da escola parecem

⁵ MAZZEU, F.J.C. Uma Proposta metodológica para a formação continuada de professores numa perspectiva histórico-social. IN.O professor e o Ensino: novos olhares. *Cadernos Cedes n. 44*. Campinas: UNICAMP, 1998.

⁶ Dados de 96. Secretaria da Educação. Fonte: Projeto de Educação Continuada. 1996 – 1998.



confirmar a idéia da inviabilidade de programas verticalizados: Sistema de Ensino – Rede pública.

Se há dificuldade em uma região menor, como foi constatada, na execução do PEC, como estabelecer em nível central as necessidades da clientela de um programa de educação continuada que pretenda ter como ponto de partida a sala de aula?

Considerando que as mudanças do professor são resultado da reflexão crítica sobre sua prática e não do conhecimento teórico desvinculado dessa prática as ações visando ao desenvolvimento docente devem favorecer a reflexão de cada um sobre sua realidade. Considerando ainda que a prática está vinculada a uma teoria e que esta também poderá ser transformadora da prática, a Universidade têm ações de muita importância a desenvolver na escola e com a escola, dando sua contribuição teórica na construção e clarificação de conceitos e na democratização do saber. .

Leite, em 1986, já registrava como proposta de trabalho da Universidade com a rede pública além de outras mudanças:

“ a análise do caráter científico da ciência diluído na memorização de fórmulas ou na taxionomia, a historicidade da história esvaziada na mera apresentação cronológica e fragmentária dos fatos políticos, culturais e econômicos; relacionar o conhecimento com o cotidiano de estudantes e professores; discutir o caráter histórico dos conceitos e teorias, aspectos de uma política verdadeiramente democrática da universidade no trabalho com os professores. ”.

Nesta discussão da teoria x prática há de considerar que por trás de qualquer proposta metodológica há uma concepção de valor que se atribui ao

ensino e idéias mais ou menos explícitas sobre o processo ensino- aprendizagem. Além destas concepções sobre o ensino, a prática pedagógica também reflete a visão de sociedade que os professores têm e sua tomada de posição que é sempre ideológica. O situar-se ideologicamente resulta da reflexão profunda e permanente da nossa condição de cidadão e da sociedade que iremos viver. (Zabala, 1998)

Os programas de desenvolvimento de professores têm que oportunizar estas reflexões que podem constituir momentos onde o professor possa fazer a ponte entre a teoria e a prática pois, o trabalho do professor em sala de aula muitas vezes não está em consonância com as teorias que aceita e com as idéias que tem sobre o papel da Educação hoje.

As teorias e práticas docentes também não podem ser pensadas ingenuamente, desvinculadas das forças políticas, sociais, históricas e culturais que as permeiam. A visão, no entanto, deve ser de esperança e de possibilidade como afirma o grande mestre Paulo Freire: *“A história como possibilidade significa nossa recusa em aceitar dogmas, bem como nossa recusa em aceitar a domesticação do tempo. Os homens e as mulheres fazem a história que é possível, não a história que gostariam de fazer ou a história que, às vezes, lhes dizem que deveria ser feita”*.

3.4.UNESP x Rede Pública de Ensino Fundamental e Médio – principais atividades desenvolvidas nas décadas de 80 e 90.

Várias foram as denominações dos programas de Educação Continuada desenvolvidos pela Universidade nas últimas décadas: treinamentos, reciclagem, atualizações até a denominação atual.

Lígia C. M. Leite (1986) destaca que as denominações anteriores não são inocentes cabendo uma análise crítica:

“... treinar implica repetição mecânica e, sobretudo, passividade de quem é treinado em relação a quem treina ou manda treinar...reciclar supõe um movimento circular mais adequado às coisas do que às pessoas e, ...atualização, apesar de sua importância para todo profissional,... é preciso que todo profissional que vai ser submetido a um curso de atualização esteja preparado para questionar que atualização é esta...”

A terminologia questionada pela autora refletiu, em momentos históricos anteriores, o pensamento autoritário dos proponentes de políticas públicas quando as idéias, valores e o conhecimento do professor e sua prática não eram considerados.

Em meados dos anos 80, na Divisão Regional de Ensino, foi proposto o programa de treinamento de docentes com a participação da UNESP de São José do Rio Preto. O programa se desenvolvia da seguinte forma: a Universidade estruturava os cursos e os oferecia às Delegacias de Ensino, estas a partir de critérios estabelecidos definiam por quais cursos tinham interesse e, através de convênio com SE eram ministrados e pagos.

Em relação a esses cursos, considerados pelos participantes como de muita qualidade, os questionamentos da rede eram sobre vagas insuficientes para todos da área; o desconhecimento pela Universidade das reais necessidades da escola; pacotes fechados “vendidos”; tratamento de temas pontuais e muito específicos de cada área que acabavam por não fundamentar um trabalho mais amplo do professor, além de falta de acompanhamento e avaliação dos resultados e falta de continuidade do processo.

Fusari (1988) em sua tese de mestrado, colocou as dificuldades de se desenvolver uma prática transformadora *principalmente se o processo de treinamento se reduzir a um curso, um encontro ou seminário*, como eram os cursos dos anos 80 e, propôs para tanto, a implantação de programas em longo prazo divididos em etapas.

Teoricamente esta idéia de Fusari é aceita e aparece no discurso dos documentos oficiais que propõem programas de desenvolvimento profissional do professor voltados para as necessidades dos docentes e que resultem em alterações qualitativas significativas para o trabalho da escola.

Na realidade, o que acontece é que as diferentes práticas que ocorrem nas escolas, a diversidade de nível de conhecimento, ideais e valores dos professores têm dificultado a execução de programas. Esta diversidade de problemas aliada à quantidade de escolas e demanda de docentes, exige verbas que nem sempre são suficientes alterando a implantação das propostas,

reduzindo-as “a um curso, um encontro ou um seminário” que são elaborados a partir dos dados tabulados pelos órgãos intermediários, quando as necessidades das escolas são descaracterizadas.

Outro programa que há na Universidade e que pode envolver em suas ações os docentes da rede pública de EF e EM. são os Núcleos de Ensino.

Os núcleos de Ensino têm como objetivo incentivar projetos voltados para formação continuada dos docentes da Educação Básica, visando à melhoria destes e a dos alunos das licenciaturas e de outros cursos de graduação da UNESP. Periodicamente é feita uma convocatória aos professores da UNESP interessados em Educação Escolar, para apresentarem propostas para obtenção de financiamento de projetos vinculados aos Núcleos de Ensino. Nessa convocatória estão registrados: o tema para elaboração dos projetos; os objetivos; as diretrizes, prazo de execução, o financiamento e a sistemática de avaliação.

Na pesquisa a Docente da Universidade n. 4, que coordenou o núcleo de São José do Rio Preto no início dos anos 90 e que posteriormente, foi também coordenadora da comissão central dos núcleos de ensino, em sua entrevista afirma que os núcleos foram criados como projetos para buscar parceria com a rede pública, *“a universidade não se colocava como hierarquicamente superior nesse projeto, mas no mesmo nível e formavam-se grupos onde havia o professor da universidade, os professores da rede, alunos do curso de licenciatura como estagiários... houve um envolvimento de todo o Estado de São Paulo, todo o campus da UNESP tinha núcleos de Ensino, chegamos a*



ser 147 professores da universidade envolvidos, havia até uma publicação... um caderno de ensino onde os trabalhos iam sendo relatados... houve (em relação a isto) uma incompreensão muito grande... com mudanças na reitoria queriam que estes cadernos fossem grandes relatos de pesquisas não entendendo que eram relatos de atividades da escola feitos com uma orientação da universidade."

No entender dessa coordenadora a pró-reitoria de graduação da universidade não compreendeu a proposta do núcleo de ensino e houve uma ruptura no processo.¹ Considerando que a convocatória da Reitoria continua sendo feita², pode a entrevistada estar se referindo a uma ruptura nas ações da forma como vinham sendo desenvolvidas.

Expõe ainda a citada docente que a universidade "*não soube aproveitar a grande experiência que teve dos núcleos de ensino para... ter encurtado esse distanciamento tão reclamado pelos professores*". A entrevistada pode estar se referindo aos programas que aconteceram após o período em que esteve na coordenação do núcleo.

Encontra-se na convocatória de 1999 e 2001 nos objetivos dos núcleos, entre eles: *2.1.6 .estabelecimento de parceria com as Delegacias de Ensino e Escolas Estaduais e Municipais dispostas a transformarem a dinâmica da educação escolar*. Este objetivo pode levar a uma dupla interpretação ou houve um avanço nas propostas da Reitoria a partir de 99 ou a proposta de parceria sempre constou nos documentos e não vem se concretizando na prática.

¹ Os Núcleos de Ensino ainda existem como programa da Reitoria, como se trata de uma convocatória supõe-se que se concretiza de diferentes formas nos diversos institutos da UNESP.

² A convocatória de 2001 propõe como tema: *Formação Continuada para Educadores: Parâmetros Curriculares Nacionais.*"



A docente universitária n.5, que coordenou o PEC na UNESP de São José do Rio Preto, relatou que houve uma época, em São José do Rio Preto, em que o núcleo de ensino foi muito dinâmico. A partir do PEC (Programa de Educação Continuada – 1997) surgiram dificuldades para conseguir projetos para o núcleo de ensino e não havia muita disponibilidade dos professores para trabalhar nos núcleos.

“eu tentei várias vezes conseguir projetos para o núcleo de ensino que pudessem acontecer simultaneamente ao trabalho do PEC... é sempre uma novela dentro da universidade com relação ao núcleo de ensino. Nunca se sabe se vai haver recurso... enquanto estavam discutindo a questão da reformulação do núcleo saiu o projeto PEC. Quando saiu a convocatória do Núcleo os professores já estavam envolvidos no PEC. Entre você desenvolver o mesmo tipo de trabalho recebendo uma remuneração e não recebendo, fica difícil motivar”, afirma a professora.

Economicamente, continua sendo esta a realidade, pois os itens financiáveis dos núcleos de ensino são: bolsas para alunos de graduação da UNESP, material de consumo, verbas para passagens ou combustível, não havendo previsão de pró-labore para os docentes.

Assim mesmo, completa a docente n.5, na UNESP de São José do Rio Preto, foram programados projetos, um número restrito, pois o núcleo de ensino ainda existe apesar das dificuldades. Estão relacionadas nos anexos as informações das atividades do núcleo a partir de 1997.



No início dos anos 90, a Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, implantou nas Divisões Regionais de Ensino, DREs os CARHs – Centros de Aperfeiçoamento de Recursos Humanos. Estes centros em algumas Divisões foram muito dinâmicos e a Universidade foi envolvida.

Damas (2001)³ relata “O CARH de São José do Rio Preto foi um dos últimos a ser implantado e suas atividades foram logo encerradas, funcionou mais ou menos seis meses. Foram promovidos alguns cursos, porém sem a participação dos docentes da Universidade”.

A citada supervisora informa ainda que, com o encerramento das atividades do CARH e o fechamento das DREs, as verbas para desenvolvimento de docentes foram passadas para as Delegacias. Os programas para os docentes passaram a ser desenvolvidos nas Oficinas Pedagógicas, das Delegacias de Ensino e, neste período, antes do PEC, houve participação de alguns docentes da Universidade nas atividades convidados pelas DEs.

O PEC - Programa de Educação Continuada 1996-1998, foi desenvolvido em convênio com as Universidades no período de 1997 e 1998.

A proposta do PEC nos documentos oficiais continha um novo modelo de capacitação baseado na crítica às formas tradicionais de capacitação.

Estas foram consideradas ineficazes por haver: “predominância de cursos como modalidade de capacitação; oferta de temas pontuais e /ou muito amplos, desvinculados das reais necessidades dos participantes; abordagem

*excessivamente teórica, desligada da prática docente ou exclusivamente prática, sem embasamento teórico e/ou relação com o desenvolvimento curricular; pouca ênfase em metodologias vivenciais, passíveis de desenvolvimento em sala de aula; inexistência de sistemática de acompanhamento das ações e avaliação de seu impacto em sala de aula; uso inadequado dos materiais didáticos pedagógicos disponíveis, dificultando sua potencialização no trabalho; ausência de ações voltadas para o conjunto de educadores da escola”.*⁴

O programa proposto visava a investir na formação dos educadores para que pudessem de *forma crítica e criativa*:

- *Diagnosticar, com precisão, os problemas vivenciados em seus locais de trabalho utilizando, entre outros, os indicadores de resultados educacionais;*
- *Priorizar as questões a serem enfrentadas;*
- *Propor coletivamente as ações de intervenção;*
- *Acompanhar e avaliar sistematicamente o trabalho realizado, tendo como ponto de partida e de chegada a melhoria da qualidade de ensino de um novo modelo de escola.*

A crítica feita e os objetivos do programa apontavam para a necessidade de um encaminhamento diferente no desenvolvimento de professores. Caracterizava-se, pelo menos teoricamente, um novo direcionamento e um novo modelo de educação continuada voltado para o trabalho coletivo da escola.

³ DAMAS, C. Supervisora de Ensino, responsável pelo CARH da DRE de São José do Rio Preto – comunicação pessoal, 2001.

Para implementação do programa foi prevista, na 1ª etapa, a contratação direta das Universidades. Nesse momento a UNESP de Rio Preto foi envolvida no projeto. Na 2ª etapa, houve contrato de instituições particulares através de licitação, para atendimento de pólos não atendidos pelas Universidades. Na 3ª etapa, previa-se um catálogo informatizado para todos os pólos tanto das ações em desenvolvimento como de novas propostas por outras entidades capacitadoras. De acordo com dados coletados em site⁵ da Secretaria da Educação, os recursos alocados para o programa foram:

Capacitadores:

Contratação Direta- 1996/1998

USP-UNICAMP-UFSCAR-UNESP e PUC/SP⁶

R\$14 900 000,00

Contratação através de Licitação - 1997/1998

UMC-UNITAÚ-CTE-CENPEC-ESCOLADAVILA-INSTITUTO-PAULO FREIRE-

MEGATRENOS⁷

R\$ 15 500 000,00

Capacitandos

Educadores da rede estadual seguindo prioridades estabelecidas pelas Delegacias de Ensino.

Não será objeto deste trabalho a análise das verbas destinadas à Educação Continuada - PEC, porém, registram-se as informações abaixo para

⁴ Fonte: documento da Secretaria Estadual de Educação.- Educação Paulista: Corrigindo Rumos. A escola de cara nova. Programa de Educação Continuada.

⁵ cenp. pec @ educação.sp.gov.br.

⁶ Universidade de São Paulo, Universidade de Campinas, Universidade Federal de São Carlos, Universidade Estadual Paulista, e Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

⁷ UMC, UNITAÚ – Universidade de Taubaté, CTE – Cooperativa Técnica Educacional, CENPEC – Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária.

que se possa fazer uma comparação e constatar a disparidade na programação dos recursos.

Total de recursos aplicados para os projetos dos núcleos de ensino. 1999/2000 – R\$ 200 000,00.

Fonte: Convocatória – Núcleo de Ensino –UNESP 1999.

O desenvolvimento do PEC foi avaliado pelas Delegacias de Ensino em fevereiro de 1998, e o resultado encontra-se no documento da Secretaria da Educação –Avaliação das ações – Programa de Educação Continuada. Nos quadros Desempenho do PEC por Pólos/ Instituições, anexos a este trabalho, podemos observar que a UNESP de São José do Rio Preto obteve um dos menores índices de A (grau de atendimento excelente) e de B (grau de atendimento muito bom).Este resultado, como já foi dito na introdução, constituiu uma das justificativas para o desenvolvimento deste trabalho⁸.

Nas avaliações do Programa de Educação Continuada da Secretaria de Estado da Educação feitas pela Fundação Carlos Chagas – encontramos o registro dos problemas surgidos no pólo de São José do Rio Preto.

- Necessidade, logo no início do programa, da UNESP alterar as propostas temáticas, tendo em vista as necessidades dos capacitandos e a compatibilidade das propostas com as intenções do PEC.

⁸ O PEC atualmente tem outro direcionamento, não está prevista diretamente uma parceria com as Universidades. Colhemos estas informações no site (cenp.pec.@ educação.sp.gov.br.)da CENP. "Diferentemente de outros programas de capacitação, o PEC atribui a cada Diretoria de Ensino a responsabilidade de formular sua demanda de capacitação de acordo com os problemas de suas escolas, utilizando o Saresp (avaliação externa dos alunos) e outros indicadores de resultados educacionais para elaboração e execução de propostas que atendam de fato às reais necessidades. O atendimento da demanda pode ser realizado exclusivamente pela Diretoria de Ensino- Oficina Pedagógica – ou desta em parceria com instituições que demonstrem afinidade com este programa de capacitação."

- Disponibilidade de vagas significativamente reduzida em razão da oficialização para todo o pólo de um número de vagas que, em princípio, seria válido apenas para duas DEs, conseqüente pulverização de vagas o que não permitiu a participação de um número maior de professores.
- Falta de correspondência entre as propostas dos cursos e as necessidades dos educadores.
- incompatibilidade entre a postura de um capacitador em particular e a proposta curricular da Secretaria da Educação.
- Falta de previsão do PEC no Calendário Escolar.

No citado relatório aparecem avaliações de todos os pólos e pode –se verificar que não foi somente em São José do Rio Preto que ocorreram problemas e até porque existem problemas estruturais da Educação do Estado de São Paulo que refletem em todas as regiões.

Nas considerações finais da avaliação da Fundação Carlos Chagas, sobre o trabalho desenvolvido em todos os pólos, estão registradas as seguintes observações:

“As DEs... têm sérias dificuldades em relacionar-se com a Universidade – Agência capacitadora - além de não terem claro como equacionar suas necessidades de capacitação”. “A elaboração da programação de treinamento indica a dificuldade que as Universidades e DEs estão tendo para relacionar-se e para definir ações adequadas para atender às necessidades das escolas e dos professores. Independentemente dos resultados que se estão obtendo, a construção de uma nova relação – horizontal entre estas duas agências

(Universidades e SE/DE) ainda é um processo longo a ser alcançado. Porém, para ser perseguido com sucesso, requer medidas estratégicas imediatas”.

As observações da Carlos Chagas vêm reforçar a idéia defendida neste trabalho de que a estruturação dos programas pela Universidade deveria ser discutido diretamente com a escola. A função da DE como órgão intermediário têm de ser revista.

Concluindo, o PEC em São José do Rio Preto acabou se reduzindo a cursos ⁹, de qualidade quanto ao seu conteúdo, mas com a mesma problemática apontada para os cursos dos anos 80.

“_ os cursos do PEC, em São José do Rio Preto, atingiram os professores individualmente, sem maiores alterações como foi proposto no projeto da escola”. Supervisor responsável pelo PEC na 1ª. Delegacia de Ensino de São José do Rio Preto.¹⁰

Na entrevista com esse mesmo Supervisor de Ensino ouvimos *“a UNESP de São José do Rio Preto não teve condições de atender a demanda de Rio Preto e região e ofereceu poucas vagas para cada DE atingindo poucos professores e especialistas por unidade escolar, às vezes apenas um...”*.

Na prática parece não ter sido possível concretizar o proposto para PEC, a execução do programa acabou apresentando os problemas apontados na proposta oficial, sobre estes problemas foram ouvidos os sujeitos desta pesquisa.

⁹ Vide relação de cursos anexa a este trabalho.

¹⁰ Entrevista transcrita nos anexos.



Nas entrevistas apareceram também falas sobre outros programas que a UNESP de São José do Rio, Preto vem desenvolvendo com os docentes da rede pública.

A docente universitária n. 1 relata: *“no momento, aqui no IBILCE,¹¹ temos o Pró Ciências... com verba CAPES¹² que é repassada para a FAPESP¹³ ...os alunos são docentes do Ensino Fundamental e Médio, eles recebem uma bolsa para isso, o número de alunos é sempre maior que o número de vagas... os alunos que são professores recebem uma bolsa essas aulas são aos sábados, a pessoa precisa estar disposta a vir, ter uma disposição, porque são horas aqui no Instituto. Como a procura é grande a gente pode inferir que, de um modo geral, os programas que a universidade desenvolve com a rede têm aspectos que são sempre positivos... temos outros programas onde os professores que vêm não têm bolsa, os nossos professores também não têm, não ganham nada financeiramente... é uma forma de colaboração e prestação de serviço para a comunidade e a procura também é bastante grande...a gente percebe que há interesse, se há interesse é porque tem um resultado benéfico.”*

O Pró – Ciências - Programa de Apoio ao Aperfeiçoamento de Professores de Ensino Médio em Matemática e Ciências é desenvolvido em convênio com os órgãos já citados, incluindo também a Secretaria Estadual de

¹¹ IBILCE – Instituto de Biociências - UNESP de São José do Rio Preto.

¹² CAPES – Coordenadoria de Apoio à Pesquisa do Ensino Superior.

¹³ FAPESP – Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de São Paulo.



Educação. Tem como objetivo principal a melhoria do Ensino Médio nas disciplinas de Matemática, Física, Química e Biologia.

A proposta do programa avança em relação aos anteriores na medida em que os cursos previstos devem ter a duração de cento e vinte horas e, contempla, entre outros, os seguintes aspectos: oportunidades qualificadas e intensivas para melhoria do domínio de conteúdos e metodologia dos professores das disciplinas citadas; orientações teóricas e metodológicas compatíveis com as tendências atuais; mecanismos de acompanhamento e avaliação dos professores-alunos, inclusive após o curso e o pagamento do professor - instrutor.

A breve análise feita procurou contemplar os programas que foram registrados na pesquisa empírica.

Partindo da análise, mesmo que superficial, dos programas citados, não há como afirmar que haja na Universidade -UNESP- de São José do Rio Preto uma política pública de Educação Continuada para e com os docentes do EF. e EM, com objetivos, ações propostas, sistemática de avaliação e acompanhamento definidos e verbas destinadas para execução.

Os programas, no entanto, demonstram que há na Universidade uma preocupação com o desenvolvimento de programas para os Docentes do EF e EM e que, apesar das dificuldades, são significativos.

A pesquisa desenvolvida pretende apontar o que os docentes da Universidade e os do Ensino Fundamental e Médio assim como os especialistas pensam sobre os citados programas.



4. Os Caminhos da Pesquisa

4.1.Considerações Sobre a Metodologia de Pesquisa:

A metodologia utilizada para o desenvolvimento desta pesquisa foi a qualitativa, a opção foi feita porque esta abordagem permite *“a compreensão mais aprofundada dos campos sociais e dos sentidos neles presentes, na medida em que remetem a uma teia de significados, de difícil recuperação através de estudos de corte quantitativo”*.Lefèvre & Lefèvre (2000).

No desenvolvimento do trabalho foi feita a análise do *discurso dos sujeitos envolvidos*, isto é, das falas dos sujeitos dos programas de Educação Continuada Universidade x Rede Pública, registradas em entrevistas semi-estruturadas, gravadas em fitas magnéticas e transcritas literalmente. Estas transcrições fazem parte dos anexos da dissertação.

Esta análise teve como objetivo buscar o significado e a intencionalidade dos atos e das relações sociais que ocupam posições centrais na pesquisa social qualitativa, e aparecem claramente e de forma natural nos discursos registrados nos meios de comunicação ou nos depoimentos coletados em entrevistas. (Lefèvre&Lefèvre,2000)



Os autores citados afirmam também que podem ser apontadas nas falas dos sujeitos, as Representações Sociais¹, como expressão do que pensa, pode pensar ou achar determinado grupo sobre determinado tema.

Bourdieu (1990)² amplia as idéias colocadas referindo-se aos grupos que, quando estão em determinada posição em um campo social e sendo considerados uma categoria “... detém ... *“habitus” e representações semelhantes, que se traduzem em determinadas práticas sociais e modalidades de discursos que as expressam*”.

Considerando a dinâmica processo social que ocorre na escola, justifica-se a opção metodológica feita. Sendo mais adequada para análise de questões sociais, pode desvelar o processo dialético que acontece na escola, considerada instituição social. Minayo (1994) caracteriza este processo: (as instituições) “... *vivem o presente marcado pelo passado e projetado para o futuro, num embate constante entre o que está dado e o que está sendo construído. Portanto, a provisoriedade, o dinamismo e a especificidade são características fundamentais de qualquer questão social.*” Entende-se que este posicionamento aponta, portanto, para uma metodologia que não seja positivista e que não utilize instrumentos padronizados e pretensamente neutros.

¹ Lefèvre & Lefèvre, citados anteriormente nesta dissertação, simplificando o conceito consideram as Representações Sociais como o conhecimento muito próximo da ação cotidiana e que tem a função de guiar, orientar, e justificar esta ação, este conceito simplificado embasará as análises feitas.

² BOURDIEU, P. Coisas Ditas. São Paulo: Brasiliense, 1990. Apud. LEFÈVRE, F. LEFÈVRE A. M.C. Os novos Instrumentos no contexto da pesquisa qualitativa. In. LEFÈVRE, F., LEFÈVRE, A. M.C., TEIXEIRA, J.J.V. *O Discurso do Sujeito Coletivo: Uma nova abordagem em pesquisa qualitativa*. Caxias do Sul EDUCS, 2000.



4.2. Problema e Objetivos da Pesquisa

O problema de pesquisa:

— Qual o impacto dos programas de Educação Continuada, desenvolvidos pela Universidade Estadual Paulista - UNESP de São José do Rio Preto, no trabalho do Professor em sala de aula e para o trabalho coletivo da escola de Ensino Fundamental e Médio da rede pública?

Os objetivos propostos foram os seguintes:

a) fazer um estudo sobre os programas de educação continuada desenvolvidos em convênio, envolvendo a Universidade e a Rede Pública de Ensino Fundamental e Médio, no município de São José do Rio Preto, nos anos 80 e 90.

b) analisar, através das falas dos participantes dos programas, a importância das ações de programas de Educação Continuada para o trabalho individual do professor e para o trabalho coletivo da escola.

c) estabelecer pressupostos para elaboração de propostas de ações para programas em políticas públicas de desenvolvimento de docentes.



4.3.Amostra

A amostra foi constituída considerando como variável crítica na seleção dos sujeitos, a variabilidade. Buscou-se também na formação da amostra a qualidade do entrevistado, ou seja, a riqueza das contribuições que poderia dar para análise a ser feita.

Caracterização da Amostra:

Equipe da Escola:

Em São José do Rio Preto existem 31 escolas públicas estaduais, após o processo de municipalização. Optou-se por fazer a análise em 3 escolas que neste trabalho serão chamadas escolas A, B e C. Foram entrevistados, em cada unidade, o Diretor, o Coordenador e quatro professores que participaram de programas de Educação Continuada em parceria com a Universidade, nas décadas de 80 e 90.

Durante as visitas às escolas, para marcar as entrevistas, verificou-se que a maioria dos docentes das unidades não participou de cursos em convênio. Uma das causas apontadas, para esta não participação, foi apontada pela coordenadora do PEC 97/98: a pulverização dos cursos na região atendendo a outros municípios o que diminuiu as vagas para o pessoal da cidade, e a insuficiência de vagas para atender mais candidatos, cujo número é sempre maior do que as vagas nas atividades em parceria. Para participar da pesquisa foi colocada como condição para ser entrevistado a participação em programas de desenvolvimento profissional de docentes na Universidade.

Escola A:

A escola funciona em três períodos: manhã, tarde e noite, atendendo a aproximadamente novecentos e oitenta alunos de 5^a. a 8^a. Séries de o Ensino Fundamental regular. Nesse ano foram instalados na escola oito telepostos do Programa Telecurso 2000. Cada teleposto atende, aproximadamente, cinquenta alunos da Educação de Jovens e Adultos. A escola está distante do centro, porém não pode ser considerada de periferia. Recebe diariamente no período da tarde alunos vindos de bairros distantes considerados de periferia.

DIR. A. Homem. Quarenta e sete anos. cursou Ciências Biológicas na UNESP, e Licenciatura Plena em Pedagogia (local não indicado). Trabalhou no Ensino Fundamental e Médio. como professor de Biologia. Tem dezoito anos de experiência em sala de aula.

COORD.A. Mulher. Idade não informada. Curso de Ciências Biológicas no IBILCE, com complementação em Matemática. Vinte e seis anos de magistério. Leciona Matemática de 5^a. a 8^a. série.

DO.A .1. Mulher. Quarenta e nove anos – Curso Superior Letras Neo-Latinas na Faculdade Osvaldo Cruz –São Paulo. Tempo de Magistério: vinte e quatro anos aproximadamente. Leciona Língua Portuguesa na rede estadual e particular, de 5^a. a 8^a. séries.

DO.A .2. Mulher. Trinta e sete anos. Cursos Superiores Letras e Pedagogia na Faculdade Riopretense de Filosofia, Ciências e Letras - Atua no Ensino



Fundamental (de 5^a. a 8^a. séries) e Médio e no Ensino Municipal leciona no Ensino Médio: na Educação de Jovens e Adultos. Tempo de Magistério dezesseis anos.

DO.A .3. Mulher. Vinte e oito anos - Coursou Letras no IBILCE – Trabalha no Ensino Fundamental. Na 4^a. série em escola particular e 6^a. série no ensino público. Tempo de Magistério no Ensino Fundamental: nas séries iniciais há nove anos e é iniciante no trabalho de 5^a. a 8^a. séries.

DO. A . 4. Mulher. Quarenta e sete anos. Leciona Língua Portuguesa e Inglês, no Ensino Fundamental de 5^a. a 8^a. séries. . Formou-se na Faculdade Rio-pretense de Filosofia , Ciências e Letras. Participou do PEC e outros cursos promovidos pela UNESP.

Escola B

Escola grande com mil setecentos e vinte alunos, em quarenta e oito classes de o Ensino Fundamental e Médio.Por ter este número de classes, há na escola dois vice - diretores em exercício. Dirigida por Diretor exerceu a docência na UNESP por cinco anos, com experiência no antigo Ensino Técnico, que exerceu a função de Assistente Técnico de Divisão de Ensino da Secretaria Estadual de Educação e de Secretário Municipal de Educação, cargos que poderiam estar apontando para uma direção de escola diferenciada.



DIR. B. Homem. Cinquenta e nove anos. Atua em escola de Ensino Fundamental e Médio. Catorze anos de magistério no Ensino Fundamental. Atuou como vice – diretor e Diretor de escola Técnica, trabalhou na UNESP como docente por cinco anos e atua como Diretor de Escola até os dias de hoje. Exerceu a função de Assistente Técnico na Divisão Regional de Ensino,. Secretário das Educação do Município por quatro anos. Trabalha na rede pública há 37 anos.

COOR. B. Mulher. Quarenta e dois anos. Coursou Letras em Votuporanga. Tempo de Magistério quase dezoito anos. Lecionou Língua Portuguesa e Inglês, agora leciona somente Inglês. .

DO.B.1. Mulher. Trinta e seis anos – Licenciatura em Inglês e Língua Portuguesa na Faculdade Rio-pretense de Filosofia Ciências e Letras. Leciona nas 6^a. e 7^a. séries do Ensino Fundamental. Tempo de Magistério: treze anos.

DO.B.2. Mulher. Trinta e dois anos. Coursou Letras no IBILCE – Atua nas 6^{as}. e 7^{as}. séries do Ensino Fundamental. Tempo de Magistério: doze anos.

DO.B. 3. Mulher. Cinquenta e cinco anos. Coursou História Natural e Biologia no IBILCE. Atua em classes de 5^a. e 8^a. séries do Ensino Fundamental mas já atuou no Ensino Médio.

DO.B. 4. Mulher. Trinta e nove anos. Leciona no Ensino Fundamental há catorze anos. Trabalhou um ano no Ensino Médio. Não informou onde coursou o Ensino Superior. Leciona nas 6^{as}. e 7^{as}. Séries do Ensino Fundamental.



Escola C.

Estudam na escola seiscentos e cinco alunos do Ensino Fundamental de 5^a. a 8^a. séries e novecentos e quarenta e seis alunos do Ensino Médio. De acordo com informação da coordenadora, existem na escola os seguintes programas: a) Parceria com a UNESP e UNORP para estágios onde os universitários dão aula de reforço e participam de outras atividades de enriquecimento curricular; b) Convênio com uma empresa de prestação de serviços na área de informática que semanalmente atende aos professores em suas dívidas e prepara monitores para assessorar os docentes em seu trabalho, em troca da divulgação de seus cursos na escola; c) Convênio com o Rotary Clube que, com a UNESP, encaminham os alunos para cursos na área de informática. As despesas com transporte são cobertas pelo convênio; d) Projeto Prevenção também se ensina, lançado pessoalmente pela professora Raquel Volpato, Coordenadora do Ensino do Interior na época. Em 2000, a escola e mais uma em nível estadual receberam prêmio pelas atividades desenvolvidas nesse projeto; e) Preparação para o vestibular por professores voluntários. Além dessas atividades a escola tem suas instituições auxiliares muito dinâmicas o Grêmio, o Conselho de Escola e a Associação de Pais e Mestres onde a comunidade encontra seu espaço para a participação.

DIR.C. Mulher. Substituta da Diretora afastada para participar do processo eleitoral. Trinta e cinco anos. Coursou Letras na FARFI, hoje UNORP – e fez



especialização em Araraquara. Professora do Ensino Fundamental e Médio, 5^a. a 8^a. série, Língua Portuguesa e Inglês. Afastada para assumir a Direção. Tempo de magistério: oito anos.

COORD. C. Mulher. Cinquenta e cinco anos. Coursou História e Pedagogia na Faculdade de Jales. Tempo de magistério: 37 anos. Lecionou Didática, Estrutura e História.

DO.C.1. Mulher. Quarenta e sete anos. Coursou Química na USP, unidade de Ribeirão Preto. Leciona no Ensino Médio. Tempo de magistério: 23 anos.

DO.C.2. Mulher. Vinte e oito anos. Curso Superior: Matemática na UNESP de São José do Rio Preto. Leciona na 8^a. série e no Ensino Médio. Tempo de Serviço: cinco anos.

DO.C.3. Mulher. Cinquenta e dois anos. Matemática no IBILCE e Pedagogia na UNORP. Professor de Ensino Fundamental. Tempo de serviço: vinte e sete anos.

DO.C. 4. Mulher. Trinta e cinco anos. Coursou Letras na FARFI , hoje UNORP. Leciona Inglês no Ensino Fundamental. Tempo de serviço: sete anos.

Docentes da Universidade:

Na universidade, foram entrevistados cinco professores que atuaram em programas de educação continuada de docentes da rede pública.



D.U. 1. Mulher. Cinquenta e um anos. Tempo na Universidade: onze anos. Experiência restrita no Ensino Fundamental e Médio. Psicóloga e Pedagoga. Mestre e Doutora em Educação. Departamento de Educação.

D.U.2. Homem. Quarenta e nove anos. Vinte e seis anos de magistério. Nenhuma experiência no Ensino Fundamental e Médio. Mestre e Doutor em Matemática. Departamento de Educação.

D.U.3. Homem. Quarenta e nove anos. Dez anos de trabalho na Universidade. Dois anos de experiência no Ensino Fundamental e Médio. Psicólogo. Mestre e Doutor em Psicologia. Departamento de Educação.

D.U. 4. Mulher. Cinquenta e cinco anos. Tempo de magistério 25 anos aposentada há cinco. Experiência no ensino fundamental e médio, como professora I (de 1^a. A 4^a. Série) Professora III, Diretora de Escola e Delegada de Ensino. Doutora, atuou na área de Educação, em Psicologia da Educação.

D.U. 5. Mulher. Cinquenta e um anos. Tempo na Universidade. 11 anos. Atuou no Ensino Fundamental e Médio. Na rede pública estadual trabalhou dez anos. Fora da rede publica três anos. Licenciada em Letras. Mestre e Doutora em Linguística Aplicada. Departamento de Educação.

4.4. Roteiros das entrevistas semi - estruturadas.

4.4.1 Questões apresentadas para os professores da Universidade.



Caracterização do entrevistado:

1. Idade.
2. Disciplina que leciona ou lecionou
3. Tempo de trabalho – na universidade (anos e meses)
4. Experiência na docência no ensino fundamental e médio
5. Programas de Educação Continuada coordenados pela UNESP, para professores de ensino fundamental e médio dos quais participou (como docente de nível superior)
6. Na sua opinião que importância têm os programas de educação continuada, para os docentes do ensino fundamental e médio, da rede pública de ensino, desenvolvidos com a universidade?
7. Qual deve ser o papel da Universidade nesses programas?
8. Quais as dificuldades encontradas pelos docentes do ensino superior no desenvolvimento desses programas?
9. Além dos conteúdos específicos das disciplinas e seu tratamento metodológico que outros temas deveriam ser incluídos nos programas de Educação continuada - universidade x rede pública?



10. Na sua opinião, qual é o papel da fundamentação teórica na educação continuada dos docentes?
11. Professores têm afirmado que os cursos promovidos para eles pela universidade estão muito distantes das práticas dos docentes do ensino fundamental e médio. Qual é sua opinião sobre esta afirmação?
12. Na sua opinião qual é o reflexo, dos programas de educação continuada promovidos pela universidade, no cotidiano das escolas de ensino fundamental e médio no trabalho de cada professor em sala de aula?
13. Qual seria, no seu modo de ver, o reflexo dos programas da universidade para as escolas de ensino fundamental e médio como um todo e não só individualmente na atuação de cada professor?
14. Registre aspectos que não foram contemplados nesta entrevista e que considera relevantes na programação e execução dos programas de educação continuada universidade x rede pública ou outros pontos que considera significantes.

4.4.2. – Questões apresentadas para os docentes de ensino fundamental e médio da rede pública que participaram dos programas de educação continuada – rede pública x universidade.

Caracterização do entrevistado: -



1. Idade
2. Curso Superior: o que cursou, em qual faculdade ou Universidade?
3. Área de atuação: (se for professor informar se atua no ensino fundamental: 1^a a 8^a séries ou Ens. Médio).
4. Tempo de experiência docente no ensino fundamental e médio (anos e meses).
5. Disciplina e séries nas quais leciona:
6. De quais cursos ou programas de Educação Continuada promovidos pela universidade- UNESP ou organizados pela Delegacia de São José do Rio Preto com professores da UNESP São José do Rio Preto, você participou?
7. Qual é sua opinião sobre os cursos ou programas de educação continuada desenvolvidos pela universidade - UNESP de São José do Rio Preto
8. Quais as razões que a (o) levam a participar dos cursos de educação continuada promovidos pela universidade - UNESP?
9. Ouve-se falar que alguns professores só participam de programas de educação continuada para obter pontos na promoção. Comente esta afirmação.
10. Como deveriam ser os cursos para os professores?
11. Que temas deveriam ser incluídos nos programas dos cursos, além dos conteúdos específicos das disciplinas e seu tratamento metodológico?



12. Você acha importante a fundamentação teórica para o seu trabalho em sala de aula?
13. Professores têm afirmado que os cursos em convênio com a universidade estão muitos distantes de seu trabalho em sala de aula e da realidade da escola. O que você acha dessa afirmação?
14. Qual foi a contribuição dos cursos oferecidos pela universidade-UNESP para o seu trabalho em sala de aula?
15. Na sua opinião, a participação individual de docentes de uma escola, dos cursos da universidade -UNESP, pode alterar significativamente o trabalho da escola como um todo?
16. Fale sobre outros aspectos que gostaria de registrar sobre os cursos promovidos pela Universidade-UNESP.
- 17.- Fale sobre as HTPC (horas de trabalho pedagógico coletivo) da escola. .



4.5. Organização, Análise e Discussão dos Dados

Os dados discursivos provenientes das falas dos sujeitos que constituem a base empírica desta pesquisa foram organizados nos quadros que aparecem neste item. A partir destes dados foi feita a análise, sem perder de vista que se trata *de um produto provisório integrando a historicidade do processo social e da construção teórica*. Minayo (1994)

Nesta pesquisa foram fundamentais os registros das falas dos sujeitos dos programas de Educação Continuada: a Universidade e a Escola. Nos anexos deste trabalho estão registradas integralmente as falas de todos os entrevistados que permitiram como afirmam Lefèvre & Lefèvre(2000) “... o acesso a dados da realidade, de caráter subjetivo, isto é, idéias, crenças, maneiras de pensar, opiniões, sentimentos, maneiras de atuar” dos sujeitos.

As entrevistas, como pode ser conferido no item anterior, foram constituídas com catorze questões para os docentes da Universidade e dezessete para os docentes e especialistas da rede pública.

Partindo das representações¹ registradas nas falas dos entrevistados, sabendo que pode haver diferença entre o que as pessoas fazem e sentem e o que elas dizem a respeito, os dados foram organizados com base em critérios estabelecidos pela pesquisadora. A análise dos dados não foi feita, portanto, questão por questão.

¹ O conceito de representação social é complexo e seu estudo não é objetivo deste trabalho. Foi utilizado o conceito simplificado: “... *um conhecimento muito próximo da ação cotidiana e que tem a função de guiar, orientar e justificar esta ação*”, proposto por Lefèvre & Lefèvre. Os novos instrumentos no contexto da Pesquisa Qualitativa In. O Discurso do Sujeito Coletivo: uma nova abordagem metodológica em pesquisa qualitativa. Caxias do Sul: EDUCS, 2000

Estabelecido o aspecto objeto de análise, o corte qualitativo foi feito em todas as respostas dadas às questões, isto é, no registro das manifestações dos docentes sobre o mesmo. Estes cortes constituem os quadros com os dados organizados que aparecem neste capítulo.

Em cada análise foram classificadas separadamente as falas dos docentes das unidades escolares, dos especialistas e dos docentes da Universidade.

Aspectos destacados para organização dos dados:

1. Importância da Educação Continuada.
2. Problemas relacionados com a organização e execução dos programas.
3. Problemas relacionados com os participantes dos programas: educadores da rede.
4. Sugestões dos sujeitos envolvidos quanto aos conteúdos dos programas.
5. Sugestões dos sujeitos para organização e execução dos programas.

Nos quadros que fazem parte deste capítulo foram utilizadas as seguintes abreviações:

DU (docente Universitário)

DIR. A (Diretor da Escola A)

COORD A (Coordenador da Escola A)

DO A (Docente da escola A)

1 –Importância da Educação Continuada Universidade x Rede Pública.

1.1 – Fala dos docentes das escolas A.B. C.

Quadro 1.1 – Importância da Educação Continuada – Universidade x Rede Pública
– Fala dos docentes das escolas A. B. C.

DO.A1	“... muito bons os que participei e me ajudaram bastante... eu aproveitei várias idéias na prática do meu ensino diário. Para mim foram válidos, já tinha experiência de ensino, mas, mesmo assim eles eram bem atualizados, novas idéias... o professor precisa se atualizar para melhorar cada vez mais sua prática pedagógica... atualização... com novas idéias, novos pensamentos e novas estratégias para dar aula. Quando você vai a esses cursos você ouve coisas... que pareciam assim impossíveis de você praticar em sala de aula, você ouve lá que alguém está fazendo, então, contribui bastante para você ter coragem de tentar novos desafios... aplicar novas idéias ”.
DO.A2	“... eles estão capacitando o melhor possível o professor e eu acho que todo o professor hoje tem que estar apto a aprender, o professor... tem que aprender primeiro para depois ensinar... tem que estar apto a pesquisar buscar mais fontes ver onde fica realmente ultrapassado. Eu acho que todos os cursos que eu fiz... me ajudaram muito ”.
DO.A3	“... são bons porque eles trazem bastante parte teórica que a gente precisa muito e muitas idéias práticas um espaço excelente para a gente trocar experiência ”.
DO.A4	“... eu acho que mexe com minha reflexão . Toda vez que eu vou num curso eu fico achando que eu preciso melhorar... Isso que eu aprendi eu vou tentar passar para os meus alunos, ou, por exemplo, eu brigo às vezes muito em sala de aula com eles e aí quando vou a um curso, mexe com minha cabeça”.
DO.B1	“... são ótimos porque nós ficamos muito dentro da sala de aula e às vezes nós não estamos tendo tempo de reciclar e com os cursos você tem a oportunidade de conhecer outras formas de lecionar... então às vezes você fala:- nossa como estou ficando ultrapassada. Então esses cursos dão oportunidade de você se abrir mais, aprender outras coisas, outras formas, outros métodos ”.
DO.B2	“ São excelentes e essenciais para quem quer manter-se atualizado. É reciclagem mesmo para ver se o que a gente está fazendo está certo, se saíram teorias novas , como a gente deve atuar. Nós participamos pela reciclagem, pelo conteúdo que foi dado, o curso é de excelente qualidade. Vai ampliando o campo de visão e as pessoas que não tinham conhecimento daquela linha de pensamento vão tendo e você pode discutir mais idéias. A gente sempre sai animada do curso e trocando experiências, então é muito válido sim ”.
DO.B3	“... eu acho ótimos . Os professores todos sempre passam alguma coisa nova , diferente para a gente. Para obter mais experiência. Troca de experiências com outros colegas, discutir a prática, discutir problemas de indisciplina. Eu acho super válidos... faço para adquirir mais experiência, mais conhecimento ”.
DO.B4	“... desses que eu participei são muitos interessantes... funcionam mais para gente mesmo como pessoa, como profissional do que propriamente como prática em sala de aula. A gente vai se reciclando e consegue realmente ajudar essas crianças, principalmente no estado”.
DO.C1	“... os cursos são bons é um programa que ajuda a maioria dos professores a melhorar seu desempenho em sala de aula,... toda vez você acaba trocando experiências, levando alguma coisa nova com você na sua bagagem. Eu acho que vale a pena participar, fazer esses cursos... quando a pessoa tem uma fundamentação ela tem mais segurança no que ela está passando, no que ela está informando então a fundamentação é primordial. Eu gosto dos cursos eu acho que é um pessoal competente , gente que tem vontade, gente que ainda tem garra, luta pela Educação. Eu acho que são pessoas de gabarito, são pessoas que trabalham de um modo diferente do que a gente está trabalhando no Ensino Fundamental e Médio, eu acho que eles tem tudo de bom para passar para a gente. Eu acho que se várias pessoas se empenharem em estar procurando novidades... todos no fundo serão beneficiados... um acaba passando para o outro”.
DO.C2	“... Os cursos são bons são de capacitação dos professores eu estou gostando... para estar sempre atualizada e aumentar conhecimentos ”.

DO.C3	<i>“...aperfeiçoamento...conhecer técnicas e metodologia modernas, aplicações e treinamento...conhecendo novas teorias e aplicações para trabalhar em sala de aula...toda minha didática, todo meu trabalho com aluno, eu posso dizer que veio da minha formação pela UNESP. Os conhecimentos teóricos, os aprofundamentos, os cursos de especialização, treinamento e cursinho de 30 horas que fiz na UNESP tiveram muita validade para a sala de aula, para aplicação. Hoje tenho mais facilidade para trabalhar com os alunos do ensino fundamental, devido a esses treinamentos que eu sempre fiz ao longo da minha carreira o magistério</i>
DO.C4	<i>“...os cursos que eu participei foram bons porque são uma reunião de idéias, de pensamentos e informações...para se inteirar da realidade e das informações atuais. Os professores tomam consciência como trabalhar melhor com seus alunos. Eu só tenho a dizer que gostaria de continuar fazendo esse cursos que eu percebi que parou e eu gostaria que continuasse.</i>

Diferentemente das críticas que muitas vezes são veiculadas na rede pública, todos os docentes das escolas A, B, e C., em suas falas, destacaram a importância dos programas dos quais participaram, classificando-os como bons e alguns até ótimos . O quadro 1.1.demonstra esse posicionamento Os docentes ainda destacam a importância desses programas para sua reflexão teórica, novos conhecimentos e novas aprendizagens, destacando-os como oportunidades de atualização, discussão e troca de experiências e a conseqüente melhoria de seu trabalho.

1.2.Importância da Educação Continuada –fala dos especialistas das escolas A . B. C

Quadro 1.2 – Importância da Educação Continuada – Universidade x Rede Pública – Fala dos especialistas das Escolas A . B. C	
DIR.A.	<i>“... Trazer subsídio para a escola fundamental...ele vem somar”.</i>
COORD.A	<i>“... troca de experiências, (procura dos cursos) para necessidade de se atualizar..o .professor que se formou há muitos anos atrás...você fica bitolada...se a gente não aproveitar esses cursos, como o PEC e não tiver essa oportunidade que a Universidade oferece nós vamos ficar assim...a gente tem sentido uma necessidade muito grande de estar adquirindo experiências nova”..</i>
DIR.B	<i>“... importante, porque os enfoques são outros, muitas vezes podem apresentar alguma alternativa, alguma novidade... novos estudos que possam ser aproveitados por esse pessoal...atuando no ensino</i>

	<i>fundamental e médio. Se a pessoa não tiver fundamentos ela não tem onde se basear...por isso que o professor precisa se atualizar sempre...ele não pode ficar naquela batidinha”...</i>
COORD.B	<i>“...eu acho que os cursos têm ajudado muito o professor em sua prática, acho que devem continuar porque sempre tem algo a acrescentar e o professor vai assim fazendo adaptações à sua realidade escolar. Eles são viáveis sim...(sobre a razão da procura dos cursos) foi em busca sempre da melhora, sempre de estudos. Eu acho que para mim valeu demais...cada curso que fazia eu ia melhorando minha prática”.</i>
ASS.DIR.C	<i>“...eu penso que eles devem existir mesmo...para a melhoria do ensino, para atualização...o educador tem que estar sempre reciclando, sempre aberto às novas coisas que vão aparecendo e a Universidade é um pólo disso. A Universidade trabalha com pesquisa então ela está sempre descobrindo, está sempre inovando e sempre procurando atender às necessidades”.</i>

As falas da equipe da escola também destacam a importância dos programas, incluindo a contribuição dos mesmos para a prática em sala de aula. Apesar das críticas que aparecem nos quadros posteriores, verifica-se que nenhum dos entrevistados da equipe da escola, docentes e especialistas, deixou de destacar aspectos positivos no trabalho desenvolvido pela Universidade.

1.3.Importância da Educação Continuada – fala dos docentes da Universidade

**Quadro 1.3 – Importância da Educação Continuada Universidade x Rede Pública
– Fala dos docentes da Universidade**

DU.1.	<i>“... Eu vejo uma via de mão dupla... bom para os Professores do EF e EM² assim como é bom para nós professores da Universidade. Temos necessidade de aprimoramento constante,...de se atualizar...(os cursos) constituem possibilidade do professor ter acesso ao que eles não puderem ter durante o curso de graduação. A formação não acaba nunca”.</i>
DU.2.	<i>“...Interação (entre os níveis)...traz os professores para a universidade...sugerem abordagens novas, materiais didáticos, aplicações contextualizadas...referências bibliográficas novas...troca de experiências”.</i>
DU.3.	<i>“... Relacionamento escola (universidade) com professores do EF e EM, nesses cursos é fundamental. Não podemos pensar que o professor se forma para os 30 anos de carreira...são questões dinâmicas...é fundamental que os professores estejam atualizados...em capacitação contínua”.</i>
DU.4.	<i>“... A formação continuada é verdadeiramente uma parceria...o professor...tem urgência para resolver seus problemas em sala de aula...para melhoria qualitativa, eu creio que a Universidade tem papel relevante nesses termos”.</i>
	<i>“Eu vejo esta importância tanto para o professor do EM como para o professor da Universidade...nós</i>

DU.5.	<i>estamos aqui para pesquisar...buscar novas formas de ação...a Universidade também lucra com essa relação”.</i>
-------	---

Nas entrevistas dos professores universitários, encontramos também uma visão positiva dos programas de educação continuada com destaque de sua importância, não só para os docentes do Ensino Fundamental e Médio, como também para a equipe da Universidade.

Esta posição revela um avanço em relação às propostas do início dos anos 80 onde as unidades do Ensino Superior, com sua autoridade instituída, programavam os cursos para execução na rede. Naquele momento, de modo verticalizado, apresentavam os programas para as opções que eram feitas pelos órgãos intermediários do Sistema de Ensino e que, posteriormente, eram oferecidas aos professores sem possibilidade de discussão. Na época, estes programas eram chamados, pelos especialistas da rede, de pacotes.

As falas dos professores da Universidade surpreendem pela flexibilidade, por reforçar a importância do diálogo, onde mestre e aluno aprendem juntos partícipes do mesmo processo. *Via de mão dupla, bom para os professores da rede como para nós, interação entre os níveis, parceria* e outras observações, constituem qualificações que encaminham para a relação dialógica proposta por Paulo Freire.

Embora esse pensamento possa não ser o de toda equipe de docentes da UNESP de São José do Rio Preto, os dados apontam para essa tendência.

Se esta tendência for verdadeira, há um encaminhamento novo e pode ser questionada a afirmação de Gatti(1992)² apud Dias-da-Silva(1998) : *“Os docentes da Universidade quando discutem a formação do Professor desvalorizam o patrimônio de*

² DIAS-DA-SILVA, M.H.G.F. O professor e o desenvolvimento profissional



experiência e conhecimento de que dispõem os professores a partir de sua prática, revelando também grande dificuldade em desenvolver um trabalho em parceria e de valorização das competências na prática profissional ”.

As falas do professores no Quadro 1.1. destacaram a importância da Universidade para o seu crescimento profissional. *“Novas idéias,... novos pensamentos... novas estratégias de trabalho”... “têm ajudado o professor em sua prática”.* Este processo, no entanto, só ocorrerá se for ... *“em via de mão dupla”...* como chama a atenção o DU.1. Muitos dos problemas que ocorrem nestas ações podem ser atribuídos à inexistência desta parceria, desta via de mão dupla. .

Como formadora do pessoal para o Ensino Fundamental e Médio, a Universidade deveria manter este relacionamento não somente nos programas de educação continuada dos professores, mas ampliá-lo no trabalho com as licenciaturas e estágios supervisionados quando os estagiários poderiam participar ativamente da dinâmica das unidades escolares, inclusive das horas de trabalho pedagógico.

2. Problemas relacionados com a organização e execução dos programas:

2.1..Fala dos docentes das escolas A . B . C.

Quadro 2.1. – Problemas relacionados com a organização e execução dos programas de Educação Continuada – Fala dos docentes das Escolas A . B . C

DO.A 1	<i>“... Aproveitei várias idéias na prática de meu ensino diário...pena que depois eu não pude participar...normalmente as vagas oferecidas são poucas e convidam apenas um professor de cada escola, quando isso é oferecido...os cursos que eu fiz eu acho que foram um pouco curtos, um pouco rápidos, poderiam ter uma continuidade, uma avaliação. Nem sempre um professor indo, consegue chegar na escola e modificar conceitos tradicionais, resistentes. (do grupo com o qual trabalha)”.</i>
DO ...A.2	<i>“... a escola deveria dar um espaço maior para o professor (o que aprendeu nos cursos) Uma coisa que acho muito errada quando a Delegacia... faz sorteio. Às vezes o professor está interessado para participar e ele não consegue porque não foi sorteado”.</i>

DO. A.3	<i>"... De repente a parte teórica pode aparecer muito distante para muitos professores que estão em busca de algo mais prático, de algo novo e às vezes eles se frustram em relação às expectativas (sobre o trabalho no coletivo) é preciso que os outros (professores) também estejam para a gente fazer um projeto juntos senão fica muito individualizado... o professor tenta fazer alguma coisa e ele fica meio sozinho".</i>
DO. A.4	<i>"... por exemplo, eles (docentes da Universidade) falavam assim: eu sei que vocês têm dúvidas sobre determinados assuntos e citavam algumas dúvidas. Coisas que absurdamente um professor de língua portuguesa teria esse tipo de dúvida. Então o pessoal ia olhando um para o outro, sorrindo... ele está menosprezando minha capacidade de trabalho... o que precisa nos próximos cursos é um pouco de respeito ao trabalho que tem sido feito pelos professores...".</i>
DO.B1	<i>" O que acontece é que quando você chega em sala de aula nossa clientela é outra, o número de alunos atrapalha, então você se sente frustrado de não poder aplicar aquilo que você aprendeu e que você achou interessante... a gente vê a realidade lá é outra e a nossa não bate com a deles... Hoje você vai se realmente estiver interessado e a briga é muito grande... tem até que sortear. Esses cursos eu acho que deveria ser para todos não para uma minoria... nós somos 6,7 ou oito professores de português, só dois têm a oportunidade e muitas vezes a gente não se encontra para passar para o outro... é muito difícil integrar todos,... não conheço os professores do noturno porque eu só leciono no diurno... outros aspectos uma vez por mês que eles chamam a gente lá... um período muito curto acho até que podia ser o dia inteiro... mais vezes e com período mais longo, para você realmente aproveitar o curso".</i>
DO. B.2	<i>"... às vezes a gente vai lá, vê gente sabe que funciona sabe que é daquele jeito que tem que ser feito...agora a realidade da escola do estado é violenta... foi uma pena ter parado (os cursos) porque eles estavam muito bons".</i>
DO.B.3	<i>"... alguns cursos você chega lá eles querem reforçar o conteúdo achando que os professores não fizeram bem o curso, não estão bem informados sobre aqueles assuntos, eu acho que não é isso que está precisando. O que está precisando é como enfrentar os alunos e como passar esse conteúdo para o aluno".</i>
DO .B.4	<i>"... a gente precisava mais da prática mesmo, ...experiências que foram feitas com crianças do tipo que a gente enfrenta e que deram certo...às vezes eles têm uma idéia maravilhosa mas quando você pega 40 alunos em uma sala...fica difícil trabalhar...a gente procura adaptar dentro do limite ...não é tudo que dá não".</i>
DO. C1	<i>"... o curso em si tem enfoques que às vezes vão ajudar, tem outros que dão só um embasamento teórico".</i>
DO.C.2	<i>"... deveria ser assim: voltado mais ao que você aplica na sala. O curso que estou fazendo eu estou gostando mas é muita demonstração de fórmulas, de vez em quando eles colocam alguma coisa voltada para o dia a dia do aluno".</i>
DO.C 3	<i>"... Eu gostaria que tivesse mais cursos e fosse mais acessível... muitas vezes tem limites de vagas e quando a gente fica sabendo".</i>
DO.C.4	<i>"... a realidade da escola pública realmente está distante da universidade... a escola pública forma cidadãos para mão de obra barata e infelizmente a maioria que consegue entrar na Universidade são os que cursaram as escolas particulares". .</i>

As colocações dos docentes são bastante significativas e apontam para três

pontos que estão abaixo relacionados:

O primeiro seria a inexistência de vagas suficientes, havendo inclusive o

registro de críticas às DE s por sortearem vagas e por não poder atender a todos.

O segundo ponto apresentado é a falta de continuidade. Os docentes apontam para a necessidade de ações mais freqüentes e sistemáticas. Collares et al. (2000)³ destacam como indicadores dessa descontinuidade: a constante interrupção dos projetos sem avaliação prévia; a suspensão de atividades previstas em nome do cumprimento dos 200 dias letivos; alterações nos programas e projetos em andamento; rotatividade do corpo docente; vulgarização dos modelos científicos transformados em receitas. Pode ser acrescentada a estes indicadores, como causa do primeiro item indicado por Collares et al. (2000), a necessidade que cada administrador tem de deixar sua marca, encerrando projetos em andamento sem a necessária avaliação.

O terceiro refere-se ao distanciamento dos conteúdos dos cursos de sua prática cotidiana e de sua realidade estrutural, há até uma manifestação sobre a ausência de respeito pelo conhecimento que o docente traz.

2.2. Problemas relacionados com a organização e execução dos programas – falas dos especialistas das escolas A. B. C.

Quadro 2.2 – Problemas relacionados com a organização e execução dos programas – Falas dos especialistas das escolas A-B-C

DIR.A	<i>“... eu participei de dois deles... Um deles eu achei muito bom, o outro realmente eu achei um pouco fora da realidade, um pouco desconexo. (Sobre a contribuição dos cursos para o trabalho do professor) contribuiu muito pouco, posso te garantir, tanto que acabaram... de repente o professor da Universidade monta o seu curso e traz para rede, sem informação sem retroinformação”.</i>
COORD.A	<i>“... demora muito para acontecer estes cursos... o último grupo de professores que participou do PEC,... veio decepcionado... o professor chegou aqui e disse: eu me senti uma imbecil no curso... não aprenderam nada de novo... outros professores relataram: eles estão realmente reciclando”.</i>
DIR.B	<i>“... a universidade tem pacotes... eles oferecem e a secretaria compra... é um negócio... eles não procuram buscar aquilo que realmente a rede está procurando... tem muita coisa boa que a universidade</i>

³ COLLARES, et al. Educação Continuada: A política da Descontinuidade. In. Formação de Profissionais da Educação: Políticas e Tendências. *Educação & Sociedade*. Número Especial. Campinas: CEDES, 1999.

	<i>poderia oferecer e não oferece... dinheiro tem muito se eles aplicassem bem o dinheiro da educação a educação seria outra hoje neste país... tem muito dinheiro só que se aplica indevidamente. A Universidade está distante da escola pública... eu não sei se é só aqui na nossa cidade, mas de uma maneira geral eu percebo que a UNESP, por exemplo, está muito longe da comunidade. A UNESP se fechou lá e tudo bem. Eles vivem o mundo deles e nós vivemos o nosso mundo aqui quando devia haver uma integração”..</i>
COORD.B	<i>“... a UNESP parou com os cursos, deveria ter continuado que estava dando resultado sim”.</i>
ASS.DIR. C	<i>“...a demanda é muito grande...trabalhar com os professores da rede estadual... a Universidade tem procurado atender mas ainda é insuficiente, tem entraves burocráticos na própria Secretaria da Educação... o ideal está muito distante da realidade porque a Universidade não está dando conta de trabalhar com todo esse pessoal da rede pública...eu acho que não tem condição por isso concentra ...determinadas épocas...determinados cursos...então não dá para ir todo mundo...tem que ir um por escola, dois por escola. Os problemas nas escolas são muito grandes e a Universidade...não está aqui dentro da escola, da outra...existem problemas que são iguais gerais para todas as escolas e tem outros que são específicos de cada escola...a gente ouve lá coisas maravilhosas, muito teóricas, mas quando chega na aplicação, na prática não tem condições. Começa pelo número de alunos da sala de aula que é absurdo...Existe também aquela idéia que a Universidade é inatingível...parece que são muitos fechados e não é; talvez eles pensem que nós não necessitamos deles. Eu acho que está precisando mesmo uma aproximação, romper com essas barreiras, com esses preconceitos, ... rótulos, etiquetas que acontecem muitas vezes... A gente tem que buscar apoio lá e eles estão precisando disso também... Eu acho que falta relacionamento.”“.</i>
COORD.C	<i>“... quando se faz um curso de Educação Continuada os objetivos são amplos e isso acaba atrapalhando os objetivos reais do treinamento. Quando você trabalha um assunto muito amplo, com objetivos em longo prazo acaba desinteressando os participantes... a universidade está distante da sala de aula do ensino fundamental e médio principalmente da escola pública que enfrenta aí os problemas... ainda existe essa distancia. A gente percebe com os estagiários que vêm da universidade para cá (sobre a UNESP) existem projetos ótimos, excelentes... mas eles estão... soltos, não há uma continuidade, a gente não sabe qual a avaliação desse trabalho”.</i>

As falas dos especialistas são críticas e apontam para aspectos positivos e negativos dos programas. Os destaques foram feitos neste quadro de forma diferente⁴ para que se possa constatar os aspectos positivos e os negativos dos programas destacados pelos especialistas da unidade escolar. Verifica-se que há uma maior resistência do grupo de especialistas apesar da importância dos programas destacada pelo mesmo grupo no quadro 1.2.. A leitura que se pode fazer é que os especialistas da escola não conhecem muito bem os processos de estruturação dos programas de Educação Continuada. Muitas das falhas apontadas sabe-se que são resultantes do processo de estruturação, organização e comunicação das

⁴ Os aspectos positivos estão destacados em negrito, os aspectos negativos levantados estão destacados em negrito e itálico.



Delegacias de Ensino e observações neste sentido não aparecem. Somente um dos entrevistados destacou que há entraves burocráticos na própria Secretaria da Educação.

Todos os entrevistados falam sobre o distanciamento da Universidade, da realidade escolar de Ensino Fundamental e Médio. O quadro abaixo é resultado do recorte feito nas respostas dos docentes da Universidade sobre os problemas de estruturação e organização dos programas.

2.3. Problemas relacionados com a organização e execução dos programas – falas dos docentes da Universidade

Os docentes da Universidade, como pode ser verificado no quadro, apresentam uma amplitude maior de problemas existentes nos cursos, talvez por terem uma participação mais efetiva na organização dos mesmos.

São destacados problemas estruturais como: falta de comunicação Delegacias de Ensino - professores da rede sobre a programação; a descontinuidade; a inexistência de uma parceria; o distanciamento entre o que o professor planeja e a expectativa do docente participante e a dificuldade de avaliação dos cursos no que se refere ao reflexo no trabalho da escola.

Foi também apontado como problema, a falta de experiência no Ensino Fundamental e Médio, do Professor universitário. A docente universitária 5 chega a afirmar que os projetos mais bem sucedidos são aqueles cujo docente universitário já havia passado pelo ensino fundamental e médio.



Quadro 2. 3 – Problemas relacionados com a organização e execução dos programas – Fala dos docentes da Universidade.

DU. 1	“... o que eu achei um pouco problemático foi a dinâmica, principalmente no 1ºPEC, num encontro ia um, no segundo encontro o outro, até que a gente descobriu que eles não tinham a compreensão do que estava acontecendo... eu acho que faltou... explicação para eles das próprias Delegacias de Ensino ou dentro das próprias escolas... os canais de comunicação deviam estar meio obstruídos...” “...o professor universitário hoje pode não estar mais reconhecendo a escola que ele conhecia, aquela escola que ele estudou e em que ele atuou durante os primeiros anos de sua carreira. Talvez seja outra escola”. “... (sobre o curso para supervisores) agora eu acho que talvez a natureza do curso ou o conteúdo não fosse do gosto deles talvez até fosse inadequado. Também avalio isso. Talvez aquilo que eu estivesse propondo não fosse adequado aos supervisores...” “...eu pelo menos não sou capaz de avaliar, a olho nu, o impacto dos cursos de formação continuada, sobre o desempenho dos professores, a melhora desse desempenho, a melhora do aproveitamento do aluno...o que nós temos são alguns relatos de escolas, de diretores, dos próprios professores que eventualmente a gente encontra, mas eu não tenho segurança para afirmar...foi adequado...foi bom...nem que não foi bom”... “...os dados de evasão, de retenção, de aprovação...não dão mais segurança porque temos no Estado de São Paulo a Progressão Continuada...olhando só os dados a gente não pode avaliar o impacto”... “... (em alguns programas) os nossos professores não ganham nada financeiramente...é uma forma de colaboração e prestação de serviço à comunidade”...
DU. 2	“... as dificuldades... em geral esses cursos do PEC, do Pró-Ciência são desenvolvidos e projetados por professores que não têm como eu experiências no Ensino Fundamental e Médio”. “...os professores vêm com em certa expectativa e de repente eles vêm que não é nada daquilo...já cria um abismo entre o que um planejou e o que outro estava esperando e o que o outro tinha planejado”... “...acho difícil você medir isso, quantificar, saber quanto que influência está tendo realmente, se está melhorando”...
DU. 3	“...o efeito acaba se diluindo por uma falta de continuidade...a escola está num entra e sai constante de professores, passados dois, três anos sem capacitação em serviço, todo este trabalho de 97 – 98 vai para o espaço”.
DU. 4	“... eu só acredito num trabalho em parceria. A Universidade não pode se colocar... em um patamar superior...”. “... não houve uma política pública de formação continuada que não tivesse interrupções em função das mudanças de governo...muda a reitoria... o projeto fica meio perdido...acredito que esta descontinuidade e não ter uma política pública de Educação Continuada é um dos grandes problemas hoje... não há uma construção de conhecimento nessa área”. “... a Universidade não soube aproveitar a grande experiência que teve dos núcleos de ensino... o professor da Universidade trabalhar junto com os professores da rede e ter encurtado o distanciamento...tão reclamado pelos professores (da rede) ...a universidade não chega à prática pedagógica”.
DU. 5	“... os projetos mais bem sucedidos foram aqueles cujos docentes universitários já haviam passado pelo Ensino Fundamental e Médio”. “... Foram as Delegacias que fizeram (no PEC) esse diagnóstico e nunca apresentaram... eram muitas escolas envolvidas, então as realidades variam de uma escola para outra fica muito difícil realmente você... oito horas por dia, sabe,... então o professor vinha ficava das oito ao meio-dia e depois da uma e meia às cinco e meia... deveria ser mais produtivo se o professor pudesse ter ficado somente quatro horas... duas vezes por mês”. “... a comunicação delegacias – escolas era complicadíssima... às vezes os professores apareciam aqui na Universidade num dia que não tinha nada a ver”. “...O efeito (dos cursos) seria fantástico se tivéssemos coberto o maior número de escolas ...nem todos os docentes (da Universidade) se interessam por este trabalho...nossa ação foi um pouco pulverizada ...nós tivemos assim representantes de escolas” “...é sempre uma novela dentro da Universidade com relação ao Núcleo de Ensino. Nunca se sabe se vai ter recurso para o núcleo de ensino”. “...as propostas de Educação Continuada ...vêm assim ...os projetos devem ser preparados ontem, nunca há tempo hábil para que aquele contato (com a escola) seja feito para que se possa realmente fazer o diagnóstico”.

Problemas que surgiram nos programas :

3. Problemas relacionados com os participantes dos cursos

(educadores da rede) –

3.1. falas dos docentes das escolas A. B. C.

Quadro 3.1. – Problemas de Educação Continuada relacionados com os participantes (professores da rede)
– Fala dos docentes da escola A. B. C.

DO.A.1	“...nem sempre um professor indo (aos cursos) ele consegue chegar na escola e modificar ...conceitos tradicionais, resistentes”.
DO.A.2	“... é distante (o curso) para aquele professor que não quer modificar”. “... Teve um curso excelente na UNESP, eu estava interessada, não fui sorteada, fiquei sabendo de colegas minhas que foram sorteadas, de outra escola e não foram”.
DO.A.3	“... se for (participar) pelos pontos para começar ela não vai nem se concentrar no curso, não vai ter interesse, alguns vão atrapalhar mais que ajudar”.
DO.A.4	“... eu já estou em fim de carreira, completo o meu tempo agora em setembro, os meus 25 anos, então está difícil mudar o meu jeito de trabalhar... eu trabalho de forma antiga... eu preciso mudar meu jeito de trabalhar... então quando vou a um curso desse, eu vou buscando isso... aprender a trabalhar novas formas”.
DO.B.1	“... tem que saber um pouco de teoria sim, mas eu acho assim que às vezes você vem com uma coisa preparada e na prática num dá certo. Ai você tem que voltar e rever seu método... se você souber a matéria é mais fácil”.
DO.B.2	“... tem gente que vai lá (aos cursos) que nem sabe do que eles estão falando. Tem colegas que não tem embasamento para acompanhar aquilo lá. Metodologia nova, quem tem uma boa base se adapta, não tem tanto problema. O psicológico, a problemática que o aluno traz para a escola, isso daí que atrapalha a gente algumas vezes”.
DO.B.3	“... eu fui preparada para dar aula para um tipo de aluno... agora esses alunos são diferentes e eu não estou preparada para agüentar... eles não vêm aqui para estudar... para adquirir conhecimento... vêm porque tem o estatuto que não deixa ficar em casa... por causa da merenda ou porque aqui é um lugar mais agradável... melhor que a casa deles”.
DO.B.4	“... você acaba não tendo sequência... eu participei este ano, chega no ano que vem... eu não posso participar... eu não vou dar sequência”.
DO.C.1	“... iam (ao curso) unicamente porque tinha um salário que era reembolsado para cada professor participante... Saíam em horários que não eram estabelecidos, faltavam, assinavam a lista de presença e iam embora... não estavam interessados numa formação realmente... acho que muitos não aproveitam... a pessoa está tendo uma coisa mais ampla e isto incomoda, porque a pessoa que vai fazer o curso ela está esperando buscar fórmulas prontas para ela estar aplicando no trabalho dela... então... acham que está fora da realidade... um sozinho que vá alterar a escola como um todo eu acho que não posso afirmar isto não... o professor vai lá... tem uma orientação muito além do que se trabalha no ensino médio então ele fica desgostoso... nossa este assunto é tão amplo... eu vou trabalhar isto no Ensino Médio, eu vim aqui para ouvir isto? É uma utopia”.

DO.C.2	...
DO.C.3	<i>“... o professor está tendo muita dificuldade com a disciplina na sala de aula não está sabendo como trabalhar com os alunos hoje, os alunos são completamente desinteressados”.</i>
DO.C.4	<i>...(nos cursos) os professores tomam consciência como trabalhar melhor com seus alunos.</i>

Registram os professores, afirmações sobre o desinteresse de seus colegas e sobre a expectativa de que os programas tragam soluções para os seus problemas do cotidiano e destacam o distanciamento sobre a teoria trabalhada nos cursos e sua prática, ou ainda, sobre a dificuldade de aplicar em seu trabalho os conhecimentos adquiridos.Há também registro sobre a falta de embasamento dos docentes da unidade escolar.

Falas dos especialistas sobre os docentes e sua participação nos programas:

3.2.problemas relacionados com os participantes dos programas
(educadores da rede)

Falas dos especialistas das escolas A. B. C.

Quadro 3.2– Problemas da Educação Continuada relacionados com os participantes (professor da rede) – Falas dos especialistas das escolas A. B. C.	
DIR.A	<i>“... o nosso professor hoje carece muito da informação modernizada porque ele está na sala de aula e a questão financeira faz com que ele não tenha condição de adquirir livros, que tem um custo elevado e financeiramente pesa no seu orçamento. O professor hoje está, de certa maneira alguns, não diria todos, estagnado, mas é uma questão financeira”.</i>
COORD.A	

DIR.B	<i>“...tem muita gente que tem cabeça pequena, só pensa em somar pontos...o aperfeiçoamento da pessoa devia ser uma coisa natural... eu preciso me atualizar, eu preciso dar uma melhor aula, uma melhor informação. Antigamente você olhava assim para um professor... você nem precisava falar que ele era um professor. É não existe uma certa ...formação da pessoa ...que tenha um compromisso com que está fazendo...uma responsabilidade”.</i>
COORD.B	<i>“... é um problema do próprio professor (sobre a distância da Universidade-rede) que ele não consegue por falta de estudo mesmo, por falta de capital cultural dele,... (para) ele mesmo fazer a adaptação à sala de aula”.</i>
DIR.C	<i>“... nós temos docentes que são ótimos teóricos só que não conseguem transpor. Pegar essa teoria e transformar a prática não é fácil, não é da noite para o dia e isso não tem fórmula e nem receita, não existe isto em livro,... você tem que fazer as adaptações... não adianta você saber de cor todos os autores da pedagogia... a gente tem que ter sensibilidade... intuição... ter vontade de fazer isso... onde vai buscar recursos para usar na sala de aula... na teoria,... e ela não pode ser aplicada pura e simplesmente por que não dá certo”.</i>
COORD.C	<i>“... eles (os professores) são formados na universidade para serem especialistas nas disciplinas deles... tem bastante dificuldade de trabalhar a interdisciplinaridade, o trabalho coletivo”.</i>

As observações sobre os problemas dos docentes que participam da educação continuada também vão registrar a defasagem do professor: “falta de capital cultural”, “falta de estudo mesmo”. A questão financeira do professor é lembrada pelo especialista da Escola A, esta é apontada como causa da estagnação do docente.

Outros aspectos negativos dos docentes apontados são: a preocupação de alguns pela pontuação resultante dos cursos, a falta de formação pessoal do professor; a dificuldade de transpor para a prática o conteúdo dos cursos e de desenvolver um trabalho interdisciplinar.

As falas da equipe da escola, docentes e especialistas, remetem para a necessidade de darmos voz a esses sujeitos na elaboração dos diagnósticos para o desenvolvimento de programas e projetos para as escolas que certamente, a partir daí, terão outro direcionamento.

A seguir, registro da fala dos docentes da Universidade sempre com uma análise de amplitude maior na medida que aponta para outras questões. Esta problemática levantada está registrada no quadro abaixo:

3.3. Problemas relacionados com os participantes dos cursos.

(educadores da rede)

Falas dos docentes da Universidade.

Quadro 3.3 – Problemas da Educação Continuada – relacionados com os participantes (professores da rede) – Fala dos docentes da Universidade

DU.1	“... com os professores... eu notei... uma certa resistência por parte de alguns deles. Alguns resistiram bravamente... alguns parece até que foram obrigados... os supervisores me surpreenderam pelo desinteresse... no dia do encontro... uma marcava a aula – parecia um conjunto de adolescentes”.. “... as questões teóricas requerem bastante leitura, discussão, reflexão e esse não é o forte do nosso professorado, seja no ensino fundamental, seja no Ensino Médio seja na Universidade”. “... acho que essa manifestação deles (dos professores sobre a inadequação do que é proposto pela Universidade) explicita a dificuldade que eles próprios têm de lidar com questões que sejam mais teóricas”. “... professores tinham dificuldade em lidar com conteúdos que seriam próprios que eles soubessem... estavam tendo dificuldade, eles não sabiam aqueles conteúdos que seriam conteúdos de graduação”. “...Por melhor que seja a proposta do curso feita pela Universidade, só pelo fato de não ter sido discutida pelos professores...os resultados podem não ser adequados.” “... Já ouvimos a Universidade vem de pára-queda... as propostas foram apreciadas... houve uma possibilidade de avaliar. Se não fossem adequadas a Secretaria naturalmente não iria aceitá-las. Como não aceitou uma porção de projetos que foram enviados”.
DU. 2	“... os professores do PEC, não vêm por livre e espontânea vontade, por interesse... parece que eles são convocados... um pessoal que não está interessado... fica difícil para o professor desenvolver o seu curso...” às vezes o programa está sendo desenvolvido... e tem professor ali que não dá aula naquela série e nunca deu e não está dando, então ele não tem interesse... agora tem aquela questão: aquele professor que está apenas para cumprir horário”.
DU. 3	“... a maior dificuldade que encontrei foi com os que estavam em cargos de direção: diretores, vice e coordenadores... já se achavam auto-suficientes... alguns vinham para a capacitação como vinham para um piquenique... um dia de folga... encontra amigos sem compromisso muito sério... um compromisso de estar refletindo a prática da sua escola com as teorias que estavam sendo discutidas”.. “... o aprofundamento teórico é, eu vejo uma grande dificuldade que envolve, leitura, reflexão e discussão... alunos não têm prática de leitura, prática reflexiva para discussão, muitas vezes porque seus professores não têm e porque isso demanda tempo”. “... não adianta só estarmos formando bons professores, nós temos que mantê-los bons professores, ninguém se mantém... se não estiver estudando continuamente e tiver sendo estimulado para isso, vai com o tempo se acomodar e vai ficar no cantinho dele fazendo a mesmice”..

DU. 4	<i>“...é um processo de construção ...a participação do professor é importante nesta construção sempre avaliando”.</i>
DU. 5	<i>“... o professor do EF e EM... como ele não está muito acostumado a interagir com a Universidade ele já olha... assim meio cismado... o que o professor da Universidade vai dizer é muito bonito mas ele vive numa outra realidade, aqui a coisa é diferente”. “... algumas pessoas viam isso como obrigação... seria válido se trabalhássemos somente apenas aqueles... valorizassem o que estavam fazendo... que queriam crescer... como coordenadora precisava ficar policiando o pessoal que queria ir embora, porque eu tenho que ir ao médico, porque eu tenho que ir ao velório... muitos professores que vinham pela primeira vez na reunião do PEC... não sabiam nem o que era o PEC”.</i>

Os docentes da Universidade relatam situações de desinteresse e de resistência do pessoal da rede e questionam a sistemática do Sistema de Ensino de convocar os participantes. Além das dificuldades relacionadas com o tratamento das questões teóricas, foram registradas as defasagens de parte dos docentes em relação aos conteúdos, inclusive com relação a conteúdos específicos trabalhados nas licenciaturas. .

Encontram - se também nas falas dos docentes da Universidade, observações sobre dificuldades relacionadas dos professores com a reflexão e a leitura. Apontam para a necessidade de discussão das propostas de cursos com os envolvidos para que se concretize uma real parceria.

Como todos envolvidos nestes programas, os docentes da Universidade também falam sobre o distanciamento entre a Universidade e a rede e sobre a descontinuidade dos programas.

Nos cortes feitos nas entrevistas semi-estruturadas, foram retiradas as sugestões dos envolvidos nos programas de Educação Continuada que resultaram nos quadros abaixo:

4. Sugestões quanto ao Conteúdo dos Programas

4.1. Sugestões dos docentes das escolas A. B. C.

**Quadro 4.1 – Sugestões quanto ao conteúdo dos programas
– Falas dos docentes das escolas A . B. C**

DO.A.1	<i>“... texto produção de texto, como estimular a leitura no aluno da rede estadual... temos tido dificuldades para motivá-lo”. .</i>
DO.A.2	<i>“... avaliação... trabalhar mais textos... interdisciplinaridade”. .</i>
DO.A.3	<i>“Realidade dos professores da organização... muita leitura, muito estudo, muita discussão”. .</i>
DO.A.4	<i>“... aprender a trabalhar novas formas... além de conteúdo essa parte toda de metodologia... essa parte de avaliação. Eu acho que é difícil avaliar”. .</i>
DO.B.1	<i>“... nós temos que ter cursos tipo assim, psicólogos, a respeito do ser humano. Muitas vezes o aluno não vai para frente por problemas familiares e outras coisas... nós temos que ter preparo para lidar com esse aluno... aproveitar aquilo e adaptar na sua clientela. Se você chegar com a coisa igual eles passam lá, você não vai conseguir trabalhar”.</i>
DO.B.2	
DO.B.3	<i>“... Psicologia, relacionamento humano; relações públicas... e diferentes práticas pedagógicas”.</i>
DO.B.4	<i>“... a gente precisa ter teoria se não como a gente vai fazer com o aluno se surge alguma coisa”.</i>
DO.C.1	<i>“Eu acho que troca de experiências... deveria ser colocada a aplicação no cotidiano... relembrar coisas, trazer experiências inovadoras”.</i>
DO.C.2	...
DO.C.3	<i>“... trabalhando os conteúdos que vão ser aplicados em sala de aula por que muito da experiências que a gente obtém nesses cursos é inviável aplicá-los em sala de aula”.</i>
DO.C.4	<i>“... eu acho muito importante os conteúdos específicos”.</i>

Há o registro de fala de um dos docentes que ressalta os conteúdos específicos como conteúdos dos programas. A leitura do quadro parece indicar que o professor deseja que

os conteúdos estejam voltados para suas necessidades e realidade: o trabalho com alunos da escola pública. Colocam suas dificuldades: como motivar o aluno, estimular a leitura e trabalhar com textos. Registram ainda a necessidade de aprender novas metodologias e sobre a avaliação. Há também o registro de sugestões de conteúdos que possam prepará-lo para entender melhor seu aluno. As falas podem estar apontando para a dificuldade que os docentes têm de ver seus problemas dentro de um contexto político, cultural e sócio-histórico e que faz com que fique em busca de receitas para a solução de seus problemas cotidianos.

No quadro abaixo, o registro das sugestões dos docentes e especialistas quanto ao conteúdo dos programas.

4.2.. Sugestões quanto ao conteúdo dos programas - especialistas das escolas

A. B. C.

Quadro 4.2. – Sugestões quanto ao conteúdo dos programas – Falas dos especialistas das escolas A. B. C.	
DIR.A	<i>“... Acho que (os programas) devem ter um teor prático e um teor teórico também... acho que é fundamental o professor esteja formado nessa área... a questão do relacionamento professor-aluno... que ele entenda bem essa questão da adolescência”.</i>
COORD.A	<i>Experiências novas sobre drogas...Limites...Adolescência, gravidez na adolescência...Sexualidade.</i>
DIR.B	<i>alguma alternativa, alguma novidade, alguns novos estudos que possam ser aproveitados pelo pessoal que está atuando no Ensino Fundamental e Médio. Precisamos de conteúdos de formação...da pessoa, da ética, da moral, dos bons costumes, enfim, saúde. (o professor) tem que procurar ser uma pessoa bem atualizada...por isso os cursos deveriam visar a isso aí: atualização, capacitação sem busca de certificados.</i>
COORD.B	<i>os cursos deveriam ser assim com estudo, teorias, um pouco de prática, a metodologia...estudo, aplicação...os parâmetros, os temas transversais...todos os temas ligados à vida...que envolve a sociedade...a realidade, o que se fala, o que se discute, a política...porque isto o adolescente vê na rua...a informática...os avanços tecnológicos.</i>
DIR.C	<i>(incluir) Filosofia...Sociologia...Falta na nossa formação ...e falta isso no dia a dia, precisamos aprender a lidar com o todo, com o coletivo e nós não sabemos...ampliar a base humana está faltando...precisaria às vezes deixar de atacar Português, Matemática e atacar mais esses pontos em que estamos frágeis, deficientes em toda a formação docente.</i>

COORD.C	<i>eu acho que estes treinamentos deveriam...promover a auto estima do profissional e oferecer para ele um embasamento para que ele acredite que as teorias têm ligação com a prática...</i>
---------	--

A maioria dos especialistas propõe conteúdos que contemplem os problemas dos alunos limites, drogas, adolescência, gravidez na adolescência, sendo que um até citou os temas transversais. Aparecem ainda indicação de conteúdos ligados à ética, moral e bons costumes. Não há uma ênfase nos aspectos do trabalho em sala de aula como nas falas dos professores, o que talvez possa ir apontando para uma tendência dos especialistas em busca de solução para os problemas que enfrentam em seu cotidiano. Porém, as falas não apontam para temas mais amplos como a questões sociais e de formação em valores que podem trazer subsídios para o estudo dos problemas levantados. Somente um dos entrevistados deste grupo um fala sobre a Filosofia e a Sociologia como conteúdo *para ampliar a base humana*.

As falas dos Docentes da Universidade reforçam as dos especialistas e apresentam novas sugestões.

4.3.Sugestões quanto ao conteúdo dos programas - docentes da Universidade.

Quadro 4.3– Sugestões quanto ao conteúdo dos programas – Falas dos docentes da Universidade

“... possibilidades dos professores terem acesso a coisas que eles não puderam ter durante o curso de

DU. 1	<i>graduação... fundamentos filosóficos da educação... recuperar um pouco das questões históricas... análise dos conteúdos... porque determinados conteúdos estão sendo ensinados... às vezes ele ensina o conteúdo que está no livro, sem qualquer reflexão sobre isso".</i> <i>"...a teoria ajuda a transformar a prática, a prática também promove mudanças nas posições teóricas, uma relação não linear mas, uma relação dialética".</i>
DU. 2	<i>" orientar,... direcionar... técnicas de ensino, formas de abordagem... as mudanças ocorrem em todos os setores da sociedade e às vezes você tem que fazer mudanças técnicas, de abordagens, coisas assim... apresentação de material didático, resolução de problemas contextualizados... uma forma de fundamentação lógica... como funciona a lógica para provar uma implicação, uma negação... é impossível você trabalhar (em Matemática) sem uma fundamentação teórica. Ela serve para diminuir eventuais falhas na formação universitária do professor".</i>
DU. 3	<i>"... levantar as necessidades, planejar... de acordo com as necessidades da escola... desenvolver de forma teórico-prática... uma discussão em termos teóricos mas nunca esquecendo que refletindo a prática... docente".</i> <i>"... acredito que tenhamos que estar trabalhando a própria dinâmica da sociedade atual, o impacto do desenvolvimento tecnológico como a computação...".</i> <i>"...nenhum trabalho pode ser realizado sem a adequada fundamentação. Não acredito no fazer pelo fazer, cada atitude, cada atividade dentro da escola tem um subsídio teórico a respaldar".</i>
DU. 4	<i>"... eu acho que o professor tem que dominar a comunicação por outros meios que não o verbal, oral ou escrito, sobretudo a comunicação via imagem, imagem eletrônica, imagem movimento...".</i> <i>"... você não precisa ser um inovador total, você pode se valer de grandes pesquisadores, de pessoas que já analisaram... por exemplo se estou tratando do desenvolvimento cognitivo da criança... posso me valer... de Piaget, Vigotsky. Eu não posso desconsiderar o aspecto teórico, o que não significa... que eu vou ficar num plano só da teoria... eu acredito que levar para o professor algo pronto, algo acabado, uma teoria pronta, não tem sentido. Se você ficar também só relatando experiência práticas em... amarrar... sem buscar fundamentação teórica também não vai virar nada".</i>
DU. 5	<i>"... eu acho que esta questão metodológica é fundamental... ela traz a ferramenta essencial para o ensino... nada adianta você investir na questão metodológica se o professor não tem conteúdo básico"...</i> <i>...não se trata de trazer o professor e entupir de teoria, não se trata de trazer o professor e ensinar um monte de receitas porque formar professor não é isso. A gente quer criar um espaço para que o professor possa olhar o próprio trabalho, possa buscar as dificuldades que está enfrentando...a partir daí fazer um trabalho de fundamentação teórica e depois implementar uma nova prática...estar envolvendo o professor no que a gente chama pesquisa ação".</i>

Como pode ser visto no quadro acima, dois docentes da Universidade registraram, na entrevista, que os programas de educação continuada podem constituir possibilidade de o professor ter acesso a conteúdos que não puderam ter no curso de graduação, sendo que um fala sobre a possibilidade de diminuição de falhas que o professor traz da graduação. Apesar do pressuposto de educação continuada complementando a formação do

professor, as afirmações se justificam quando os professores, na entrevista, falaram que alguns docentes desconheciam conteúdos que eram próprios da graduação.

Todos registram afirmações sobre a relação teoria x prática: *a teoria ajuda a transformar a prática – uma relação dialética; é impossível você trabalhar sem fundamentação teórica; cada atividade na escola tem um subsídio a respaldar; sem buscar fundamentação teórica também não vira nada; olhar o próprio trabalho ... a partir daí fazer um trabalho de fundamentação teórica.*

Foram propostos ainda, como conteúdo, os fundamentos filosóficos e históricos da Educação de real importância, pois poderiam estar ampliando a visão dos professores que muitas vezes trabalham presos a um material didático ou a um programa sem refletir sobre o significado filosófico, histórico e até social do mesmo. Há uma fala propondo o trabalho com a própria dinâmica social, incluindo o impacto das novas tecnologias. A docente 4 fala sobre a comunicação verbal, oral, escrita e a comunicação via imagem eletrônica, em movimento, propondo também o estudo de pesquisadores que já avançaram não precisando ser *um inovador total.*

5. Sugestões quanto à organização e execução dos programas

5.1..Sugestões dos docentes das escolas A. B. C.

**Quadro 5.1 – Sugestões quanto à organização e execução dos programas
– Falas dos docentes A. B. C.**

DO. 1.1	<i>“... eu creio que dois (cursos) anuais, um no meio do ano e um no início do ano já dá pelo menos para a maioria participar...para atender todos os professores ...teria que ir não só um mas grande parte dos professores...os cursos que fiz foram um pouco curtos, rápidos, poderiam ter tido continuidade, uma avaliação do que o professor trabalhou, as idéias que ele aproveitou...reencontrarem na mesma sala tanto</i>
---------	---

	<i>os que dão os cursos quanto os participaram na mesma sala para fazerem avaliação</i> ".
DO. 1.2	<i>"... acho que o professor que faz o curso e tem essa disponibilidade, tem condições de passar para os seus colegas essa troca de experiência pode haver uma mudança muito grande (a vaga no curso) deve ser oferecida para quem tem vontade e não sorteado para a pessoa não ir. Acho que devia ser oferecido e não sorteado". .</i>
DO. 1.3	<i>"... mais cursos... maior frequência de cursos... e uma divulgação também um pouco melhor... é preciso que outros professores estejam com a gente, fazer um projeto juntos senão fica muita individualizada... é o professor tentar alguma coisa e ele fica sozinho".</i>
DO. 1.4	...
DO. 2.1	...
DO. 2.2	...
DO. 2.3	<i>"... faz tempo que não tem cursos para minha área. Eles deviam começar mas aí tem o problema do horário. Tem que ser aos sábados mesmo".</i>
DO. 2.4	<i>"... o interessante é se pudéssemos ir todos porque aí todo mundo troca idéia, cada um tem seu jeito de ver, então aí sim eu acho que ficaria mais interessante o trabalho... eu acho que seria melhor se a gente pudesse fazer o curso em seqüência, para poder ver se realmente nós estamos evoluindo, se está servindo para alguma coisa. Seria tão bom para nós quanto para própria Universidade porque cada hora ela recebe u professor e aí vai ficando". .</i>
DO. 3.1	...
DO. 3.2	...
DO. 3.3	<i>"... eu acho que deveria ser mais divulgado, mandar folhetos para as escolas e procurar conscientizar os professores sobre a importância desse treinamento porque nós não podemos parar no tempo".</i>
DO. 3.4	<i>"... eu particularmente gostaria que tivesse cursos de Inglês e se possível alguns dias, algumas semanas em outros países".</i>

Nestas sugestões, os professores avançam no sentido em que apontam para questões fundamentais como: a continuidade, a participação de todos os professores da unidade, a necessidade de uma sistemática de acompanhamento e avaliação. Estas questões vão apontando para a necessidade da reestruturação dos programas para que seus resultados sejam

mais efetivos. Quando propõe uma maior divulgação, os professores podem estar reforçando seu interesse pelos mesmos.

5.2. Sugestões quanto à organização e execução dos programas- -falas dos especialistas das escolas A. B. C.

Os especialistas da equipe das escolas destacam, como pode ser observado no quadro 5.2., que os programas deveriam ser estruturados a partir das necessidades da rede e a partir de um maior relacionamento com as escolas, destaca-se por ser significativa a afirmação: “a Universidade vir à escola”. Significativa porque vêm ao encontro da idéia de programas estruturados na escola e com a escola. Os especialistas registram também que os cursos deveriam ser mais constantes, sendo que há registro sugerindo que sejam mensais o que aponta para a idéia de que os encontros devam ser sistemáticos para garantir a continuidade e que a organização e execução dos programas devam mudar.

**Quadro 5. 2 – Sugestões quanto à organização e execução dos programas.
– Falas dos especialistas das escolas A. B.C.**

DIR.A	“... acho que estes cursos... primeiramente na sua organização deveria ser fruto de um relacionamento ou de um entendimento entre professores da rede e professores da Universidade... o curso que vem da Universidade... o curso que vem da Universidade deve estar embasado em vários elementos retirados da rede ”.
COORD.A	“... eu estar conhecendo o trabalho de outro, eu estar mostrando alguma coisa que eu fiz... professores gostariam que os cursos fossem mais constantes... todas áreas ”
DIR.B	“... Os cursos deveriam ser organizados de acordo com o nível... deveria ser feito um diagnóstico... da situação ver se é daquilo mesmo que está precisando ”.
COORD.B	“... eu acho que os cursos deveriam ser assim, com estudo, teorias, um pouco de prática, uma coisa complementa a outra, tem que ser eu acho no mínimo uma vez por mês... que (o professor) seja

	<i>multiplicador... chegue aqui na escola, passe, incentive,... eu fiz isso deu certo”...</i>
DIR.C	<i>“... o ideal seria isso... a Universidade vir à escola, eu acho que seria mais fácil nesse ponto... a universidade buscar, na escola, levantar os problemas e depois entrar com a fundamentação e a montagem dos cursos. Eu acho que está precisando mesmo é de aproximação... promovendo mais encontros para a gente perceber que a universidade é nossa, ela está lá a nosso serviço, porque ela forma indivíduos para a sociedade”.</i>
COORD.C	<i>“... o conhecimento didático pedagógico que específico que os docentes da UNESP têm poderiam ser mais bem aproveitados se houvesse esse intercâmbio entre escola pública e universidade que... está muito distante da rede...”.</i>

Finalmente, o registro das sugestões da equipe da Universidade sobre a organização e funcionamento dos cursos. Significativas serão estas observações visto que os programas têm sido desenvolvidos coordenados pelos docentes do Ensino Superior.

5.3.Sugestões quanto à organização e execução dos cursos – falas dos docentes da Universidade

Quadro 5.3. – Sugestões quanto à estrutura e ao funcionamento dos programas – Falas dos docentes da Universidade	
DU. 1	<i>...eu acho que o papel da Universidade é ser parceira com quem procura...oferecer seus trabalhos em função da necessidade de quem vai deles desfrutar...uma relação de parceria...que as partes se ouçam e façam juntos aquilo que precisaria ser feito... para projetos grandes isso é essencial.</i>
DU. 2	<i>...as partes conversando, os professores mudaram os rumos dos cursos, readaptaram o que haviam programado para chegar às expectativas dos professores. ...O Pró-Ciência tem um programa gente faz a divulgação e isso vai para as Delegacias, para as escolas, então realmente só os professores interessados acabam participando...que os professores não sejam convocados. ...nós selecionamos pessoal mais jovem,...pessoas que estavam perto da aposentadoria nós não selecionamos porque é uma pessoa que não iria usar o curso.</i>
DU. 3	<i>eu considero importante que tenhamos continuidade nesses projetos. Que haja um diálogo constante entre a rede, as escolas e a Universidade...o modelo de capacitação poderia ser maior, com um número maior de horas...uma coisa que eu acho que nunca deveria ocorrer, é parar.</i>
	<i>Eu acho que a jornada continuada não pode estar desvinculada dessa parceria universidade-escola, mas é</i>

DU. 4	<i>verdadeiramente uma parceria e não um programa feito isoladamente nem só pela rede nem só pela universidade.</i> <i>...Havia uma proposta interessante da FAPESP para que a Universidade assumisse, por exemplo, uma escola...fazer um trabalho como um todo, trabalhando aí diferentes áreas, diferentes disciplinas, trabalhando a administração...com o aluno, com os pais... o gerenciamento da escola como um todo.</i>
DU. 5	<i>...Eu acho que a fundamentação teórica...deve ser oferecida a partir de um mapeamento dos problemas nas prática...e se possível através das gravações de aulas.</i> <i>...o professor universitário que não tem conhecimento das práticas das escolas públicas precisaria antes de apresentar um projeto...frequentar as escolas públicas, fazer quase uma pesquisa etnográfica...ver como as coisas acontecem realmente acontecem, quais são as dificuldades, quem são os professores, quem são os alunos...a partir daí então elaborar um projeto...</i> <i>...Se nós tivéssemos feito um trabalho voltado para algumas escolas apenas talvez a gente pudesse medir esse efeito.</i> <i>...Não que a gente seja mercenário...(sobre opção pelo PEC ou pelo Núcleo) mas se você tem condições de fazer trabalho, de colaborar com a rede, da mesma maneira e recebendo, completando seu salário⁵ de forma legal...</i>

Novamente aparecem falas sobre a parceria rede x Universidade, fundamental para o desenvolvimento dos programas. Parece haver unanimidade neste sentido, assim como há unanimidade sobre a importância dos programas, há também neste aspecto e a escola pública só tem a ganhar com isto e poderá realmente ser considerada sujeito neste processo.

Destaca-se também neste quadro, a continuidade necessária muito apontada neste trabalho. Há proposta de a escola ser trabalhada como um todo e que os projetos se transformem em pesquisa em ação. Há o registro de um ponto discutível mas que não deixa de ser significativo: a seleção de pessoal mais jovem para os cursos. Também há registro sobre a questão do professor universitário não estar recebendo, dependendo das características do programa com a rede pública. Esta posição deveria ser reavaliada pela Secretaria da Educação.

A análise das entrevistas semi - estruturadas dos sujeitos dos programas de Educação Continuada trazem muitos pontos para reflexão. Os quadros que constam neste

⁵ Nos núcleos de ensino, como foi registrado, não há verba programada para os professores da Universidade.

capítulo, que constituem recortes das entrevistas dos docentes da Universidade e dos docentes e especialistas da rede pública, após a análise parecem apontar os seguintes pontos:

- a) Os sujeitos envolvidos nos processos de educação continuada desenvolvidos em São José do Rio Preto, em convênio com a Universidade, reconhecem a importância dos programas;
- b) Não houve participação da rede pública no processo de definição das ações dos programas de Educação Continuada em convênio;
- c) Houve problemas de comunicação Delegacias de Ensino/Escolas, Delegacias de Ensino/UNESP no processo de organização e execução das ações do PEC;
- d) A experiência no Ensino Fundamental e Médio é significativa para os docentes da Universidade que desenvolvem cursos em parceria com a rede pública, e isto é, reconhecido pelos próprios docentes do Ensino Superior;
- e) Não há continuidade nos programas e todos os envolvidos registram isto;
- f) Não há avaliação e acompanhamento das ações desenvolvidas e do reflexo destas no trabalho da unidade escolar;
- g) Os programas são estruturados a partir de cursos pontuais, com vagas limitadas, por área, disciplina, escolas e Delegacias de Ensino, ficando as ações pulverizadas confirma a DU. 5. Coordenadora do PEC 97/98;
- h) Não há a participação de toda a equipe da escola e, quando somente um ou dois professores da unidade escolar participa dos programas, dificilmente ocorrerão mudanças significativas nas escolas;

- i) Os docentes da rede pública de Ensino Fundamental e Médio têm dificuldade em tratar de questões teóricas e afirmam que a Universidade está muito distante de sua prática;
- j) Há participantes que demonstram desinteresse durante o desenvolvimento dos “cursos” porém há solicitações da continuidade desses mesmos “cursos”⁶.

A análise feita aponta para a necessidade de uma reflexão dos órgãos do Sistema de Educação sobre a Educação Continuada que vem se desenvolvendo e sobre a necessidade de uma reorientação. Hoje há espaços criados na escola que têm sido utilizados nem sempre para os fins propostos e que poderiam ser incluídos nos programas de Educação Continuada em convênio com a Universidade. Como não é objetivo desta dissertação o estudo das HTPCs (horas de trabalho pedagógico coletivo) não aprofundaremos esta análise.

Um programa que pretenda estar voltado para as reais necessidades da escola não pode ser proposto sem que seja dada oportunidade para que todos envolvidos possam analisá-lo. Nesta pesquisa, pretendeu-se dar voz a todos dos sujeitos dos programas de Educação Continuada em convênio rede pública de Ensino Fundamental e Médio x Universidade. Na opção pela pesquisa qualitativa reconhecemos a transitoriedade dos dados colhidos, porém, estes depoimentos são significativos na medida em que constituíram a base empírica da citada pesquisa, apontando para os problemas existentes e podendo possibilitar o desencadeamento de ações para solucioná-los.

Estas análises vão embasar os pressupostos que estão registrados no final do trabalho.

⁶ Os docentes desconhecem possibilidades de programas com a Universidade que não sejam cursos pontuais.



5. Concluindo ... colocando pressupostos.

Qual tem sido o impacto dos programas de Educação Continuada promovidos pela UNESP de São José do Rio Preto, para professores do Ensino Fundamental e Médio para o trabalho docente em sala de aula e para o trabalho coletivo da escola?

A análise feita dos dados discursivos aponta para o significado que dos cursos têm tido para o trabalho do professor que participa dos mesmos. Apesar de apontarem pontos negativos, todos os participantes destacaram a importância dos programas. Os programas, em geral, têm contemplado aspectos relacionados com o conteúdo e metodologia da disciplina ou matéria. . Constitui queixa muito comum dos docentes, o distanciamento entre a teoria analisada na Universidade e sua prática cotidiana Esta questão tem que ser revista e ampliada. Não há como analisar a problemática de uma disciplina isolada sem considerar as forças culturais, sociais e políticas que a direciona. Apesar de somente alguns entrevistados tocarem nesse ponto, esses aspectos terão que ser considerados em programas futuros.

A forma como os programas têm sido desenvolvidos, com poucos recursos, poucas vagas, poucos professores de cada escola apontam para a impossibilidade dos programas da UNESP alterarem significativamente o trabalho da escola como um todo, ou seja, seu trabalho coletivo.

Retoma-se aqui o documento que estabelece as diretrizes do PEC. Estas, reconhecidamente, constituem avanços nas propostas de política pública de educação continuada de educadores envolvendo a Secretaria Estadual de Educação e as Universidades. Na proposta do PEC foram feitas críticas bem fundamentadas aos programas anteriores¹, incluindo os projetos que já eram desenvolvidos nas Universidades.

Os depoimentos registrados nas entrevistas e as análises feitas apontam para o seguinte: no município de São José do Rio Preto, na prática, as ações desencadeadas pelo PEC acabaram apresentando os mesmos problemas que foram questionadas no documento de lançamento do programa, portanto o avanço programado na prática não ocorreu.

Os dados organizados ainda indicam para estes aspectos a considerar os programas de educação continuada:

a) o diagnóstico das necessidades da rede geralmente é feito geralmente pelos órgãos intermediários do Sistema, com pouca ou nenhuma participação dos representantes das escolas. Os dados tabulados em nível intermediário ou central perdem o seu real significado, a síntese de dados acaba por tirá-los do contexto. As necessidades de cada unidade passam a ser as necessidades da Delegacia de Ensino que, no caso de São José do Rio Preto, envolve diversos municípios com diferentes realidades.

¹ As críticas feitas estão registradas no item 3.4. sobre os programas da UNESP para a Rede Pública de EF e EM.



Um dos docentes da Universidade questionou este processo:

“Normalmente essas propostas de Educação Continuada vêm assim ..os projetos devem ser preparados para ontem, nunca há tempo hábil ...para que se possa fazer o diagnóstico, mesmo no PEC, quem fez o diagnóstico? Foram as Delegacias de Ensino e nunca apresentaram este diagnóstico...”

b) Não existe uma sistemática de acompanhamento das ações e de avaliação do impacto destas nas salas de aula. A Universidade não tem um “feed – back” dos cursos, a não ser informações vindas de encontros esporádicos com os participantes. As dificuldades para acompanhar e avaliar são muitas. Um dos itens para avaliação em andamento do PEC, pela CENP era *projeto pedagógico e trabalho coletivo das DEs e das Escolas*. Como analisar um item quando as ações do programa estão desvinculadas dos objetivos? Como avaliar o item registrado, se os programas foram direcionados para uma minoria de professores representantes das unidades, quando alguns foram encaminhados por sorteio, por não haver tido vaga em número suficiente? Como esperar grandes mudanças a partir de cursos direcionados somente para algumas áreas, as existentes no Campus de São José do Rio Preto? Foram desenvolvidas pela UNESP de São José do Rio Preto – na área de Língua Portuguesa: seis cursos; na área de Ciências: sete ; na área de Matemática: nove ; e quinze cursos voltados para a formação geral do professor.

c) Os documentos oficiais das políticas de Educação Continuada criticam a existência da predominância da modalidade de capacitação sob forma de cursos pontuais, porém, a Universidade vem sendo convocada para ministrar



cursos. Não tem havido abertura para a Universidade, a partir de um diálogo com a rede, poder apresentar diferentes alternativas para os programas de Educação Continuada. A Universidade vem desenvolvendo por proposta da própria Secretaria, “cursos”² que atendam às necessidades levantadas pelo Sistema de Ensino.

A partir destas colocações serão estabelecidos os pressupostos para uma política pública de Educação Continuada envolvendo Universidade e Rede Pública que possa trazer alterações qualitativas no trabalho em sala de aula e no cotidiano de cada escola.

- I. Uma política pública **não se confunde com um projeto piloto**. O desenvolvimento de programas dirigidos para uma ou duas escolas, criando-se para estas escolas todas condições necessárias, deslocando-se toda uma equipe de especialistas em situações especiais, dificilmente será generalizado e transformado em uma política pública que atenda a toda rede. Diversas foram as experiências neste sentido: O PROFIC – que tinha como objetivo o atendimento em período integral das crianças das séries iniciais), o Programa das Escolas Carentes, das Escolas Padrão e outros programas que acabaram não se generalizando por falta de recursos humanos e materiais e outras condições. A proposta da FAPESP para a Universidade adotar uma escola pode ser muito interessante para a unidade em particular ou para a Universidade, como pesquisa em ação, mas com

² - Relação de Cursos desenvolvidos pela UNESP de São José do Rio Preto, em anexo. Doc. Fundação Carlos Chagas – 4º relatório de Andamento – Volume V – setembro /1998.



certeza devido às características dificilmente poderá ser transformada em uma política pública e generalizada para toda a rede.

- II. É de fundamental **importância a participação da Universidade** nos programas de Educação Continuada para os professores das escolas de EF e EM. Na equipe de Supervisão não são todos os supervisores que estão envolvidos com o projeto pedagógico das escolas, alguns podem ser bons articuladores de um projeto como está sendo proposto, quando não fazem parte do grupo dos “resistentes”. Os assistentes pedagógicos que também ministram cursos para os docentes, nem sempre têm a formação adequada, condições de desenvolvimento profissional ou foram escolhidos prioritariamente pelo critério da competência. A Universidade, portanto, como centro de estudo e pesquisa, pode desenvolver este trabalho, desde que lhe sejam dadas as condições mínimas para a ação. Os programas de Educação Continuada Universidade x Rede, podem ser, como um dos docentes da Universidade afirmou; “...*uma via de mão dupla - tanto é bom para os docentes do Ensino Fundamental e Médio, como é bom para...os professores da Universidade...uma vez que nós formamos professores...*” Neste projeto, um instituto da UNESP coordenaria as atividades com um trabalho de consultoria, com características de parceria, isto é, a partir de necessidades existentes ou criadas através da reflexão e de conflitos cognitivos.

III. Os programas de Educação Continuada não podem deixar de considerar a **história de vida dos docentes, os saberes de que são portadores, suas necessidades e aspirações**. Isto quer dizer, o programa tem que ser estruturado para um grupo concreto, formado por professores reais e, a Universidade poderia contribuir, como aponta Giroux (1997) , para que estes sejam *“capazes de moldar os modos nos quais o tempo, o espaço, atividade e conhecimento organizam o cotidiano nas escolas. Mais especificamente, a fim de atuarem como intelectuais, os professores devem criar a ideologia e condições estruturais necessárias para escreverem, pesquisarem e trabalharem uns com os outros na produção de currículo e repartição do poder...os professores precisam desenvolver um discurso e conjunto de suposições que lhes permita atuarem mais especificamente como intelectuais.”* Isto quer dizer que os programas de educação continuada devem ter como objetivo, neste momento, não somente a execução de cursos, mas estarem voltados para a retomada pelos docentes da posição de sujeitos do processo ensino-aprendizagem. Evoluindo de meros executores de propostas didático – pedagógicas elaboradas por especialistas e para agentes também de seu autocrescimento

IV. Envolver os docentes **na sua própria educação continua**, como afirma Nóvoa (1992) *“Mais que um lugar de aquisição de técnicas e de conhecimentos, a formação de professores é o momento – chave de socialização e da configuração profissional...os professores têm de se*

assumir como produtores de sua profissão.” Não podemos executar um programa de educação continuada que também não esteja voltado para este objetivo, transformar os docentes em sujeitos de seu processo de crescimento. Ser capaz não só de diagnosticar as reais necessidades de seus alunos e mudar suas práticas para atender a estas necessidades mas também estar atento às suas defasagens. Perrenoud (2000) aponta entre as dez novas competências para ensinar, tema de um de seus livros, a competência do professor para administrar sua própria formação contínua. Nesta competência, de acordo com o autor, estão envolvidos os seguintes componentes: “saber explicitar as próprias práticas, estabelecer seu próprio balanço de competências e seu programa pessoal de formação contínua, negociar um projeto de formação comum com os colegas. (equipe, escola, rede), envolver-se em tarefas em escala de uma ordem de ensino ou do sistema educativo, acolher a formação dos colegas e participar dela.”

- V. Outro pressuposto a ser colocado é que os programas devem estar **voltados para o trabalho coletivo da escola**, considerando as necessidades de cada escola e a partir delas propor, em conjunto com a equipe, as atividades. Basso, I.S. (1998)³, quando escreve sobre a pesquisa de intervenção no trabalho coletivo da escola, destaca a importância do desenvolvimento de novas relações de trabalho na unidade tendo em vista o enfrentamento coletivo dos problemas e a busca também coletiva de novos fundamentos

para a prática. As HTPCs – Horas de Trabalho Pedagógico Coletivo foram criadas e nem sempre estão sendo utilizadas para os fins propostos. Estas horas poderiam ser utilizadas para um projeto educacional maior que incluísse o desenvolvimento do Professor. Nóvoa (1992) quando destaca a importância da escola como “*locus*” da educação continuada afirma: “*a formação continuada deve estar articulada com o desempenho profissional dos professores, tomando as escolas como lugares de referência. Trata-se de um objetivo que só adquire credibilidade se os programas de formação se estruturarem em torno de problemas e projetos de ação e não em torno de conteúdos acadêmicos.*” Para isto é fundamental o envolvimento de todos os segmentos da escola.

- VI. Aceitos como corretos os questionamentos do documento CENP sobre os cursos nos programas de Educação Continuada, as políticas públicas de educação continuada, também têm de avançar no sentido de que os projetos sejam dinâmicos, com atividades diversas que, em determinados momentos, possam até ser cursos, desde que surjam de reais necessidades do coletivo da escola. O programa deverá **incluir: leituras orientadas, reuniões, debates, seminários, reflexões em conjunto sobre ações desenvolvidas, eventos** maiores, como encontros e congressos voltados não só para a formação geral do educador, mas também para as diferentes áreas do

³ BASSO, I.S. O significado do trabalho docente. In. O professor e o Ensino: novos olhares. *Cadernos Cedes* 44. Campinas:Unicamp, 1998.



currículo. Mizukami, M.G. (1996) destaca “ *oportunidades adequadas de aprendizagem profissional – nas quais os professores possam vir a ter chance de investigar, experimentar, consultar, avaliar, devem estar incorporadas na rotina do dia a dia do seu trabalho*”. Alertando que mudanças não ocorrem facilmente nas pessoas “ *e a resistência é particularmente forte entre aquelas que consideram boas e eficientes as formas como estão acostumadas a fazer as coisas*.” O projeto tem que ser dinâmico como dinâmica é a escola. Pode parecer para alguns uma utopia, mas, na realidade, uma política pública, envolvendo escola – universidade, onde os órgãos intermediários da rede (as delegacias de ensino) seriam mediadoras de questões administrativas, onde a universidade estaria realmente envolvida⁴ também nas discussões em nível macro e não somente quando fosse convocada para executar propostas de gabinete.

VII. Outro pressuposto a considerar é que não há como se desenvolver políticas públicas sem a devida previsão de **recursos humanos e materiais**. Já incorporamos como verdade a afirmação, *dar prioridade significa fornecer recursos para a execução do programa*. Se o desenvolvimento do professor foi considerado prioridade, os recursos têm que estar previstos. Mello, G (1994) quando escreve sobre a implementação da autonomia da escola, coloca como desafio desse final de século, entre outros, os fatores: gestão e

⁴ No curso que fizemos com a Professora Maria Conceição Duarte, educadora portuguesa, na UNESP de Marília, foi dito que em Portugal há um grande entrosamento entre a Universidade e a Rede Pública, havendo inclusive reserva de aulas para os estagiários da licenciatura darem aulas sobre a orientação dos docentes de Prática de Ensino e Estágios.

alocação de recursos. De nada vale haver registrado na legislação e nos documentos oficiais a importância da educação continuada se não houver destinação de verba para esse fim. Esta política pública deverá ser prevista no orçamento com recursos previstos para os executores. Uma política pública não pode ter sua execução alicerçada somente na boa vontade dos executores. Sobre os recursos físicos pensamos em aproveitamento de recursos tecnológicos como: Internet, vídeos, palestras gravadas, textos, dinamização das bibliotecas dos diversos campus facilitando o acesso aos professores da rede pública.

VIII. As políticas públicas de educação continuada deveriam estar voltadas para as **dimensões política, técnica e humana** da prática pedagógica, isto é, o contexto histórico, cultural, social e político dessa prática. Estes fundamentos, como também as questões didáticas, devem ser retomados, não somente como conteúdos teóricos, mas sim a partir do pensar sobre a prática e das reais necessidades da escola, com o objetivo de se propor alternativas de ação para solução dos problemas surgidos. Com este objetivo poderão também ser incluídas nos programas questões relacionadas com as diversas áreas do currículo. Considerando a diversidade dos problemas e áreas a atender para que este processo se concretize é fundamental a participação de todos os institutos da UNESP.



IX. Será indispensável durante todo o processo a **parceria** da Universidade com a escola, na dinâmica do programa **reflexão - elaboração - execução - acompanhamento - avaliação**. Este processo concretizará a continuidade das ações reivindicada pelos professores. O acompanhamento e avaliação permitirão as reorientações necessárias e a análise das mudanças qualitativas no projeto pedagógico da escola concretizado em sala de aula.



Bibliografia:

- EDUCAÇÃO & SOCIEDADE. Formação de Profissionais da Educação: Políticas e Tendências Campinas : Cedes - UNICAMP, n. 68, 1999. Edição Especial.
- ANDALÓ, C.S. *Fala Professor: repensando o aperfeiçoamento docente*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- DEMO, P.A. *A Nova LDB: ranços e avanços*. 3.ed. Campinas: Papirus, 1992.
- LÜDKE, M., ANDRÉ, M.E. *D.A Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.
- BICUDO, M.A. V., SILVA JR., C. A. (orgs.) *Formação do Professor : Dever do estado, tarefa da Universidade*. São Paulo: Editora da UNESP, 1996. v.1, v 2 , v. 3.
- BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília , 1988.
- BRASIL. Lei n.º 9 394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional.
- BRASIL. Plano Nacional de Educação. INEP.MEC, 1997.
- CADERNOS CEDES. O professor e o Ensino: novos olhares Campinas: UNICAMP. N. 44 Abr 1998.
- CASTRO, A.D. et al. *Didática para a escola de 1º e 2º graus*. 2 ed. São Paulo: Edibell, 1972.
- DELORS, J. et al. *Educação Tesouro a Descobrir: Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI*. São Paulo: CORTEZ, 1999.
- DEMO, P.A. *A Nova LDB: Ranços e avanços*. 3.ed. Campinas: Papirus, 1992.
- FREIRE, M. O que é um grupo? In. GROSSI E., BORDIN, J. (org.) *Paixão de Aprender*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1993.
- FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS, Avaliação do Processo de Implementação e do Impacto das ações do Projeto de Educação Continuada da Secretaria de Estado da Educação. IV Relatório de Andamento. Volume V. setembro/ 1998.
- FUSARI, J.C. *A Educação do Educador em Serviço: o treinamento de professores em questão*. São Paulo, 1988. Mestrado. PUC São Paulo. Cap. 5.(mimeo.)



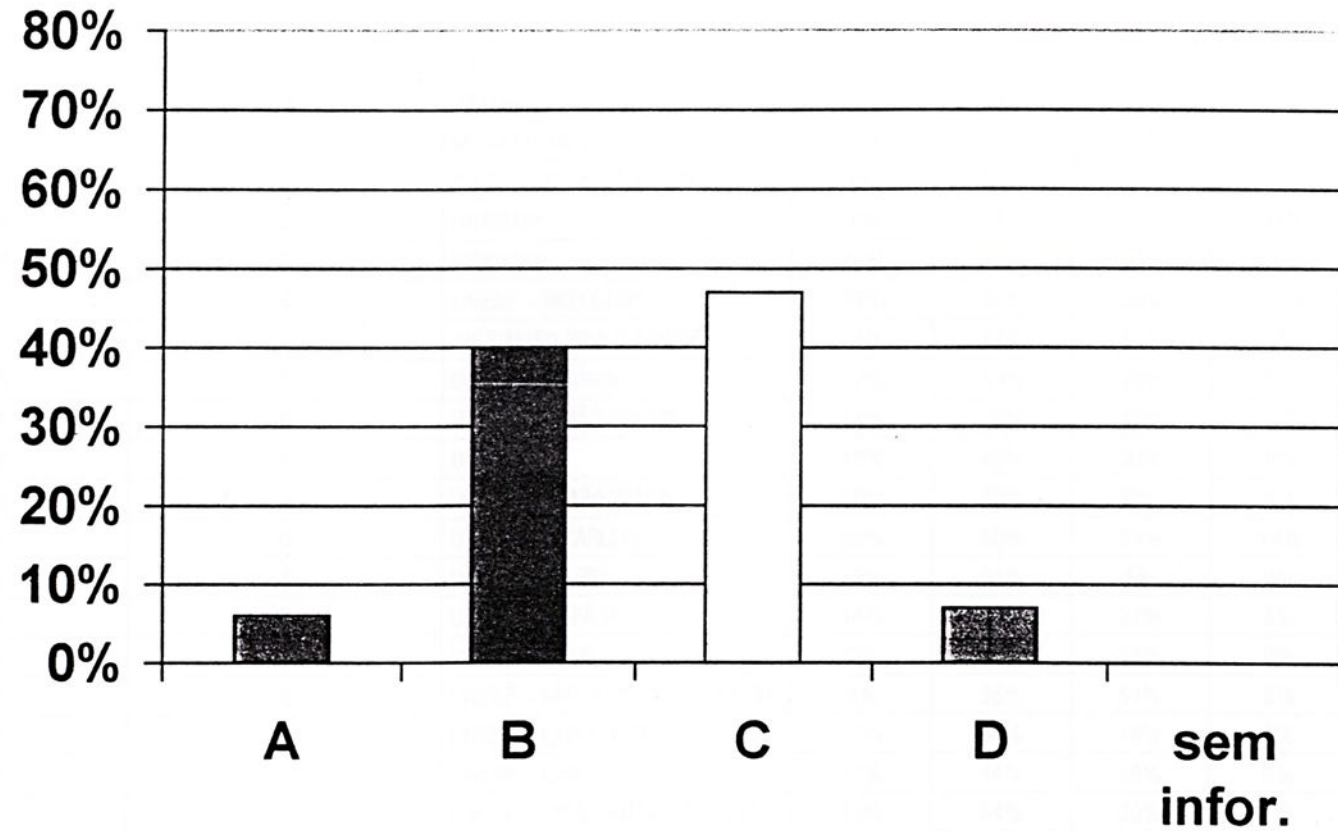
- GIROUX, H. A. *Os Professores como Intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da Aprendizagem*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- LEFÈVRE, F., LEFÈVRE, A.M.C., TEIXEIRA, J.J.V. *O Discurso do Sujeito Coletivo: Uma Nova abordagem metodológica em pesquisa qualitativa*. Caxias do Sul: EDUCS, 2000.
- LEITE, L.C.M. *Uma política da Universidade na formação de Professores: convergências e divergências*. Introdução (mimeog.)
- MARINI, T. *A Função do Ensino e a Prática Pedagógica numa Universidade Pública*. Presidente Prudente, 1990. Livre Docência na disciplina Didática do Departamento de Educação. UNESP Presidente Prudente.
- MEIRIEU, P. *Aprender ...sim, mas como?* 7 ed. Porto Alegre: ARTMED, 1998.
- MINAYO, M.C. de S. (org.) *Pesquisa Social : Teoria, Método e Criatividade*. Petrópolis : Vozes, 1994.
- NÓVOA, A. *Os Professores e sua formação*. Lisboa: Dom Quixote, 1992.
- NÓVOA, A. (org.) *Vidas de Professores*. 2 ed. Portugal: Porto Editora, 1995.
- PERRENOUD, P. *Práticas Pedagógicas Profissão Docente e Formação: perspectivas Sociológicas*. 2 ed. Lisboa: D. Quixote, 1997.
- PERRENOUD, P. *Dez Novas Competências para Ensinar*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.
- REALI, A. M.M.R., MIZUKAMI, M.G.N. (org.) *Formação de Professores: tendências atuais*. São Carlos: Editora UFSCAR, 1996.
- SÃO PAULO (Estado) Secretaria da Educação. Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. Programa de Educação Continuada: Avaliação das ações, 1998.
- SÃO PAULO (Estado) Secretaria de Estado da Educação. PTA(s) Planos Anuais de Trabalho. Assessoria Técnica de Planejamento e Controle Educacional. São Paulo, 1997, 1998, 1999.
- ZABALA, A. *A Prática Educativa: como ensinar*. Porto Alegre: ArtMed, 1998.



Anexo 1.
Avaliação de desempenho da UNESP de São José do Rio Preto
PEC- Fevereiro/98

2.6.17A DESEMPENHO POR POLO/INSTITUIÇÃO

PÓLO	INSTITUIÇÃO	A	B	C	D	S/INFOR.
17A	UNESP - SÃO JOSÉ DO RIO PRETO	6%	40%	47%	7%	0%



Fonte: CENP. Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas da Secretaria da Educação do estado de São Paulo. Relatório: *Avaliação das ações- Programa de Educação Continuada*. Fevereiro/ 98.

DESEMPENHO DO PEC POR PÓLOS/INSTITUIÇÕES

PÓLO	DELEGACIAS		INSTITUIÇÃO CAPACITADORA	INCIDÊNCIA DE GRAUS DE DESEMPENHO					TOTAL
	ENVIARAM AVALIAÇÃO	NÃO ENVIARAM AVALIAÇÃO		A	B	C	D	S/INFOR.	
1	6	1	CTE	0%	57%	43%	0%	0%	100%
2	6	2	USP - SP	6%	50%	35%	9%	0%	100%
3	4	2	UMC	3%	31%	46%	20	0%	100%
4	2	2	PUC - SP	12%	76%	12%	0%	0%	100%
5	4	4	ESCOLA DA VILA	15%	50%	32%	3%	0%	100%
5	4	4	CENPEC	17%	62%	17%	4%	0%	100%
6	8	0	CTE	6%	65%	27%	2%	0%	100%
7	7	2	UNITAU	14%	67%	12%	7%	0%	100%
8	6	6	MEGATRENDS	10%	71%	17%	2%	0%	100%
9	7	1	INSTITUTO PAULO FREIRE	4%	53%	13%	0%	30%	100%
10	4	3	UNICAMP	7%	31%	31%	31%	0%	100%
11	4	1	UNICAMP	16%	50%	34%	0%	0%	100%
12	5	0	UNESP - RIO CLARO	13%	53%	20%	12%	2%	100%
13	10	2	INSTITUTO PAULO FREIRE	14%	43%	14%	0%	29%	100%
13	5	1	UNESP - FRANCA	12%	59%	29%	0%	0%	100%
13	1	0	USP - RIBEIRÃO PRETO	12%	76%	12%	0%	0%	100%
14	6	1	UFSCAR	18%	53%	20%	9%	0%	100%
14	6	2	UNESP - ARARAQUARA	20%	40%	26%	4%	10%	100%
14	5	0	USP - SÃO CARLOS	29%	33%	24%	14%	0%	100%
15	5	3	UNESP - BAURU	36%	51%	5%	0%	8%	100%
16	7	7	UNESP - MARÍLIA	14%	57%	22%	5%	2%	100%
16	1	1	UNESP - ASSIS	0%	50%	25%	0%	25%	100%
17	6	2	UNESP - SÃO JOSÉ DO RIO PRETO	6%	35%	51%	8%	0%	100%
17	2	2	UNESP - ILHA SOLTEIRA	37%	44%	19%	0%	0%	100%
18	4	0	UNESP - ILHA SOLTEIRA	13%	44%	28%	9%	6%	100%
19	8	1	UNESP - PRESIDENTE PRUDENTE	11%	54%	30%	5%	0%	100%
19	1	1	UNESP - ASSIS	25%	75%	0%	0%	0%	100%
MÉDIA GERAL				13,70	53,11	23,70	5,33	4,16	100%

Fonte: CENP. Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas da Secretaria da Educação do estado de São Paulo. Relatório: Avaliação das ações- Programa de Educação Continuada. Fevereiro/ 98.



- Categorização das Respostas

O instrumento de avaliação abordou itens que agrupam os principais indicadores, princípios e pontos de referência que o PEC deve contemplar.

Para cada um dos oito tópicos foram levantadas quatro alternativas (a - b - c - d) categorizando o grau de atendimento dos mesmos e concluindo a seguinte leitura:

Alternativa "a" - grau de atendimento **excelente**,

Alternativa "b" - grau de atendimento muito **bom**,

Alternativa "c" - grau de atendimento indicando necessidade de **adequação** ,

Alternativa "d" - grau de atendimento indicando necessidade de **reformulação**

Sem Informação: - alternativa inserida para DEs que deixaram de avaliar alguns itens em casos de ações que tiveram seu início postergado, não havendo condições para uma manifestação segura; neste relatório graficamente representado pela **cor cinza**

Fonte: CENP. Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas da Secretaria da Educação do estado de São Paulo. Relatório: *Avaliação das ações- Programa de Educação Continuada*. Fevereiro/ 98.



Anexo 2.
Entrevistas dos docentes da Universidade

Entrevista: Docente Universitário 1

1. 51 anos.
2. Bom. Eu leciono aqui no Ibilce há 10 anos, 11, Estrutura e Funcionamento do Ensino Fundamental e Médio, mas antes o que eu lecionava era Psicologia.
3. Dentro da Universidade eu estou desde 89, então 11 anos e alguns meses, entrei em Fevereiro de 89.
4. Então, no Ensino Fundamental, a minha experiência foi absolutamente restrita porque eu apenas substituí algumas vezes, quando ainda estava fazendo o curso magistério. Depois no Ensino Médio eu fui professora de um curso magistério no Mato Grosso, foi professora no CEFAM aqui, embora o tempo não tenha sido grande. Somando tudo dá em torno de três anos.
5. Bom. Eu participei do último programa que a UNESP desenvolveu com a Secretaria de Educação, que é o PEC. Nos anteriores eu não participei porque eu não estava aqui na ocasião. É, como programa mesmo, esse foi o único que eu participei. Entre os termos dos programas anteriores do fim da década de 80 até o PEC, eu ia às escolas, em programas, vamos dizer assim, que as próprias escolas faziam de Formação Continuada; eu ia para dar palestras, mini cursos, mas eram iniciativas das próprias escolas. Como programa da UNESP junto com a Secretaria, esse foi o primeiro do qual participei.
6. Olha eu acho que eles são importantes. Eu, não desqualificaria em nada essa relação da Universidade com o Ensino Fundamental e Médio na questão de qualificação dos professores. Eu vejo até uma via de mão dupla - tanto é bom para os professores do Ensino Fundamental e Médio, como é bom também para nós professores da Universidade, para que possamos ter esse contato, uma vez que nós formamos professores; esse nosso Instituto que tem uma tradição que mantém na formação de professores. E acho que é importante porque os professores do Ensino Fundamental e Médio, assim como nós também professores da Universidade, temos a necessidade de aprimoramento constante. Então, é a única forma que eu penso. Docentes de qualquer Instituição, de qualquer natureza, de qualquer grau de ensino tem, de se atualizar. Se isso depender exclusivamente da vontade de cada um, pode não se efetivar para todos, né, agora na medida que existe um programa que a Secretaria propõe, que as escolas se envolvem, que há disponibilidade de tempo para os professores fazerem, então isso acaba ampliando muito para os professores a possibilidade de acesso a coisas que eles não puderam ter durante o curso de graduação. Eu gostaria ainda de completar com o seguinte: nós precisamos ter a idéia de que o curso de formação de professores, em nível de Segundo Grau ou na Graduação, é um curso que nós, podemos, devemos chamar de formação básica. É só aquilo que é básico, que é essencial para o indivíduo começar a carreira. Na sequência, junto com o trabalho que seria a prática, tem que haver a continuidade da formação. A formação não se acaba nunca. É essencial que haja continuidade, não só para profissionais dessa área, mas para profissionais de qualquer uma das áreas.
7. Eu penso o seguinte: A Universidade precisa ser parceira, né. Ela não deve executar alguma coisa que lhe é solicitada sem qualquer crítica, também ela não pode impor a sua visão nesses programas. Então, eu acho que o papel da Universidade é



ser parceira com quem a procura. Então, naturalmente a Universidade teria, tem que oferecer seus trabalhos em função da necessidade de quem vai deles desfrutar. Então o papel da Universidade é de observadora do Ensino Fundamental e Médio; o papel da Universidade também é de colaboradora; precisa se sentar com a Secretaria, como tem feito muitas vezes para alguns encaminhamentos; sua função é de participante; é de promotora junto com a Secretaria de Educação. Uma relação de parceria, um contrato parceiro. No contrato parceiro, ambas as partes, têm que participar, para ambas as partes tem que haver benefício.

8. Bom. Eu posso dizer da minha experiência. Eu trabalhei no 1º PEC com dois grupos de professores e dei o curso inteiro para cada um dos grupos, não é. Era um curso que tinha a intenção de ah, refletir sobre o trabalho na sala de aula, as possíveis transformações, recuperar com os docentes e com o ... Primeiro eu gostaria de falar desses grupos. Bom, um era de professores de 1ª à 4ª série e outro eram grupos de coordenadores pedagógicos e supervisores de ensino e tinham alguns diretores também. O intuito era esse que eu estava falando, de recuperar com esses profissionais, professores e também com os outros profissionais da educação, as práticas de sala de aula. Com os professores um enfoque e com os coordenadores, supervisores e diretores sob um outro enfoque porque tem funções diferentes. Com os professores, na minha avaliação, o curso foi muito interessante. Tanto eles quanto eu nos demos muito bem com relação aquilo que nos propúnhamos a fazer. Houve uma certa resistência por parte de alguns. Alguns resistiram bravamente, eles estavam ali como que obrigados. Parece que alguns foram obrigados mesmo, um pessoal de Fernandópolis, dali da região, de onde as professoras vieram obrigadas. Diziam que faziam porque "minha supervisora mandou eu vir... eu não queria vir" e tal. No decorrer do curso o pessoal foi se soltando e no fim já participavam bem, eram colaboradoras e até surpreendentemente, mas é claro que houve um trabalho deles e meu para isso. Ao final dos dois últimos encontros, essas pessoas mais resistentes já vinham mostrar o que haviam feito tendo em vista o que nós vínhamos trabalhando, então achei que foi muito interessante. Eu não tive dificuldade com esse grupo, a não ser essa, mas que é própria de um professor, a gente, o professor sabe que ele tem um trabalho todo de convencimento com o aluno, é sempre isso. Com o grupo de supervisores esse aí eu tive dificuldades, né. Os coordenadores pedagógicos estavam bastante interessados, bastante receptivos, ele puderam escolher pelo curso. Agora, os supervisores me surpreenderam pelo desinteresse. No dia do encontro, uma supervisora marcava para ir ao médico, outra tinha que sair cedo houve quem lesse revista durante a aula – parecia um conjunto de adolescentes. Isso realmente foi ruim. Agora, eu acho que talvez a natureza do curso ou o conteúdo não fosse do gosto deles, talvez fosse até inadequado. Também avalio isso. Talvez aquilo que eu estivesse propondo não fosse adequado para supervisores. Para coordenadores pedagógicos eu tenho certeza que sim, que era adequado, tanto que depois pediram para repetir o curso. Quando foi o PEC II, já foi regionalizado e aí eu não pude, já por conta de outros compromissos aqui no Instituto, assumir o curso todo, dividi com outras duas colegas do Departamento de educação, eu fui dar o último módulo, tanto para professores de 1ª à 4ª, quanto para também para coordenadores pedagógicos. E aí, era um único módulo, era se não me engano era em torno de doze a dezesseis horas então aí não tive problemas, acho que esse aí eu não tive problemas. O que eu acho um pouco problemático, mas aí não era bem da relação do professor da Universidade com os professores do Ensino Fundamental e Médio, foi a dinâmica, principalmente no 1º PEC aqui não é, em Rio Preto, a dinâmica de como esses professores eram chamados para ir ao PEC. Alguns não imaginavam, não tinham a menor idéia de como, da proposta do PEC; alguns achavam que no PEC era para a cada encontro ir um professor da escola, então num encontro ia um, no segundo encontro o outro, até que a gente descobriu que eles tinham essa idéia, quer dizer, não tinham a compreensão do que estava acontecendo. Então eu acho que faltou um pouco de explicação para eles das próprias Delegacias de Ensino, das escolas ou dentro das próprias escolas – os canais de comunicação já deviam estar meio obstruídos. As restrições que eu tinha seriam essas.



9. Oh, tem uns temas que eu acho bastante interessantes, mas eles são, a gente encontra um pouco de resistência para trabalhar com esse pessoal, que são os Fundamentos Filosóficos da Educação. Buscar aí fundamentos filosóficos, recuperar um pouco das questões históricas da educação no país e uma coisa que eu acho bastante interessante e que deveria estar incluído, seria uma análise dos conteúdos, seria um pouco, a análise histórica dos conteúdos escolares, por que é que determinados conteúdos são ensinados. Por que é que se optou por ensinar esses conteúdos que estão hoje nos programas, nos livros, hoje em dia nos parâmetros, etc e tal. Por que não outros, não é? Há autores que lidam com isso muito bem, tem autores nacionais, brasileiros que publicaram isso em algumas revistas, *Teoria e Educação*, então eu acho que isso seria importante para o professor refletir o porquê dos conteúdos que ele ensina, por que às vezes ele ensina o conteúdo que ele ensina, porque está no livro, sem qualquer reflexão sobre isso. Então, eu acho que, tanto reflexões sobre as condições da Educação Brasileira, como sobre o porquê do ensino desses conteúdos nas diferentes disciplinas.
10. Então, até na questão anterior eu já tive a oportunidade de falar um pouquinho sobre isso, né. Eu acho fundamental, embora haja pessoas que resistam, entendendo que são só teorias, mas as teorias elas são a manifestação da prática, – elas explicitam aquilo que ocorre, né. A teoria ajuda a transformar a prática, a prática também promove, provoca mudanças nas posições teóricas. Há uma relação não linear, mas uma relação dialética, então, eu acho essencial que as questões teóricas sejam tratadas.. Agora como as questões teóricas elas requerem bastante leitura, discussão, reflexão, e esse não é o forte do do nosso professorado, seja no Ensino Fundamental, seja no Ensino Médio, seja na Universidade. Outro dia até o nosso Reitor estava falando que nós na Universidade não lemos. E aí ele não estava falando que nós não lemos aquilo que temos que ler para poder trabalhar e dar nossas aulas, para que possamos fazer nossas pesquisas, mas ele fala, não lemos aquilo, não lemos aquilo que seria as regulamentações que regem a Universidade e que subjacente toda essa regulamentação, existem princípios filosóficos. Quer dizer, a Universidade é hoje o que é porque tem um conjunto de motivos. Ele que era da área de Literatura chamava a nossa atenção para isso. As questões teóricas também são mais complexas, mas difíceis de ser tratadas. Nós temos certa preferência por aquilo que é mais prático. Isto é próprio mesmo da nossa cultura.
11. Eu também já ouvi isso, eu também já ouvi isso que a Universidade vai à escola e quando chega na escola, não sabe exatamente como é aquela escola e que aquilo que é proposto é inadequado. Eu acho bastante interessante ouvir o que os professores falam, sabe. Se eles estão falando isso, deve haver motivo para que eles falem isso, não é. Por um lado eu acho que essa manifestação deles explicita essa dificuldade que eles próprios tem de lidar com questões que sejam mais teóricas. Eu acho que um dos motivos é esse. Outra coisa é a dificuldade que eles tem para lidar com conteúdo mais complexo. Nós temos relatos aqui, nas nossas avaliações de professores. Vou te dar um exemplo na área de matemática. Eles foram trabalhar com grupos de professores e esses professores tinham imensa dificuldade em lidar com conteúdos que seriam próprios que eles soubessem. No entanto, eles estavam tendo dificuldades, eles não sabiam aqueles conteúdos que seriam conteúdos de graduação. A Universidade pode estar longe daquilo que os professores sabem, do que aquilo que os professores lidam, mas nessa distância existe um conjunto de fatores, como coloquei aí uns dois ou três... mas, eu acho que é bom ouvir os professores sabe, que falam isso. Eu acho interessante ouvir os professores da Universidade como você está fazendo agora. Se a gente concorda com isso. Eu em alguns aspectos até concordo, agora em outros, nesses pontos que eu coloquei. Agora, por outro lado, eu também acho que a situação não é exatamente assim de causa e efeito, os professores da Universidade vão e falam uma coisa e os professores do Ensino Fundamental e Médio acham que está tudo muito distante, porque os professores da Universidade desconhecem o Ensino Fundamental e Médio. Eu acho que não é bem isso. Praticamente, vamos dizer assim quase todos os docentes da Universidade, pelo menos os que ainda estão aqui até agora, e agora nós temos uma outra geração entrando que tem um perfil bastante diferente. Boa parte dos professores, que trabalharam no PEC agora, são professores da Universidade, mas que tem raízes no Ensino Fundamental e Médio. Todos trabalharam pelo menos um pouco no Ensino Fundamental e Médio, então sabem o que é Ensino Fundamental e



Médio, sabem o que é aluno do Ensino Fundamental e Médio, o que é organização de escola e tal. Agora, o professor no decorrer desse tempo todo, entre o tempo (que tempo é esse que eu estou me referindo), tempo entre a interrupção da carreira desse professor do Ensino Fundamental e Médio, no momento atual, quando ele já está na Universidade há alguns anos e tudo, muita coisa aconteceu no Ensino Fundamental e Médio, houve uma série de ocorrências e tal. Então por vezes, o professor Universitário hoje, pode não estar mais reconhecendo a escola que ele conhecia, aquela escola em que ele estudou e que ele atuou durante os primeiros anos de sua carreira. Talvez seja uma outra escola.

12. Bom. Eu não tenho uma resposta adequada e precisa para isso. A gente não tem feito acompanhamento, não é. Eu pelo menos, com o pessoal com quem eu trabalhei não acompanhei para ver depois de terminado o curso como isso aconteceu. Durante o ano que nós demos o PEC I aqui, porque tinha um grupo de professores com quem eu trabalhei o ano todo, aí eu pude acompanhar né, o que a gente trabalhava, o que eles faziam na escola, o que eles traziam de retorno, tudo; mesmo aqueles mais resistentes eu achei que foi extremamente positivo, mais interessante, foi muito bom e tudo e houve reflexo sim, na sala de aula. Mas depois disso, tendo passado o nosso contato, eu não tenho a menor condição de emitir uma opinião sobre isso, né. O que nós temos ah, são alguns relatos de escolas, de diretores, dos próprios professores que eventualmente a gente encontra, mas eu não tenho nada com segurança para afirmar sobre isso, nem que foi adequado, foi bom, nem que não foi bom. Inclusive, se a gente pegar agora e falar “vamos olhar os dados de evasão, de retenção, de aprovação e tal”, mesmo esses dados hoje, eles não são, não dão mais a segurança porque nós temos no estado de SP a Progressão Continuada, então, só olhando dados a gente não pode avaliar o impacto. Eu pelo menos, não sou capaz de avaliar assim, a olho nu, o impacto dos cursos de Formação Continuada, ah sobre os desempenhos dos professores, a melhora desse desempenho, a melhora do aproveitamento do aluno.
13. Como um todo, pegando assim de uma forma abrangente e tal, eu acho que de toda forma os Programas de Educação Continuada que a Universidade faz junto com a Secretaria e com os professores da rede do Ensino Fundamental e Médio, esse impacto é positivo. Eu acho que é bom. Mesmo que não mexam muito com o professor, um pouco mexe, porque o professor vai para um ambiente com outros colegas de outras escolas, trocam idéias, falam das suas angústias, das suas virtudes, das suas necessidades e tal, quer dizer, mesmo que minimamente esses programas ofereçam algum benefício, eles oferecem benefícios. Como eu falei anteriormente, a gente não consiga, embora eu pessoalmente não possa precisar isso aí, mas intuitivamente pelo que os resultados que a gente tem ah oferecido de forma, informalmente pelas pessoas da Delegacia e tal, e também, a procura que a rede faz com relação aos cursos que a UNESP aqui oferece né, há evidências que esses cursos são bons para os professores, são adequados e tal. Você vê: No momento, aqui no Ibilce nós temos, ah pelo curso que chama Pró Ciência, que a FAPESP que cuida aqui no estado de SP, que é um dinheiro, uma verba da CAPES que é repassada para a FAPESP, tá certo que os alunos que são docentes do Ensino Fundamental e Médio, eles recebem uma bolsa para isso também né, mas também o número de candidatos para frequentar esses cursos, no momento nós temos um de Química e Física (para professores de Química e professores de Física), o número de alunos é sempre maior do que o número de vagas. Pode falar, ah mas os alunos recebem uma bolsa, esses alunos que são professores recebem uma bolsa. Recebem. Eu não saberia precisar exatamente quanto, mas eles recebem uma bolsa, ah eu não vejo nenhum problema. Aliás, acho que é muito bom que eles recebam. Depois, ah essas aulas aos sábados, mesmo com a bolsa, a pessoa precisa estar disposta a vir, não é, ter uma disposição, uma vontade de vir, porque são horas aqui dentro do Instituto estudando junto com os professores de Química e Física aqui do Instituto, não é. Como a procura é grande, então a gente pode inferir que um modo geral, os programas que a Universidade desenvolve com a rede, eles tem aspectos que são sempre positivos. Eu gostaria só de acrescentar. Eu falei dos programas do Pró Ciência que os alunos tem bolsa, mas nós também temos outros programas aqui para professores do Ensino Fundamental e Médio, desenvolvidos aqui na área de Língua Portuguesa, e estamos começando um na área de Matemática, que estão é, quando os professores que vêm, não



tem bolsa, os nossos professores também não tem, não ganham nada financeiramente com isso, é uma forma de colaboração e prestação de serviço para a comunidade, e a procura também é bastante grande. Então a gente percebe que há interesse, se há interesse é porque tem um resultado benéfico.

14. Eu gostaria só de reforçar uma coisa que eu já coloquei anteriormente, mas também está aí permeando as questões que já foram feitas né, que é essa questão mesmo do Projeto de Educação Continuada para a Rede Pública oferecido por meio dos professores das Universidades. Ser um Projeto onde haja parceria, que as partes se ouçam e façam junto aquilo que precisaria ser feito. Eu acho que isso é uma coisa, para projetos grandes assim, isso é essencial. Eu entendo isso como um aspecto fundamental, não é. Nada que a gente sabe que por vezes, por melhor que seja a proposta do curso feito, feita pela Universidade, só pelo fato de não ter sido discutida pelos professores, a os resultados podem não ser adequados, os professores podem resistir justamente pela falta de entendimento anterior, né. Hoje, felizmente as pessoas são mais, expõe muito mais os seus sentimentos, as pessoas não se reservam de fazer análises, de fazer críticas, de se indispor com aquilo que está lhes sendo proposto. Nós já durante o PEC mesmo, já ouvimos "a Universidade vem de pára-quebras" e tal e na verdade nós somos chamados a fazer, nós fizemos propostas, essas propostas foram apreciadas, então se elas foram aceitas não é, é o nosso entendimento que houve uma possibilidade de avaliar. Se elas não fossem adequadas, a Secretaria naturalmente não iria aceitá-las, como não aceitou uma porção de projetos que foram enviados. É só.



Docente da Universidade - 2

1. 49 anos.
2. Olha. A Disciplina de Cálculo Diferencial em Cedral; Análise Matemática; Equações Diferenciais Ordinárias; Álgebra Linear; Funções de Variáveis Completa. Tudo na Universidade e dentro da área de Matemática.
3. Em Março, eu completei vinte e seis anos. Portanto, nós estamos em Abril, vinte e seis anos e um mês.
4. Nenhuma.
5. É, eu nunca participei de nenhum PEC. É, eu estou no momento coordenando um curso de, do programa Pró Ciência, que é um programa da CAPES, ele só pode ser desenvolvido através de convênio com a FAPESP e a Secretaria da Educação. Então, é um curso que tem muito o espírito do PEC, que é o objetivo em si, é melhorar, a melhoria do ensino, só que é específico para caso de Ensino Médio – o Pró Ciência. Agora na minha equipe, todos os professores, eu tenho mais três professores que trabalham comigo, todos eles já trabalharam no PEC. Então, ah eu vou falar assim, de uma maneira geral em relação ao PEC e ao curso do Pró Ciência, que em geral, os problemas são mais ou menos parecidos, os objetivos são os mesmos, e tem algumas diferenças né, que no momento oportuno a gente, eu comento; mas o objetivo em si é o mesmo ensino né, no caso o Ensino Médio. Mas eu conversei com os colegas da equipe e eles me deram assim as impressões deles sobre o programa PEC, então eu vou falar também sobre o PEC, assim, daquela experiência que eles tiveram, tá certo. Eles participaram do PEC, chamado Ensino e Metodologia de Matemática Elementar 2. Isso foi em 98. Foi coordenado por uma professora aqui do Ibilce, do Departamento de Educação, eles trabalharam com dois módulos: Geometria Plana e Geometria Espacial tá.
6. É, a importância que eu acho é o seguinte: um dos itens é a interação entre os professores Universitários e os professores do Ensino Fundamental e Médio, porque em geral, o que acontece é o seguinte: o o aluno se forma na Universidade, aí ele vai para o mercado de trabalho, começa a trabalhar e ele nunca mais volta para a Universidade né. Seria interessante que se mantivesse um vínculo, que quando ele tivesse algum problema, no exercício lá da profissão dele, que ele voltasse aqui ; mas em geral, também isso não acontece por falta de tempo, o pessoal entra naquele esquema, numa correria e acaba não tendo tempo pra isso. Então, esses programas, tanto o PEC quanto o Pró Ciência, traz os professores de volta à Universidade né, volta a ter contato com os professores - esse é um ponto. É ah, outra coisa é que esses cursos, também colaboram na melhoria da formação desses professores. Sugerem abordagens novas, materiais didáticos, aplicações contextualizadas, como é o caso desse curso que eu estou dando, que nós estamos coordenando, referências bibliográficas novas que às vezes os professores não tem conhecimento. Então, quando eles vêm pra cá, eles entram em contato com uma série desses materiais e uma coisa interessante também que nós observamos, é a interação entre os próprios professores do Ensino Médio. Então, quando você desenvolve um tópico em sala de aula, você põe lá, no nosso caso, trinta e cinco professores, que vem de escolas diferentes, com informações diferentes, então eles discutem entre si a a forma de abordagem; eles trocam experiências e, isso é interessante também porque, você vê uma interação entre eles, é um momento que eles também trocam experiências né e falam assim de trabalho, o que tá fazendo, como que um faz, como que outro faz entendeu, então é um, acho que é muito interessante essa parte também.
7. Olha, eu entendo que o papel deve ser assim de de orientar, direcionar, técnicas de ensino, formas de abordagem, é indicar, material didático novo, coisas que às vezes os professores no seu dia-a-dia não tem tempo, não tem condições de (conseguir). O pessoal da Universidade tem mais facilidade com isso, através de estudos de bibliografias, eles vão se sentir atualizados, através de revistas né. Então, ah o papel deve ser assim, fazer uma orientação e inclusive diante das mudanças que ocorrem aí, em toda a sociedade, não só na Educação. Você vê que as coisas, as mudanças ocorrem em todos os setores da sociedade e às vezes você tem que fazer mudanças de técnicas, de abordagens, coisas assim. Então, a Universidade teria essa função. Eu acho que seria uma função que ela teria, nesse caso.



8. As dificuldades? Olha, em geral esses cursos do PEC, do Pró Ciência, eles são desenvolvidos e projetados por professores que não tem como eu, experiências no Ensino Fundamental e Médio. Então, isso leva, às vezes os professores a programarem um curso, ali longe daquilo que os professores do Ensino Fundamental e Médio esperam. Eles vem esperando, com uma certa expectativa e de repente eles vêem que não é nada daquilo. Isso acontece. Já aconteceu com o PEC e tudo mais. Então esse é o problema porque de cara você já cria um abismo entre o que um planejou e o que outro estava esperando, a expectativa e o que o outro tinha planejado. E uma outra coisa também, dificuldade com o PEC e não com o Pró Ciência, com o PEC, é o seguinte: é que os professores (participantes) do PEC não são, parece que eles são assim, praticamente convocados a fazer o curso; eles não vem por livre espontânea vontade, por interesse, então, parece que eles são convocados. Inclusive, pessoas que nem estão em exercício parece que vem fazer o curso. Então, isso cria uma situação de desinteresse. O pessoal tá ali, porque está sendo dispensado da sua atividade naquele horário ou porque ele foi obrigado, ou então, como ele não tem interesse fica um problema, porque ele não tá nem aí porque o outro professor tá tentando passar, você entendeu? Essa é uma das diferenças que tem com o Pró Ciência. O Pró Ciência é um curso desenvolvido, por exemplo, aos Sábados, então, é fora do horário de trabalho do professor, só vem realmente que tá interessado, porque ele não recebe nenhuma licença nem nada da Delegacia, coisas assim; e aí ele tem uma pequena ajuda de custo, a FAPESP paga uma coisinha pouca, mas paga uma pequena ajuda de custo e esse é aos Sábados. Então só participa quem realmente tá interessado e é feita uma seleção, porque como tem essa ajuda, o número de vagas é específico, então é, no nosso caso, de trinta vagas, nós tivemos quase cinquenta escritos; então foi feita uma seleção. E, então nós selecionamos o pessoal mais jovem. Pessoas que estavam perto da aposentadoria nós não selecionamos. Porque (poderia ser) uma pessoa que iria usar o curso, mas depois ia aposentar e não ia ter proveito; então demos preferência para pessoal jovem. E, e das escolas públicas e não das escolas particulares. Às vezes tem alguns que estão nas escolas particulares, mas tão também nas escolas públicas. Então isso é uma diferença que no Pró Ciência funciona muito bem. Se você selecionou e só vêm realmente as pessoas interessadas. O fato é que no PEC isso não acontece. Então, essa falta de interesse no caso do PEC é uma das dificuldades também porque cria, um pessoal que não tá interessado, então fica difícil para o professor desenvolver o seu curso, entendeu tá.
9. É. Uma coisa que os professores, a gente sente que eles gostam muito. É, falando no caso específico da matemática é a apresentação de material didático. Quando você (traz) um, alguma coisa que eles possam trabalhar, mexer e eles acham interessante. Então, seria um um, único interesse: desenvolvimento de material didático. É, no caso da matemática também, uma coisa também que eles pediram e que eles tem muita dificuldade é fazer um tópico ou módulo, coisas assim, sobre resolução de problemas contextualizados, né. Eles tem muita dificuldade em modelar um problema, pegar um problema do dia-a-dia né; modelar, equacionar, resolver, interpretar esse problema. Isso eles não tem uma formação na Universidade, eles não vêem isso, e e eles tem muita dificuldade com isso. Então, seria desenvolvimento de material didático, é incluir resolução de problemas contextualizados que é, inclusive uma das reivindicações das atuais diretrizes do Ensino Médio né. E também ainda no caso da matemática, uma forma de fundamentação lógica, é eles não tem muito uma idéia de como funciona a lógica pra você provar uma implicação, uma negação, uma formação, entendeu. Essa parte de fundamentação lógica, né.
10. Bom, no caso da matemática, essa fundamentação teórica é essencial né. É impossível você trabalhar sem uma fundamentação teórica. É, e ela também serve para diminuir, eventuais falhas na formação universitária do professor né. E o objetivo seria o de relembrar conceitos, e depois, mas sempre em seguida você envolver o conceito com a aplicação né. Esse é, o que nós temos feito no Pró Ciência é assim. A gente dá uma parte da aula desenvolvendo a parte de fundamentação teórica né e depois, logo em seguida, com uma série de aplicações contextualizadas. Quer dizer, porque aqueles conceitos estão envolvidos. Então, no caso da matemática, é importante, só que tem que ser sempre ligado a situações, a aplicações para o professor ver onde que aquelas coisas aparecem né, dar valor e sentir que realmente são importantes né.



11. É, essa opinião para mim é verdadeira, tem fundamento e ela segue é um daquela resposta anterior que nós dissemos que, os professores aqui da da Universidade, eles muitas vezes, na maioria das vezes eles não tem experiência com o Ensino Médio – Fundamental e Médio. Então, cria esse abismo na expectativa de um e de outro né, preparou né. Mas, o que nós observamos também, é o seguinte: que é, no começo, logo no desenvolvimento das primeiras aulas, cria aquela disposição vamos dizer, mas em seguida o pessoal conversando né e as partes conversando, o que aconteceu foi que os professores mudaram os rumos do curso, readaptaram o que haviam programado para chegar à, na expectativa dos professores. Então, assim, num primeiro momento isso é verdade, mas o o professor, no caso, o professor universitário que está desenvolvendo o módulo, ele tem condições de mudar o seu esquema de trabalho, suas abordagens, para atender melhor as expectativas dos professores. Então, isso aconteceu no PEC, nos PECS que o pessoal participou né e no Pró-ciência também, porque quando nós programamos, a gente programou dentro de uma série de expectativas e devagarzinho a gente foi sentindo que a gente tinha que ir mudando aqui e ali, entendeu. Fizemos isso, então a gente tem condições de moldar, de readaptar os objetivos do curso para atender as expectativas dos professores né, o que aconteceu né.
12. No caso do ... aí vem aquela questão: quando os professores estão participando do PEC ou do programa Pró-ciências, quando eles estão realmente interessados no assunto, esses reflexos ocorrem imediatamente. Isso a gente sabe através de relatos dos professores, que relatam as experiências que eles viveram aqui, que tiveram em sala de aula. E, então por exemplo, no caso eu fiz o ano passado, eu fiz um projeto com eles que chama “quanto podemos economizar de energia elétrica”. Então, é um projeto simples que a gente ensina primeiro o que é um quilowatt hora, como é medido, o consumo de um aparelho elétrico de uma determinada potência, quanto ele gasta por hora. Aí, esse projeto vai usar o seguinte: o aluno pega todos os aparelhos elétricos que ele tem em casa, mede as potências, faz uma estimativa do tempo ele fica ligado por dia, depois faz por mês né, multiplica e faz por mês, vê o custo de quilowatt hora na conta de luz, e vê o custo mensal da energia. Aí, ele vai analisar bom: se o televisor ficasse ligado metade do tempo quanto que eu economizo né? Se eu apagar a luz do banheiro que fica acesa a noite inteira por causa da criança, quanto que eu vou economizar? Coisas assim né. Esse projeto, por exemplo nós temos professores aí. Eu o dei no segundo semestre do ano passado, que já aplicaram no segundo semestre do ano passado e nesse primeiro semestre já reaplicaram. Então, você aí que eles vivem aí entusiasmados, o pessoal gosta, faz e tal. No caso do PEC também. Temos relatos de professores que usaram as experiências aqui imediatamente. Agora tem aquela questão: aquele professor que tá lá apenas para cumprir horário, que não tá interessado, esse realmente não vai ter né, mas, de uma maneira geral, esses que estão interessados, aplicam as coisas que eles vêem aqui né. A gente sabe que sim.
13. Bom, essa questão é meio... quer dizer, a resposta ... Deve ser, o reflexo deve ser a melhoria da qualidade do ensino né. Agora, eu sei que é difícil você medir isso, quantificar, saber o quanto que que influência está tendo realmente, se está melhorando... Até você perceber: não está melhorando, mas se eu não estiver tendo esses programas, como estaria então? É uma coisa difícil de se analisar né, mas eu imagino que o reflexo tem que ser a melhoria do ensino. Eu acho o melhor. Eu não sei como seria possível quantificar isso né. Eu tenho certeza que seria melhorar o ensino seria o reflexo.
14. Bom é. Bom, em relação ao Pró-ciência, eu falei daquelas diferenças. É o seguinte: uma das diferenças que eu falei que eu acho importante com o PEC é aquela que o Pró-ciência é programado; ele tem um programa, a gente faz uma divulgação, e isso vai para as delegacias, para as escolas, então realmente, só os professores interessados acabam participando. Então, nós sentimos uma, quer dizer, o grupo que trabalhou no PEC e que trabalhou no Pró-ciência, sentiu uma diferença muito grande, porque o o pró-ciência foi muito melhor trabalhado e dizem que o motivo é esse: que os professores que procuram o pró-ciência são realmente interessados, que não estão ali porque alguém mandou, alguém convocou ou coisas assim né. Essa é uma diferença e eu acho que no caso do PEC, talvez fosse o caso, uma crítica também que eles fizeram em relação ao PC foi a seguinte: que às vezes o programa do PEC é um, um não é de interesse de determinadas partes dos professores que tá fazendo. Às vezes o professor, o programa está sendo desenvolvido perante uma determinada série e tem professor ali que não dá aula naquela série e nunca deu, não está dando; então ele não tem interesse. Eu nunca dei aula, não estou



dando aula para essa série, não vou dar então, não tem interesse. Então seria talvez uma coisa assim, quer dizer, que o programa fosse programado pensando assim num projeto de, pensando no projeto em si, conteúdo né, o público alvo, quer dizer, quais os professores que vão participar né, e inclusive pegar professores da Rede que estejam atuando na Rede. Não professor que tem título de professor, professor que esteja realmente atuando com aquelas classes, com aquelas séries. E aí ia ficar uma coisa mais interessante. Esse é um detalhe, uma das diferenças do Pró-ciência e do PEC, que talvez fosse interessante para o PEC adotar esse tipo de coisa.

15. Bom é, uma das coisas é, é essa que eu comentei agora que é a elaboração de um, um programa do PEC é, fosse, levasse em conta isso: o público, os períodos de aula né, o público alvo, é que fosse direcionada para professores mais jovens, em termos assim pensando na discriminação daquele que, no aproveitamento daquele que melhor aprendeu né; é, professores que estejam realmente atuando no ensino, ensino fundamental e médio, e que os professores não sejam convocados a participar dos programas né. Eu acho que nesses casos o resultado seria muito mais produtivo. Deve ser isso, comparando assim com relação ao Pró-ciência eu acho que, pelo o que os colegas disseram a respeito do PEC, eu acho que seria isso aí o que eu queria dizer – é por aí.

Entrevista: Docente Universitário 3

1. 49 anos.
2. Eu leciono Psicologia da Educação... e Letras aqui em Rio Preto e Desenvolvimento Sócio-Moral da criança na Pós-Graduação em Marília.
3. Dez anos.
4. Eu tive dois anos de, no Ensino Fundamental e Médio há uns vinte anos atrás.
5. Eu participei em 94 do curso de aperfeiçoamento para professores de Matemática, curso de 180 horas. Tivemos professores aqui de toda a região e eu considero que tenha sido um sucesso, mas foi uma experiência que a área da Educação nunca mais repetiu. Daí em 97, 98, a Secretaria de Educação promoveu o PEC e eu participei dos dois, nos dois anos oferecendo a disciplina – era sobre a questão de disciplinas, a questão da disciplina na escola. Então, em 97 eu trabalhei com duas, eu trabalhei com duas turmas, duas turmas, uma da região de São José do Rio Preto e as cidades em volta e uma segunda turma da, de pessoas de Catanduva até Santa Fé, mas elas vinham aqui. Daí em 98 eu trabalhei o mesmo curso, novamente em duas turmas, só que a turma de São José e região é, foi aqui no Ibilce, aqui na UNESP e a turma mais distante foi em Fernandópolis. Daí eu tive que me deslocar até Fernandópolis. Gostei porque, e esse, essa capacitação eu ofereci para o pessoal de Direção: diretores, vice e coordenadores. Eu creio que eu tenha conseguido alcançar o obj, no primeiro ano cerca de uns setenta diretores e coordenadores, desses profissionais e no segundo ano, uns oitenta mais ou menos que nós trabalhamos. Para um pouquinho.(nesse momento da entrevista, fomos interrompidos). E nessa, e nessa capacitação era um curso teórico-prático em que eu pedia a teoria, pedia que os diretores, vice e coordenadores trouxessem a experiência deles e o que eles estavam entendendo por disciplina e como estavam lidando com isso na escola.
6. Eu creio que esse relacionamento escola - professores do Ensino Fundamental e Médio e Universidades, nesses cursos de capacitação em serviços, sejam fundamentais pro, pro desempenho do professor, porque nós não podemos pensar que o professor se forma e tá pronto para trinta anos de carreira. E no caso específico da área em que eu trabalho que é Desenvolvimento Sócio-Moral - questões de disciplina, então são questões muito dinâmicas, que a cada período da história da cidade, da história da cultura, tem manifestações diferentes. Então é, fundamental que esses professores estejam atualizados, que eles estejam em capacitação contínua.
7. O papel da Universidade: levantar as necessidades, planejar, planejar o curso de acordo com as necessidades da escola e desenvolver de forma teórico-prática. Quando eu falo teórico-prática, é a Universidade trazer para os profissionais, uma discussão em termos teóricos, mas nunca esquecendo que está refletindo a prática, desse docente.
8. A maior dificuldade que eu encontrei é de professo, dessas pessoas que estavam em cargos de direção: diretores, vice e coordenadores, pelo tempo de serviço que eles tem, por estarem nessa posição; então, eles já têm um bom tempo de serviço; eles já se acharem auto-suficientes. Acharem que, que um que já tinha, que tudo que eles tinham que aprender, já tinham aprendido. Alguns vinham à capacitação, assim como que vai para um piquenique. É um dia de folga, então ele vai lá, encontra os amigos, bate papo e tal, mas sem compromisso muito sério, sem compromisso de aprender e principalmente um compromisso de estar refletindo a própria prática da sua escola com as teorias que estavam sendo discutidas; e um compromisso também voltado para a mudança – o que realmente ele pode estar fazendo na escola.
9. Eu creio que hoje, nós tenhamos também que estar trabalhando a própria dinâmica da sociedade atual, como a o impacto da, o impacto da, do desenvolvimento tecnológico como a computação,...na sociedade como um todo.
10. Nenhum trabalho pode ser realizado sem uma adequada fundamentação. Não acredito no fazer pelo fazer. Cada atitude, cada passo, cada atividade dentro da escola tem um subsídio teórico para respaldar E um modo interessante que para cada atividade tem n



teorias, então, o, tem que haver um papel de reflexão pra, num determinado momento estar se fazendo definições teóricas. Com qual modelo teórico que nós vamos trabalhar. Ou te falar que um modelo teórico é melhor que o outro, eu acho um pouco preocupante, porque os modelos, principalmente os em Psicologia, que nós temos que são, três grandes modelos, se bem aplicados e bem entendidos, eles dão conta. A grande questão é que nós temos muitas pessoas que, fazem só por alto o modelo e querem aplicar, e aí fica, fica um trabalho capenga e não um trabalho consistente. Então, nesse aprofundamento teórico eu vejo uma grande dificuldade que envolve leitura, reflexão e discussão. Então, prática que condena, que seus alunos não tem, prática de leitura, prática reflexiva para discussão, mas eles não têm muitas vezes porque seus professores não têm e porque isso demanda tempo, demanda esforço individual e tem que ter vontade e são questões que, eu não acredito que nós, que isso se... são questões que vão se modificando em médio e longo prazo. Eu não acredito também em modificações súbitas. Conversões súbitas não me cheiram bem não.

11. Justamente, por ouvir esse tipo de crítica é que nessas duas últimas capacitações eu trabalhei, eu procurei, fazer, trazer uma teoria que leva a reflexão, que obrigasse os professores a fazer uma reflexão sobre a prática deles. Algo bem, nós poderíamos dizer assim, o mais prático possível, mas sem fugir também de um rigor teórico. E quando nós exigimos um pouco mais de reflexão, fica mais fácil para o professor falar o que, o que a Universidade está trazendo pode dar para a sua realidade, porque muitas vezes o professor condena é, critica, critica e que levasse a coisa muito simplificada e Eles falam que quando está dando receita e mas também se não fizer a receita, eles criticam. Então, nós da Universidade, ficamos no fio da navalha. Então, esse equilíbrio é muito difícil de estar fazendo. Eu gosto desse desafio. Eu acho isso muito importante. É de estar fazendo com que o professor reflita sua prática e fazendo o, com que ele perceba, como que ele pode estar trabalhando a sua prática, com as teorias que nós demos.
12. Na minha área específica, o reflexo não é..., algo a médio e longo prazo, porque modificações sociais, modificações de condutas de alunos em sala de aula, condutas de alunos na escola e na sociedade, é algo que fica difícil para discutir. Quando nós temos alunos indisciplinados, temos assim, uma sala indisciplinada ou mesmo uma escola inteira indisciplinada, nós não podemos esquecer que esse aluno está dentro de uma sala, essa sala tá dentro de uma escola e essa escola tá dentro de uma comunidade. Então, nós não podemos estar falando que um aluno é indisciplinado como se a sociedade não o fosse, tá.
13. Como um todo eu considero super positivo. Conversando com professores de outras disciplinas, que trabalharam em outras capacitações e depois quando ele retorna a essas escolas, e também quando nós recebemos alunos aqui, que é raro na Universidade, que foram alunos desses professores que receberam capacitação, as falas e os procedimentos dos alunos, que são reflexos do que eles estavam recebendo desses professores que tiveram a capacitação diferencial. Inclusive, fala de alunos, no sentido de notar que o professor dele tinha, trabalhava diferente dos outros professores, dos professores dos outros colegas dele, e que ele gostava, naturalmente ele gostava mais desse professor dele. Então isso, é mas isso nos traz um sentimento de que o efeito é positivo, embora mensuração disso não seja muito fácil, não seja muito fácil, e também os efeitos, não pode estar pensando, "teve a capacitação esse ano, o efeito é imediato no ano seguinte". E também a Secretaria, como não deu continuidade a essas capacitações, acabam se perdendo. Então teve em 97 e 98, e a última que eu fiz foi em 94, quando vai ser a próxima? Então o efeito acaba se diluindo por uma falta de continuidade, mas quando se tá trabalhando, nos anos seguintes se percebe a mudança, mas como a escola está num entra e sai constante de professores, se passado dois, três anos sem nenhuma capacitação em serviço, todo esse trabalho de 97 e 98, vai para o espaço; porque esses professores vão se aposentar e também por falta de uma continuidade dessa capacitação, os que estão lá, acabam sendo contaminados pela práticas antigas e volta tudo como tá.
14. Um ponto que eu acabei de falar agora pouco, é que eu considero importante é que nós tenhamos continuidade nesses projetos. Que haja um diálogo constante entre a rede, entre as escolas e as Universidades, elas trazendo as suas preocupações, as suas necessidades e a Universidade funcionando com um papel de reflexão, reflexão desse trabalho de Capacitação continuar, porque não adianta só estarmos formando bons professores, nós temos que mantê-los bons professores, ninguém se mantém é, uma capacitação, principalmente hoje, a educação que tá uma coisa muito dinâmica, se não tiver, se não tiver estudando continuamente, tiver sendo é, estimulado para fazer isso, vai com o tempo, ele vai se acomodar e vai ficar quietinho no canto dele e fazendo a mesmice. Então, eu considero que essas capacitações têm que continuar, permanentemente para que possa alcançar um maior



número. E quanto a modelos de, modelos de capacitação, esse modelo atual do PEC, eu creio que poderia ser um pouco maior, porque esse encontro de uma ano, eu achei também pequena, poderia ter uma capacitação com maior número de horas e também no lugar de trabalhar o dia inteiro com um professor que era um modelo, por volta de um dia inteiro, nós trabalharmos talvez no semestre, no lugar de três dias, três meios dias, que o rendimento seria muito maior e o contato entre a Universidade e o professor seria também bem maior. Então, existem sugestões para melhora do modelo, mas uma coisa que eu acho que nunca deveria ocorrer é parar. É isso.



Entrevista: Docente Universitário 4

1. 55.
2. É, Psicologia da educação.
3. Ah, 25 anos. Eu me aposentei pela UNESP fazem cinco anos.
4. Eu tive experiência... Ingressei como professor 1, depois trabalhei como professor 3 na área também de Psicologia da educação, na formação de professores, era o ensino... formação de magistério, agora eu não me lembro qual era o nome na época. Era habilitação para o magistério, eu acho que era. Ah, fui diretora de escola, supervisora de ensino, delegada de ensino. 25 anos de experiência na área do magistério oficial.
5. Bom, eu participei dos núcleos de ensino da UNESP como coordenadora do núcleo local. Eu não me lembro exatamente o ano, acho que foi 92, 93. Fui coordenadora do, da comissão central dos núcleos de ensino. Então, esse era o programa de progressão continuada de professores que tinha a iniciativa da própria universidade, de diferentes núcleos ah, de ensino em cada campus da universidade, tinha um coordenador e eu fundei e coordenei o núcleo daqui de Rio Preto de 92 provavelmente a 95, 96, por aí. E, depois de aposentada, eu participei do programa de educação continuada, o PEC, um, ministrando era, um curso: Novas Mídias na formação do professor, tanto para professor 1 e 3, como para especialista, então eu participei desta outra fase do PEC (programa de educação continuada).
6. Bom, eu acho que só a formação continuada não pode ser desvinculada dessa parceria universidade - escola ensino fundamental e médio, mas é verdadeiramente uma parceria e não um programa feito isoladamente, nem tanto, nem só pela rede, nem só pela universidade; e acho que esse é um caminho, mas é um caminho que teria que ser voltado sobretudo pra pesquisa em educação, onde a universidade tem uma grande colaboração a dar. Ah, e uma pesquisa onde tem fundamentos teóricos, mas ligados a uma parte prática porque o professor também tem uma urgência aí, para resolver seus problemas em sala de aula, pra voltarmos para a melhoria qualitativa. Então, eu creio que a universidade tem um papel relevante nesses termos.
7. Bom, eu acho que acabei falando um pouco, né. É, é, eu só acredito num trabalho em parceria, e parceria a universidade não pode se colocar numa hierarquia, num patamar superior, porque ela pode ter em termos de educação do ensino médio, fundamental, a universidade pode ter alguns fundamentos teóricos mais, mais claros do que o professor que tá trabalhando, só que, é, não, não adianta entrar só com a teoria. Então, num trabalho de parceria e na vivência do cotidiano, refletindo o cotidiano do professor no dia-a-dia, a universidade tem muito a colaborar porque ela vai ter os instrumentos de pesquisa, né; melhor formulados, com mais, maior rigor, mais não pode deixar de ter essa participação ah, do docente, do professor desde a compreensão do que é que ele precisa, da participação na elaboração do projeto, no, na execução, na avaliação desse projeto, quer dizer, é um trabalho de parceria em todas as fases, desde a escolha do campo, da área em que há necessidade de, do professor trabalhar mais, se aprofundar, melhorar, na elaboração, escolha de objetivos, propostas, portanto a elaboração de um plano com as atividades, a execução não é, uma execução que não tem às vezes ah, num ponto de partida, nem tudo está claro, é uma construção; você vai reformulando, revendo o próprio processo, é um processo de construção desta formação e que a participação do professor é importante e nesta construção. sempre avaliando; um avaliar contínuo né, um avaliar diagnóstico para poder é, ter algum rendimento e o professor ah, altera por exemplo, a conclusão de um projeto, saber se deu certo, se não deu, retomar o projeto nos mesmos termos, em outros, aonde modificar. Então, eu acho que a participação da universidade e da rede tem que ser essa parceria, mas muito bem entendida, não ah, uma parceria só de nomenclatura não.
8. Eu acredito que um dos problemas básicos está que, quando se pensa nesses programas, a universidade pensa muito em programa de extensão. É como se a universidade dominasse um, esse campo de conhecimento sobre a educação, sobre metodologia, tal e fosse fazer um programa de extensão. Aí, gera conflito, porque quando a universidade vai expor metodologias, o professor da rede diz: "bom, na teoria muito bonito, mas na prática é outra coisa". Então me parece, este é o, me parece que este é um ponto básico, são programas em que a extensão de serviço para a comunidade, feita pela universidade é verdadeira, mas é uma extensão muito vinculada à pesquisa. A universidade não tem ainda os caminhos prontos pra chegar e só



passar um conhecimento pronto, uma extensão de conhecimento para a comunidade, não ela vai construir esse conhecimento sobre ensino, sobre metodologia, sobre todo, todas, todas as etapas do processo educativo no ambiente escolar. Então, é um processo em que a universidade teria que, que ter muito claro que é um trabalho de pesquisa ligado à extensão né, e a pesquisa, as três áreas estão interligadas: a pesquisa sobre ensino e é um trabalho de extensão; mas se você pensar se a, toda vez que a universidade pensou apenas num trabalho de extensão, ela vai como se ela já dominasse esse campo de conhecimento pra passar para outros, para outro campo que é o caso do ensino médio e fundamental e ela não domina. Ela tem que construir esse conhecimento pedagógico.

9. Bom, ah vários. Eu vou exemplificar um. Inclusive é o que eu mais trabalho como um projeto, uma proposta de trabalho com o pessoal da rede, ah. Pra todas, quase todas, praticamente todas as disciplinas, ou conteúdos de disciplinas né que os professores poderiam trabalhar, um dos problemas básicos é a comunicação desse professor com o aluno. Uma comunicação com um caminho duplo de, mão dupla de direção, quer dizer: ele para o aluno, do aluno para ele. Então, a comunicação é um tema fundamental e eu, e a comunicação com os seus meios, que hoje você poderia falar bom, comunicação verbal, comunicação escrita, a comunicação através da imagem que domina o mundo atual né, a comunicação hoje via rede, via computador, ah via televisão; os vários meios. Então, eu acredito que este pelo menos entre outros, este é um tema que eu considero importante, tanto que programei projetos né, quando trabalhei nesses programas já citados do PEC, era sobre novas mídias e a formação do professor. Eu acho que o professor tem que dominar a comunicação por outros meios que não o verbal, oral ou o escrito; sobretudo a comunicação via imagem, imagem eletrônica, imagem movimento, não é, pelo meios de comunicação de massa. Dominar ele primeiro né, ele tem que dominar essa linguagem, ah e propor atividades na sua disciplina que contemplem o uso dessas novas mídias né, então não ficar... Então, eu acho que esse é um tema fundamental e outros ligados ao próprio comportamento, liderança, ah filosofia, não filosofia pura, mas aspectos éticos na prática, na relação, no tratar com seus alunos, programas de direitos e deveres, de respeito humano. Eu acho que a fundamentação ética profissional, ética também é um ponto fundamental, falta muito respeito sabe, pelo outro, do aluno para o professor e muitos casos, há um desrespeito sim do professor em relação à criança quando por exemplo não considera, tomando como exemplo: uma criança que inicia a alfabetização e você vai tratar só na língua culta e essa criança não domina. É um desrespeito à criança, daí talvez até uma grande parte da evasão escolar, porque essa criança é possivelmente desadaptada no novo meio. Então, eu acho que tem vários, várias atividades, vários, vários campos que poderiam ser trabalhados e pesquisados em parceria universidade – rede, sem ser apenas os conteúdos de disciplinas específicos.

10. Bom, este é um dos problemas básicos, né. Fundamentação teórica. Eu acho que se você fala que o trabalho é, de formação continuada é um trabalho de pesquisa, um trabalho de pesquisa, ele pressupõe essa fundamentação teórica, porque você não precisa partir do nada, você tem que partir de um campo, conhecer outras pessoas que já trabalharam na área, ou que estão fazendo ah, como discutir, como analisar o, determinados fatos, determinados dados, quer dizer, você pode e deve se valer do conhecimento acumulado né; e esse conhecimento acumulado, ele é relatado em livros, em artigos e vai dar de uma fundamentação teórica que pode ser, com, nem, às vezes não é nenhuma linha de fundamentação teórica, mas você pode comparar, você pode entrar aí sim com a sua, a sua parte ativa em relacionar dados, relacionar experimentos ou currículos, ah, realizados em diferentes locais, e analisar a sua clientela, a sua condição, o seu campo de atuação não é, à luz desses, dessas, desses estudos prévios. Então, a fundamentação teórica é imprescindível. Ter rumos. Você não precisa ser um inovador total, você pode se valer de grandes pesquisadores, de pessoas que já discutiram, analisaram, como é o caso por exemplo, se eu estou tratando do, da formação cognitiva da criança, eu posso me valer de pesquisadores que trabalharam nessa área como por exemplo, Piaget, Vigotsky não é, outros pesquisadores. Eu não posso é, desconsiderar o aspecto teórico, o que não significa ficar, que eu vou ficar num plano só de teoria. Eu vou discutir a minha prática à luz dessa teoria.

11. É. Eu acho que é justamente é isso. Se você ficar também só relatando experiência prática sem juntar ah, pontos, sem amarrar não é, é sem buscar essa fundamentação teórica, também não vai chegar, não vai virar nada. Ah, quando você trabalha, quando você faz realmente o trabalho com professores na formação de professores, como eu trabalhei nesses projetos e você



procura saber dele um iniciante, vamos dizer assim em pesquisa, essa é, eles tem uma grande dificuldade, não sabem ainda fazer o registro, não sabem relatar, ah e aí a pesquisa é praticamente impossível. Então, a gente tem trabalhado muito em que o professor saiba fazer a observação e o registro no seu cotidiano, ter isso como dados básicos, propor alguma ação, alguma intervenção, analisar se teve ou não resultado. Então, ah, quando o professor não faz isso e fica só relatando experiências... não vai chegar também a nada, a uma construção de um conhecimento pedagógico que possa trazer uma melhoria realmente pra prática de sala de aula, por outro lado também se eu só relatar aspectos teóricos e não relacionar, não conseguir chegar a essa prática, também vai ficar no vazio e, e dizia: quando a universidade leva teorias sem trabalhar conjuntamente com o professor na análise do seu dia-a-dia, do seu cotidiano das práticas, você não vai chegar a nada. Por isso que os professores às vezes reclamam. Eu acredito que é essa postura de levar para o professor algo pronto, algo acabado, uma teoria pronta. Não tem sentido. Então, ele vai se sentir muito distanciado da sua prática pedagógica. Que tem a ver aquele cara que falou não sei onde, sobre tal coisa. Quando você parte da, da prática pedagógica e vai interpretá-la a luz de teoria, essa teoria tem outro significado. Então, há essas reclamações, acho que justamente por essa, esse distanciamento da universidade ah, do ensino fundamental e médio. Tem que buscar essa parceria real mesmo.

12. Olha, os projetos aí realizados tanto o núcleo de ensino, como mais recentemente com mais controle até o PEC, tem, tem avaliações as mais diversas, não é, os próprios professores mostrando se tá tendo sentido na sua formação, na sua prática. Há relatos assim, uma avaliação positiva nesse sentido. É difícil avaliar porque é uma avaliação qualitativa que vai se sentir talvez em longo prazo, mas eu acredito dos projetos do qual eu tenho participado, e eu posso só falar deles, eu não até nem tenho acesso a todas as avaliações mais gerais, tive acesso sim: li sobre mais não participei dessas avaliações gerais, mas a avaliação de projetos, ah dá pra sentir o professor, ah realmente quando ele participa desde a elaboração do projeto, participa equivalente, há uma mudança na sua postura, na, uma segurança maior em sala de aula. Eu acho que tem tido sim, um sentido; sobretudo quando são projetos é, por exemplo assim, que tem assim, um certo, um certo espaço de tempo pra, pra ir desenvolvendo realmente ações e não cursos, porque essa formação continuada dada sobre forma de cursos, de curta duração, cursos de extensão, não vira, não tem sentido porque não há tempo do professor ah, não há tempo de mudanças e nem dele acompanhar as próprias mudanças e se auto – avaliar. Eu acredito que tem sido assim, pelo menos os projetos os quais eu coordenei que havia mudanças sensíveis relatadas pelos docentes, nos momentos de avaliação, ah, quanto a sua postura em sala de aula, quanto ao relacionamento dele com os alunos, ao uso por exemplo, no caso específico de novas mídias, ao uso de recursos tecnológicos não como instrumentos, mas como uma nova linguagem que é completamente diferente do que usar. Eu vou usar um vídeo agora. Não. Vamos falar uma linguagem mais adequada pro aluno, começar a entender essa linguagem da imagem. Eu acredito que tem, tem sentido sim na formação e reflexos na própria sala de aula.

13. É. Eu acho que a gente tá um pouco distante de isso aí ainda sabe. Os programas existentes, que a gente tem acompanhado ah, estão bem, bem distantes dessa, desse reflexo na escola como um todo. Ah, Havia uma proposta muito interessante que era da FAPESP para que a universidade assumisse por exemplo uma escola ah, fizesse um projeto para trabalhar a escola como um todo. Eu tenho notícias que alguns, que há algum projeto assim em andamento, talvez um em Araraquara, Rio Claro, Rio Preto não fez projeto adequadamente, não entrou. Eu estava na época ah, eu poderia ter até coordenado, mas foi na época que eu me aposentei, ficou a coordenação com outro professor e não sei qual foi, mas teve alguns problemas na elaboração do projeto e o projeto não saiu, mas a proposta que a gente vinha discutindo era essa: de fazer o trabalho da universidade com uma escola como um todo, trabalhando aí ah diferentes áreas, as diferentes disciplinas, trabalhando a parte da administração ah, todo, todos os recursos em todas as áreas da escola, não só as disciplinas, mas trabalhar com aluno, com pais não é; o gerenciamento dessa escola como um todo. Então nesse sentido, eu acho que você, você tem, tem uma grande, a universidade pode colaborar e, e, e trabalhar junto com a escola para mudar essa escola. Ah, não sei ah, não tenho informação desses projetos que eram financiados inclusive, como projeto de pesquisa pela FAPESP e deve estar em andamento em algum, algum campus da, da universidade, eu sei da UNESP, pode ter até em alguma outra universidade pública, mas eu não tenho notícias exatas, mas sei que eles existem e estão com essa orientação – um trabalho voltado para a escola, para mudar uma escola, mas não tenho assim os dados.



14. Bom, não me ocorre muitos agora, mas um deles que eu acho que é relevante é a discontinuidade das propostas públicas. Não tem uma política pública de, de formação continuada que não tivesse interrupção em função de mudanças de governo. Então, você vem trabalhando por exemplo, a universidade com toda proposta dos núcleos de ensino, na própria universidade houve uma ruptura na medida em que mudou a reitoria. Então, muda a reitoria, entra, passa o projeto fica meio perdido, passa par uma pró - reitoria de graduação que não entende, entende como uma proposta de formação do licenciando da, da proposta da licenciatura, ah e não teve, então teve uma, uma total discontinuidade. Esse programa do PEC (programa de formação, educação continuada), também ah, agora feito pela própria secretaria da educação buscando as parcerias com as diferentes ah, universidades. Ai, de repente para. Então, a, a sempre, o que a gente encontra, sempre propostas que não tem continuidade e se o tivesse, se tivesse essa continuidade, poderia aproveitar, analisar falhas, propor mud, aperfeiçoamento do próprio processo de, de ah, de formação continuada. Não, aí tem uma interrupção, não tem uma política pública coerente né ah, continua. Esse é um dos grandes problemas, então não há crescimento, não há uma formação, uma construção de conhecimento nessa área de formação continuada. Ah, nós temos, eu tenho participado de um grupo (GT) de formação continuada que é o que é ligado ao congresso de educação de Águas de São Pedro, reúnem-se mensalmente, é um grupo interessado ah, nisso, fazendo inclusive agora uma pesquisa sobre as propostas públicas e as propostas ah, não públicas ah, que vem surgindo, que você às vezes desconhece de formação continuada pra tentar juntar realmente esses dados que, acredito que essa discontinuidade, essa, não ter uma política pública de formação continuada é um dos grandes problemas hoje.

15. Ela quer que fale sobre os núcleos de ensino. É, eu acredito que sobre os núcleos de ensino, é foi uma boa proposta da universidade, na época, que era um projeto ah, buscando essa parceria. A universidade não se colocava como hierarquicamente superior nesse projeto, mas no mesmo nível e formavam-se grupos, onde havia o professor da universidade, os professores da rede, alunos de curso de licenciatura como os estagiários, elaboravam-se os projetos e dava-se continuidade geralmente os projetos por um ano, podiam ser prorrogados né. Então, houve um envolvimento de, todo, o estado de SP trabalhava como um todo praticamente, porque todos os campus da UNESP tinha, tinham núcleos, núcleo de ensino. Nós chegamos a ser 147 professores da universidade envolvidos ah, com publicações ah, de um caderno, chamado caderno de ensino e, aonde esses trabalhos iam sendo relatados, daí a incompreensão porque, pra, a universidade por exemplo, fazia, começou a fazer críticas, que os cadernos não tinham aquele nível de aprofundamento que se esperava de uma publicação científica. Por outro lado, eram projetos, eram relatos do que estava sendo desenvolvidos pela, pela própria rede. Então, você não pode exigir do professor, que ele estava sendo um auxiliar de pesquisa que fizesse um relato tão circunstanciado, com tanta, com tanta profundidade como é um projeto de pesquisa mesmo. Então, houve uma incompreensão muito grande até, a partir daí, do pessoal que chegou depois na administração da universidade, com mudanças de reitoria e queria que esses cadernos fossem os grandes relatos de pesquisa científica e não entendendo que eram relatos de atividades na escola, feitos sob controle com uma orientação da universidade, junto com a universidade. Então, os núcleos de ensino tiveram assim uma, poderiam estar aí ainda no mesmo, com a mesma orientação, mas eles foram truncados é, pela pró - reitoria de graduação da universidade né, quando não entendeu a proposta de núcleo de ensino, não compreendeu e outra, houve toda uma ruptura do processo. Talvez eu não possa falar, eu tenho documentos, eu posso depois apresentar esses documentos onde mostra esse momento da ruptura do, da proposta inicial dos núcleos de ensino. Quanto depois à continuidade dele, do trabalho, aí já passou a ser uma proposta da própria rede que buscava nas universidades ah, projetos voltados para a formação de professores e teve toda uma nova, uma nova filosofia, uma nova postura em relação a esse trabalho, mas foi uma boa experiência que a universidade não soube catalisar, eu acho que a universidade não soube aproveitar a grande experiência que teve dos núcleos de ensino, que pra fazer o professor da universidade trabalharem junto com os professores da rede, e ter portanto encurtado esse distanciamento tão, tão reclamado pelos professores, que a universidade não chega à prática pedagógica, e por outro lado havia, um, uma, uma atenção vamos chamar assim, não é o termo adequado, mas os professores da rede estavam chegando aos processos, aos, aos métodos de pesquisa né, com registro, com, coletando todos os dados, fazendo análise desses dados. Então, já havia pelo menos um início de



pesquisa em educação, pesquisa prática voltada para a parte prática e a universidade chegando a essa prática, mas isso não durou muito tempo infelizmente. Foi uma proposta que, com essa orientação ela foi truncada.

Entrevista: Docente Universitário 5

1. 51.
2. *Linguística Aplicada em Ensino de Língua Estrangeira, Prática de Incentivo à Língua Estrangeira (na Graduação). Abordagens de Ensinos de Língua e Formação de Professores de Língua (na Pós-Graduação) e Estudos Linguísticos.* No campus da UNESP de Rio Preto.
3. Anos e meses. 10 anos, 10 anos, quase 11 anos. 10 anos e 11 meses.
4. Ah, na Rede Pública Estadual 10 anos. Fora da Rede Pública Estadual três anos, fora as Escolas Particulares de Idiomas.
5. Bom. Na verdade, os Programas de Educação Continuada do qual eu participei, foi o último, que foi realizado em 97 e 98, ah foi só para o Ensino Fundamental, não envolveu o Ensino Médio, portanto, dei um curso para cinco turmas, ah em parceria com outras três professoras da UNESP, ficando sempre encarregada da parte de Linguística Aplicada, com a parte da discussão teórica e as demais ficaram encarregadas da parte de Língua efetivamente, mas eu também coordenei todo o projeto de Educação Continuada da UNESP, do campus São José do Rio Preto, nos anos de 97 e 98.
6. Eu acho que esses projetos...Você pode repetir sua pergunta, por favor? Eu queria que você repetisse a pergunta, porque eu vejo essa importância tanto para professor de Ensino Médio, tanto para o professor da Universidade porque, para o professor do Ensino Médio, evidentemente que ele tem acesso à Literatura, ele tem acesso às Teorias, ele tem acesso às Novas Práticas, sobre esse contato com a Universidade, porque nós estamos aqui para pesquisar, para buscar novas formas de ação. Agora, a Universidade também lueira com essa relação, eu acho que aí na verdade, é um intercâmbio, é uma troca. Agora, evidentemente, que a nossa contribuição, que a gente tem acesso às Teorias e tudo mais, a nossa contribuição não pode, de maneira alguma, ser impositiva, ou seja, você querer transpor aquilo que tá na Teoria, na Literatura, muitas vezes, numa Literatura Estrangeira, porque nossa fonte de referência é a Literatura Estrangeira; então a gente não pode de maneira alguma, ter por objetivo estar implementando teoria na prática dos professores. Enfim, trabalhar a partir da prática dos professores, não é,... Teorias, reflexões que se fizerem necessárias e levar o professor a fazer as necessárias adequações do trabalho na sua prática.
7. Eu acho que eu já falei. Estar dando a oportunidade não é, para o professor parar, olhar para a sua prática, refletir sobre ela, buscar encaminhamento, muitas vezes com base na teoria. Esse então seria o papel da Universidade.
8. Eu creio que, foi muito interessante esse projeto que eu coordenei porque? Eu vou te especificar. Os projetos que mais bem sucedidos foram são aqueles cujo docente universitário já havia passado pela escola do Ensino Fundamental e Médio, então aqueles que já tinham uma vivência da escola pública, tiveram mais facilidade. Então, o grande problema, é justamente assim, a falta de conhecimento que o professor universitário pode ter e outra coisa, nesse diálogo, vamos conter um discurso assimétrico. "Eu sou Professor Universitário, você é o professor do Ensino Médio", eu sou um pesquisador, eu sei mais que você, entendeu? Quer dizer, ambos trazem experiências ricas e a diferença é... Nem sempre isso ocorre, esse tipo de relação ocorre né, daí um grande problema. E o próprio professor, por exemplo, do Ensino Fundamental e Médio, ele já, como ele não está muito acostumado a interagir com a Universidade, ele já olha para a Universidade assim meio cismada né, tudo o que o professor da Universidade vai dizer é muito bonito, mas ele vive numa outra realidade, aqui a coisa é diferente, então nada que vai ser proposto realmente vai funcionar, certo?



É por isso que eu insisto que, eu acho que nessa relação a única coisa que faz sentido para o professor é aquilo que vai de encontro com as suas necessidades... partindo da reflexão sobre a prática.

9. Bom. eu acho que além dessa questão... metodológica que eu acho que é fundamental, o conteúdo, ele é muito importante, porque hoje, como nós temos muita gente proveniente de faculdades particulares, Licenciaturas breves, curtas né, então muitas vezes, o professor, ele não traz a ferramenta essencial para o ensino. Então, de nada adianta você investir na questão metodológica, se o professor não tem o conteúdo básico, mas além disso, que além da questão metodológica, além da questão do conteúdo que são essenciais, eu acho que mais importante, é você estar estimulando o professor a refletir sobre a própria prática. Especialmente no momento que ele toma consciência do seu próprio trabalho, no momento em que ele enxerga aquilo que ele faz, e ele compreende aquilo que ele faz, nesse momento então, ele próprio vai achar uma nova metodologia, de repente está sendo exposta e ele próprio vai estar buscando as soluções para o seu problema. Então, não adianta você trabalhar: olha. Trabalhamos o conteúdo, que é muito importante, essencial para o professor, trabalhamos a metodologia e esperar que o professor realmente vá se tornar o melhor professor, porque ele precisa querer né e ele precisa entender a necessidade e ele só vai entender a necessidade, no momento em que ele tomar consciência do seu próprio trabalho. E daí eu vejo muito espaço nesses momentos para gravações, das aulas, em áudio e vídeo no momento que você se vê gravado, ele consegue enxergar coisas que ele mesmo, ele não via antes, porque uma coisa é o que a gente imagina que a gente faz e outra é o que a gente efetivamente faz. Então, eu acho que nesses programas, deveria haver espaço realmente; só que isso demanda muito tempo, quer dizer, eu não posso, não podem ser esses programas tão curtos, como os que a gente tem 96 horas em dois em anos. Precisaria de uma carga horária maior, para que o professor pudesse, olhar para a sua prática, curtir essa prática com o professor universitário, mapear os problemas, e aí sim, o professor universitário nesse momento, estaria oferecendo para ele, a teoria para que ele estudasse, buscasse um encaminhamento para a sua prática, e tornaria a observar essa prática, enfim, para que esse processo pudesse ser desencadeado. Eu acho isso é que falta, porque você oferece o conteúdo que é essencial para o professor, você oferece a metodologia, mas no momento em que ele retorna para a prática, se ele não tem um acompanhamento ou um apoio, por exemplo, de um especialista no caso, ou de um mais competente, ele acaba voltando para as velhas práticas, porque ele sente essa falta de apoio.
10. Bom. Eu acho que eu já falei. Eu acho que a fundamentação teórica ela é importante, mas só tem relevância se estiver vinculada à prática, a teoria desvinculada da prática não tem qualquer relevância, não faz sentido. Então eu acho que a fundamentação teórica, ela deve ser oferecida a partir do mapeamento dos problemas na prática, porque é feita através da reflexão e se possível, através de gravações de aula.
11. Então. Sobre o que disse anteriormente, aqueles professores que já passaram pela rede pública, eles tem mais condições de estar fazendo um trabalho mais adequado. Eu defendo, os cursos que foram mais bem sucedidos, mais bem aceitos pelos professores foram: o de Língua Materna e o de Língua Estrangeira. Porque? As pessoas que coordenaram esses cursos de Língua Materna e de Língua Estrangeira, eram pessoas que já tinham experiência grande no Ensino Fundamental e Médio. Eram pessoas que sabiam das dificuldades e puderam montar um programa que era mais de acordo. Eu acho que fica muito, se você ah, o professor Universitário que, não tem conhecimento das práticas das escolas públicas, eles precisariam antes de apresentar um projeto, ele precisaria **frequentar** as escolas públicas, fazer quase que uma pesquisa etnográfica, ver como é que as coisas realmente acontecem né, quais são as dificuldades, quem são os professores, quem são os alunos, enfim, e a partir daí então, elaborar um projeto que não é o que acontece normalmente, e tem mais uma coisa que eu gostaria de colocar. Normalmente, essas propostas de Formação Continuada, elas vem assim, para os projetos devem ser preparados ontem, nunca há tempo hábil para que aquele contato seja feito, para que se possa realmente fazer o diagnóstico, mesmo no PEC, quer dizer, quem fez o diagnóstico? Foram as delegacias de ensino. As delegacias de ensino fizeram esse diagnóstico e nunca apresentaram esse diagnóstico, tá. Mas eram também muitas escolas envolvidas, então as realidades variam de uma escola para outra, então, fica muito difícil realmente você estar atendendo a todas as necessidades, talvez fosse mais interessante se o trabalho fosse mais, digamos assim, centrado em duas ou mais unidades escolares, de maneira que você, o professor, pudesse realmente visitar essas escolas, conhecer os problemas, montar um projeto em parceria com os professores. Eu acho que é muito interessante a participação do professor do Ensino Fundamental e Médio na colaboração do projeto. Por exemplo, eu estou começando um curso de capacitação com o pessoal da rede, com professores de Inglês. São trinta

professores de Inglês. Então nós fizemos uma primeira reunião. Nessa primeira reunião, eu abri para que eles falassem sobre a realidade deles, sobre os problemas que eles encontram, então realmente foi uma lavagem de roupa suja, entendeu? Ai, eu pedi até um questionário de levantamento, para fazer um levantamento da realidade, não é. Eu tenho até uma cópia se você quiser olhar, passei para os professores e aí então, à partir desse questionário, mapeando as necessidades, é eu vou montar um projeto, e vou levar esse projeto para eles, para que eles possam opinar sobre; tá legal, tá faltando isso, tá faltando aquilo, a gente quer isso, certo. Então eu acho que falta talvez essa interação no momento da realização desse projeto, mas por pura absoluta falta de tempo. Normalmente a gente tem um prazo curtíssimo para estar elaborando esses projetos, como foi o que aconteceu com o PEC; e a gente tem mil outros afazeres. É, é a sobrecarga de trabalho e um tempo muito curto para essa preparação, que impossibilita essa interação necessária. Então, um professor, mesmo que ele esteja na Universidade há muito tempo, se não tem experiência na Escola Pública por pura falta de tempo para estar visitando as escolas, interagindo, talvez os projetos pudessem ter mais sucesso do que tem, mas pelo que se observou, os projetos que realmente, mais atingiram a comunidade escolar foram os projetos elaborados, coordenados por professores que já estiveram ou ainda mantêm contato com a rede pública.

12. Esse acompanhamento não fizemos e a nossa ação, quer dizer, me referindo ao PEC tá, então eu vou falar primeiro do PEC e depois eu vou falar de uma outra experiência que eu tive de Formação Continuada que eu já tive. Então, com relação ao PEC, nós não tivemos esse acompanhamento, certo, não houve esse acompanhamento. Acredito que possa ter havido pela Delegacia de Ensino, mas pela avaliação com os professores né, o feed back dos professores, ao longo do desenvolvimento do projeto que foram dois anos né, a gente acha que realmente houve um efeito positivo. É, inclusive até hoje eu me encontro com professores que estiveram envolvidos no PEC, me perguntam: não vai ter mais PEC? Quando é que vocês vão montar outro projeto? Foi muito positivo, a gente aproveitou muito, a gente conseguiu aprimorar muito a nossa prática. E às vezes, eu tenho notícias, por exemplo, indiretas: estagiários aqui da Universidade, que vão a essas escolas e ouvem os professores, os próprios professores dizem que o PEC foi muito positivo, que muitas avaliações foram promovidas na prática em função do trabalho de reflexão que desenvolveu no PEC. Um outro projeto de Educação Continuada que havia desenvolvido antes, inclusive que foi o grupo da minha Tese de Doutorado, eu trabalhei com cinco professores da Rede Pública Estadual, durante dois anos e meio fizemos todo um trabalho de reflexão, de fundamentação teórica e depois eu acompanhei a prática desses professores né. E o que eu digo é que realmente, na realidade, o processo de reconstrução de uma prática pedagógica, é um processo lento, então, a gente não pode esperar por grandes modificações em pouco tempo, porque essas modificações, elas vão sendo construídas, elas vão sendo experimentadas, elas é muito bom que assim seja, porque mudança brusca é uma mudança não refletida, é uma mudança não pensada né e a coisa só realmente vai permanecer, se for construída né. Então eu pude perceber isso: que o processo acontece, mas evidentemente que ele é cheio de idas e voltas, tanto é que a minha Tese de Doutorado chama-se “Conflitos e Incertezas do professor de Língua Estrangeira na renovação da sua prática em sala de aula” porque realmente é uma situação conflituosa e incerta para o professor, porque ele deixa de repente um paradigma com o qual ele está acostumado, era o caso de um professor de Língua Estrangeira, ensinar a Gramática, é muito fácil, a Gramática tá no livro, os exercícios estão respondidos no livro do professor e de repente você vai mudar para uma perspectiva comunicativa, onde a imprevisibilidade da sala de aula realmente predomina, o professor fica muito inseguro realmente, sem contar na própria dificuldade Linguístico-comunicativa que o professor de Língua Estrangeira tem. Há professores de Língua Estrangeira que não sabem a língua que ensinam. Não falam o idioma.
13. Olha, eu acho que o efeito teria sido fantástico, não é, se realmente pudesse ter coberto um maior número de escolas, porque o que aconteceu. Principalmente na nossa região, nós desenvolvemos, nós tivemos trinta e três projetos no segundo ano, no primeiro ano foram vinte e um, eu não estou lembrada, vinte e um, vinte e dois, e no segundo ano, trinta e três projetos né. Eu sinto que a expectativa da Secretaria da Educação, era que coubesse um número muito maior de escolas, só que aqui na UNESP, nós temos poucas áreas e nem todos os docentes se interessam por esse tipo de trabalho, muito embora, todos os trabalhos são remunerados. Então, algum efeito acredito realmente que esses projetos tenha surtido nas escolas tá, mas talvez não tenha sido aquele efeito que era esperado pela Secretaria, justamente pelo fato de nós não dispormos de muitos docentes da Universidade para se engajarem no projeto. Então foram trinta e três. Veja, aqui em Rio Preto, foram trinta e três projetos com uma média de trinta e cinco prof, de trinta professores por turma. Foram mil e poucos professores né, mas o que aconteceu. A nossa ação, ela foi um pouco pulverizada, então nós tivemos assim: representantes de escolas, nós não trabalhamos com toda rede escolar, talvez se o trabalho tivesse sido



feito assim, por exemplo, nós vamos trabalhar com tais, tais e tais escolas, e aí, todos os professores daquelas escolas estivessem envolvidos no projeto, você poderia estar sentindo mais o efeito, do que em uma ação pulverizada como foi a nossa, infelizmente. O que a gente pensou era atender as Delegacias, porque a Secretaria da Educação gerou uma expectativa muito grande nas Delegacias de Ensino achando que todas as Delegacias poderiam ser atendidas por nós, todos os professores pudessem ser atendidos pela Universidade, e nós não temos por exemplo, a área de História, Geografia a gente não pôde atender e mesmo na Língua Estrangeira, nós tivemos cinco turmas, aproximadamente cento e cinquenta professores, mas há mais de cento e cinquenta professores na região. A gente trabalhou com Votuporanga, ah Fernandópolis, Mirassol, Rio Preto, José Bonifácio, Catanduva, certo; quer dizer, não deu para cobrir todos os professores. Então, a gente cobriu professores, espaços, de diferentes escolas. Quer dizer, não houve um trabalho maciço em cima de uma escola. Se nós tivéssemos feito um trabalho voltado para algumas escolas apenas, talvez a gente pudesse medir mais esse efeito.

14. Então, o núcleo de Ensino, eu fui coordenadora ah entre 97, 98 e parte de 99 né. Esse programa, é um programa da Universidade, então ele tem por objetivo promover essa interação Universidade – Rede Pública por meio de projeto, por meio de projetos. Em 1995, 1996, o Núcleo de Ensino esteve bastante forte. Nós entramos no Núcleo de Ensino em 94, a UNESP de Rio Preto quer dizer, o projeto já existia na Universidade e nós entramos com o Núcleo de ensino em 94. Fizemos ah, montamos um projeto. Não, não foi em 94, eu sou muito confusa em relação à data. Só um minutinho. É isso mesmo, tá certo. Não, é eu acho que nós entramos no Núcleo de Ensino em 91 tá, 92 e 93 e 94 nós desenvolvemos os projetos. Então foi uma época em que o Núcleo de Ensino foi bastante forte aqui em Rio Preto, o núcleo já existia, já tinha sido criado na Universidade, mas eu acho que a UNESP não tinha ainda aos Núcleos. Na época, a primeira coordenadora que nós tivemos no núcleo de ensino foi a professora Telma, que era chefe do Departamento de Educação na ocasião. Inclusive ela foi coordenadora de todos, coordenadora geral dos Núcleos de Ensino da UNESP. A ela estavam subordinados os coordenadores de todas as unidades. Na região, por exemplo, nós desenvolvemos projetos e conseguimos abarcar um grande número de professores da rede, porque 91 e 92, não; 91, 92 e 93; 92, 93 e 94, eu não sei..., mas naquela ocasião, aconteceu o seguinte: os professores da rede eles tinham bolsa para que pudessem participar do núcleo, era uma ajuda de custo, eu acho que se fosse hoje, seria equivalente a uns R\$ 120,00 reais, R\$ 140,00 reais. Se não me engano, tinha alguma coisa à ver com salário, mas, então cada professor, recebia mensalmente uma ajuda de custo, para que eles pudessem vir à Universidade, para que eles pudessem tomar o ônibus, por combustível, e os estagiários, os alunos estagiários, que atuavam junto ao núcleo, também tinham a sua bolsa. Então isso, sabe... na mesa, eram muitos projetos, a gente tinha aquele monte de professores envolvidos nos projetos. O meu projeto, eu tinha no primeiro ano, sete professores e no segundo ano cinco e mais cinco estagiários; então só no meu projeto eram dez pessoas tá envolvidas e que recebiam realmente essa ajuda de custo. E o objetivo é esses, é você fazer com que os professores construam, reflitam sobre a sua prática e construam um trabalho renovado – esse era o objetivo. Nós tivemos projetos em Língua Inglesa, em Língua Portuguesa, em Uso de Novas Mídias no ensino de Língua, no ensino de maneira geral, tivemos projetos da área de Matemática, projetos da área de Biologia, projetos da área de Psicologia, então nós tivemos assim, vários projetos em 91, 92 e 93. Esses dados você pode checar nos documentos porque eu sou muito confusa para datas; e aí, quando começou o PEC, em 97, o que aconteceu. Os professores universitários começaram a receber para dar esses cursos para a rede. Quando a gente tinha núcleo de ensino, o nosso trabalho era gratuito, o professor da rede tinha uma ajuda de custo e o estagiário tinha uma ajuda de custo. Com o PEC, nós professores universitários passamos a receber pelas aulas. Eu acho, que no momento que apareceu o PEC e essas pessoas que poderiam estar eventualmente envolvidas no Núcleo de Ensino, fazendo esse trabalho gratuito, eu acho que houve um desinteresse pelo núcleo tá; porque o PEC, quem coordenava o PEC era o coordenador do Núcleo de Ensino, no caso era eu tá, mas eu tentei várias vezes é, conseguir projetos para o Núcleo de Ensino que pudessem acontecer simultaneamente ao trabalho do PEC, mas aí todos os professores que estavam envolvidos no PEC. O PEC era remunerado, o Núcleo de Ensino não, então a gente conseguiu um número muito restrito de projetos. Durante a minha coordenação, houve um projeto de Língua Portuguesa e um projeto de Química, apenas, certo, porque? Aquelas pessoas que tem interesse pelo Ensino Fundamental e Médio, nem todo mundo na Universidade se interessa por esse tipo de trabalho, pessoas que tem interesse, já estavam envolvidas no PEC, porque é sempre uma novela dentro da Universidade com relação ao Núcleo de Ensino. Nunca se sabe se vai ter recurso para o Núcleo de Ensino, certo. Então aí a convocatória demora pra sair, porque o Reitor tem que autorizar, de repente quando sai, você tem que fazer um projeto muito às pressas para estar encaminhando né, e como as pessoas já estavam envolvidas no PEC, já dava muito trabalho porque a gente tinha que viajar e tudo mais, então as pessoas

acabaram se desinteressando pelo Núcleo de Ensino. Agora, quem tá coordenando o Núcleo de Ensino é o professor José Luís, talvez você possa conversar com ele, para saber como é que foi o Núcleo de Ensino ah. Houve uma convocatória no ano passado, no final do ano passado. Talvez ele tenha projetos, eu não sei se tem. Mas, na época em que o Núcleo de Ensino foi muito ativo, na época da Telma, não existia o PEC, então saía uma convocatória do Núcleo de Ensino, porque os Núcleos de Ensino foram muito discutidos, eles não sabiam se continuariam ou não com os núcleos de ensino, os Núcleos de Ensino foram reformulados, teve uma reformulação pela própria Universidade. Enquanto estavam discutindo a questão da reformulação do Núcleo, saiu o projeto PEC. Quando saiu a convocatória do Núcleo, os professores já estavam envolvidos no PEC. Entre você desenvolver o mesmo tipo de trabalho, recebendo uma remuneração e não recebendo, fica difícil se motivar – eu falei isso em reunião. Não que a gente seja mercenário, mas se você tem condições de fazer um trabalho de colaborar com a rede da mesma maneira e recebendo, complementando o seu salário de uma forma legal.

15. Foi uma experiência muito interessante, muito, claro pra mim, como coordenadora foi muito trabalhoso né, porque eram muitas delegacias, na verdade, muitas delegacias – eram oito delegacias envolvidas certo. Agora você imagina quantas escolas e a comunicação delegacia – escola é difícil certo, e a minha organização, porque já tinha datas preestabelecidas, tudo certinho, uma vez ou outra aconteciam problemas e o docente da Universidade falava: “Olha, eu não vou poder trabalhar tal dia, porque surgiu, eu tenho alguma coisa, não poderei”; então às vezes, eu tinha que sugerir que o curso fosse, que o encontro fosse adiado, de um ou outro né, de um ou outro curso, de um ou outro programa do projeto que fosse deslocado para outro dia e tal. E aí a comunicação delegacias-escolas era complicadíssima; então eu tive alguns problemas nesse sentido, às vezes os professores em geral apareciam aqui na Universidade num dia que não tinha nada à ver, “Ai, eu vim para o PEC”, mas o PEC não é hoje, já foi marcado, entende. E tudo era notificado por fax, com uma devida antecedência, certo; mas o problema é a comunicação né. Ainda não existe aquela comunicação delegacia-escola via computador, você tem que colocar na caixinha da delegacia, aí alguém da escola passa, depende do dia para levar para a escola. Isso é difícil, dificultou um pouco o trabalho. O fato de ter sido realizado oito horas por dia, o professor vinha, ficava das oito ao meio-dia, depois da uma e meia às cinco e meia. Então, a impressão que deu, foi que o número de horas foi perdida, deveria ser muito mais produtivo se o professor pudesse ter ficado, por exemplo, somente quatro horas, e se pudesse ter acontecido duas vezes ao mês, com quatro horas de duração. E a parte da tarde era pouco produtiva sabe, depois do intervalo da tarde, o pessoal não queria saber mais de nada. Eu como coordenadora, precisava ficar policiando o pessoal que queria ir embora, porque eu tenho que ir ao médico, eu tenho que ir ao velório sabe. Então, e outra coisa, que também foi negativa, foi que muitos professores, quando vinham pela primeira vez na reunião do PEC, eles nem sabiam o que era PEC, eles não sabiam o que eles estavam fazendo ali, eles não sabiam que cursos que eles iam fazer, e havia vários projetos. Na área de Língua Portuguesa, havia vários, então ele não sabia se ia fazer Literatura ou Leitura e Interpretação de texto. As escolas, distribuíam os professores sem que eles optassem, então eles não vinham para o nosso curso de livre espontânea vontade. Alguns vinham porque haviam sido convocados, então aí já fica ruim né, por mais que você tente motivar o professor, ele não tá ali de livre e espontânea vontade. Então nem sempre estaria com ele uma motivação, o que dificultava. Havia pessoas interessadíssimas, que realmente não perdiam o encontro, mas havia pessoas ah “porque eu tenho consulta médica”, porque marcou consulta médica hoje, hoje é dia do PEC né. E uma queixa que eles também apresentaram é, mas sabe o que é, “eu só dou aula de manhã, então eu não posso ficar aqui à tarde, eu não tenho obrigação”. A Secretaria estava pensando em oferecer um trabalho, oferecer uma chance para esse pessoal, para ficar com outras idéias, para ter contato com a Literatura não é, e de repente não era valorizado. Algumas pessoas viam isso como obrigação. Não sei se é válido isso ou se não seria mais válido se tivesse outros professores, para que a gente trabalhasse apenas aqueles que realmente tinham valorizado aquilo que estavam fazendo, aqueles que estavam buscando, que queriam crescer. Então isso dificultou um pouco o nosso trabalho, porque o diálogo com as delegacias, foi ótimo com os delegados, tudo bem, a gente interagiu muito bem, eu procurei atender aquilo que eles solicitaram, mas o maior problema, realmente foi a falta de motivação de alguns professores, por não ter tido a opção pelo curso ou de frequentarem ou não.
16. Então é o que eu já falei anteriormente – os Projetos de Formação Continuada tem que ser: de longa duração. Por exemplo: no meio da semana, o professor ser dispensado para vir para a Universidade e precisam contemplar realmente a atenção sobre a prática. Por isso que eu digo que não podem, não se trata de trazer o professor e entupir o professor de teoria. Não se trata de trazer o professor e ensinar um monte de receitas, porque formar professor não é isso, né. A gente tem que realmente, criar um espaço para que esses



professores possam olhar seu próprio trabalho, possam buscar soluções para as dificuldades que vêm enfrentando né, as falhas que vem trazendo do seu próprio trabalho. A partir daí então, fazer um trabalho de fundamentação teórica e depois, implementar uma nova prática, fazer um encaminhamento para uma nova prática, refletir sobre essa nova prática, voltar. Sabe, eu acho que o ideal, nesses projetos de Formação Continuada é estar envolvendo o professor no que a gente chama de pesquisa - ação tá. É uma ah, a gente trabalha com professor pesquisador entre aspas, o professor investigador da sua própria prática, porque só assim, a gente vai conseguir construir alguma coisa, construir mudanças tá, criar oportunidade de mudanças. Enquanto a gente acreditar né, que formar professor é, embazá-lo teoricamente, independente das suas necessidades da sua prática e dar receitas de como agir na sala de aula, nós não vamos chegar a lugar nenhum. Temos que trabalhar teoria sim, a teoria é relevante para o professor, para que ela seja significativa. Só isso. Então, o que nós estamos tentando fazer é, com os alunos da graduação é, quando eles estão fazendo a prática do Ensino né, eles gravam as suas próprias aulas, eles assistem as suas próprias aulas, eles mapeam as suas próprias dificuldades, eles fazem diários. O que eu acho mais interessante, que é um produto final, eu quero ver como é o processo de construção do professor, como é que ele está construindo essa prática. Então aí, a gente vai na medida necessária, a gente vai inserindo as teorias que ele necessita. Claro, a gente dá uma fundamentação inicial básica, se não tem nenhuma, fica difícil, certo. Uma fundamentação básica, mas depois, à medida que ele vai construindo seu ensino, a gente vai inserindo outros textos, outras teorias, sempre levando o aluno, professor a refletir sobre elas.



Anexo 3.
Entrevistas com as equipes das escolas A.B. C.
diretores
coordenadores
professores

Entrevista com o Diretor da Escola A

1. 47 anos.
2. Eu sou formado em Ciências Biológicas pela UNESP e também tenho Licenciatura Plena em Pedagogia.
3. Eu sou só Diretor atualmente né, mas trabalhei muito já com com Ensino Fundamental, hoje, antigamente P3, hoje PM2 né – ciências e biologia.
4. Olha, eu tenho dezoito anos de experiência em sala de aula.
5. Atualmente nenhuma, mas já trabalhei com todas as séries desde a 5ª até o 3º colegial.
6. Não. Atualmente nenhum deles. Acho que sua pesquisa vai te derrubar aí.
7. Olha. Então vai. Eu participei de alguns alguns ah ah eventos do PEC, da Progressão da da do Programa de Educação Continuada da UNESP. E dois deles eu participei, um deles de Ciências, eu achei muito bom, foi o professor Alceu se não me engano. Agora, o outro eu não lembro o nome da professora, é realmente achei um pouco fora da realidade, um pouco desconexo Universidade – escola do Ensino Fundamental, mas é isso. Foi bom. Para Ciências foi bom, talvez porque eu seja da área né. Mas, da da eu participei de um outro da área de Português e não gostei. Só isso. Talvez por não ser da minha área.
8. Não. O motivo é o seguinte: a a qual é a finalidade? É trazer subsídio para a escola fundamental tá, desde de que ele venha trazer, nos ajudar no trabalho do Ensino Fundamental, claro que é importante, ele vem somar, tá certo. Foi isso que me levou. A procura de novos elementos para se trabalhar no Ensino Fundamental.
9. Oh, não não é real. Não é verdade tá. Primeiro porque essa questão da pontuação exige trinta horas e normalmente os cursos de capacitação não atingem isso durante o ano, tá. Agora, realmente o professor vai afim de de de -- a gente pela maioria -- que vão realmente para se implementar, para se trabalhar em sala de aula. É isso.
10. Olha é, eu acho que ele deve ter uma ah, um teor prático tá e também um teor teórico. Agora, o professor, o nosso professor hoje carece muito da da informação modernizada porque ele está na sala de aula, preso à sala de aula, prezo aos livros que eles estão e a questão financeira faz com que ele não tenha condição de adquirir livros outros né, que tem um custo elevado e isso claro, financeiramente pesa no seu orçamento. Então isso é problema. O professor hoje está de certa maneira alguns, não diria todos, estagnados, mas é uma questão financeira.
11. Eu acho que basicamente, o teor da da da Psicologia, ah de relacionamento, não sei como isso pode ser chamado dentro da Psicologia, mas eu acho que essa questão do do relacionamento professor - aluno, é aluno – professor para que ele entenda bem essa questão da adolescência, principalmente no Ensino Fundamental, é necessário que o professor esteja sendo formado nessa área, para que ele possa resolver melhor as questões de sala de aula e de relacionamento. É isso.
12. Não tenha dúvida. Eu acho que a teoria é importante, mas o mais importante é realmente a prática tá, porque se o professor não tiver fundamentação ele se perde e todo o trabalho se perde tá.
13. Olha, eu acho que é verdade. Realmente a Universidade, ela ela, o profissional que chega hoje à rede, por exemplo, ele às vezes não tem a mínima noção do que está acontecendo tá, porque hoje o nosso adolescente é diferente, e e o seu comportamento, sua forma de trabalhar, sua forma de estudar é diferente. O ensino mudou. Nós sabemos disso. A Lei 93/94 tá aí e tá mostrando a forma diferente de você lidar com o ensinar e a forma diferente de você lidar com o avaliar. E tem muita gente que foi treinado nesse método antigo ainda né, de de classificação, avaliação e classificação, que professores são para passar conteúdo, tá e não é nada disso. Modernamente, o professor é um formador de cidadãos sim.
14. Fica muito difícil eu falar para você sobre isso como diretor tá, fica um pouco difícil porque no Ensino Fundamental eu exerço direção, mas eu acho o seguinte: contribuiu muito pouco. Posso te garantir, tanto que acabaram.
15. Não entendi a pergunta. Olha, essa participação individual eu não acredito muito não. Eu acho que hoje, a participação de um professor da Universidade tá, dentro do convívio, eu acho que não seria necessário, seria importante que nosso professor fosse reciclado, fosse bem treinado, que ele ele voltasse a ter o contato com a universidade tá, com essa realidade do conhecimento. E e eu acho que individualmente, eu não acredito nisso não.



16. Olha, eu acho que esses cursos, eles primeiramente na sua organização, deveria ser fruto de um relacionamento ou de um entendimento entre professores da rede e professores da universidade tá, porque de repente o professor da Universidade monta o seu curso e traz para a Rede tá, sem informação, sem retro informação. Chega aqui: o professor tudo bem, ele assiste o curso, etc e tal muito bom, muito beleza e fica só nisso. Então, o curso que vem da Universidade ele deve estar embazado em vários elementos retirados do Ensino Fundamental da Rede. É isso que eu acho.

17. Olha, esse momento é um dos melhores momentos da escola. Eu ainda falava agora pouco na reunião, que a HTPC de repente se torna é terapia de grupo, porque os nossos professores estão tão massacrado na sala de aula e tão desgastado sem contar a questão financeira, tá tão desgastado, tá tão, que ele precisa jogar para fora isso e a HTPC é o momento que ele tem a oportunidade de colocar as suas angústias, seus sucessos e seu trabalho em sala de aula que nem sempre é visto e nem sempre é reconhecido. É um momento bom. A HTPC da da, deste governo que aí está, é a melhor coisa que foi feita, que é realmente o horário de trabalho pedagógico, que é realmente mostra o coletivo da escola, o trabalho que é realizado dentro dela. É isso.



Entrevista: Coordenadora da Escola A

1. não informada
2. Cursei Ciências Biológicas, no Ibilce e complementei matemática nos dois anos seguintes.
3. Ensino fundamental da 5ª à 8ª na escola pública e na escola particular.
4. Só no fundamental. É 26 anos de magistério. 26 anos completos.
5. Matemática da 5ª à 8ª.
6. Eu participei do PEC ano passado, 99.
7. Olha, é eu, é um comentário assim bem variado. Pelo menos aqueles que eu fiz eu gostei, porque atingiu tudo aquilo que a gente tava buscando. Buscava assim troca de experiências, que houve uma parte assim que ficou bem livre para os docentes presentes, e teve também assim, é atualidade, que acho que era o que a gente buscava.
8. Eu acho que é pura necessidade de atualizar é, o, o, como nós acabamos de falar, acho que a maior dificuldade que a gente tem é a falta, a troca de experiência.
9. Eu desconhecia essa afirmação no meu caso porque eu sou efetiva e não, não tenho razão para ganhar pontos e passar na frente de ninguém. É ... pela quantidade de, de, de anos de magistério que eu tenho, né. A mesma necessidade de professor que se formou há muitos anos atrás como é o meu caso, de, de tar com aquele livro didático, com aquele material que a escola tem, você acaba caindo num, num, assim é, você fica bitolada até, você sente bitolada. Muitas vezes quando você encontra professores recém formados, mesmo quando chegam aqui na escola, também não tem encontrado essa realidade, então a gente tem procurado, só se a gente não aproveitar esses cursos, como o PEC e não ter essa oportunidade que a universidade oferece, nós vamos ficar assim.
10. É mais constante. É grupos pequenos e que essa prática seja bem assim, bem visível, para que a gente possa atingir esse objetivo e mais constante, porque demora muito para acontecer esses cursos. As vezes, também quando eles acontecem, é, é, muitos professores não podem participar, por motivo de horário né e fica difícil, é complicado.
11. Né, algum tempo atrás, desde algum tempo atrás, a gente vem sentindo uma necessidade muito grande de tar trabalhando assim, de tar adquirindo experiências novas em relação à droga e a droga né. O nosso caso, é uma escola que fica localizada numa área onde temos alunos drogados e muitas vezes quando pedimos ajuda até para a polícia, como a gente já, já pediu, a gente escuta uma frase assim: não é o campo de atuação de vocês, não é da área de vocês, vocês não foram preparados para isso. Só que nós não fomos preparados para isso, não somos para isso, só que o aluno acaba caindo na sua mão, somos nós que lecionamos para alunos drogados, somos nós que chamamos os pais desses alunos drogados. Muitas vezes, não sabemos nem como conversar com esses pais, porque não podemos chegar para ele e falar assim olha: o seu filho tá drogado na classe, entendeu? Então, um dorme, o outro fica agitado, o outro chuta, o outro xinga e o professor fica trabalhando com esse conflito, mas ele mesmo não pode trabalhar com esse aluno. Tivemos já cursos para , já fizemos, não que esse curso não trouxe experiência e não ensinou alguma coisa. Ensinou, mas também acabou, entendeu? O programa acaba se perdendo dentro da própria escola, devido o conteúdo do ano seguinte, devido ao horário, devido ao grupo, o professor tava trabalhando em 98, 99 nossa escola tinha um trabalho de prevenção também No ano de 99, quando fomos reanimar o projeto, a gente percebeu que ele, ele, ele se desmanchou. Não começou outro assim, por motivos mil, entendeu? Horário, o curso não é mais o mesmo, ou os professores novos tem outros problemas e acabou. Então a gente tem pegado assim, tem pegado assim: o problema aparece, pede-se uma ajuda aqui, uma ajuda ali, às vezes um professor de português vai trabalhar a interdisciplinaridade, entendeu? Ter acho que esses temas, como por exemplo, Droga, droga na escola propriamente dito, como vai ser trabalhada a droga na escola, se o professor não pode se expor, é, é, limites, limites dos adolescentes, onde está os limites dos adolescentes. Ah, não é problema da escola, veio de casa. Mas a escola tem que fazer alguma coisa, porque o professor não consegue mais trabalhar com esses alunos sem limites. Eles não tem. Hora de perguntar, hora de responder, não pede licença para entrar na sala, não levantam a mão para falar e nós temos um grupo de professores muito grande trabalhando desde de Fevereiro. Temos um profissional da área que a gente convidou que

está trabalhando com a gente. Temos agora um projeto na rádio recreio na escola, numa escola piloto, ainda não apareceu uma comunidade, mas vai aparecer, porque todos os professores estão empenhados. São assuntos que tanto os professores quanto os pais precisam ser trabalhados. Os pais dos nossos alunos que são chamados na nossa escola não vem 100% não. Mas uns 30, 40% que a gente tem conseguido ah, mas esse pai que vem, não é o pai do aluno sem limite, entendeu? Não é o pai do aluno drogado, então fica difícil, você chama o pai, não vem. Aqui é assim oh: o aluno apronta você chama o pai, ele não vem sabe? Esse tipo de coisa. Esse tema sem limite, adolescência, gravidez na adolescência. Nós temos uma 8ª série da noite com 5 grávidas. A mais velha tem 17 anos, entendeu? Então, assim, o professor, ele fala, ele trabalha, faz cartazes, passa filme é, ensina no livro a sexualidade é, a educação artística tem trabalhado, a educação física trabalha a postura, português, mas a impressão que eu tenho é que não, não atingiu né. Se tivesse atingido, nós teríamos tantas grávidas na mesma classe.

12. Eu acho. Não só, né. Não só, mas eu acho importante.

13. Bom, no ano de 99, eu, desde o ano de 99, que já sou coordenadora do Aureliano Mendonça, toda vez que um grupo de professores participa de um, de um trabalho fora, de um curso fora, quando eles retornam, a gente pede em HTPC para que isso seja divulgado, para os outros que não tiveram, a experiência que eles adquiriram lá e eu também tenho ouvido isso é, é. O último grupo de professores que participou, inclusive do PEC de português, vieram assim, decepcionados. A maneira como vieram tratados, não tratados, é dirigida a palavra, a palavra foi dirigida, professor chegou aqui e disse: eu me senti uma imbecil no curso. Parecia que a professora tava dando aula para uma 5ª série. Quando eu fiz, eu não senti isso. Então, talvez tenha sido um professor, o professor de um grupo; que por sinal, todos os professores tinham pegado o mesmo grupo, entendeu? Então, eu não sei te falar por exemplo se é, se todos os professores ficaram descontentes com aquele PEC, aquele grupo que participou, não sei o nome, não perguntei o nome, mas não era isso que estava em questão, mas esse grupo passou para todos os outros da escola, não aprendeu nada de novo, não era aquilo sabe, foram lá, demonstraram ... aquela mesma que eu relatei agora, vamos buscar coisa nova, ah, ah, vamos fazer isso. Não, não, não tiveram não, pelo contrário, vieram decepcionados.

14. Ah, mesmo de, de, de, de eu poder tá conhecendo o trabalho de outro, eu tar mostrando alguma coisa que eu fiz ou alguma coisa que eu comeci, não é. Fizemos um projeto água naquela época aqui e tava muito bonitinho, mas muito simples, mas muito bonito nosso projeto e ele foi levado como experiência uma vez que foi pedido e, outras pessoas é, indagou até pouco tempo a gente tinha é, ainda ligação é, mesmo por telefone é: como está o projeto? Até onde foi? Sabe, aquilo, aquilo foi canalizado é, um grupo de Guaraci é, entrou em contato com a professora Ivete da minha escola num projeto é, sobre água, o que uma tinha, a outra não tinha, é isso que tem importância, é isso que o professor busca e é isso que o professor precisa. Você tá trocando. De repente você tá fazendo um projeto e nem se o teu projeto não estiver 100%, você chega e fala assim, olha: isso do meu projeto deu certo, isso não deu certo. Você pode tar inclusive entrando em contato com a própria UNESP, porque você encontra pessoas lá. Eu já entrei, eu já pedi ajuda na parte de informática da UNESP, como coordenadora, mas não deixa de ser um intercâmbio escola – universidade. Eu já tive ajuda de um rapaz da, da UNESP que veio sozinho fazer estágio aqui, e ele auxiliava o professor na sala de aula e ele trabalhava com grupos menores. Foi pequena, é teve uma duração pequena. O que mudou o comportamento da classe em relação à presença daquele professor tá, foi, todo o professor observava a diferença do comportamento da classe, e foi a presença do professor. Então isso, a gente chama na rede pública de intercâmbio. Era esse intercâmbio que a gente precisa. Por exemplo, a UNESP tem informática. Vamos buscar um profissional, um estudante de informática que pode estar ajudando. Qual é a dificuldade da escola? Olha, a dificuldade da escola é essa: nós temos 5 computadores, só que o professor não pode levar a escola na sala de informática. Porque? Porque a coordenadora não pode ficar com a metade da classe. Com a metade não, dois terços, para a professora ir com um terço. então, vai ficar mais de dois terços na classe, porque, porque eles não ficam sozinhos, eles não tem limites, nós acabamos de relatar, eles não ficam sozinhos. Quem vai ficar? O coordenador? O coordenador vai ficar, tem que gravar fita, tem que atender, tem problema dos cartões, se chegar uma mãe eu tenho que atender, se o telefone tocar eu tenho que atender, se a psicóloga chegar eu tenho que dar entrevista, entendeu? Então, o meu trabalho ele é muito é, muito, muitas vezes eu saio daqui e falo assim: hoje eu não fiz

nada pedagogicamente. Eu me sinto assim às vezes. Então, o que que vai acontecer. O que que acontece. A professora tá com um projeto de informática, ela quer mostrar uma coisa, associando com um conteúdo de sala de aula e ela deixa pra semana que vem e perdeu. Passou da hora, entendeu?. Ai, a semana que vem, dá um jeito, a inspetora fica, a coordenadora fica. Outro dia uma professora com um projeto lindo de separação de sílabas, certo, ela trabalhando aquilo é, ficou sem ver, por falta de oportunidades. O trabalho dela foi perfeito, não, mas não porque ela não quisesse, faltou, faltou ajuda, faltou intercâmbio. Esse ano nós entramos em contato com o SESI e a gente tá é, a com parceria. É um senhor, que trabalha com informática lá e ele vai vir ensinar informática para pais. Como esse de pais não é muito grande, a gente tá incluindo alunos. É, a gente pegou primeiro alunos de baixa renda, que na minha escola a maioria é, e a gente tá tentando assim melhorar isso aí nele, é mostrar alguma coisa, ensinar alguma coisa. Temos também na escola um projeto é chama Power Laine é, Aureliano na Informática e é um projeto de pegar todos aqueles alunos problemáticos né, entre aspas pra gente né, para o professor e esses alunos vão trabalhar com computação. Se ele é um aluno que não para na carteira, se ele não deixa o professor trabalhar, nós temos dois casos na escola no período da tarde e o que nós vamos fazer com esse aluno? Vamos trabalhar outra coisa nele, entendeu? Nós vamos dar pra ele, mostrar pra ele que ele pode entrar num computador, que ele pode mexer, que ele pode aprender, que ele pode ligar, um monte de coisa. Existe um projeto e essa pessoa vai fazer, inclusive três alunos desses já começou. Tem que ir de vagar, é um trabalho muito lento, depende do horário da pessoa. Se tivéssemos mais seria maior, entendeu? Porque olha, vontade de trabalhar eu tenho um grupo de professores assim de um ano tá, agora nós até buscamos uma parceria, por exemplo montar um coral; nós temos uma professora cantora, tá; a gente procura fazer, não aparece. Não aparece muito o nosso trabalho. Não tem nem como divulgar e também não é esse o objetivo ficar só aparecendo. Nosso objetivo é, formar os nossos alunos assim, cidadãos, honestos, é, é, dinâmicos, críticos, a gente deixa-o criticar também, quando precisa de a gente para, porque é difícil essa molecadinha.

15. Se ele voltar com aquela bagagem nova e, e tiver a oportunidade de tar passando para um grupo maior, eu acho válido até ser individual, porque, porque o que acontece é o seguinte: se na escola, um grupo de professores não trabalhar juntos, a gente já provou pro próprio grupo que não funciona, hoje se trabalha até, não é nem o grupo da mesma área, é a interdisciplinaridade né e, e, e esse conjunto aí, é um só passa para o grupo da escola, desde que ele tenha a oportunidade de tar passando e hoje a gente tem. A gente tem 2 HTPC por semana, um no período da manhã e um no período da tarde. Quem estuda à tarde, faz de manhã; quem leciona à tarde faz de manhã, quem leciona de manhã, faz à tarde. Já foi mais ou menos assim obrigado o horário, é justamente para criar um grupo grande porque a gente acredita que é no grupo grande que a gente vai criar a união e a força. Se não, não tem. O ano passado nós tínhamos quatro horários de HTPC pra, pra auxiliar o professor. Então, eu falei nesse HTPC, mas no meu HTPC não falou. Ah, vocês fizeram isso, mas no meu não, nós não fizemos, entendeu? Então, vamos parar com isso. É um grupo grande que funciona. Então, vai um professor fazer o PEC, vai um professor fazer um curso é, e lá nesse curso ele vai aprender alguma coisa. No próximo HTPC ele chega e a primeira coisa que eu faço é perguntar, ou se não sou eu é a direção. Então você foi? Você gostou? Como que foi, né? Quem deu, né? Conta pros colegas. Isso é passado, sempre foi passado. Se não não tem sentido nenhum. Se ele for sozinho e ficar com, pra ele, não tem sentido nenhum.

16. Outros aspectos. Que eu gostaria. Eu vou falar assim os desejos né, dos professores que o dia em que a DUDA veio aqui e falou da, da entrevista, é, os outros professores também presentes relataram: eles realmente gostariam que fosse assim, mais constante, que todas as áreas, e que eles gostariam de tar realmente reciclando. A reciclagem mesmo. É isso que você propõe precisa.

17. Da escola. Nos HTPC da, da escola, eles tem duração de 2 horas num dia e 1 hora no outro, no outro período, pra, pra o grupo unido e depois o professor tem um que já não é unido, que também é HTPC, aí já não é C, não é comum. Nesse comum, que é onde a gente reúne para resolver juntos os problemas da escola e a gente tem assim conseguido depois da implantação dos HTPCs, tentar resolver em conjunto o problema da disciplina da escola, que é um problema que a escola vem enfrentando, que é muito sério porque a gente recebe alunos de vários níveis; inclusive de um nível assim diferente ao redor da nossa escola e de um nível diferente dos alunos que vem de perua, de chácara. Quando isso se junta parece que não dá muito

certo e a gente tem que fazer dar certo. Pelo menos o aprendizado que é o que a gente busca, tem que aparecer. E, é aonde a gente faz uma troca que o professor fala assim: eu fiz isso nessa classe e funcionou e, elege-se um coordenador para cada classe e o coordenador expõe, pede ajuda através de mapa de classe é, é um horário também muito positivo quando os pais atendem o chamado dos professores. Eles tem períodos de meia hora que a gente marca com os pais e os pais é, ao chegarem, são atendidos pelos grupos de professores e não só pelo coordenador. Isso é muito produtivo porque quando o aluno fica sabendo que o pai dele foi chamado, a mãe foi chamada, ele muda de comportamento. A gente já sabe disso. E é nesse momento de HTPC, tirando as disciplinas, que a gente consegue reunir e trabalhar a interdisciplinaridade, porque se a gente não tiver esse encontro, a gente não consegue. Fica português trabalhando na área dele, matemática na área dele, ciências na área dele e foi através dos HTPCs que a gente consegue montar um projeto e cada professor trabalhar o que ele pode e tá fazendo um projeto antes de se Ai, eu vou trabalhar isso né. Ah, você vai fazer a redação, então eu vou trabalhar isso, o professor puxa. O professor de ciências passa o filme, depois o professor chega e discute. Termina com a redação. Termina com um concurso de educação artística. Depois ela pede um texto, pega aquilo e passa para o papel, entendeu? A gente tem trabalhado vários, só é possível quando os professores se agrupam e isso só é possível no HTPC, porque hoje, cada professor tem o seu horário, tem os seus problemas. Chega, dá bom dia, tchau e até logo, sabe? Você não consegue, você quer falar com o professor e não consegue. No HTPC não, ele tá ali, naquele horário, ele é pago para isso. Se ele não tiver ali, ele fica com falta, ele não ganha, tudo bem. é uma aula dele, conta na, na, no olerite dele, então ele tá ali para aquilo, ele veio pra aquilo e quando ele vem ele quer sempre, é saber de uma informação, o coordenador, tá passando todas as informações, sabe? Eu tenho uma notícia, eu não fico dando de professor para professor, certo? Nós temos um almoço, pegamos 2 minutinhos do HTPC, 5 minutos e vamos discutir o cardápio? O que que a gente vai fazer? Porque? Porque isso se chama HTPC. Hora Comum de Professores juntos, e como a gente precisa muito da, da, da troca de idéias, como a gente tem necessidade de trocar experiências lá fora, a gente precisa dessa troca de experiência lá dentro também. Nós temos uma 5ª série no período da tarde, que a gente só conseguiu a disciplina dela, tá certo que foi meio assim, meio sabe, mas mesmo assim a gente só conseguiu porque vários professores é, é, é se, é, tentaram juntos de forma diferentes. A professora de inglês tem um carisma diferente, então ela chegava carismática. Já a professora de matemática, ela falava que não, eu já não concordo. Então, ela chegava e falava assim, não. Na minha aula vocês vão sentar acabou, quem levantar tá....., mas nesse, eles nunca sabiam como é que o professor ia agir e eles conseguiam. Melhor do que classe que a gente consegue, que a gente tenta de uma maneira só, entendeu? Então, essa turminha que vem sem limites estudar, de casa, porque não, não, não foi dada a eles a infância no momento certo, eles tem que adquirir na escola de qualquer maneira. Eles tem que se não eles atrapalham a sala de aula inteira, o professor não consegue ensinar e é nesse HTPC que tudo isso é feito. Até o mapa da classe. O professor fala, coloca o Felipe aqui porque o Felipe não pode ficar perto do Manuel, entendeu? Por isso, por isso. O professor que vai à sala de aula 5 vezes na semana, ele conhece muito mais a classe que a professora de inglês que vai 2. Então, onde a professora de inglês vai ser ajudada? Com o professor que vai mais vezes. E é o HTPC que tá fazendo isso, entendeu? E a gente se reúne para isso, com esse objetivo. Já tem uma pauta, eu já vou pra, pra, pro HTPC com a pauta. A gente já vai fazer isso, isso, isso. Certo. Falamos desde de campanha de remédio para ajudar o hospital de base até a Hoje foi chamada aqui a mãe do fulano de tal, de tal, de tal. Quem chamou foi a professora de matemática, não interessa. Se ele é problema para a professora de matemática, que quero que a professora de português fale dele, eu quero que a professora de educação artística fale para a mãe que ele não trás material, que eu vou falar para a mãe que ele....., entendeu? Ai a gente pega a mãe e fala oh mãe: assim, assim, me ajuda, vamos trabalhar juntas, os professores estão aí. Trabalha com a escola, vamos unir à escola com a família,



Entrevista: Professor 1 da Escola A

1. 49.
2. Letras Neo Latina, faculdade Osvaldo Cruz em São Paulo.
3. De 5ª à 8ª.
4. 24 anos mais ou menos.
5. Português de 5ª à 8ª série. Tanto no estado como na, na rede particular.
6. "O Texto na sala de aula", de trinta horas, em outubro de 85; é O texto em fevereiro de 85, "Seminário regional de Literatura" em julho de 85; "Semana de estudos pedagógicos" em novembro de 87 e janeiro de 87 "O texto em sala de aula – da leitura à produção".
7. Eu considerava, muito é, muito bom os que eu participei e me ajudaram bastante, eu, eu aproveitei várias idéias na prática do meu ensino diário, depois. Pena que depois eu não pude participar. Bom, não houve mais cursos deste estilo assim dos quais eu participei. Mais foram válidos. Pra mim foram válidos. Eu acho que pra quem tem pouca experiência no magistério, ajuda muito mais. Já, já tinha experiência de, de ensino, prática pedagógica, mas, mesmo assim eles eram bem atualizados, novas idéias; então o professor precisa se utilizar desses cursos,para melhorar cada vez mais a sua prática pedagógica.
8. A atualização é, atualização né, com as novas idéias, com os novos pensamentos, e novas estratégias pra, pra dar a sua aula.
9. Eu creio que não, porque desses cursos que eu tenho, esses cursos dos quais eu participei, não me deram pontos para nada, nem dão atualmente. Eles só tem vindo para me acrescentar mesmo, mais conhecimentos.
10. Eu creio que pelo menos dois, dois anuais, um no meio do ano e um no início do ano já dá para pelo menos a maioria dos professores ah, participar, porque normalmente as vagas oferecidas são poucas, e convidam apenas um professor só de cada escola, quando isso é oferecido. Ah, muitas vezes ele tem uma jornada intensa na rede particular e na estadual, e os horários não batem, porque às vezes ele nem é dispensado do horário de trabalho na rede estadual né; então eu creio que duas vezes por ano pra poder atender todos os professores. produção de texto em português né, ah, como trabalhar o texto na sala de aula, que a redação é muito importante, a produção de texto é muito importante Percebe-se que professor tem dificuldade de trabalhar essa parte né. Eu convivo com muitos e muitos me idéias e como eu corrijo redação à muitos anos aí nas universidades aí, nós sabemos que é preciso estar sempre atualizados com tudo que diz respeito à produção de um texto. Gramática também, mas a produção do texto eu acho importantíssimo trabalhar de 5ª à 8ª, né.
11. Eu creio que foi o que disse na resposta anterior. Texto e produção de texto. A redação propriamente dita, como estimular também a leitura no aluno da rede estadual. O jovem tem tido dificuldade assim pra ler, eles não gostam de ler. Nós temos tido assim, dificuldade de motivá-los. Fazer com que eles gostem de leitura.
12. Em parte sim.
13. Eu creio que quando você vai a busca destes cursos, não, você não vai a busca de receita. Você tem que adaptar estes cursos à realidade da sua escola. Difícilmente você vai pegar o que eles falam ali e passar assim, exatamente igual na sua sala de aula. Até cada sala é diferente uma da outra. Você pode ah, ah pegar as idéias e tentar adaptá-las à sua escola, acrescentar um pouco do que você também sabe, daquilo que você já aprendeu no seu curso de graduação e fazer uma adaptação mas sempre são válidos os cursos.
14. Eu creio que foi grande porque às vezes você fica trabalhando só assim de uma forma tradicional, achando que está sempre certa, que não deve modificar porque deu certo num ano, deu certo no outro. Quando você vai à esses cursos, você ouve coisas, novidades, que parecia assim coisas impossíveis de você praticar na sala de aula, você ouve lá que alguém já fez, que alguém está fazendo. Então, contribui bastante para você ter coragem de desafiar, de tentar novos desafios, e aplicar idéias novas, né.



15. A participação individual? Eu creio que deveria ser assim, da maioria das, dos professores envolvidos, os efetivos, os que estão na ativa mesmo da escola, tem que ter a maioria, porque nem sempre também, um professor indo, ele consegue chegar na escola e modificar assim, conceitos tradicionais, resistentes, eu creio que o professor deve ir buscar isso. Então, teria que ir não só um, mas grande parte dos professores devem ir.

16. Eu creio que poderia pelo o que eu, os cursos que eu fiz, eu acho que foram um pouco curtos, um pouco rápidos, poderiam ter uma continuidade, uma avaliação do que o professor trabalhou ah, das idéias eu ele aproveitou, depois, aquele encontro e troca de experiências do que foi aproveitado ou não entre os professores que participaram desses cursos; eles se reencontrarem, tanto com os que dão o curso, quanto os que participaram na, na mesma sala para fazer essa avaliação: o que foi válido? O que não foi válido? O que foi produtivo? O que, que não dá para fazer. Porque ouvindo os outros professores, nós teríamos assim, mais competência para avaliar todos os aspectos que você mencionou.

17. Alguns assuntos são bons, alguns assuntos são válidos, ah, ah talvez falte um pouco mais de dinamismo né, porque há uma parte de leitura de papéis, de propostas e que nem sempre se retoma depois essas coisas. Algumas sim. Algumas são avisos de concursos para nós participarmos, ou de alguns cursos que estão sendo realizados, nesse sentido, algumas coisas são bem válidas.



Entrevista Docente 2 da Escola A

I. 37.

II. Letras, na antiga FARFI e Pedagogia, também na antiga FARFI.

III. Professor no, no Ensino de 5ª à 8ª e também Ensino Médio. Aqui no Aureliano eu atuo de 5ª à 8ª e eu trabalho no Ensino Municipal, Supletivo no Ensino Médio.

1. No Ensino Municipal dezesseis anos e no Estadual de 5ª à 8ª, quatorze anos.
2. No Estadual, Ensino Fundamental eu leciono nas 6ª e 7ª e no Ensino Supletivo né, no Ensino Médio, 1º, 2º e 3º.
3. Da UNESP eu participei do PEC, que foi um programa de capacitação e participei de vários cursos promovidos pela Delegacia de Ensino tá, com professores da UNESP também, realizados tanto na UNESP, quanto nas Delegacias de Ensino. Fora esses cursos da da UNESP, eu participo de vários cursos, mas todos pela Secretaria Municipal de Educação de Rio Preto. Esse eu participo bastante – quase todos, o 1º Municipal de Educação, o 2º e recentemente agora eu terminei um, fiz um na, do P, do PCN em ação pelo MEC de Brasília. Foi o último curso que eu fiz.
4. Principalmente. Eu acho que eles estão sempre capacitando o melhor possível o professor e eu acho que todo o professor hoje, ele tem que tar apto à aprender a aprender né, porque o ensino mudou muito. Como o que a Rita havia comentado, a gente ensinava tudo em cima de gramática, só a gramática normativa, e hoje não, você tem que estar apto para ensinar tudo em cima de texto, de pegar a vivência do aluno e trazer para a sala de aula e desenvolver em cima disso. Então, o professor tem que estar apto para isso também, ele tem que aprender primeiro para depois ensinar.
5. Acho que esse é o motivo principal né: a gente tem que tar apto a mudar tá, a aprender, eu acho que a profissão do professor, ela é uma, é contínua, você não pode parar nunca, se você parar você tá sempre, você fica pra trás; porque tem sempre coisas novas, sempre textos novos ah, ah a mudança tá muito grande no ensino. Eu acho que principalmente agora de uns anos pra cá, essa reformulação que tá tendo aí, essa parte aí, principalmente na Língua Portuguesa; Lingüística, eu acho que mudou muito hoje a relação do ensino do professor hoje em dia; então ele tem que tá apto sempre a isso, a pesquisar, buscar mais fontes; ver onde fica realmente que ele fica ultrapassado, e seus alunos também não sentem motivo nenhum na aula. Porque hoje, a gente sente assim a diferença quando a gente trabalha com jornal na sala de aula, como é a receptividade dos alunos, eles gostam de trabalho novo, hoje a gente trabalha com teatro; eu aplico muito com essa parte também, os alunos, eles gostam, eles se incentivam muito nessa parte. E quando você só dá aquela gramática pesada, você vê a desmotivação total da classe; e nós da minha geração, nós somos tudo em cima da gramática, e hoje não. Então, você tem que tar aprendendo para você passar para o seu aluno. Então é isso que me leva né, a procurar novos cursos.
6. Eu acredito que não. Em algumas partes sim, mas pelo menos no Estado, a maioria dos cursos que eu faço não conta. Eu fiz especialização (180 horas) em Votuporanga, não contou nada; eu terminei agora Latus Sensu em Franca, um excelente curso agora da Universidade de Franca. No Estado não conta nada, para a Prefeitura realmente conta, mas eu acho que o intuito do professor e o professor que gosta de estudar, que queira estudar, ele não vai atrás de pontos não. Porque, aquele professor que vai só atrás de ponto, ele chega em um determinado momento, ele para, ele desiste; e professor que realmente tá a fim de seguir, ele não desiste, então eu acho que não tem muito a ver não.



7. Os cursos para os professores, eu acho que tá bem. Os últimos cursos que eu tô fazendo, que eu fiz né, eu acho que tá bem assim no que deve ser. É uma troca de experiência constante tá, é a vivência do professor, é a vivência do aluno, isso tá sendo passado no, não tá mais uma coisa irreal como antigamente eu ia a cursos que, passava uma teoria que não era aplicada na sala de aula, parecia que você estava ouvindo uma coisa que você jamais ia utilizar e hoje eu acho que não, que tá uma coisa é bem real, se você tá dando para utilizar muito em sala de aula. Eu acho que hoje em dia assim os cursos já estão sendo feitos. Eu percebo nesse curso PCN em ação mesmo agora, tudo, a vivência do curso que foi passado para nós em uma semana, é o nosso cotidiano, é o nosso dia-a-dia em sala de aula tá, então nós só buscamos informações à mais para o nosso trabalho, que a maioria das coisas nós já sabíamos, era só um acréscimo ao que nós desenvolvemos.
8. Eu acho que o caso da avaliação mesmo como a Rita falou, mas a avaliação, ela é uma coisa assim, que depende sabe, você não pode avaliar seu aluno só pela prova, eu sou contra avaliar um aluno só pela prova. Eu acho que o aluno, ele deve ser avaliado, no dia-a-dia dele na sala de aula. Eu não vejo a posição do professor só avaliar o aluno pela prova não, às vezes ele não vai bem na prova, mas você manda-o colocar um exercício na lousa e ele vai bem, você faz uma pergunta e ele vai bem, num debate ele se sai super bem, então isso daí é uma coisa que deveria ser assim uma maneira geral, deveria ter uma troca de experiência maior nisso. E trabalhar mais com textos. Essa parte é a interdisciplinaridade. Eu acho que a interdisciplinaridade deveria ser trabalhada, porque tem professores, por exemplo, na mesma escola, na mesma classe trabalhando: professor de artes, professor de português, às vezes, eles trabalham o mesmo assunto, mas separado, eles não se unem para isso. Eu acho que deveria ter uma interdisciplinaridade porque dá muito bem para trabalhar. Eu trabalho no Supletivo. Eu trabalho com a professora que eu tenho 2º grau, o Ensino Médio e ela também. Nós trabalhamos muito bem a Literatura e a Arte junto. Sai trabalhos maravilhosos. Então, eu acho que essa interdisciplinaridade deveria ser colocada em todas áreas, porque aqui mesmo no Aureliano, eu não conversei com a professora de Ciências, eu cheguei na classe, tinha um texto que ela tinha passado na classe – Planeta Água. Eu trabalhei 4 aulas em cima daquele texto e depois eu comentei com ela e ela acabou trabalhando também e por um acaso eu peguei essa coisa dela na lousa e trabalhei, mas se isso fosse colocado no planejamento, daria para trabalhar todos os conteúdos interdisciplinares. Eu acho que a interdisciplinaridade é uma coisa fundamental que deve ser trabalhada e dá para trabalhar em todas as matérias. Dá para trabalhar Português com Geografia, com História, com Ciências, com Artes; eu acho que dá para trabalhar com todas. A interdisciplinaridade eu acho que é uma coisa que tem que ser colocada nesses cursos. Eu sinto falta disso.
9. Sim, acho muito importante. Eu acho que todo mundo tem que ter uma fundamentação teórica, tem que saber, se não ele não consegue. Eu acho importante.
10. Eu não concordo. Eu acho justamente como eu havia te falado, que esses cursos que estão sendo dados hoje, ele está bem o que está acontecendo, ele não está mais distante. Eu acho que o professor, ele é distante para aquele professor que não quer modificar tá. Para aquele professor que só vive na Gramática, aquele professor, principalmente professor de Português, que ele não quer modificar então, pra ele continua distante, mas o professor que ele quer se adequar, eu acho que ele tá bem em cima, tá bem atual, porque ele mostra realmente, ele tá trabalhando com a realidade do aluno.
11. Muito grande. Eu acho que os cursos, todos os cursos que eu fiz: tanto da UNESP, quanto da Delegacia de Ensino, quanto pela Municipal, todos esses me ajudam muito. Eu acho que eu consigo passar melhor, expressar melhor para os meus alunos, trabalhar; sempre tem alguém que fez um projeto novo, você tenta colocar esse projeto. Acho muito importante.

12. Pode e muito. Eu acho que o professor que faz o curso e tem essa disponibilidade né, e tem condições de passar para os seus colegas essa troca de experiência, pode ter uma mudança muito grande. Quando eu fiz o PEC, eu trabalhei em conjunto, aqui nessa escola mesmo com a Soninha Peral, nós fizemos trabalhos ótimos, na parte, principalmente na parte de Histórias Infantis, essa parte nós trabalhamos, foi muito bom. Eu acho que dá. Eu acho que a escola, ela deveria dar um espaço maior para o professor passar. No caso, o PCN em ação agora foi excelente e eu até tentei passar aqui na escola, mas eu não tive a oportunidade tá. Como o espaço é curto, eu conversei muito pouco no HTPC, não deu para ser passado e seria um curso, uma parte excelente, um excelente para ser passado para os professores, mas assim mesmo, a troca de material eu acho muito importante.
13. Acho que a UNESP deveria realmente continuar dando esses cursos mas, porque não são todos os professores que tem condições. Uma coisa que eu acho muito errada, principalmente quando a Delegacia de Ensino consegue, ela faz sorteio. Às vezes o professor tá interessado para participar e ele não consegue porque não foi sorteado. Ultimamente mesmo, teve um curso excelente, pela UNESP, eu estava interessada, não fui sorteada, fiquei sabendo de colegas minhas que foram sorteadas, de outra escola e não foram. Então eu acho que deveria ser oferecido para quem tem vontade e não sorteado e depois a pessoa não ir. Então, esse daí eu acho, um aspecto negativo, esse negócio de sorteio da Delegacia de Ensino para os cursos da UNESP. Eu acho que deveria ser oferecido, não sorteado.
14. O HTPC, ele tem seus aspectos positivos e tem seus aspectos negativos também, tá. O aspecto positivo é a troca de experiência. Eu acho que isso daí é fundamental no HTPC. Agora, em aspecto negativo, eu acho que eles falam muito também da parte administrativa que não deve ser falada no HTPC. Eu acho que o HTPC é um momento pedagógico, simplesmente. O HTPC é um horário pedagógico e eles costumam muito misturar essas coisas, principalmente aqui nessa escola, eles misturam muito. Agora, na Prefeitura, no Municipal, eu não tenho experiências no HTPC ainda, porque foi implantado, vai ser implantado agora, à partir do mês de maio; a semana que vem é que nós vamos começar o primeiro HTPC, mas pelo que nós estamos vendo, o HTPC lá vai ser bem diferente tá. O HTPC de lá vai ser bem mesmo ah, nós vamos trabalhar com a parte de produção dos PCNs, a parte dos códigos de PCN. Eu acho que é uma parte que muitos professores, aqui da da escola não conhecem e todos os professores deveriam estar bem à par dos parâmetros. Que o parâmetro é a vivência do aluno, o dia-a-dia, é como você vai trabalhar com esse aluno. Eu acho que todos os professores ele tem que estar adaptados à essa mudança.



Entrevista Docente 3 da Escola A

1. 28 anos.
2. Eu cursei Letras no Ibilce.
3. Eu trabalho com 4ª séries no Ensino Fundamental em escola particular e 6ª séries também no Fundamental em escola pública.
4. No ensino fundamental, de 1ª à 4ª série, mais ou menos nove anos. De 5ª à 8ª eu comecei agora.
5. No primário são todas né. De 1ª à 4ª série são todas né e Português.
6. Eu participei dos cursos é, relacionados ... Bom, alguns mini cursos na época da faculdade né e antes alguns cursos mais relacionados à área do ensino fundamental, para os alunos mais novos, alguns também relacionados à prática. O último... bom não foi na UNESP esse né. Da UNESP fora de Rio Preto teve o de Progressão continuada que foi dado o ano passado na UNILAGO – acho que é isso.
7. São bons porque eles trazem bastante parte teórica que a gente precisa muito e muitas idéias práticas – um espaço excelente para a gente trocar experiências.
8. Realidade. Realidade dos professores, da organização.
9. Um absurdo porque para receber, para ganhar ponto não leva à nada no profissional né. Na sala de aula ela precisa ter bagagem, se for pelos pontos, pra começar ela não vai nem se concentrar no curso, não vai ter interesse, alguns vão atrapalhar mais que ajudar.
10. Eu acho que deveriam haver mais cursos ah né, uma maior frequência de cursos e uma divulgação também um pouco melhor né. O resto eu acho que é.
11. Um, não me ocorre nada no momento.
12. Com certeza. É impossível ter uma boa prática sem ter de onde tirar isso né. Muita leitura, muito estudo, muita discussão né, pra poder chegar à alguma coisa, há um bom trabalho.
13. Eu acho que a gente tem que adaptar né. De repente a parte teórica pode parecer distante para muitos professores que estão em busca de algo mais prático, de algo novo e às vezes eles se frustram em relação às expectativas. É, mas no meu caso, eu acho que a parte teórica é fundamental e a gente tem que estar casando mesmo um com o outro. Então, num acho que tá tão distante da realidade.
14. Ah, sugestões de trabalho já foram aplicadas, muitas coisas relacionadas à Literatura, ah.
15. Eu acho um pouco difícil. Eu acho ah é preciso que outros, outros professores também estejam para a gente fazer um projeto juntos, se não fica muito individualizada. Fica aquela coisa assim é, o professor tentar fazer alguma coisa e ele fica meio sozinho. Tem escolas que dá espaço sim, a coordenação auxilia, o próprio coordenador traz novidades, se não fica um pouco difícil.
16. -
17. Ah, eu acho que poderia ser mais produtivo. Eu acho que o tempo da HTP acaba sendo insuficiente porque nós temos recados que a coordenação tem que estar passando para os professores, ah discussões sobre os alunos, discussão teórica, discussão prática, então o tempo acaba sendo muito pequeno para isso. Eu acho que ah poderiam ser sugeridas mais leituras para os professores estarem fazendo e chegarem com a leitura pronta para fazerem a discussão. Acho que é isso.



Entrevista com a Docente 4 da Escola A

1. 47.

2. Eu, na minha época nem era UNORP, era Faculdade Rio Pretense de Filosofia, Ciências e Letras. Era a primeira turma. Em 1970. Primeira turma que tava saindo, então ainda foi, foi um curso bom na época porque os professores do Ibilce que na época, vieram dar aula na, na antiga FARFI, então os meus professores, tanto de Literatura, Língua Portuguesa, Teoria da Literatura, o Vendramini, o João Carlos de Inglês, eram todos professores da UNESP, então a primeira, a primeira, a segunda turma principalmente, pegou assim, um pessoal aí, uns professores assim sabe, de alto nível. Depois alguns bons ficaram e alguns foram assim passando por difíceis problemas salariais, mas aí sabe, mesmo assim lingüística, eu tive assim bons professores sabe. Eu tô justificando porque o pessoal hoje em dia costuma criticar muito a escola particular né e de início, as primeiras turmas principalmente eles, sabe foi muito bom mesmo.

3. Ensino fundamental de 5ª à 8ª.

4. Certo. Ah, ensino fundamental a vida inteira né. A vida inteira, desde 75 pra cá. E ensino médio, eu comecei, os três primeiros anos eu fiquei no ensino médio que naquela época era o colegial né, e depois eu fiquei um ano na COPEC com o colegial. Só.

5. Ah, séries de, eu trabalho atualmente com 7ª e 8ª. 7ª e 8ª com língua portuguesa e uma classe de língua estrangeira moderna, numa 8ª série.

6. É, eu participei do PEC e eu participei de um curso da UNESP que eu não defini muito bem o nome do curso, que foi um curso que eu acho que foi dado pelos alunos bolsistas, que tava terminando o curso na, na universidade, e como eles, eles, eles ganham a bolsa, eles desenvolvem os projetos e esse projeto foi passado pelos professores convidados. Não tinha muito gente não e você escolhia, foi colocado um mural das salas com os cursos, com os tipos de, de cursos que você gostaria de fazer, você escolhia, escolhia a sala e se dirigia às salas e você tinha liberdade também para tar mudando de sala depois do café, sabe, depois do, do, do almoço, você podia ficar mudando. Até eu fiz um comentário com a DUDA, que esse curso tinha muita coisa do que a gente tem que tar aprendendo né, sempre aprendendo né, e tá sempre aprendendo mas, porque o comentário negativo do curso que eu achei que, que os professores da escola pública, ah, eles, eles estão bem preparados e formando sim porque tem muita gente entrando ainda nas grandes universidades que estão saindo da escola pública. Não é isso que o pessoal fala não que só tá entrando nas grandes universidades alunos da escola particular. Prova disso, quando a minha filha entrou na UNESP da classe dele, não tinha meia dúzia de alunos que tinha vindo de escola particular, todos, a grande maioria, 80% da sala tinha vindo da escola pública. Então, esse curso da UNESP foi dado por alunos da UNESP, eles, eles mostraram para os professores o projeto que foi desenvolvido nos quatro anos de, de faculdade e eu achei que sempre tem alguma coisa a ser aprendida, mas que faltou até um pouco assim até de humildade da parte deles, porque os professores que estavam presentes, é, é não tão no nível que eles estão pensando, entendeu. Eles estão bem superior ao que eles estão pensando. Por exemplo, eles faziam, eles falavam assim: "eu sei que vocês tem dúvidas sobre determinados e citavam algumas dúvidas". Coisas que absurdamente um professor de língua portuguesa teria esse tipo de dúvida, entendeu. Então, o pessoal, um ia olhando para o outro, sorrindo e ia se retirando porque tipo assim, ele tá menosprezando minha capacidade de trabalho né. Então, o pessoal foi se retirando porque tem professor mal preparado, mas a coisa não tá no nível que eles estão pensando né. Porque eles acham assim. "O professor que tá saindo da escola, da, da, da faculdade particular, não estão bem preparados, só que quando ... eles podem até não estar bem preparados, só que quando você tem que ensinar, você aprende, você aprende praticamente sozinho pra poder trabalhar." Então, quando o desenvolver dos anos, com o passar dos anos, você vai desenvolvendo o teu conhecimento, entendeu? Porque é um alto conhecimento, porque todo o ser humano é auto de data. Então, um pouco que você aprendeu, e depois você vai aprendendo junto, você vai desenvolvendo ... Então, a, a, desses cursos por exemplo, tem muito professor que veio de escolas particulares, mas que se você for ver, mais de 20 anos de trabalho, 15 anos de trabalho, ele não tá perdendo para nenhum professor que tenha vindo duma faculdade estadual. Pelo tempo que ele trabalhou, ele fica direto pesquisando, corrigindo, aprendendo não é. Então, eu acho que o que precisa nesses cursos, nos próximos cursos é um pouco de respeito ao trabalho que



tem sido feito pelos professores. É uma coisa que é pedido direto nos cursos que ninguém ouve o apelo dos professores, que é um trabalho de troca de experiência. Todo mundo deve esse trabalho. Por exemplo, eu tô com uma oportunidade para eu tar lá mostrando alguma coisa que eu fiz a vida inteira e que eu percebi que podia tar passando para os meus colegas. Os meus colegas tem técnicas que eles desenvolveram, que eles não aprenderam não e que de repente eles fizeram a vida inteira, percebeu que aquilo deu certo e podia tar passando pra gente. Então, a gente pede muito isso. Alguém lá na frente que não seja dono da verdade, mas alguém que esteja falando é, é, é falando assim, olha, eu não sei tudo, mas isso aqui eu sei, eu fiz e deu certo, vocês querem tentar? Então, um negócio assim, mas por esse lado, porque a maioria dos cursos, o professor quando ele vai assim, é esperando que tem alguma inovação sabe, ele fica achando assim, eu vou aprender alguma coisa e na realidade, é muito pouca coisa você aprende né. O pessoal, existe até um desrespeito mesmo ao trabalho do professor. Agora, no PEC, eu fiquei numa sala em que se trabalhou muito histórias infantis né e essa parte das histórias infantis, é, eu achei que é muito bom. É trabalhado muito de 1ª à 4ª né, o professor poderia até tar continuando isso 5ª, 6ª série, porque desenvolve muito a imaginação do aluno, essa parte de história infantil. Até eu percebo que aqueles pais que contam muito histórias para os filhos, quando você pede para aquela criança fazer redação, ela sempre tem muita coisa pra contar, ela desenvolve no correr da vida dela, a imaginação né e aí ela passa com mais facilidade isso para o papel. Então, eu, eu trabalhei nesse dia do PEC, eu gostei muito. Até andei passando aí o material para o pessoal das, das lendas, é histórias folclóricas é, essa parte de mitologia. Eu achei muito interessante. O pessoal trabalhou nesse mesmo dia a parte de fábulas. Fábulas e contra fábulas. Por exemplo, fábulas que a vida inteira tinha aprendido e depois eu percebi que existia uma contra fábula né, igual por exemplo a história da formiga e da cigarra né, eu nem sabia que existia uma contra fábula né, porque normalmente você aprende que é só aquele que trabalha é que vence, quando aquele que canta, às vezes ajudou o outro a trabalhar. Então, eu achei que essa parte da, da, de mitologia, fábula, lenda aí, não sei se é porque é um lado da língua portuguesa que eu gosto muito, achei que esse dia do curso aí foi, foi muito bom. Já se você vai para uma sala em que vai trabalhar gramática, parece que você não vê muita novidade porque aquilo não muda, aquilo é sempre igual. Você pode até tar trabalhando formas diferentes de levar o aluno a aprender, é um exercício, mas isso já parece que tá sendo abandonado. Eu já tô em fim de carreira, completo o meu tempo agora em setembro, os meus 25 anos, então tá difícil mudar o meu jeito de trabalhar. Eu ainda dou gramaticando sabe, eu ainda exijo algumas coisas que o pessoal novo que tá vindo, o pessoal que tá surgindo, sabe ele, o aluno não tem que definir nada, ele não precisa reconhecer por exemplo, um objeto, ele não precisa saber achar numa frase solta, o objeto direto né. Então, eu sinto muito isso no pessoal novo.

7. Eu praticamente já respondi tudo né. Já falei.

8. Então, é justamente isso que eu falei né, porque eu, eu tô é, é eu trabalho de forma antiga igual eles falam que eu preciso mudar meu jeito de trabalhar, porque eu trabalho ainda, eu dou muito análise sintática com frases soltas assim. Eu dou uma frase e o aluno tem que achar o sujeito, o núcleo, o predicado, objeto direto, indireto. Eles dizem que não pode trabalhar mais assim. Tem que ser tudo no texto, tudo aplicado ao texto. Então, quando eu vou num curso desse, eu vou buscando isso, sabe aprender a trabalhar de novas formas.

9. Bom, não sei. Não é o meu caso porque eu já tô na escola que eu vou me aposentar, perto da minha casa, então não é a minha intenção.

10. Eu já falei agora mesmo que eu gostaria muito dessa troca de experiência, apesar de tá saindo, é uma coisa que o pessoal pede muito né Magali.

11. É, além de conteúdo, essa parte toda de metodologia e tudo é, eu acho que essa parte de avaliação. Eu acho que é difícil assim, avaliar sabe. Essa parte de avaliação eu acho que é uma coisa que precisa ser, o professor precisa tar melhor preparado para avaliar. Não avaliar assim, essencialmente prova, ou como avaliar quando você, quando você cobra alguma coisa dele, essa parte de avaliação eu acho que é uma coisa que tá precisando ser trabalhada.

12. É, eu ainda sou assim, mas diz que hoje não é mais assim né?

13. Não eu não acho. Alguma coisa assim, alguma coisa que é dito lá na frente, nós percebemos que, que a pessoa que fica normalmente na delegacia de ensino tal, ele fica um pouco distante da, da realidade do aluno. Então, de vez em quando, quando

o curso é dado, nós percebemos que ele fala alguma coisa e na realidade aqui na sala de aula não acontece. Mas muita coisa, sabe, o pessoal que chega lá, já passou pela sala de aula, então, muita coisa é real mesmo.

14. Eu acho que mexe com a minha reflexão. Toda vez que eu vou num curso, eu fico assim achando que eu preciso melhorar sabe. Isso que eu aprendi eu vou tentar passar para os meus alunos, ou por exemplo, eu brigo às vezes muito em sala de aula com eles e aí quando eu vou num curso, mexe com a minha cabeça assim sabe. Eu vou tar revendo sabe, então eu acho que mexe com essa parte da minha reflexão. Toda vez que eu faço um curso, eu volta sabe assim, não sei se é porque eu reflito e fico achando assim que eu preciso melhorar, então eu volto assim mais calma, tentando mudar alguma coisa. Então, eu acho que o curso serve para isso. Eu dou uma melhoradinha quando ...

15. Ah sim né, eu falo que, principalmente nessas reuniões de HTPC, por exemplo de repente um passa dentro da HTPC, você acaba trocando experiências, mesmo quando parece que você não tá trabalhando, você tá porque no HTPC é a hora que você tá discutindo a situação de um aluno, um problema particular de um aluno, você acaba é, aquilo te faz conhecer o aluno, faz você mudar teu procedimento dentro da sala de aula. Eu acho que você, cada um, cada um falando dos seus problemas ou as suas mudanças e tudo, acaba mudando a, a situação da escola né de um modo geral. Por exemplo, eu cheguei nessa escola em 92 e quando eu vim para o Aureliano Mendonça, eu vim de uma escola padrão, eu era coordenadora do da escola, eu ganhava 30% a mais do salário e eu vim para uma escola que não era padrão, e o salário baixou 30% e o pessoal não se conformava deu tar vindo para o Aureliano Mendonça, porque na época, o Aureliano Mendonça, em termos de comunidade não, não, não tinha uma boa repercussão assim, o pessoal fazia muita crítica em relação à escola. E, e eu vim para essa escola e tudo, não que eu tenha mudado, mas a escola mudou de um modo geral, não que eu tenha mudado a escola entendeu, mas a de 92 pra cá, a postura da comunidade em relação ao Aureliano, por exemplo, quando, quando eu falo para um vizinho meu eu dou aula no Aureliano Mendonça, eu fico observando a reação do rosto dele, eu percebo que a reação é outra hoje quando eu falo que dou aula no Aureliano Mendonça, um certo respeito pela escola sabe, que existia uma expressão de ironia no rosto da pessoa quando eu falava que dava aula no Aureliano Mendonça. Hoje não, eu sinto que a escola hoje tá mais respeitada, você também sente isso né Magali da comunidade. A escola tá respeitando mais a escola. Só que é um processo assim lento, a escola vai mudando pouco a pouco e vai, vai melhorando né.

16. Olha é, eu falo que a gente tá sempre aprendendo e tudo, mas eu gostaria ainda de fazer um curso, a Magali vai falar sobre ele, mas um curso que a minha filha, ela, ela é efetiva na prefeitura na pré - escola e ela fez o curso e ela andou me passando alguns, falando sobre é, como fala Magali, dependendo do signo da criança, do signo de cada criança, ela tem ou mais faci... é, ela, ela, ela aprende com mais facilidade ou não e a gente é interessante até, você conhecer, porque por exemplo, eu não acredito naquele horóscopo diário, o que por exemplo, tudo o que acontecer para mim vai acontecer para todo mundo que é de escorpião, por exemplo né. Mas eu, eu acredito que as pessoas que nascem, que nasçam sobre o mesmo signo e dentro do mesmo decanato por exemplo, elas tem, elas tenham as mesmas características e existem signos por exemplo que, sabe eles, por exemplo o meu signo é um signo difficilimo de lidar, signo de escorpião, de leão, de Áries, são crianças que se você ... por exemplo... Quando eu descubro que aquela minha aluna é uma, uma criança de Áries, eu tenho mais paciência com ela, porque eu sei que ela tem temperamento muito forte, que ela não muda a opinião dela e que ela veio com o mundo inteiro e que ela defende as idéias dela e ela não afina para ninguém, entendeu. Nem para professor, nem pra pai, nem pra mãe se ela achar que ela tem razão, o mundo pode cair. Então, quando eu percebo, eu percebo que uma aluna minha é do signo de Áries, por exemplo, eu tenho mais paciência com ela sabe, eu, eu já percebo que existe isso. Por exemplo, as minhas alunas do signo de gêmeos, elas são muito mais calmas, elas então, isso eu aprendi com a minha filha que fez um curso que eu não fiz, mas a Magali fez esse curso, acho que mais de uma vez até porque a prefeitura já passou esse curso sabe, é um curso sobre mitologia e tal, pra Prometeus. A minha filha me passou esse curso e eu, eu, eu assim, eu ouvi esse curso da boca dela, com as palavras dela, eu andei anotando algumas coisas e eu uso hoje em sala de aula, é uma coisa que eu gostaria até de tar fazendo. Eu falei, nem que eu não tiver oportunidade pra fazer, mas seria muito bom que as, as pessoas que acreditam porque tem gente que não acredita né, mas eu acho que seria interessante. A Magali vai falar sobre isso né Magali.



17. É o que eu falei. É um momento que você tá encontrando o seu colega assim todos na mesma sala, você pode tar falando de determinado problema né, falando de alguma coisa que vai ser, alguma coisa pro projeto que a escola vai tar desenvolvendo, então é um momento assim de crescimento da escola né. Ah, eu acho assim que, eu acho que ainda poderia ser melhor.



Entrevista com o Diretor da Escola B

1. A minha idade hoje é 59 anos.
2. Você está me perguntando ... em que área eu estou atuando hoje. Hoje. Hoje eu estou atuando na, na área de, de Ensino Fundamental e Médio né, porque a escola em que eu trabalho como diretor, ela é uma escola Estadual tá, que oferece Ensino de 1ª à 4ª série, é de 5ª à 8ª e Ensino Médio
3. Olha o, o, tempo de docência no Ensino Fundamental é, eu tenho que fazer um cálculo, porque são de 63; de 1963 até 1977 que eu estive na docência né e depois, a partir daí, eu trabalhei como vice-diretor, diretor de escola do ensino técnico – o Filadélfio, fui diretor do Filadélfio 2 anos, e ah, depois eu trabalhei na UNESP também, 5 anos na UNESP e depois como diretor de escola.
4. Ah. Bom, a disciplina que eu comecei trabalhando foi na área de matemática. Depois no, fui professor de ensino normal, dando aula de Psicologia da Educação, História da Educação, Matemática aplicada à Educação, né, História da Educação
5. Ah, ah, na área de educação continuada ah, eu não tive oportunidade de participar, né, mas a gente conhece mais ou menos os programas e os professores da coordenação pedagógica aqui da escola tem, tem atuado; os professores tem atuado, entendeu? Agora, em linhas gerais, a gente tem conhecimento
6. Olha, ah, todo, todo programa que foi desenvolvido ah pela universidade ah são fundamentais, certo? E a gente observa o seguinte: que antigamente quando a universidade oferecia algum curso, a escola do ensino médio ou fundamental ah, não, não era, não era a escola que escolhia o, que precisava de determinados assuntos, determinados cursos pra, pra capacitação do nosso pessoal. A universidade já vinha pronta com esse material. Com esse material não, com o material que eles tinham melhor lá né e ofereciam os pacotes né, nós vamos dar esses cursos, então o professor da, da área do, ensino do, do ensino médio e do ensino fundamental, ele não tinha condição de escolher né. Eles tinham que ir lá e fazer o curso né, porque esse entendimento era feito à nível de secretaria e universidade tá. Agora ah, as coisas não mudaram muito, mas na cabeça de alguns que estão lá por cima ah, eles ah estão percebendo que precisa realmente fazer uma capacitação né. E devido a, a, a má qualidade de formação ainda do, do professor, então o governo se vê obrigado a gastar uma fortuna aí com capacitação, né. Se bem que mesmo com, isso não significa dizer que o professor bem, bem formado e tal não precisa se atualizar sempre. Precisa né, se ele não se atualiza ele fica pra trás né, ainda mais hoje nos nossos, nos nossos dias né. Mas infelizmente isso aí é feito assim. A universidade oferecia os cursos e os professores iam lá fazer certo? Então havia muito questionamento em relação à isso. Muitos recursos da educação eram gastos ah, sem proveito nenhum assim diretamente para o pessoal da, da, da rede.
7. Ah, é importante o, o, porque os enfoques são outros né. são outros muitas vezes. A visão daqueles que estavam na universidade em relação à, à educação ah, eles apresentam a educação sobre outros enfoques, não é isso? Então, aqueles que aqui estão, estão vendo as coisas de uma maneira mais assim, real, não é isso. E eles podem apresentar alguma, alguma alternativa, alguma novidade, alguns novos estudos que possam ser aproveitados por esse pessoal que está na área da educação ah, ah e atuando no ensino fundamental e médio etc.
8. Bom isso aí é, isso aí é não mudou muito, não é verdade? É, esses cursos que são promovidos hoje né, se você não coloca lá que o certificado tem validade, então isso não, muitas vezes a pessoa nem tem interesse. É, então o aperfeiçoamento da pessoa é, é deveria ser uma coisa natural: eu preciso ir lá, eu preciso me atualizar, eu preciso dar uma melhor aula, uma melhor informação não é. Eu quero ser melhor, entendeu. Eu quero procurar ter um bom desempenho, quero ter um bom status perante



os meus colegas porque eu sou um educador de leis, eu me atualizo né, então deveria ser ... os meus alunos vão ganhar com isso, não é. Então deveria pensar dessa maneira. Não. Muitos vão ah, tem, tem pontos. O CSA agora vai promover um curso, um, um 1º encontro de educação. Tá lá que o curso é oficializado pela, pela secretaria municipal de educação. Então, isso vai chamar a atenção dos professores da rede municipal, que lá é uma guerra, todo mundo quer ter mais pontos, não é? E se fosse pela secretaria do estado também, se a gente observar, vocês vão observar que, que teria muitas pessoas mais que tem muita gente que tem a cabeça pequena, só pensa em somar pontos né. Então, veja você, há um bom tempo, ah que passou, ah, ah, tudo girava em torno, era uma fábrica de dinheiro quem promovia esses cursos, porque todo mundo queria fazer curso e tinha pacotes e pacotes de, de certificados. Então agora acabou isso aí de certa forma, deu uma, deu uma, deram uma podada na legislação e acabou com isso aí, porque é uma vergonha né. Então a pessoa tem que ser capacitada sem visar isso aí. Tem que ter um aperfeiçoamento, uma capacitação, uma melhoria de qualidade, tudo, tem que ter isso aí.

9. Não entendi sua pergunta. Como deveriam ser ... Ah, os, os, os cursos ah, normalmente, os cursos, eles, deveriam ser organizados de acordo com, com, com o nível, com a qualidade, deveria ser feito um diagnóstico primeiro, não é isso, da situação pra se ver realmente aquilo que tá precisando, ah para se reciclar né o pessoal. Deve-se determinar as áreas e, e, e hoje nós tamos principalmente ... A DUDA vai gostar disso que eu vou falar. Hoje nós tamos precisando é, é, é, é formar, dar formação ao professor é, não só formação como educa... ah, como educador, mas como pessoa, como gente, porque hoje as pessoas, você vê aí professores que, olha puxa, isso aí é professor? Nem na apresentação ele é professor, entendeu? Antigamente, quando você, você olhava assim para um professor, umas professoras, uns professores, você nem precisava falar que ele era professor, só pelo tipão dele você falava aquele cara lá é um professor, né. É, não existe assim uma certa uma certa, uma formação em relação a, a, a própria formação da pessoa, não existe hoje, entendeu? Então, é preciso que a pessoa tenha, tenha assim, um bom, um bom vamos dizer assim, tem, ele, ele tenha um compromisso, faça com que a pessoa tenha um compromisso com que ele está fazendo; uma responsabilidade. Você tem que fazer porque você tem um compromisso com a criança, com o, o, a outra pessoa, a outra pessoa. Você quer atingir objetivos, não é isso? E hoje você observa que, que primeiro a gente, nós precisamos formar a pessoa para depois ensiná-la, ah, ah, ah determinados conhecimento, porque você vê aí hoje, você vai numa, quer dizer, de uma maneira geral, a crise não está totalmente na escola, a crise tá na família, entendeu? Então hoje as pessoas não tem educação. Não tem um pingão de educação. Então, primeiro você precisa educar pra depois você dar os conhecimentos. Então, nós tamos muito longe e o maior inimigo nosso hoje é a televisão. Maior inimigo da escola, da família é a televisão. É, esse é um dado importante que eu acho. É fundamental, porque quando você tá, tá, tá na sala de aula, os professores estão tentando dar uma noção de educação pro, pra criança, o Faustão, o Gugu, isso aí, isso aí é uma desgraça para a educação. Só falam besteira direto, na busca de audiência, inclusive a censura deveria cortar, mas infelizmente é isso aí que você tá vendo.

10. É isso que eu já acabei de falar, né. É, é, é nós precisamos é de conteúdo de formação mesmo da, da pessoa. As pessoas hoje, elas não tem educação. Então, nós precisamos de conteúdos de, de, dessa natureza. Conteúdos de: ética, de moral, de bons costumes, de enfim, saúde, não é isso? Isso precisa. Os conteúdos principais que é você, o, o, a criança mal ela nasce já vai para onde? Ela vai pra uma escola, que hoje que nós chamamos de escola de educação infantil, não é isso. Os pais não, não, não, não percebem o crescimento da criança. Ela é criada aonde? Por isso que inclusive as escolas de educação infantil hoje, tem que ter, até 2006, essas escolinhas de educação infantil tem que ter professores formados, não é? Porque? Porque se pretendeu que quem está ah educando os filhos, os filhos aí de uma maneira geral, são quem? São pessoas que não tem nenhuma qualificação. E a educação é importante desde os primeiros, dos primeiros passos, certo? Então, eu acho que, que, que é por aí. Temos que pegar a coisa por aí.

11. Claro, é fundamental. Se a pessoa não tiver fundamentos, ela não tem onde, onde se basear né. Isso aí é, é, é uma coisa natural, por isso que o professor precisa se atualizar sempre, não é. Ele não pode ficar naquela batidinha, ele tem que tar sempre atualizado, tem que ler, tem que acompanhar o noticiário, enfim, tem que procurar ser uma pessoas bem atualizada. Por isso que os cursos deveriam visar isso aí, atualização, capacitação, sem, na busca de certificados e etc.

12. Bom, foi aquilo que eu já falei. A universidade, ela, ela tem pacotes e o pessoal lá se julgam o dono do saber, entendeu? Então, eles é oferecem e a secretaria compra, né. É um negócio, né. Eles não procuram buscar aquilo que realmente a, a, a rede está precisando. Então, tem muita coisa boa que a universidade poderia oferecer e não oferece, certo? É, então, a rede estadual, a rede, a rede, a rede estadual e enfim, o dinheiro público ... o que na realidade existe em uma palavrinha só, a aplicação do dinheiro público é feito de maneira, de maneira assim é, jogado, é o dinheiro é jogado pela janela. Não é bem aplicado, porque dinheiro tem muito, se eles aplicassem bem o dinheiro da educação, olha, a educação seria hoje, outra nesse país, porque tem muito dinheiro, muito; só que se aplica indevidamente. É um jogo de interesse, sabe? Então, não é, não é uma, não existe uma aplicação necessária. Então, o pouquinho de dinheiro que aplicam na escola, não aparece assim que você nem imagina, né. Agora, você imagina a outra parte do dinheiro. Então, todo mundo quer ganhar em cima da educação, esse que é o problema, porque se o dinheiro fosse aplicado mesmo certinho, não tinha a ... sobrava dinheiro, certo?

13. Olha, eu quero dizer o seguinte: que na época que nós fizemos a faculdade, a faculdade com todas as dificuldades que ela tinha, que é a UNESP hoje né, nós tínhamos professores conscientes, professores que realmente se preocupavam com a formação da pessoa, não só com a formação é, pessoal como ah moral e ética; e você tinha, você não precisava é, nós recebíamos uma formação que, a partir que você saía da faculdade, você sabia como buscar os conhecimentos pra poder, poder atuar fora da, na aonde você fosse trabalhar, você tá entendendo? Então, a, nós tivemos realmente uma ótima faculdade, que era a Faculdade de Filosofia de São José do Rio Preto, né. Então, os profissionais que lá atuaram, realmente eram verdadeiros professores idealistas, não é verdade? O que a gente não encontra muito hoje. Nós temos muito idealistas, mas não ah, em porcentagem muito pequena, entendeu? Isso é, é a escola ajuda muito. Tem que ter é claro que o, que o, que o formando tem que contribuir também, porque se ele não tiver vontade, determinação né, que é uma palavra que muitos jogadores de futebol usam, né. Então, ele não consegue, não consegue nada, mas o professor querendo ensinar e o aluno querendo aprender, a coisa vai bem. Entendeu, e foi o que aconteceu.

14. É, muitas vezes pode, muitas vezes pode né. Ah, a situação individual, de um, de um, de um ... depende do trabalho que ele vai realizar, certo. É isso aí.

15. Ah, ah, eu entendo que, que, o que você me perguntou né, já é o suficiente. Agora a, a faculdade, a universidade está distante da, da, da escola pública, entendeu? Ah, eu não sei se é só aqui na nossa cidade, mas de uma maneira geral, eu percebo quede realidade. Eu percebo que a UNESP por exemplo, tá muito longe da, da, da comunidade, não tá muito próxima, entendeu? Então, a UNESP se fechou lá e, e, e tudo bem né. Eles vivem o mundo deles lá e nós vivemos o nosso mundo aqui, quando deveria haver uma integração. Quer dizer, quanta coisa, quanta coisa boa que tem lá na UNESP, poderia ser aproveitada pela rede estadual e vice-versa, né porque os alunos de lá também tem necessidade de conhecer a realidade aqui, porque eles vão atuar é aqui, eles não vão ficar a vida inteira lá, certo? Então, essa é uma falha grave que existe na UNESP de Rio Preto desde muitos anos entendeu. Não existe uma integração entre a, entre a UNESP e a, a, a escola estadual. Isso é um dado importante.



16. Olha, o, onde funciona o HTPC é muito importante, certo. Agora, onde não funciona, não vale nada, porque o nome já diz: já não funciona mesmo, tá entendendo? Aqui na escola nós, ah, agora veja você: aqui na escola, ele funciona o HTPC. Se você quiser comparecer aqui no horário, você vai perceber que funciona, mas nós já começamos ter algumas dificuldades por causa dos horários dos professores, né. Então, não existe, quer dizer, é se por um lado o HTPC foi, é importante, por outro lado ele, ele acaba bagunçando quando ele não existe, certo. Então, eu acho que deveria é, é, é ter assim uma medida rígida para e, existe um horário rígido na escola. Olha, o HTPC vai ser né, e é obrigatório, quer dizer, como é obrigatório, não é isso, e se forçar o pessoal a participar. Quer dizer que na escola o pessoal participa numa boa, tudo bem, tá entendendo? A gente percebe que por aí não é, o HTPC não é uma realidade. É uma enganação, entendeu? Então, é, eu penso que numa escola, seja ela qual for, mesmo não existindo o HTPC, é o momento é, a escola precisa de um momento para reunir o corpo docente com a direção, com a coordenação pra expor os, os, os problemas que estão ocorrendo na escola. E qual o momento que você vai informar para os, os professores e receber informações também, não é? Você precisa ter um feed back, não é isso? Como que você vai receber essas informações e como que você vai passar essas informações à respeito do que tá ocorrendo na escola, se você não tem um momento para se reunir com seus professores? Então, é um absurdo. Tem professor que vem na escola para dar 4 aulas semanais, ele vem aí, você nem vê ele chegar e quando você viu, ele já foi embora, né. E isso tá ocorrendo. Ainda tá ocorrendo. Infelizmente, no ano 2000 ainda tá ocorrendo, tá. Então, eu acho que certos problemas, eles poderiam deixar de existir se o, o pessoal que tivesse lá por cima na educação, tivesse um pouquinho mais de vivência da realidade escolar, porque o pessoal que tá lá por cima, eles não sabem ah, ah, uma boa parte da, da, daquilo que acontece aqui que são pequenas coisas que poderiam ser, poderiam ser resolvidas. A pessoa reclama muito de pagamento, de salário, não é isso? Reclama muito, mas não é só. Muitas vezes não é só isso. Tem professor que quer trabalhar, que quer fazer um bom trabalho, e não, e se preocupa é claro com o salário que ele ganha, mas independentemente disso, ele quer, ele quer ah, ah, fazer um bom trabalho e certas coisinhas atrapalha. E a própria legislação atrapalha o professor, entendeu? Então, é importante que, que isso fique registrado: que o HTPC ele é importante na escola, agora é, é preciso que ele realmente seja feito. Só isso?



Entrevista com o Coordenador da Escola B

1. 42
2. Eu cursei Letras ah, em Votuporanga
3. Atualmente eu leciono ah, ah, aqui né, Inglês né à noite e sou coordenadora.
4. Quanto tempo? Tenho quase 18 anos
5. Eu leciono inglês até, eu isonerei português, né eu lecionava português né. Agora eu só fiquei com o inglês.
6. Bom, eu participei do último PEC que foi na, no inglês, na língua inglesa. Participei também da língua portuguesa nos outros anos, desde 83 que eu faço curso na UNESP, pela UNESP, promovidos pela UNESP. De extensão cultural ...
7. Olha, eu acho que os cursos tem ajudado muito o professor em sua prática, acho que devem continuar porque sempre algo a acrescentar tem e o professor vai assim, fazendo adaptações à sua realidade escolar. Eles são viáveis sim.
8. Bom, a, a promoção pessoal, a promoção é, é, lógico da minha, da minha área de atuação, a prática que a gente tem que crescer, tem que evoluir, tem que melhorar né. Foi em busca sempre de melhora, sempre de estudos.
9. Bom, eu nunca participei, nem sei se tenho pontos desses cursos que eu fiz, que eu nunca utilizei pra nada como pontos. Utilizei na minha prática desde quando começou de propostas pedagógicas da escola padrão. Agora dos Parâmetros curriculares nacionais, que eu também estou fazendo curso, eu nunca fui atrás de ponto. Tem professores sim, que acho que se o professor tem essa mentalidade ele não deveria estar na educação, né, que eu acho que não é mais para pensar dessa forma. Acho que tem que estudar e sempre cada vez mais estudando, porque o mundo não é parado e tá sempre em movimento e o seu conhecimento também tem que ser ampliado, atualizado né, enfim, não pode ser por aí.
10. Os cursos deveriam ser assim, com estudo, teorias, um pouco de prática, uma coisa complementa a outra né, e tem que ser, eu acho no mínimo 1 vez por mês, né. A metodologia usada tem que ser de aplicação, ah, como eu falei: estudo, aplicação.
11. Bom, olha, tem: os parâmetros, os temas transversais. Eu acho que todos os temas ligados à vida, né porque tudo que envolve a sociedade, a nossa vida, a realidade, o que se fala no momento, o que se discute, a política ... Tudo isso tem que ser colocado em curso, porque é isso que o adolescente, o jovem vê na rua. E é isso que tem que se trabalhar na sala de aula, é isso que tem que procurar acompanhar. O professor tem que estar por dentro de tudo que está acontecendo, a informática, né, os avanços tecnológicos, tudo isso tem que vir para nos cursos.
12. Uma coisa complementa a outra. Sem a fundamentação teórica não há prática e uma prática tem que ser embasada em uma fundamentação teórica, ah teórica. Dentro da fundamentação teórica.
13. Não, os professores ele não tem muita orientação porque eles, é eu acho que aí já é um problema do próprio professor que ele não consegue por falta de estudo mesmo dele, por falta do seu capital cultural, não, ele mesmo fazer adaptação à sala de aula. Acho que é um problema de formação do próprio professor, daquilo que ele estudou, daquilo que ele fez. É, é difícil ser professor, então precisa começar com um pouco mais simples, ou mostrar para ele um mundo diferente, mas não é por aí não.
14. Olha, eu fui até, inclusive eu fui convidada na época em que a escola padrão para ser coordenadora, meu trabalho foi exposto na delegacia de ensino muitas vezes, propostas minhas foram aceitas ... O meu trabalho, olha, só enriqueceu em sala de aula. Foi enriquecido, como eu dava aula de português, redações, leituras de texto né, ah, mesmo no inglês, eu passei a ter essa parte também no inglês, eu pude aproveitar. Eu acho que pra mim valeu demais. E a, a, o tempo foi, cada curso que fazia eu ia melhorando minha prática. Eu acho que devagar, lendo, estudando, você vai só melhorando.
15. Participação individual do... Você pode repetir? Desde que ele seja multiplicador né, chegue aqui na escola, passe, incentive e o pessoal mostra olha, eu fiz isso, deu certo tal e multiplique a idéia, eu acho que sim, mas um só eu acho que, um pouco difícil. Teria que haver mais professores.
16. Outros aspectos? Eu acho que não tem. Eu acho que a UNESP parou né, com os cursos, deveria ter continuado, que dava dando resultado sim e investir em bastante cursos para professores porque é por aí, as pessoas não sabem aplicar, como eu já disse, porque não tem essa, essa, a facilidade em multiplicar em, né, em as idéias, acho que tá faltando isso daí.



17. Olha, HTPC é um espaço conquistado que tá aí e vale muito, não pode ser perdido, tem que ser reaproveitado, aproveitado cada vez mais pra estudos, pra gente ver o que tá dando certo na escola, o que não tá dando certo, o que não vale pras práticas né. Eu acho que é uma continuidade da nossa vida e é esse momento que a gente tem que colocar todos os, ah, as experiências né, os resultados e, e vai. Eu acho que tem que continuar as HTPCs. É muito bom, é vital pra escola.



Entrevista Docente 1 da Escola B

1. 32.
2. Letras no Ibilce.
3. Bom, de 5ª à 8ª. O Fundamental 2.
4. 12 anos.
5. 6ªs e 7ªs.
6. Do curso de Educação Continuada.
7. São excelentes e essenciais pra quem quer se manter atualizado, porque tem muita gente que vai lá que nem sabe do que é que eles estão falando. Agora, para quem, quem fez um curso legal, é uma reciclagem, é fundamental isso, precisa fazer, precisa estar por dentro do que está acontecendo.
8. É reciclagem mesmo, para ver se o que a gente está fazendo tá certo, se saíam teorias novas, como que a gente deve atuar.
9. Olha, os pontos são válidos. Agora, o nosso caso aqui na escola, nós participamos mesmo pela, pela reciclagem, pelo conteúdo que foi dado, que o curso é de, de excelente qualidade.
10. Olha, esse curso da, da UNESP foi muito bom, estava assim no nível que o pessoal fez IBILCE acompanhou. Agora, deve ter curso até mais básico, porque a gente vê que tem colegas que não tem embasamento para acompanhar aquilo lá. Então, eu acho que deve ter cursos, até assim, com níveis diferentes. A gente vê mesmo lá nos cursos: pessoas de outras escolas, que não estavam acompanhando o curso, não sabiam nem do que estavam falando. Então é, é uma coisa assim, que às vezes fica meio complicada. Tem muito professor que acompanha muito bem o curso e tem professor que não tem embasamento nenhum.
11. Olha, não sei. A gente aqui tem um, muita dúvida às vezes, em como tratar com o aluno nos aspectos psicológicos, sabe, essa parte aí que às vezes dá muito trabalho pra gente, não tanto a metodologia. Metodologia nova, quem tem uma boa base se adapta, conhece sabe, põe em prática, não tem tanto problema. Agora, às vezes o psicológico, a problemática que o aluno trás para a escola, isso daí que atrapalha a gente algumas vezes.
12. Essencial.
13. Olha, isso é verdade viu, porque às vezes a gente vai lá, vê, a gente sabe que funciona, sabe que é daquele jeito que tem que ser feito. Sabe, se você for dar aula numa turma pequena, ou numa escola particular, você pode aplicar tranquilamente. Agora, a realidade daqui, da escola do estado, é violenta. São classes lotadas, desinteresse, então, é, é estranha mesmo e essa parte psicológica que eu te falei que, às vezes é muito difícil lidar com o aluno.
14. Olho, especificamente eu já não, especificamente eu não vou saber te falar assim, mas foi de uma maneira geral. Sabe, é até para você estar sabendo que você não está fazendo besteira, que você tá seguindo aquela linha, tá e não tá saindo besteira.
15. Claro, porque vai ampliando o campo de visão e as pessoas que não tinham conhecimento da daquela linha de pensamento vão tendo e você pode discutir mais as idéias. A gente sempre sai animada do curso e trocando experiências, então é muito válido sim.
16. Ai, foi uma pena ter parado. Acho que esse é o principal, porque eles estavam muito bons.
17. Olha, tem hora que não é muito pedagógico, sabe. Discute-se de tudo, mas eles, são esquecidos esses aspectos, mesmo que a gente vai buscar nesses cursos da UNESP, que lá, a gente vê mesmo, coisas que você pode aplicar, que funciona, que você sabe que tá certo; e às vezes aqui, é, é, sabe, fica tudo truncado, não se fica falando de coisas pedagógicas, ou fica falando um monte de coisas que não tem nada a ver, não vai adiantar, você sabe que não vai nem entrar na cabeça do aluno, é meio furado. Aliás, é totalmente furado, né, tá.



Entrevista Docente 2 da Escola B

1. 36.
2. Eu tenho curso de Licenciatura Plena em Português e Inglês. Eu fiz, na época era FARFI.
3. Ah, Português só. Inglês eu nunca lecionei. Ah, bom. Que eu estou atualmente. 6ª séries e 7ªs.
4. 13 anos.
5. 6ª séries e Língua Portuguesa.
6. Nós participamos ah. Eu participei no ano passado de um curso muito bom de "Introdução à literatura infantil", né, o pessoal do IBILCE que veio dar o curso. Muito interessante.
7. Olha, são ótimos porque, nós assim, ficamos muito dentro de sala de aula e às vezes, nós não estamos tendo tempo de reciclar e com os cursos, você, você tem a oportunidade de conhecer outras formas de lecionar. O que acontece é que quando chega em sala de aula, a nossa clientela é outra, o número de alunos atrapalha. Então, você se sente até frustrado de não poder aplicar aquilo que você aprendeu e que você achou interessante.
8. Ah, pra reciclar, né, porque faz treze anos que, que eu estou já na ativa, então, às vezes você fala: "nossa como eu tô ficando ultrapassada". Então, esses cursos dão oportunidade de você se abrir mais né, aprender outras coisas, outras formas, outros métodos.
9. Isso eu nunca liguei porque, hoje em dia agente sabe que o pessoal que frequenta isso, não tem certificado, não tem sabe... Você é dispensado uma vez ou outra pra participar disso aí. Porque antigamente era diferente: tinha ponto, tinha certificado. Hoje não. Hoje você vai se realmente tiver interessado e a briga é muito grande, viu, porque tem que sortear. A gente até sorteia pra ver quem vai. Esse ano deu sorte. Eu tô fazendo outro lá no IBILCE e eu ganhei o sorteio – eu e a Naysa. Até a Ana Teresa que tava aqui com você ficou chateada porque ela também gostaria de participar – sabendo que não vai ter ponto, não vai ter certificado, não vai ter nada.
10. Como assim? Esses cursos? Eu acho que deveria ser pra todos, não para uma minoria igual... Dessa escola, nós somos em 6, 7 ou 8 professores de português, só dois tem a oportunidade e muitas vezes a gente não se encontra pra passar pro outro. O meu colega do noturno eu não encontro. Eu fico no HTP, é um ou outro que você encontra. Então, às vezes você deixa de passar informações que você poderia passar, assim, que poderia ser aplicado em sala de aula, então eu acho que todos poderiam ter a oportunidade.
11. Que temas poderia ser é... Além da parte, tipo assim, matéria, português, gramática, literatura, sabe que, que eu acho. A gente tinha que falar mais do comportamento do ser humano. Nós estamos com uma clientela, que não adianta eu chegar preparada para dar análise sintática, eu tenho que parar de dar aula e tenho que ensinar tipo assim, olha é, em casa vocês façam isso. Então você tem que passar conceitos, falar de moral. De repente, você vem com uma aula toda programada e não dá certo. Às vezes você para, para falar de sexo, então eu acho, que nós temos que ter curso com, tipo assim, psicólogos, à respeito do comportamento do ser humano. Muitas vezes o aluno não vai pra frente, não é porque não estuda nem nada. É problema familiar e outras coisas. Então, nós temos que ter um preparo para lidar com esse aluno. Essa clientela nossa tá muito difícil. Então, não adianta você tá muito bem informado, chega na hora, você não consegue trabalhar. A falta de interesse ou o interesse deles é outro.
12. Tem que ter, né. Tem, tem que saber um pouco de, de, de teoria sim, mas eu acho assim: que na prática, às vezes você vem com uma coisa preparada e na prática num, num dá certo. Aí, você tem que voltar, e rever o seu método. Mas, eu acho assim: se você tiver, se você souber a matéria, é mais fácil. Então, você sabe encaixar e aproveitar as oportunidades pra explicar aquela matéria. Não chegar com a coisa decorada porque não adianta.
13. Ah, isso tá mesmo. O assunto é interessantíssimo. Só que é aquilo que eu te falei: número de alunos, a nossa clientela assim, é muito desinteressada, muito problemática, então, não tá batendo. Então a gente vê que a realidade deles lá é outra e a nossa não bate com a deles.



14. A criatividade. Você começa a ficar mais criativo. Aproveitar aquilo e adaptar na sua clientela. Se você chegar com a coisa igual eles passam lá, você não vai conseguir trabalhar. Você começa a pensar em formas de trabalhar diferentes aproveitando o que você já aprendeu.

15. Participação individual. Ah, eu acho que não. Vamos supor: eu indo só eu lá? É muito difícil eu depois, integrar todos, porque é aquilo que eu te falei: a gente não se encontra. Eu não conheço os professores do noturno porque eu só leciono no diurno. Eu acho que tinha que ser mais amplo esses, esses cursos.

16. Outros aspectos... Olha, é uma vez por mês só que eles chamam a gente lá. É assim, um período muito curto, eu acho até que podia ser o dia inteiro quando fosse fazer curso. A gente entra, vamos supor às 8 e quando é meio-dia, tá indo embora e é uma vez por mês. Eu acho pouco. Eu acho que precisava mais assim, mais vezes e com período mais longo, para você realmente aproveitar o curso.

17. Eu acho que isso aí venho como uma proposta muito boa, mas não tá sendo aplicada. É no final, nós ficamos nesse HTP lendo leis, é, comentando de outros assuntos... vamos supor: e a minha integração com o pessoal da minha área não tá havendo. Então, eu acho que não tá sendo interessante. Eu tinha que ter, que reunir com o pessoal de português pra que a gente pudesse trocar idéia. Então é isso que acontece. Fica cada um num canto, escutando a coordenadora que passa a ser a protagonista da história, falando, falando, falando e passando leis, notícias e tudo mais. Não tá válido. A proposta é muito boa, mas não tá sendo bem aplicado. Só.



Entrevista docente 3 da Escola B

1. 55.
2. É, História Natural não é, que saiu depois como Biologia, na UNESP né, no campus do Ibilce.
3. Eu, ah, atualmente eu tô atuando de 5ª à 8ª série, mas até antes deu vir para essa escola, eu sempre dei aula no ensino médio também.
4. São, são quase 23 anos.
5. É, de 5ª à 8ª ciências, né. Quando eu atuo no ensino médio, é biologia.
6. E agora hen? O último em que eu participei foi dado pela, por uma professora lá de Biologia. Como que era o nome dela? E agora hen, eu não lembro. Ah, era um curso na área de biologia. Ah ! eu achei assim bem válido, porque ela mostrou assim práticas né, que a gente pode passar pros alunos e a aula assim das células, por exemplo, os, as organelas citoplasmáticas assim né, é não ficavam de maneira decorativa pro, pro aluno né, a prática que ela deu, as práticas que ela deu. Mas como ela chama, bem morena, ela era bem nova na época, foi a secretaria da educação que mandou a gente lá fazer. É, eu não lembro da, da professora. Só ela que deu o curso. Eu participei de outros também dados também pela Marileila, pelo Grigor Vartanhan, mas antes do Celso Morão morrer, também eu tive um curso lá, porque nessa, faz tempo que eu já saí disso né?
7. Eu acho ótimo, ótimos, ótimos. Os professores todos né, sempre passam alguma coisa nova, diferente pra gente.
8. Ah, para obter mais experiência, né. Trocas de experiências com os outros colegas que estão lá né, discutir prática, discutir problemas de indisciplina né. Eu acho super válido.
9. Bom olha, dos cursos que eu participei, eu não vi nenhum professor desse tipo. Na minha área de ciências ou biologia, eu não conheço ninguém que vá fazer curso só por causa dos pontos. Eu mesma, eu tenho já, tenho uma promoção de, porque eu fiz, tenho 10 cursos, e agora tem um intervalo interstício de 10 anos, quer dizer, todos os cursos que eu fizerem agora né, que eu tiver não vai valer, mas eu faço, não pelos pontos, para adquirir mais experiência, mais conhecimento.
10. Os cursos ... esses cursos? Sei lá. Eu acho que a parte, a parte do conteúdo eu acho que qualquer professor que esteja na ativa domine né, porque é inadmissível que, alguém que esteja dando aula e não tem domínio sobre a matéria que leciona, né? Eu acho que deveria ser assim trabalhada mais a metodologia e passar experiências de né, de, de, de situações que a, a, há 5 anos, de 5 anos pra cá tá muito difícil dar aula né. Então, eu fui preparada para dar aula pra um tipo de aluno. Agora, esses alunos são diferentes e eu, e não sou preparada para, né pra agüentar, porque os alunos agora, eles não vem aqui para estudar, pra adquirir conhecimento; eles vem porque tem o estatuto que não, não deixa ficar em casa né e muitos também às vezes até pra, por causa da merenda né, ou porque aqui é um lugar assim agradável, assim melhor que a casa deles. Não para aprender. Então fica difícil.
11. É, eu acho assim: Psicologia né, Psicologia ah, relacionamento humano; relações públicas ... que mais. Poderia e diferentes práticas pedagógicas. Mais né, muito mais.
12. Ah, lógico né.
13. É, às vezes, o, o, a, alguns cursos né, é ah, você chega lá o, eles querem reforçar o conteúdo assim, achando que os professores não, não, não fizeram bem o curso, não, não estão bem informados sobre aquele, aqueles assuntos né, e eu acho que não é isso que tá precisando né. O que tá precisando é como enfrentar os alunos e como passar esse conteúdo para o aluno, né. Métodos diferentes porque os que a gente conhece ah, não tá funcionando quase mais. Você vê: se tem uma classe de 40 alunos, aí se tem 6 alunos no máximo que são aqueles né interessados que, quanto mais você ensina, mas eles querem e o resto, só atrapalham. Eles vem aqui só para atrapalhar, então você perde tempo para chamar a atenção, você perde tempo pra mandar pra fora porque se não você não consegue dar aula, se você não mandar aquele elemento fora da sala. Então, eu acho que a gente precisava mais assim de, de orientação psicológica porque esse pessoal né, eles são cheios de problemas e eu não tô preparada pra, pra enfrentar esses problemas deles. Eu quero dar a minha aula e eles não querem assistir a aula. Eles tão com outras coisas na cabeça né. Então.



14. É, foi a contribuição foi excelente né, porque você procurou aplicar sobre aquilo que você aprendeu lá né na sala de aula. Quer dizer, muitas coisas a gente já sabe né, tá cansado de saber né, mas trabalha.
15. Ah, individual não né. Sabe porque? É incrível né, mas os nossos colegas, mesmo aquilo que é combinado às vezes na sala de aula cada um é cada um né.
16. Outros aspectos. Aí há vários. Na minha área de biologia – ciências, eu acho que é, faz tempo né, que eles não dão nenhum curso. Eu fiz um lá que até não foi aprovado por uma professora que não é de lá. Era de lá, agora não é mais e não foi homologado. Quer dizer, todos os sábados que eu fui lá ah, muitos sábados, eu gastei combustível, tempo e depois eu não sei o motivo que não foi homologado. Até hoje não descobri. Ela fala pra gente que foi e é mentira porque ela tá envergonhada né. Então, você encontra com ela na rua, ela fala assim olha, o certificado tá lá na delegacia. Um dia, eu fui à delegacia de ensino, antes de misturar, porque agora é tudo diretoria, é uma só, aí eu fui lá na General. Fui eu e mais outras duas colegas, nós procuramos tudo, não tinha. Então, aí o pessoal falou assim: olha Marlene, é mentira, o curso que ela deu não foi homologado. Agora, os outros que eu fiz, com o pessoal lá do Ibilce, você acha que não vai ser homologado? Até eu tenho especialização na área de genética. Então, sempre, essa área me atrai muito né. Eu gosto das outras também, lógico, mas a área da genética né. Então, eu acho assim, que faz tempo né que não tem assim cursos pra minha área. Eles deviam né, começar, mas né aí tem o problema de horário. Tem que ser aos sábados mesmo né. Porque eu dou aula. Hoje eu saio 2:30hs daqui, mas quase todos os dias até 4:30hs. Eu entro às 6:30hs e saio às 4:30hs. Então que tempo depois, então vai ter que ser no Sábado né.
17. Ah, é muito proveitoso. Nós discutimos as leis, ah a parte, textos pedagógicos, a parte da indisciplina né, então ah, o HTPC aqui da nossa escola é muito bom. É muito bom. Funciona e, e é bem proveitoso, porque ali a gente discute tudo né: sobre as disciplinas dos alunos, sobre conteúdo, sobre as normas da escola né, sobre é, o estatuto da criança, as leis que saem aí a gente tá sempre lendo e comentando. Então é ótimo o HTPC dessa escola.



Entrevista com a Docente da Escola B

1. 39 anos.
2. Fundamental de 5ª à 8ª.
3. É, no fundamental eu estou há, há 14 anos. Eu trabalhei 1 ano só no ensino médio com redação.
4. Eu leciono português e nessa, nesse ano eu estou com 6ª séries no estado e 7ª séries aqui.
5. Foram promovidos ... dos que eu participei foram promovidos pela, pela, pela antiga delegacia de ensino. Foram com professores, autores de livros e eu não sei especificamente assim qual. Teve até a Tereza Cochara, o Wagner Costa, é, então assim, eu não sei falar nomes propriamente deles né, mas...
6. Ai, falando desses que eu participei é muito interessante, são interessantes. Eu acho que principalmente como troca de experiência. Eles funcionam, acho que às vezes, dos que eu participei mais pra gente mesmo do, como pessoa, como profissional, do que propriamente como prática na sala de aula. Agora que nós estávamos começando um esse ano qual a universidade, com a, com a, lá na UNESP né, o Ibilce né? O Ibilce, parece que vai ser bem interessante, mas nós fizemos um dia só, aí entrou em greve. Amanhã nós estamos indo para o segundo dia, mas esse, ela tá partindo disso: como é o aluno sabe, que tipo, o que que ele precisa, o que que ele não precisa. Então, parece que esse vai ser mais concreto em termos de sala de aula tá.
7. Porque é justamente isso: vê se a gente vai se reciclando e consegue realmente ajudar essas crianças, principalmente no estado. Porque na escola particular, existe uma série de recursos, então é mais fácil. Agora no estado, é muito difícil você trabalhar. Eles não tem recurso, a, a, o nível em casa já é diferente... Então, a gente trabalhando, de repente a gente encontra alguém que fez alguma coisa que deu certo, que a gente possa aproveitar também.
8. De todos os que eu participei nenhum contava ponto. Eu acho que não tem nada à ver. Esse eu não sei se vai contar tá, porque tá dando rolo – não sabia se ia contar ou não. Parece que ia, mas os outros, nenhum contava ponto.
9. É aquilo, a gente precisaria de mais, da prática mesmo, sabe assim. Experiências que foram feitas com crianças do tipo que a gente enfrenta e que deram certo. Porque às vezes você chega lá, eles tem uma idéia maravilhosa, mas quando você pega 40 alunos numa sala, que você tem 5 ou 6 que te acompanham, o resto sabe, não sabe nem o que você tá fazendo. Então, fica difícil de trabalhar. Eu trabalho no estado na periferia eu pego também gente assim com muita diferença etária. Eu tenho alunos na 6ª série com 12 anos e tenho com 16, em uma porcentagem grande. Que tem uma classe lá que eu tenho 7 alunos acima de 14 anos, numa 6ª série. Então, quer dizer, fica difícil a gente controlar também a faixa etária deles. Então, A gente precisaria de alguém que desse assim: oh, eu fiz isso e deu certo, tá. Eu tinha aluno assim, assim, assim e nós fizemos e deu certo. Eu acho que é isso que a gente precisaria.
10. Olha, eu, eu, em português ele falam de várias coisas. Nós falamos, a gente não fala só do específico, porque a gente trabalha com texto, com tudo, então a gente tem a possibilidade de tratar dos, ah, dos, daqueles do parâmetros curriculares que eles querem tanto, ética tal. Quer dizer, nos nossos cursos, eu acho que a gente tá sempre falando de várias coisas, então não fica muito só no específico, tanto com os professores que nós já fizemos; eles vem com uma série de assuntos, com série de temas, então tá bem diversificado. Na área de português tá gostoso, os que eu fiz eu gostei.
11. Ah, sempre é. A gente precisa ter teoria, se não é, como é que a gente vai fazer com um aluno, se surge alguma coisa assim ... Eu acho que é importante sim, pro professor é, tá. Como ele vai trabalhar. É que não é o nosso problema, mas é muito importante.
12. Esse é o primeiro que eu estou fazendo com o Ibilce. Do primeiro dia nós, eu gostei demais. Eu achei que foi assim: bem, parece que vai nos levar mais para a realidade nossa mesmo, tá. Estão partindo de situações nossas. Então nós temos esse problema: aí se discute e procura uma solução pra aquele que a gente vê que é mais ou menos no geral, então, esse parece que tá interessante, tá. Os outros que eu fiz, eu fiz na delegacia com professores, com tudo né, alguns davam certo, outros ... era só para nós mesmo. Não tinha jeito.
13. Olha. Sempre é, é, é a gente procura adaptar dentro do limite. Tudo que a gente faz, alguma coisa a gente tenta aproveitar, né. Não é tudo que dá não. Eu acabei de falar, vamos ver esse agora o que que vira.



14. Do tipo eu vou, os outros não vão e ... Eu acho que fica falho, porque eu tenho um ponto de vista. O interessante seria, por exemplo, de português, que todos pudessem participar, porque cada um tem um enfoque da língua, tem um modo de vê-la, quer dizer, eu vou lá e faço, eu vou passar pra eles; mas eu já vou passar com a peneira que eu né, fiz pelo meu ponto de vista. Então, eu acho que acaba ficando sempre meio truncado o trabalho. O interessante seria que pudéssemos ir todos, porque aí todo mundo troca idéia, cada um tem um jeito de ver, então aí sim, eu acho que ficaria mais interessante o trabalho.

15. Eu penso que fica tudo muito rápido. Vem com aquela história: como a gente tem que sair da sala de aula, porque pra você fazer isso, todo mundo dá aula o dia inteiro praticamente. Então, a gente tem que sair da sala de aula. Então fica: você tem que ir atrás de substituto. Então, acaba ficando um trabalho ... eles tão sempre correndo, os cursos são sempre ministrados rapidamente, e, e, aquela coisa: você acaba não tendo uma sequência, porque chega no ano que vem, eu participei esse ano; chega no ano que vem, eles inventam de tal forma que eu não posso participar. Eu não vou dar sequência. Então, vai um outro, que não teve o meu início ... sabe, então eu acho que o melhor seria se a gente pudesse fazer o curso em uma sequência, né, pra poder ver se realmente nós estamos evoluindo, se tá servindo para alguma coisa. Seria tão bom pra nós, quanto pra própria universidade, porque cada hora ela recebe um professor e aí vai ficando...

16. Ah, tem que falar mesmo? Falar de isso aí é um terror, é uma dificuldade. Então é o seguinte, oh. Eu participei de duas escolas em HTPC. Uma, a gente trabalhava assim: nós nos reuníamos, os professores de área, discutíamos e aí por exemplo, à partir da discussão, ou fariamos um trabalho conjunto ou a gente tinha liberdade de ir e acabar o trabalho em casa, fazer, tal, dentro da sua série, da sua área. Nessa outra, dificilmente a gente se reúne. Quando se reúne é, nós vamos estar lendo um texto em conjunto, ah, tem coisas interessantes, mas isso é, não é sempre. E a área mesmo, só se reúne, só se reúne quando tem que fazer um trabalho para eles. Eles querem que a gente faça um mural, por exemplo, agora nós temos o tema violência. Ah, é o grupo de português que vai fazer, então a turma de português se reúne para fazer aquele mural. Eles não dão palpite. A gente faz o mural do jeito que quer tal, mas não existe aquele momento de você poder trabalhar mesmo como eles falam que tem que ser, porque eles dizem assim que de repente eles soltam e nós nos reunimos, que nós vamos conversar e não vamos fazer. uai, tem as duas horas. Tem a hora da gente fazer a nossa fofquinha, mas tem a hora da gente fazer trabalho. Só que eles nunca fizeram essa experiência. Então, dificilmente a gente tá trabalhando em conjunto por área. E mesmo assim, fala tanto em integração, né aquela interdisciplinariedade, mas a gente não tem a oportunidade de falar: oh, em matemática eu tô fazendo isso, o que que português poderia fazer? Então, nós temos lá na escola o dia da leitura, que o HTPC determina, a coordenadora determina: olha, é o dia da leitura. Então, nós escolhemos em conjunto um texto. Só que de repente ele vai cair na mão de uma professora, de uma substituta que não teve o preparo que nós tivemos aqui. Então, vamos trabalhar esse? Ah, vamos porque? Mas não se discute a forma como vai ser trabalhado, o que é que poderia ser explorado como interpretação. Acaba sobrando muito pra cada professor, né. Eu falei. A gente da área de português poderia dar uma, em termos de interpretação, dar uma coisa melhor, mas dificilmente sai isso. E na maioria das vezes, nós fazemos trabalho de secretaria lá que fica todo mundo revoltado. Então, poderia ser melhor o nosso. Eu já vivi essa experiência, achei que foi interessante. No fim vira obrigação e ninguém não vê a hora assim, fica contando os minutinhos para cair fora do HTPC, tá?



Entrevista com a Diretora da Escola C

1. 35 anos.
2. Eu fiz Letras pela antiga FARFI. Hoje, o nome é UNORP e fiz especialização na UNESP de Araraquara.
3. Eu sou professora para atuar no Ensino Fundamental de 5ª à 8ª série e no Ensino Médio né. As três séries do Ensino Médio. No momento não estou atuando, estou afastada junto à direção da Adair Guimarães Fogaça.
4. 7 anos, quase oito anos.
5. Português e Inglês no Ensino Fundamental e Ensino Médio.
6. Nenhum. Até o presente momento nenhum, porque não é dada a oportunidade para os vice-diretores participarem.
7. Eu penso que eles precisam existir mesmo. Eles precisam existir, precisam ser repensados a forma como esses cursos estão chegando para os professores. Como é que a universidade tem trabalhado com isso, até por conta da demanda que é muito grande né. Porque trabalhar com professores da rede estadual é muito grande, então a universidade tem procurado atender, mas ainda é insuficiente. Tem muito entraves burocráticos também da própria secretaria da educação.
8. Bom, eu não estou participando, mas se estivesse, eu acho que é para a melhoria da qualidade de ensino, pra atualização, ah, eu acho que, tudo que viesse somar o nosso trabalho pedagógico é válido. Tudo isso é válido, porque o educador tem que tar sempre reciclando, sempre aberto a novas ah, coisas que vão aparecendo e a universidade é um polo disso, né. A universidade trabalha com pesquisa, então ela tá sempre descobrindo, tá sempre inovando, sempre procurando atender as necessidades. Eu acho que toda troca de experiência é válida.
9. É verdade. Existem alguns casos assim, mas eu acredito que seja a minoria. É, porque em todo o setor tem né. Tem um, aquele que é profissional mesmo por vocação, e independente do que ele vai obter ele vai atrás e tem aquele que é só profissional mesmo. Ele não tem vocação. Então, eu acho que ele vai só atrás das vantagens que aquilo pode ter. Ele, ele quer que a vantagem também é, é o retorno em sala de aula, isso também é uma vantagem, mas ele não vê por esse lado. Então ele vê, só as vantagens materiais, as vantagens imediatas, ah em termos de progressão e tal; ele não vê que ah, aqueles cursos tal, pode contribuir na sua prática pedagógica. Então, existem casos assim também. Isso existe em todos os setores, não só no setor da Educação.
10. Olha, eu acredito que se a Universidade tivesse condições de fazer isso, esses cursos deveriam ser nas próprias escolas, certo? Porque? Porque viriam ah, viriam até a escola e, e tomariam conhecimento da situação da escola, o que, que isso, o que, que essa escola trabalha, como que essa escola trabalha com a comunidade, as, as carências dessa escola, então, montaríamos os cursos em cima disso. Orientações assim, certo. Então, esse seria o ideal, mas eu acho que tá muito distante da realidade porque a universidade não está mais dando conta de, ah, trabalhar com todo esse pessoal da rede pública. Eu acho que é muita gente. Eu acho que não tem condição, por isso que concentra lá, determinadas épocas, determinados cursos, então não dá para ir todo mundo às vezes de uma determinada disciplina lá no dia, então tem que ir um por escola, dois por escola. Então isso acaba é, fragmentando o trabalho, acaba não virando aquilo que deveria virar, que é o trabalho multiplicador, sem ter esse objetivo. Então, a gente chama um ou dois de cada escola e esse professor vai ser o multiplicador. Aí, chega na escola e não tem condições, porque o horário não dá, nos HTPC também não é possível faz isso daí porque não reúne todo mundo naquele horário, todo mundo tem compromisso. Então, a própria divisão de trabalho, do horário da escola, inviabiliza isso. Então, acaba não atingindo todo mundo.
11. Eu acho que Filosofia, é, Sociologia. Eu acho que falta isso. Faltava na nossa formação, já faltou na nossa formação como professor e falta isso no dia-a-dia, precisamos aprender a lidar com o todo, com o coletivo e nós não sabemos. Eu acredito que isso falte. Então, precisaria às vezes, deixar de, de, de atacar português, matemática, tal, e atacar mas esses pontos que estão frágeis, deficientes em toda a formação docente. Embora a gente faça faculdade de Filosofia,a Filosofia ficou mesmo só no papel. Eu acho que tem que ter mais filosofia, mais, assim, uma formação, uma base, se bem que esse curso não é para salvar a formação de ninguém. A formação já tem. Mas eu acho assim, pra atacar as carências. Então, estamos carentes disso, falta isso no nosso currículo, falta essa formação de base. Então, eu acho que eu acho que teria que ter coisas



mais para, pra, pra base humana mesmo, formação humana do indivíduo, porque material a gente já tem. Eu acho que falta isso. A Filosofia, a sociologia, certo, essas disciplinas que dão conta de tratar o coletivo, pra gente entender o coletivo, como funciona a sociedade, que sociedade é essa, certo. Não adianta falar em globalização, precisa entender como é que é essa globalização, que, que é o nosso aluno de hoje. Eu acho que seria, e Psicologia também. Eu acho que falta muito isso. A psicologia educacional não dá conta de coisas que acontecem na escola. Precisa ir além disso, né, a escola é um foco de problemas permanentes. Então precisaria ter aqui dentro da escola, uma assistente social, psicólogos de plantão... então essas coisas. A gente às vezes tem que lidar com essas coisas e a gente não tem conhecimento. Eu acho que deveria ter cursos nessa área. Ampliar essa base humana que tá faltando.

12. Sim. Da teoria à prática, não é só ficar na teoria. Nós temos docentes que são ótimos teóricos, só que não conseguem transpor. Pegar essa teoria e transformar em prática. Não é fácil. Não é da noite para o dia e isso também não tem fórmula e nem receita, não existe isso em livro, como você transformar a prática. Você tem que fazer adaptações né, agora não adianta você saber decor todos os autores de pedagogia, de educação e quando chegar na sala de aula é outra situação, então você vai jogar essa informação fora. Então a gente tem que ter essa sensibilidade, tem que ter intuição, ter vontade de fazer isso, porque só ficar na teoria não, mas ela é importante? É, porque ela é básica. Onde é que você vai buscar recursos pra você é, usar na sala de aula: na teoria. Agora ela não pode ser aplicada pura e simplesmente porque não dá certo. Teoria na prática, é outra.

13. Sim, de um certo modo sim. Porque, por conta de tudo que eu acabei de falar mesmo né. Os problemas nas escolas são muito grandes e a universidade tá fazendo o papel dela, mas ela não tá aqui dentro dessa escola, da outra e existem problemas que são iguais, gerais para todas as escolas e tem outros que são específicos de cada escola. Então, quando eu falo, que o ideal seria é, a universidade vir à escola, eu acho que seria mais fácil nesse ponto, mas não sei em termos de, de número né, se tem condição; se a universidade é tão grande assim que dê conta disso. Eu acredito que não, que não tem por enquanto essa possibilidade, mas o certo seria isso, o ideal seria isso tá, a universidade buscar na escola o, levantar os problemas e depois entrar com a fundamentação e a montagem dos cursos e tal, porque realmente, as coisas que a gente ouve lá são coisas maravilhosas, muito teóricas, mas quando chega na aplicação na prática, não tem condição. Começa até pelo número de alunos em sala de aula que é absurdo. Então, não dá para aplicar tudo o que sugere, se mostra nos cursos da universidade.

14. Pra mim não porque eu não fiz, né. Mas eu vejo professores tentando aplicar, coisas interessantes eles comentam, a gente vê que algumas coisas dá para aplicar e outras não, então fica à baixo da expectativa por causa disso, não dá para aplicar.

15. Não, individualmente não se faz nada hoje em dia. Eu volto à falar. É coletivo. Nós temos que caminhar para o coletivo. Nós aprendemos, vivemos em uma sociedade individualista. Aprendemos isso a vida inteira, somos indivíduos num certo contexto e temos práticas individualistas, então agora, tá na hora de romper isso daí. Não sei como vai se dar isso, mas tem que acontecer. Então, nós temos que caminhar para o coletivo, porque eu acho que essa que é a busca, é isso que vai não é salvar, mas vai dar conta de resolver os problemas da escola, é o coletivo. E a gente pensa muito individual, e nas bases que estão acontecendo, continua individualmente não dá conta de mudar uma escola, porque a escola não é individual, é coletiva.

16. Outros aspectos. Eu acho que eu já deixei bem claro né, na minha fala assim. Eu não posso ficar atacando a universidade também, porque na medida do possível tem feito o que pode, mas ainda falta. Falta dos dois lados, eu acho que precisa ver mais esse, é essa aproximação. Existe muito aquela idéia também, de que a universidade é uma coisa inatingível, existem para os alunos e existem para nós docentes. Parece que aquilo não é nosso, parece que aquilo lá é inatingível. Então, existe mesmo um certo receio de chegar a universidade, de pedir, falar e tal; parece que são muito fechados e não é, talvez ele pensem que nós não, não necessitamos deles. Eu acho que está precisando mesmo é aproximação, romper com essas barreiras, com esses preconceitos, certas ah, rótulos, etiquetas que acontecem muitas vezes. Eu acho que precisaria promovendo mais encontros né, para a gente perceber que a universidade é nossa, ela tá lá a nosso serviço, porque ela forma indivíduos para a sociedade, então, ela é nossa também. E às vezes, a gente, tenta na universidade como alguma coisa muito separada, muito distante, nós mesmos docentes e não é por aí. A gente tem que buscar apoio lá e eles estão precisando disso também Então eu acho que falta relacionamento.

17. Olha, o horário de trabalho pedagógico, ele, foi uma coisa que a gente sempre reivindicou. Eu lembro de, de greves passadas, de reivindicações passadas, sempre assim. Há 10 anos, 11 anos atrás era ah, pauta das nossas reivindicações pedir um horário, um encontro de trabalho coletivo e tal. Bom. Ai, aconteceu. Nesses últimos anos aconteceu. Virou lei, né. Então, existe o HTPC, só que ainda não contemplou nossas necessidades porque, como é horário de trabalho pedagógico coletivo, então, pressupõe-se o trabalho coletivo da escola, e ainda como a gente tem essa idéia de trabalhar dividido por área, por matérias e tal, a gente ainda trabalha no sentido vertical, então, não aconteceu o horizontal e o HTPC é horizontal. Ele contempla todos, todas as disciplinas, não separadas verticalmente. Então, já tem essa idéia na nossa cabeça. Outra coisa: o problema do horário, né. A gente procura colocar ah, poucos horários de HTPC, assim, todos se encontram, mas mesmo assim, há dificuldades. A própria grade, o próprio horário, o próprio sistema da escola, não permite. A minha sugestão seria esta. Pode ser uma tremenda besteira, mas eu só vejo uma saída pra isso, para que ele se torne efetivamente coletivo, todos participando no mesmo horário, teria que jogar pra um dia da semana que não tem aula e o único dia da semana que não tem aula é no Sábado. E isso eu sei que não vai acontecer, mas seria o ideal. Ia ter aquela chiadeira, mas antigamente se trabalhava aos sábados. A escola particular tinha aula aos sábados, porque que a escola pública não pode ter. A UNESP também trabalha aos sábados, tem muitos cursos lá, porque que a, a escola não pode trabalhar aos sábados. Eu acho que seria um jeito pra resolver esse problema, porque haveria o encontro mesmo de todos com todos, trabalhando ou por área, ou por disciplina ou por o que a gente espera – coletivamente. Agora, já melhorou bastante. O HTPC já contribuiu bastante para o trabalho pedagógico, mas ainda falta acontecer mais é, contemplar mesmo nossas necessidades e conseguir fazer esse horário mesmo único, um horário no Sábado, eu acho que aí vai realmente acontecer, porque todo mundo vai estar no mesmo horário trabalhando, eu acho que ele vai se tornar efetivamente coletivo.



Entrevista com o Coordenador da Escola C

1. 55.
2. Eu cursei Pedagogia e História na faculdade de Jales.
3. Atualmente eu estou como professor - coordenador. Então atuo no Ensino Fundamental e Médio.
4. Tem mais ... Ah Você quer em anos, anos e meses. 37 anos.
5. A minha disciplina é História né. No ensino fundamental e médio é história e na parte pedagógica: Didática, Estrutura.
6. Eu participei de um curso, de dois módulos sobre o Desenvolvimento Mental segundo Piaget com a professora Dra. Telma Vieira.
7. É, eu, acho que os, os cursos são bem, bem estruturados, mas a, a, a clientela que participa, os professores que participam do curso, na maioria das vezes, não estão ali por interesse opcional, assim, para trabalhar na sala de aula e sim, levado por pontos, por outras né e às vezes até convocado pela própria escola né.
8. Na época em que eu participei desse módulo, sinceramente, eu participei com o objetivo de ponto, certo; para a progressão funcional. É, mas, depois tudo bem: usei o certificado para a progressão funcional, mas quando eu assumi é, ser professor – coordenador, eu usei o curso no meu trabalho, e foi assim de uma produtividade muito boa, porque foi quando estava estruturando a técnica construtivista na escola, e por intermédio desse curso, eu tive condição de mostrar para os professores que, tinha uma fundamentação, que a prática era ligada à uma fundamentação teórica.
9. Bem. O que eu tenho a comentar é que eu também fui participar de um curso para os pontos né. E, e que geralmente isso acontece. Agora, quando o professor, quando o profissional, o professor é consciente, ele assim na sala de aula e a produtividade tem sido muito pouca.
10. É. Primeiro acho assim: quando se faz um curso de Educação Continuada Geral, que ah, os objetivos são amplos também né, que seriam bem mais produtivos se fossem é, realizados com menor número de participantes e mais objetivos né. Por exemplo: programasse um curso é, de acordo com as escolas, porque muitas vezes, por exemplo, os cursos de educação continuada que o IBILCE, a UNESP ofereceu né, vem assim, a região toda e muitas vezes os interesses são muito amplos e isso é acaba atrapalhando os objetivos reais do, do treinamento né. Eu vejo assim né, porque eu acho assim que é, muito, quando você trabalha um assunto muito amplo, com objetivos à longo prazo, acaba desinteressando os participantes.
11. Bom. Primeira, primeira, primeira, o que eu vejo assim, como primeira necessidade é promover a auto-estima do profissional, certo? Porque você vai com treinamento é, você chega lá e se fala em baixo salário, que ganha pouco, etc. A primeira coisa seria promover a auto-estima do profissional né e, e segundo o seguinte; principalmente o PEB 2, que atua no Ensino Fundamental e Médio, eles são, eles são assim, formados na universidade para serem especialistas na disciplina deles e eles tem bastante dificuldade de trabalhar a interdisciplinaridade, o trabalho ao coletivo, ele está preocupado com o conteúdo dele, então, é essa formação assim, que está em todos os profissionais da rede, eles tem essa dificuldade, principalmente no PEB2, o PEB1, como eles já, a formação deles já é polivalente, ele tem mais facilidade de trabalhar a educação geral, os objetivos é que realmente de vivência do aluno, né o, o professor, o PEB 2 é mais em trabalhar com o, o conteúdo específico da matéria dele. Então, eu acho que esses treinamentos deveriam, primeira coisa, seria é, promover a auto-estima do profissional e é oferecer para ele um embasamento, para que ele acredite que as teorias tem ligação com a prática, que não pode trabalhar sem uma teoria, sem embasamento.
12. Sim, sem uma fundamentação teórica não tem validade o trabalho ah, prático.
13. Eu concordo, certo. Eu volto a dizer: eu concordo que a universidade ainda está distante da sala de aula do ensino é de, fundamental e médio né, principalmente a escola pública que, enfrenta aí os problemas né. Então eu concordo que existe essa distância. Agora, a maneira de, de, de diminuir essa distância, seria é cursos com turmas menores, não em amplitude assim, fazer um PEC para a região de Rio Preto, que são muitos né. Então eu concordo que ainda existe essa distância sim. A gente percebe com os estagiários que vem da universidade pra cá, né. A gente percebe sim.



14. A contribuição foi a seguinte: foi é ter concretizado a necessidade do embasamento teórico para o trabalho na prática do dia-a-dia.

15. Pode, se a escola onde pertence esse profissional, der espaço para que ele coloque pares, certo? Então, porque muitas vezes a pessoa vai, o profissional vai, participa da, do curso da UNESP e nunca ele nem menciona o que aconteceu para os pares. Então, quando a escola aí pública dá esse espaço para que ele possa né comentar com os pares, eu vejo viabilidade sim.

16. Em que sentido, em sentido geral? Bom é, eu acho que a cultura, a formação que os profissionais da UNESP tem é, deveria ser assim, é mais dinamizado entre, com a rede, para poder realmente atender a universidade com a comunidade. Ah, são, existe projetos ótimos, excelentes, mas eles estão desfacelados, soltos, não, não há uma, uma, uma continuidade e a gente não sabe qual avaliação desse trabalho. Um professor tem um curso de inglês, tem um curso de português, eles estão, são isolados, não faz parte de um todo. Então eu acho que é uma das falhas que eu vejo. Acho que o, ah, o conhecimento didático – pedagógico específico que os docentes da UNESP tem, é poderiam ser melhores aproveitados se fossem, se houvesse esse intercâmbio entre escola pública e escola, universidade, que ainda continuo afirmando: está bastante distante da rede.

17. Bom. Nós temos é quatro grupos de HTPC no ano 2000. Uma clientela nova ingressando agora e a gente divide o trabalho da seguinte maneira: primeiro um levantamento das dificuldades, dos problemas que o professor tá vivenciando naquele dia-a-dia, ah, alguma parte é de legislação, de fundamentação legal para a escola e sempre de acordo com as prioridades da escola, ah um texto para trabalhar, ou um filme, alguma coisa assim, é com o objetivo de fornecer para o professor um suporte didático – pedagógico para a sala de aula né, e é um espaço também, onde a gente questiona bastante o pro., os projetos especiais, porque a política de trabalho da escola, é fazer parceria com todos, toda a oportunidade que tiver. Então, a gente aproveita muito o espaço do HTPC pra discutir esses projetos especiais da escola. Tá bom?



Entrevista docente I da Escola C

1. 47 anos.
2. Eu cursei Química na USP de, na unidade de Ribeirão Preto.
3. Trabalho com Ensino Médio.
4. Trabalho no Ensino Médio há 23 anos e 3 meses.
5. Leciono química na 1ª série, 2ª série e 3ª série do ensino médio, e curso preparatório para o vestibular.
6. Participei dos cursos de especialização ah, com professores do curso de química da UNESP de São José do Rio Preto.
7. Ah, os cursos são bons, é um programa que ajuda a maioria dos professores a melhorar seu desempenho dentro da sala de aula.
8. Ah, por mais que a gente tenha conhecimento sobre determinados assuntos, é sempre importante participar desses cursos, porque toda vez você acaba trocando experiências, levando alguma coisa nova com você na sua bagagem. Eu acho que vale à pena participar, fazer esses cursos.
9. Ah, eu posso dizer que realmente eu constatei isso participando de vários cursos na UNESP, quando a gente via que professores que não tinham nada à ver com química, eram convidados à participar da, da, desses tipo de acontecimento; e iam unicamente, porque tinha um salário que era reembolsado para cada professor participante. Então, saíam em horários que não eram horários estabelecidos, faltavam, assinavam a lista de presença e iam embora, então realmente, só interessado no dinheiro. Não estavam interessados numa formação realmente. Eu acho que muitos não aproveitam.
10. Olha, eu acho que o curso está elaborado pensando, objetivando a melhoria da qualidade desse professor dentro de uma sala de aula. Ah, eu acho que o que deve mudar, não é bem o curso em si, mas é o enfoque do, do professor: o que ele vai fazer lá, o que, que ele vai buscar, que tipo de, de visão ele tem, quando ele vai para um curso de especialização, um curso de, de reorganização daquilo que ele, que ele tem como dados, daquilo que ele trouxe da universidade, entendeu. Então, é o professor que precisa mudar. O curso em si tem enfoques né, que, que às vezes vão ajudar, tem outros que dão só um embasamento teórico, para você está mais bem preparado na hora de uma pergunta, mas de, de qualquer forma, eu acho que o professor tem que estar com uma postura diferenciada a hora que ele busca esse tipo de informação.
11. Eu acho que troca de experiência de uma maneira mais enfática, por exemplo: aqueles que tem uma experiência maior, poderiam estar passando isso de alguma forma, ah, aplica..., tipo assim, aplicação do cotidiano no ensino daquela disciplina, vamos, vamos citar o meu caso. Então, no ensino de química, pra não ser uma disciplina tão árida, tão ah, ah, uma disciplina que fica sem aplicação, deveria ser colocada a aplicação do cotidiano nas várias divisões da química: na química geral, na físico-química, na analítica, na orgânica, então, deveria ter oportunidade pra que os próprios colegas tivessem ah, chances de dar uma aula, de demonstrar de que maneira diferenciada poderia tar sendo passado aquele conteúdo. Sabe, eu acho que seria, métodos de trabalho que iriam enriquecer muito o trabalho de cada um dos outros participantes dos cursos.
12. Oh, primordial. Uma pessoa que não tem fundamentação teórica, ela não tem como trabalhar com o aluno de uma maneira assim, equilibrada, ela vai ter sempre dúvida, ela vai tar sempre insegura, quando a pessoa tem uma fundamentação, ela, ela tem mais segurança no que ela tá passando, no que ela tá informando. Então a fundamentação é, é primordial.
13. Eu acho que eles tem razão no sentido de que, por exemplo, quando você faz um curso de especialização, você não tá, você não tá trabalhando com conteúdo de ensino médio apenas, você tá tendo uma visão global né, daquilo que é a fundamentação teórica daquele assunto, então você tá tendo uma informação com nível de 3º grau e não com nível, vamos imaginar, de 2º grau, ou de 1º grau, etc e tal, né. O ensino fundamental antigamente, ah, o primeiro grau antigamente que era ensino fundamental. Então, a pessoa tá tendo uma coisa mais ampla e isso incomoda, porque a pessoa que vai fazer o curso, ela está esperando buscar fórmulas prontas para ela tar aplicando no trabalho dela, e na verdade, ninguém tem fórmula pronta, você vai descobrindo com o passar do tempo, então, muitas pessoas acham que tá longe da realidade. Não deixa de ser verdade, mas acho que nas trocas né, no encontro dos pares, a gente sempre acaba encontrando ah, soluções, situações que nos ajudam depois à trabalhar no cotidiano da sala de aula.



14. Relembrar coisas, trazer ah, experiências inovadoras que, que os, os próprios professores do curso passam ou que outros colegas que estejam participando junto com a gente, possam tar ah, posicionando, falando de que maneira eles trabalham. Então, a gente sempre tem uma visão nova, ou se não é nova, pelo menos que, que venha assim trazer à luz, uma coisa que estava esquecida pela gente, né. Então eu acho que sempre vale à pena, acho que é muito importante.

15. Eu não acredito que modifique um trabalho como um todo, mas eu acho que se várias pessoas se empenharem em estar ah, procurando novidades, eu acho que no fundo, todos depois vão sendo beneficiados, não é, porque um acaba passando para o outro, etc. Mas um sozinho que vai alterar significativamente o trabalho da escola como um todo, eu acho que eu não posso afirmar isso não, tá.

16. Eu gosto dos cursos, eu acho que é um pessoal competente, gente que tem vontade, gente que ainda tem garra, luta pela educação. Eu acho que sempre vale à pena tar fazendo os cursos. Eu acho que são pessoas de, de gabarito, são pessoas que trabalham de um modo diferente do que a gente tá trabalhando no ensino médio ou mesmo no ensino fundamental e, e acho que eles tem tudo de bom para passar pra gente, agora basta, ah, nós termos boa vontade e entendermos né e até sugerirmos coisas que possam ser de, de uma melhoria maior, porque, porque melhorar acaba melhorando, mas às vezes a pessoa sente que aquele não é, aquilo não é parte do seu trabalho, não é verdade? Às vezes o curso, não atinge o trabalho que é feito no ensino, por exemplo, vamos colocar uma situação: no ensino médio. O professor vai lá, ele tem uma, uma orientação muito além do que se trabalha no ensino médio, então ele fica desgostoso porque ele acha: "nossa, esse assunto é tão amplo, tão específico, eu não vou tar trabalhando isso no ensino médio, eu vim aqui ouvir isso, isso é uma utopia...", né, mas se você sabe aquele conteúdo, se você vai à fundo nele, depois aquilo sempre é válido pra você tar exemplificando, para você tar durante tuas aulas, você tar citando, né, você irriquece a sua aula, certo. Eu acho que sempre é válido ah, o, o fazer um curso.

17. Bom, eu sou suspeita em falar porque eu sou a coordenadora pedagógica da escola, então os HTPCs são sempre norteados pela minha pessoa, então eu sou suspeita, mas enquanto coordenadora pedagógica, eu sinto dois lados: por exemplo, o meu lado de coordenadora, eu tô sempre buscando alguma coisa que possa interessar as pessoas que estão tendo que vir fazer esse horário de trabalho coletivo. É, eu não sou dona da verdade, mas eu procuro ah, estar sempre me atualizando, por exemplo, em jornais, revistas da semana, ah o que que tá saindo no assunto relacionada com a educação, ou que tenha à ver com escola, para que a gente possa tar ajudando. Então, os horários de HTPC, a gente usa pra, pra fazer ah, um trabalho, onde a gente em primeiro lugar, passa todas as informações vindas da diretoria de ensino, coisas que a gente tem da escola para passar como informação, estuda algum texto teórico sobre educação, sobre escola, sobre avaliação, a progressão continuada, então, algum texto que tenha à ver com o trabalho que a gente tá fazendo. Por ah, ah, levantar junto aos professores as dificuldades que eles estão encontrando em relação por exemplo a falta de, a, o excesso de faltas que eles tem, a gente procura verificar que dificuldades eles estão passando em relação à transmitir o conteúdo deles, tenta descobrir ah, situações que possam melhorar essas dificuldades encontradas e sempre também, dar oportunidade para o professor falar sobre o que que ele tá sentindo, o que que ele pensa né, o que que aconteceu durante aquela semana, pra esse momento de trabalho coletivo não ser um momento tão assim ah, ah, que lembre obrigatoriedade. Então, eu penso fazer isso daí, mas eu sei que muita gente vem pra, pra esse encontro, assim de uma maneira já rotulada: que vem pra uma coisa chata, obrigatória e que não gostaria de vir, sabe, então, a própria pessoa, ela já barra esse momento que é um momento tão enriquecedor, porque quantas vezes a gente aprende coisas com colegas. Acho que esse momento, é um momento de troca importantíssimo sabe, eu gosto muito do HTPC e gosto muito de ser coordenadora pedagógica. Eu, eu, eu cresço com esse trabalho. E gostaria, e gostaria que todas as pessoas estivessem essa mesma ah, vontade de crescer, mas nem sempre é assim.



Entrevista com o docente 2 da Escola C

1. 28 anos.
2. Curso superior de Matemática na UNESP em Rio Preto.
3. Esse ano eu estou é Ensino Fundamental – 8ª série e Ensino Médio – 1ª e 3ª série.
4. É cinco anos e quatro meses.
5. Matemática na 8ª série e matemática também nas 1ª séries e 3ª série no Ensino Médio.
6. Participei assim nenhum, tô participando né. Um na delegacia de ensino (os PCNs) e outro na UNESP.
7. Os cursos são bons, são de capacitação dos professores. Eu tô gostando.
8. É para estar sempre atualizada, aumentar os conhecimentos.
9. Eu acho que essa afirmação é falsa porque os pontos são bem pequenos. São quase insignificantes, tá.
10. Sei lá. Deveria ser assim, voltado mais ao que você aplica na sala. Por exemplo, o curso que eu tô fazendo na UNESP, eu tô gostando e tal, mas é muito demonstração de fórmulas, agora que, de vez em quando, eles colocam uma, alguma coisa voltado para o dia-a-dia do aluno, eu acho que deveria ser mais voltado para a vida do aluno, o dia-a-dia do aluno.
11. Não sei.
12. Acho. Muito importante.
13. Falsa e verdadeira né, porque as minhas aulas, tem dia que é só prova, e coisas que eu nunca vou passar para os alunos e tem dia não, que é bem aplicado. É legal.
14. Como eu não terminei os cursos, eu não posso responder.
15. Desde que ele sim, que ele divulgue o trabalho, o que ele tá aprendendo na UNESP sim.
16. Não quero falar nada não.
17. As HTPC aqui são bons, vale a pena, são duas horas, os professores conversando, trocando idéias, eu gosto. É interessante.

Entrevista docente 3 da Escola C

1. 52.
2. Matemática no Ibilec e Pedagogia na Unorp.
3. Professor de Ensino Fundamental e Diretor de escola.
4. 27 anos.
5. Matemática, atualmente 7ª série.
6. "A Disciplina na sala de aula".
7. Eu participei de, de, de disciplina na sala de aula e achei muito bom, com a professora Nair, deu pra aplicar bastante. Sobre outros cursos que eu fiz à nível de especialização, o treinamento, eu acho o seguinte: a UNESP ela um conteúdo muito, que realmente a gente tá trabalhando na sala de aula, fica meio inviável a aplicação.
8. As razões é: aperfeiçoamento, é conhecer as técnicas, a metodologia moderna e aplicação e treinamento.
9. Antes da 1836 realmente. Antes da lei 1836, da reclassificação do pessoal do magistério, é era uma corrida muito ... através de cursos de especialização, de treinamento para promoção. Após essa lei, então a gente nem sabe como que vai ficar a promoção, tá meio em dúvida ainda, mas eu creio que a grande maioria procura mesmo para treinamento, para conhecimento, para aplicação. Pode existir alguns que estejam procurando promoção, mas eu acredito que não. Pelo menos eu sempre procuro estar sempre apta e sempre conhecendo as novas teorias, as aplicações para trabalhar na sala de aula.
10. Eu acho que os cursos para professores devia ser bem assim, feito à nível de sala de aula, é conhecendo a realidade, a comunidade escolar onde o professor atua porque a realidade dos cursos da, da UNESP é assim, um aprofundamento de estudo, mas à nível de sala de aula fica muito distante porque o nível na sala de aula está muito baixo.
11. Eu acho que deveria ser assim, cursos organizados pra de disciplina, que esse curso foi muito bom, mas foi mais à nível de coordenador pra diretor de escola, o professor tá tendo muita dificuldade com disciplina na sala de aula, não tá sabendo como trabalhar o aluno de hoje né, porque se existe uma disciplina hoje, os alunos são completamente desinteressados e eu acho que o professor deveria ter um treinamento específico para trabalhar com esse desinteresse que há ah, por parte dos alunos na sala de aula.
12. A fundamentação teórica tem que ter. A prática vai da, do tempo de magistério, da, da ah, vontade de trabalhar. Agora, a fundamentação teórica você tem que conhecer profundamente para você poder trabalhar corretamente dentro da sala de aula. Então, a fundamentação teórica tem que existir.
13. Como já falei anteriormente, eu também acho que os cursos promovidos pela UNESP deveria ser mais à nível de sala de aula, porque eu acho que a base teórica, apesar de alguns professores que saem da faculdade sem conhecer muito bem o que ele tá, o que ele vai ter que aplicar, mas se ele fizesse isso com um treinamento, ah, usando, trabalhando os conteúdos que vai ser aplicado na sala de aula, porque muitos das experiências que a gente obtém nesses cursos de treinamento, é inviável aplicar na sala de aula porque é muito, nível muito profundo e a realidade da, da sala de aula é bem diferente, bem distante.
14. Olha, toda a minha didática, todo o meu trabalho com aluno, eu posso dizer que veio da minha formação pela UNESP, dos conhecimentos teóricos, dos aprofundamentos, dos cursos de especialização e treinamento, cursinho de 30 horas que eu fiz na UNESP, teve muita validade para a sala de aula, pra aplicação. Hoje eu tenho mais facilidade para trabalhar com os alunos do ensino fundamental, devido à esses treinamentos que eu sempre fiz ao longo da minha carreira no magistério.
15. Desde que essas, essa participação individual tenha assim, sido feita por uma pessoa interessada na mudança de postura, mudança na sala de aula, que possa tar transmitindo para os colegas, nos horários que HTPC e também nos planejamentos. Agora, se for feito por uma pessoa que está ali, fazendo esse curso simplesmente para promoção, aí não tem validade nenhuma. Eu creio que um ou dois professores que estejam comprometidos com a educação, que faça as coisas, o treinamento, pode ter muita validade para aplicação na escola, porque cada escola é uma escola, cada escola tem uma comunidade, a escola tem uma identidade própria. Então, muitas vezes você não pode aplicar numa escola, na outra escola já é possível você aplicar as metodologias.



16. Eu gostaria que tivesse mais, mais cursos e que fosse mais assim, acessível porque quando tem os cursos, muitas vezes tem limites de vagas e quando a gente fica sabendo, mais divulgado ... Esse ano mesmo eu queria fazer o de, de matemática e eu não fiquei sabendo. Como diretora da escola eu não fiquei sabendo, acho que eu tava de férias, não sei, quando teve a inscrição e eu perdi. Então, eu acho que deveria ser mais divulgado nas escolas, mandar folheto para as escolas e procurando conscientizar os professores, ali sobre a importância desse treinamento porque nós não podemos parar no tempo e no espaço. Tá tudo se evoluindo e o professor continua na mesma. Então, o professor tem que procurar treinamentos e modificar sua postura, porque daqui pra frente vai ficar muito mais difícil se trabalhar e se você não tiver uma postura adequada e conhecimento de trabalhar com esse jovem de hoje.

17. Os HTPC que eu participo tem tido muita utilidade. É, a gente trabalha todos os aspectos, ah de problemas de frequência, problemas de aproveitamento, a postura do professor na sala de aula é, metodologia moderna e eu acho que tem, o HTPC eu acho que foi uma das grandes conquistas que as escolas estaduais conseguiram, depois que terminaram com a escola padrão. Porque, antigamente, isso só era privilégio da escola padrão, o HTPC. Quando o governo acabou com a escola padrão, e trouxe os HTPC para todas as escolas, então foi um ganho muito grande, porque é o único momento que a gente tem condição de toda semana sentar e conversar com os colegas, com os professores para saber como foi a semana, programar e trabalhar é, em cima das oportunidades que a gente obtém na sala de aula. Então, o HTPC foi uma conquista muito grande para o magistério.



Entrevista com o Docente 4 da Escola C

1. 35 anos.
2. Cursei Letras, antiga FARFI, UNORP.
3. Atualmente, esse ano, estou apenas no Ensino Fundamental – de 5ª à 8ª.
4. No Estado, sete anos.
5. Atualmente, Inglês.
6. Participei da Educação Continuada é, referente dois anos atrás.
7. Olha, é, os cursos que eu participei foram bons porque é uma reunião de idéias, de pensamentos e tem informações.
8. Precisava se inteirar na realidade e se inteirar nas informações atuais.
9. Eu particularmente não, não, não afirmo que é para somente obter pontos.
10. Olha, os cursos, eu particularmente gostaria que tivesse cursos de inglês né, claro para professores de inglês, é se possível alguns dias ou algumas semanas até em outros países né, para poder falar melhor e um pouco mais fluentemente, porque infelizmente, os professores de inglês nas escolas públicas, não falam fluentemente, a maioria não falam. Então, eu gostaria muito que as escolas públicas, é tivessem, fornecessem cursos no exterior para alguns professores.
11. Que temas deveriam ser incluídos? Olha, esses temas aí variam muito né. Eu, eu acho muito importante os conteúdos específicos.
12. Muito importante, porque é através da teoria que vem à prática. Primeiro temos que ter a teoria né.
13. Olha é, a realidade da escola pública realmente está distante da universidade, porque na minha opinião, a escola pública forma cidadãos para mão-de-obra barata e infelizmente a maioria que consegue entrar na universidade, são os que cursaram as escolas particulares. Infelizmente. A maioria né.
14. A contribuição foi que é, os professores tomam consciência como trabalhar melhor com seus alunos e os professores observam o, os seus colegas, porque cada colega tem um tipo de trabalhar, teve uma experiência e um passa para o outro.
15. Eu acho que sim.
16. Eu só tenho a dizer que gostaria de continuar fazendo esses cursos, que eu percebi que parou e eu gostaria que continuasse.
17. A HTPC eu acho muito importante, porque é uma reunião coletiva de professores e é uma troca de experiências.



Anexo 4
Cursos promovidos pela UNESP de São José do Rio Preto
PEC

	Português	Matemática	Geografia	História	Física	Química	Biologia	Form. Geral	Total
1	1	1	1	1	1	1	1	1	8
2	1	1	1	1	1	1	1	1	8
3	1	1	1	1	1	1	1	1	8
4	1	1	1	1	1	1	1	1	8
5	1	1	1	1	1	1	1	1	8
6	1	1	1	1	1	1	1	1	8
7	1	1	1	1	1	1	1	1	8
8	1	1	1	1	1	1	1	1	8
9	1	1	1	1	1	1	1	1	8
10	1	1	1	1	1	1	1	1	8
11	1	1	1	1	1	1	1	1	8
12	1	1	1	1	1	1	1	1	8
13	1	1	1	1	1	1	1	1	8
14	1	1	1	1	1	1	1	1	8
15	1	1	1	1	1	1	1	1	8
16	1	1	1	1	1	1	1	1	8
17	1	1	1	1	1	1	1	1	8
18	1	1	1	1	1	1	1	1	8
19	1	1	1	1	1	1	1	1	8
20	1	1	1	1	1	1	1	1	8
21	1	1	1	1	1	1	1	1	8
22	1	1	1	1	1	1	1	1	8
23	1	1	1	1	1	1	1	1	8
24	1	1	1	1	1	1	1	1	8
25	1	1	1	1	1	1	1	1	8
26	1	1	1	1	1	1	1	1	8
27	1	1	1	1	1	1	1	1	8
28	1	1	1	1	1	1	1	1	8
29	1	1	1	1	1	1	1	1	8
30	1	1	1	1	1	1	1	1	8
31	1	1	1	1	1	1	1	1	8
32	1	1	1	1	1	1	1	1	8
33	1	1	1	1	1	1	1	1	8
34	1	1	1	1	1	1	1	1	8
35	1	1	1	1	1	1	1	1	8
36	1	1	1	1	1	1	1	1	8
37	1	1	1	1	1	1	1	1	8
38	1	1	1	1	1	1	1	1	8
39	1	1	1	1	1	1	1	1	8
40	1	1	1	1	1	1	1	1	8
41	1	1	1	1	1	1	1	1	8
42	1	1	1	1	1	1	1	1	8
43	1	1	1	1	1	1	1	1	8
44	1	1	1	1	1	1	1	1	8
45	1	1	1	1	1	1	1	1	8
46	1	1	1	1	1	1	1	1	8
47	1	1	1	1	1	1	1	1	8
48	1	1	1	1	1	1	1	1	8
49	1	1	1	1	1	1	1	1	8
50	1	1	1	1	1	1	1	1	8
51	1	1	1	1	1	1	1	1	8
52	1	1	1	1	1	1	1	1	8
53	1	1	1	1	1	1	1	1	8
54	1	1	1	1	1	1	1	1	8
55	1	1	1	1	1	1	1	1	8
56	1	1	1	1	1	1	1	1	8
57	1	1	1	1	1	1	1	1	8
58	1	1	1	1	1	1	1	1	8
59	1	1	1	1	1	1	1	1	8
60	1	1	1	1	1	1	1	1	8
61	1	1	1	1	1	1	1	1	8
62	1	1	1	1	1	1	1	1	8
63	1	1	1	1	1	1	1	1	8
64	1	1	1	1	1	1	1	1	8
65	1	1	1	1	1	1	1	1	8
66	1	1	1	1	1	1	1	1	8
67	1	1	1	1	1	1	1	1	8
68	1	1	1	1	1	1	1	1	8
69	1	1	1	1	1	1	1	1	8
70	1	1	1	1	1	1	1	1	8
71	1	1	1	1	1	1	1	1	8
72	1	1	1	1	1	1	1	1	8
73	1	1	1	1	1	1	1	1	8
74	1	1	1	1	1	1	1	1	8
75	1	1	1	1	1	1	1	1	8
76	1	1	1	1	1	1	1	1	8
77	1	1	1	1	1	1	1	1	8
78	1	1	1	1	1	1	1	1	8
79	1	1	1	1	1	1	1	1	8
80	1	1	1	1	1	1	1	1	8
81	1	1	1	1	1	1	1	1	8
82	1	1	1	1	1	1	1	1	8
83	1	1	1	1	1	1	1	1	8
84	1	1	1	1	1	1	1	1	8
85	1	1	1	1	1	1	1	1	8
86	1	1	1	1	1	1	1	1	8
87	1	1	1	1	1	1	1	1	8
88	1	1	1	1	1	1	1	1	8
89	1	1	1	1	1	1	1	1	8
90	1	1	1	1	1	1	1	1	8
91	1	1	1	1	1	1	1	1	8
92	1	1	1	1	1	1	1	1	8
93	1	1	1	1	1	1	1	1	8
94	1	1	1	1	1	1	1	1	8
95	1	1	1	1	1	1	1	1	8
96	1	1	1	1	1	1	1	1	8
97	1	1	1	1	1	1	1	1	8
98	1	1	1	1	1	1	1	1	8
99	1	1	1	1	1	1	1	1	8
100	1	1	1	1	1	1	1	1	8

Fonte: Fundação Carlos Chagas. *Avaliação do Processo de Implementação e do Impacto das Ações do Projeto de Educação Continuada da Secretaria do Estado da Educação. Quarto Relatório de Andamento*- volume V. Setembro de 1998.

1.1.3 Pólo 17 - São José do Rio Preto

	PÓLO 17	FER.	N.6	S.F.SUL	SJRP 1ª	SJRP 2ª	VOTUP.	M.A.	CAT.	TOTAL
AÇÕES DESENV.	Português	-	-	-	3	3	-	-	-	6
	Ciências	1	-	1	2	2	1	-	-	7
	Matemática	2	-	1	2	2	2	-	-	9
	Geografia	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	História	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	Física	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	Inglês	-	-	-	1	1	-	-	-	2
	Química	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	Form. Geral	-	4	-	6	5	-	-	-	15
	Total	3	4	2	14	13	3	0	0	39

Observa-se que dos trabalhos desenvolvidos no Pólo de São José do Rio Preto, 24 abordaram componentes curriculares, distribuídos prioritariamente entre Português 6 Ciências 7 e Matemática 9. Foram 15 as ações diversificadas, concentradas basicamente nas DEs de São José do Rio Preto e Nova Granada.

DEs	Ações	Ações Desenvolvidas	P. Alvo	Partic.	Turmas	C.H	T.Hs.
Catanduva	Centralizada	Nenhuma	-	-	-	-	-
	Descentralizada	Nenhuma	-	-	-	-	-
Fernandópolis	Centralizada	Nenhuma	-	-	-	-	-
	Descentralizada	Experiências e Práticas de Laboratório em Ciência.	Ciências	35	1	48	48
		Um trabalho significativo em Geometria, conjugado aos objetivos da proposta curricular de matemática de 1º grau.	Matemática	35	1	48	48
		Um trabalho co matemática significativa:conteudos e metodologia1ºgrau	Matemática	sem dado	sem dado	sem dado	sem dado
Monte Aprazível	Centralizada	Nenhuma	-	-	-	-	-
	Descentralizada	Nenhuma	-	-	-	-	-
Nova Granada	Centralizada	A Disciplina e a Escola (total).	Sup. Dir./ Coord./ ATPs	70	2	48	96
		A Escola necessária (total).	Sup. Dir./ Coord./ ATPs	35	1	48	48
		Novas mídias na comunicação e educação escolares.	Sup. Dir./ Coord./ ATPs	35	1	48	48
		A avaliação do desempenho do aluno e as abordagens	Sup. Dir./ Coord./ ATPs	35	1	48	48
	Descentralizada	Nenhuma	-	-	-	-	-
Santa Fé do Sul	Centralizada	Nenhuma	-	-	-	-	-
	Descentralizada	Experiências e Práticas de Laboratório em Ciência.	Ciências	36	1	48	48
		Um trabalho significativo em Geometria, conjugado aos objetivos da proposta curricular de matemática de 1º grau.	Matemática	38	1	48	48
1ª de São José do Rio Preto	Centralizada	A Disciplina e a Escola (total).	Sup. Dir./ Coord./ ATPs	sem dado	sem dado	sem dado	sem dado
		A Escola necessária (total).	Sup. Dir./ Coord./ ATPs	sem dado	sem dado	sem dado	sem dado
		Novas mídias na comunicação e educação escolares.	Sup. Dir./ Coord./ ATPs	sem dado	sem dado	sem dado	sem dado
		A avaliação do desempenho do aluno e as abordagens	Sup. Dir./ Coord./ ATPs	sem dado	sem dado	sem dado	sem dado
	Descentralizada	Abordagem comunicativa no ensino de inglês.	Inglês	170	5	48	240
		O ensino de Ciências: uma abordagem interdisciplinar.	CB e Ciências	195	3	48	144
		Ensino e Metodologia de Tópicos de Matemática Elem. I	CB a 4ª	35	1	48	48
		Ensino e Metodologia de Tópicos de Matemática Elem. II	Matemática	100	3	48	144
		Leitura e Interpretação de textos	CB a 4ª	120	3	48	144
		Leitura e Produção de texto	Portugues	180	5	48	240
		Literatura infanto juvenil e a utilização de recursos paradidáticos.	Portugues	105	3	48	144
		Novas mídias na comunicação e educação escolares.....	CB	70	2	48	96
		Anatomia e Fisiologia Humana	Ciências	65	2	48	96
		A Escola Necessária.	CB a 4ª	35	1	48	48

DEs	Ações	Ações Desenvolvidas	P. Alvo	Partic.	Turmas	C.H	T.Hs.
2ª de São José do Rio Preto	Centralizada	A Disciplina e a Escola (total).	Sup. Dir./ Coord./ ATPs	sem dado	sem dado	sem dado	sem dado
		A Escola necessária (total).	Sup. Dir./ Coord./ ATPs	sem dado	sem dado	sem dado	sem dado
		Novas mídias na comunicação e educação escolares.	Sup. Dir./ Coord./ ATPs	sem dado	sem dado	sem dado	sem dado
		A avaliação do desempenho do aluno e as abordagens	Sup. Dir./ Coord./ ATPs	sem dado	sem dado	sem dado	sem dado
	Descentralizada	Abordagem comunicativa no ensino de inglês.	Inglês	170	5	48	240
		O ensino de Ciências: uma abordagem interdisciplinar.	CB e Ciências	195	3	48	144
		Ensino e Metodologia de Tópicos de Matemática Elem. I	CB a 4ª	35	1	48	48
		Ensino e Metodologia de Tópicos de Matemática Elem. II	Matemática	100	3	48	144
		Leitura e Interpretação de textos	CB a 4ª	120	3	48	144
		Leitura e Produção de texto	Portugues	180	5	48	240
		Literatura infanto juvenil e a utilização de recursos paradidáticos.	Portugues	105	3	48	144
		Anatomia e Fisiologia Humana	Ciências	65	2	48	96
		A Escola Necessária.	CB a 4ª	35	1	48	48
Votuporanga	Centralizada	Nenhuma	-	-	-	-	-
	Descentralizada	Experiências e Práticas de Laboratório em Ciência.	Ciências	35	1	48	48
		Um trabalho significativo em Geometria, conjugado aos objetivos da proposta curricular de matemática de 1º grau.	Matemática	33	1	48	48
		Um trabalho co matemática significativa:conteudos e metodologia1ºgrau	Matemática	33	1	48	48

Fonte: Fundação Carlos Chagas. *Avaliação do Processo de Implementação e do Impacto das Ações do Projeto de Educação Continuada da Secretaria do Estado da Educação. Quarto Relatório de Andamento-* volume V. Setembro de 1998

Anexo 5
Relação dos
 cursos promovidos pela UNESP – Núcleo de Ensino
1997 - 2000



CURSOS REALIZADOS PELO NÚCLEO DE ENSINO**IBILCE/UNESP****1. Repensando e reorganizando a prática pedagógica e social da leitura na sala de aula dos ensinos fundamental e médio**

Destinatários: professores da EE "Victor Britto Bastos" – São José do Rio Preto.

Participantes: professores da escola.

Público Alvo: coordenadora pedagógica e 02 (duas) estagiárias do 3º ano dos cursos de Licenciatura em Letras – IBILCE/UNESP.

Coordenação: Profª. Drª. Maria Antonia Granville

Período: de abril a outubro/97

2. Metodologia da leitura: alfabetização e letramento

Destinatários: coordenadoras pedagógicas, professoras da Rede Oficial (estadual e municipal) e estagiários do 3º ano do Curso de Licenciatura em Letras do IBILCE-UNESP.

Participantes: 02 (duas) professoras coordenadoras pedagógicas de duas escolas da Rede Oficial de Ensino de São José do Rio Preto – SP, 01 (uma) coordenadora pedagógica municipal e 02 (duas) professoras municipais da Secretaria Municipal de Educação de Uchoa-SP; 02 (duas) coordenadoras pedagógicas de escola municipal de Mirassol-SP; 05 (cinco) estagiários do 3º e 3 (três) do 4º ano – Curso de Licenciatura em Letras).

Coordenação: Profª. Drª. Maria Antonia Granville

Período: de outubro/99 a abril/2000.

CURSOS DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA (Não vinculados ao Núcleo de Ensino)**1. Alfabetização e letramento: um estudo junto a alunos com defasagens de aprendizagem**

Participantes: 60 (sessenta) professores da Rede Estadual de Ensino – Diretoria de Ensino de Fernandópolis – SP. Ainda participaram do Curso supervisores de ensino de Jales e Fernandópolis, a diretora da escola de Marinópolis, o coordenador pedagógico e três professoras de Palmeira D'Oeste.

Coordenação: Profª. Drª. Maria Antonia Granville

Período: de março a novembro/99, com reuniões mensais.

2. Ensino de gramática

Destinatários: curso destinado a 40 professores de 5ª a 8ª série da rede estadual de ensino – Diretoria de Ensino de São José do Rio Preto – SP.

Coordenação: Profª. Drª. Maria Antonia Granville

Período: de abril a dezembro/2000

Em nível de IBILCE-UNESP, desenvolveram-se, com estagiários bolsistas da PROEX - Pró-Reitoria de Extensão Universitária, os seguintes projetos multidisciplinares:

1. Brincando e aprendendo com textos paradidáticos

Destinatários: 25 alunos com defasagens de aprendizagem, participantes do Programa Pós-Escola "Anjo da Guarda" – São José do Rio Preto – SP.

Coordenação: Profª. Drª. Maria Antonia Granville e Profª. Maria Eliza Brefere Arnoni

Período: de março a dezembro/98

2. Alfabetização e letramento: um estudo junto a alunos com defasagens de aprendizagem

Destinatários: 25 alunos com defasagens de aprendizagem, participantes do Programa Pós-Escola "Anjo da Guarda"

Coordenação: Profª. Drª. Maria Antonia Granville

Período: de março a dezembro/99

OBS.: Em termos de Ensino de Língua Estrangeira, este Instituto tem realizado, junto a professores da Rede Oficial de Ensino, capacitações mensais para docentes de Língua Inglesa, sob a orientação e liderança da Profª. Drª. Maria Helena Vieira Abrahão.

Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas da UNESP, Câmpus de São José do Rio Preto, 13 de fevereiro de 2001.



Profª. Drª. Maria Antonia Granville
Coordenadora do Núcleo de Ensino



